

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CAMILLA CUNHA MUNIZ DE OLIVEIRA

RELAÇÕES FAMILIARES MEDIADAS: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital

RIO DE JANEIRO

2020

Camilla Cunha Muniz de Oliveira

RELAÇÕES FAMILIARES MEDIADAS: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Machado Cardoso

Rio de Janeiro

2020

CIP - Catalogação na Publicação

OO48r Oliveira, Camilla Cunha Muniz de
Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital / Camilla Cunha Muniz de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2020. 200 f.

Orientadora: Mônica Machado Cardoso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2020.

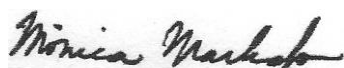
1. Família. 2. Antropologia digital. 3. Relacionamentos interpessoais. 4. Comunicação mediada. 5. WhatsApp. I. Cardoso, Mônica Machado, orient. II. Título.

Camilla Cunha Muniz de Oliveira

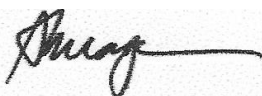
RELAÇÕES FAMILIARES MEDIADAS: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

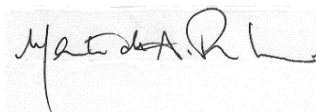
Aprovada em 7 de abril de 2020.



Prof^a. Dr^a. Mônica Machado Cardoso – EICOS/UFRJ
(Orientadora)



Prof^a. Dr^a. Adriana Andrade Braga – PUC-Rio



Prof^a. Dr^a. Marta de Araújo Pinheiro – UFRJ

A todos que acreditam no poder transformador da educação, que defendem a sobrevivência da universidade pública, gratuita e de qualidade, e que contribuem para o desenvolvimento das ciências no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas inúmeras e grandiosas bênçãos que me permitiram chegar até aqui.

Aos meus pais, Elizete e Benjamim, pelos esforços que me concederam o privilégio de estudar. Quando eu era criança e não entendia alguma palavra, minha mãe, em vez de me dar o significado, me incentivava a procurar o verbete no dicionário. Não raro, uma busca levava a outra e, assim, comecei a desenvolver minha curiosidade e tomar gosto pela pesquisa e pelo aprendizado.

Aos meus irmãos, Guilherme e Renata, os melhores parceiros que eu poderia ter na vida.

À família que eu escolhi, os amigos, pelo apoio e por preencherem meus dias de alegria. São muitos para citar todos, mas agradeço especialmente a Danielle Abreu, Rafaella Barros, Carolina Barbosa, Rafaella Javoski, Carolina Oliveira Castro e Cíntia Cruz, que torceram pelo sucesso desta empreitada, desde quando só havia planos, e acompanharam meu percurso de perto.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, que me possibilitou a aquisição de tantos saberes, o encontro com pessoas especiais e a ampliação de horizontes. Foi um prazer voltar a ser aluna da UFRJ onze anos após o ingresso na graduação em Comunicação Social.

Aos voluntários desta pesquisa, sem os quais este trabalho não existiria. Às 201 pessoas que se prontificaram a responder o questionário da fase quantitativa e, sobretudo, aos interlocutores que me ofertaram tempo e se dispuseram a compartilhar comigo experiências tão íntimas na etapa qualitativa do estudo: muitíssimo obrigada, mais uma vez, pela confiança e pela participação.

À minha orientadora, Mônica Machado, por ter abraçado meu projeto científico e direcionado minha construção como pesquisadora. Aos colegas do grupo de pesquisa, pelas contribuições aos estudos, principalmente a Arize Fernandes, que vibrou comigo a cada passo dado, acolheu minhas angústias e me ajudou sempre que preciso.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos), pela jornada de conhecimento nos últimos dois anos, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos.

Às professoras Edna Ponciano e Mirian Goldenberg, por terem integrado a banca do exame de qualificação e feito sugestões importantes para a condução deste trabalho. Também às professoras Marta Pinheiro e Adriana Braga, por aceitarem o convite para avaliar o resultado.

A todos que ficaram contentes por mim ao ouvir minhas novidades sobre o mestrado, que me ajudaram a buscar voluntários e que me deram incentivos: cada pequeno gesto fez diferença.

“O cientista é movido pelo encantamento da descoberta, não existindo nele outro desejo ou pulsão que não seja o querer compreender e conhecer o mistério ou a natureza das coisas.”

António Teixeira Fernandes

RESUMO

OLIVEIRA, Camilla Cunha Muniz de. Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Com base na teoria da antropologia digital (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a; MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014), este trabalho visa compreender as características das dinâmicas de comunicação entre membros de uma mesma família no universo on-line, examinando afetos e conflitos envolvidos. O método de pesquisa utilizado é inspirado na abordagem etnográfica para a Internet (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000). Uma etapa quantitativa com distribuição on-line de questionário, ao qual 201 pessoas responderam, foi realizada antes da fase qualitativa do estudo, para a qual foram selecionados 11 interlocutores. O trabalho de campo compreendeu a realização de duas rodadas de entrevistas em profundidade, presenciais e individuais, com esses voluntários, mais a observação participante com o auxílio de uma técnica de coleta de dados desenvolvida a partir do Método de Amostragem de Experiência (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014). A articulação do conceito de comunidade (SAWAIA, 1996; BAUMAN, 2003; NISBET, 2017), da noção de parentesco na tradição antropológica (MILLER, 2007; SAHLINS, 2013), dos estudos de comunicação familiar de tradição estadunidense (GALVIN; BRAITHWAITE, 2014; KOERNER; FITZPATRICK, 2002, 2006) e de teorias sobre afeto (LAWLER, 2001), incomensurabilidade nas famílias (FERGUSON, 2012) e vínculo social (JODELET, 2005) ao campo da antropologia digital suporta a análise dos dados coletados. Os principais resultados da pesquisa indicam que as interações entre parentes mediadas pela Internet se dão majoritariamente no WhatsApp, aplicativo no qual o contato ocorre diariamente, várias vezes ao dia, por meio de conversas privadas e nos chamados “grupos de família”. Nove categorias temáticas nos atos interativos foram identificadas como típicas da comunicação familiar no ambiente digital: rituais e celebrações, dia a dia dos parentes, humor e passatempos, espiritualidade e religiosidade, mensagens inspiradoras, política, informações sobre saúde, utilidade pública e noticiário geral, e memórias mediadas. Verificou-se ainda que os afetos desenvolvidos no espaço on-line contribuem para a manutenção dos laços entre os membros das famílias, enquanto os conflitos são causados, sobretudo, por dissonâncias entre a expectativa e a

realidade dos relacionamentos interpessoais. As vivências de família dentro e fora do mundo digital apontam para uma continuidade entre esses dois planos de ação — seja com retenção de experiências precedentes, seja com complementação de práticas comunicativas —, o que influencia a qualidade das relações entre os indivíduos.

Palavras-chave: Família. Antropologia digital. Relacionamentos interpessoais. Comunicação mediada. WhatsApp.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Camilla Cunha Muniz de. Mediated family relationships: affections and conflicts inside and outside the digital world. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Based on the theory of digital anthropology (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a; MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014), this study aims to understand the characteristics of communication dynamics between members of the same family in online contexts, examining the affections and conflicts involved. The research method used is inspired by the ethnographic approach for the Internet (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000). A quantitative step with online questionnaire distribution, to which 201 people answered, was carried out before the qualitative phase of the study, for which 11 interlocutors were selected. The fieldwork included two rounds of face-to-face and individual in-depth interviews with these volunteers, plus participant observation with the help of a data collection technique developed from the Experience Sampling Method (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014). The articulation of the concept of community (SAWAIA, 1996; BAUMAN, 2003; NISBET, 2017), the notion of kinship in the anthropological tradition (MILLER, 2007; SAHLINS, 2013), family communication studies (GALVIN; BRAITHWAITE, 2014; KOERNER; FITZPATRICK, 2002, 2006) and theories about affection (LAWLER, 2001), incommensurability in families (FERGUSON, 2012) and social bond (JODELET, 2005) with the field of digital anthropology supports the collected data analysis. The main results of the research indicate that Internet-mediated interactions among relatives are mostly in WhatsApp, an application in which contact occurs daily, several times a day, through private conversations and in the so-called “family groups”. Nine thematic categories in interaction acts were identified as typical of family communication in the digital environment: rituals and celebrations, day-to-day situations, humor and hobbies, spirituality and religiosity, inspiring messages, politics, health, public utility and general news, and mediated memories. It was also found that affections developed in online contexts contribute to the maintenance of ties among family members, while conflicts are caused, above all, by dissonances between expectations and reality of interpersonal relationships. The family experiences inside and outside the digital world

point to a continuity between these two action plans, with retention of previous experiences and complementation of communicative practices, which influences the quality of relationships among individuals.

Keywords: Family. Digital anthropology. Interpersonal relationships. Mediated communication. Whatsapp.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Perfil dos interlocutores	49
Quadro 2 – Resultados para a pergunta “Que pessoas você considera sua família?”	62
Quadro 3 – Resultados para a pergunta “Pensando no(s) seu(s) grupo(s) de família no WhatsApp, quem são os membros de cada grupo? Marque quantas opções quiser, de modo de cada uma represente um grupo.”	69
Figura 1 – Exemplos de figurinha e imagens utilizadas para desejar bom-dia e boa-noite em grupos de família no WhatsApp	74
Figura 2 – Exemplo de texto de homenagem enviado por parente no Dia dos Pais a grupo de família no WhatsApp	76
Figura 3 – Coletânea de fotografias que ilustram experiências de vida compartilhadas por parentes em grupos de família no WhatsApp	79
Figura 4 – Exemplos de conteúdo humorístico compartilhado por parentes em grupos de família no WhatsApp	80
Figura 5 – Exemplo de <i>meme</i> compartilhado por parentes em grupos de família no WhatsApp ..	81
Figura 6 – Exemplos de mensagens inspiradoras e motivacionais compartilhadas em grupos de família no WhatsApp	85
Figura 7 – Exemplos de imagens que associam política a humor compartilhadas por parentes em grupos de família no WhatsApp	87
Figura 8 – Exemplos do compartilhamento de conteúdo informativo em grupos de família no WhatsApp	90
Figura 9 – Exemplo de demonstração de afeto no Facebook com a marcação de perfil de parente em publicação	106
Figura 10 – Exemplo de demonstração de afeto em grupo de família no WhatsApp com reação à vídeo de cunho humorístico enviado por parente	111
Figura 11 – Reproduções de cenas de vídeo com informações falsas compartilhado em grupo de família no WhatsApp	128
Figura 12 – Imagem usada em tentativa de reintroduzir o assunto política em grupo de família no WhatsApp	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 RELAÇÕES MEDIADAS NA ERA DIGITAL: SOBRE TEORIA E MÉTODO	23
1.1 OS PRINCÍPIOS DA ANTROPOLOGIA DIGITAL	24
1.2 RELACIONAMENTOS NA <i>POLYMEDIA</i>	30
1.3 COMUNICAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS	33
1.4 ON-LINE E OFF-LINE NAS INTERAÇÕES FAMILIARES	36
1.5 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET: METODOLOGIA E QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS	38
1.6 PESQUISA QUALITATIVA E O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE	43
1.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
1.7.1 Questionário on-line	46
1.7.2 Triagem dos interlocutores	47
1.7.3 Entrevistas em profundidade	50
1.7.4 Observação participante das interações on-line	52
1.7.5 Análise e interpretação de dados	55
2 A COMUNICAÇÃO COMO CONSTITUINTE DAS RELAÇÕES FAMILIARES: AS CARACTERÍSTICAS DAS INTERAÇÕES ON-LINE	57
2.1 <i>POLYMEDIA</i> E AS ESCOLHAS MIDIÁTICAS DAS FAMÍLIAS	66
2.2 O QUE E POR QUE AS FAMÍLIAS POSTAM?	72
2.2.1 Rituais e celebrações	73
2.2.2 Dia a dia dos parentes	76
2.2.3 Humor e passatempos	79
2.2.4 Espiritualidade e religiosidade	83
2.2.5 Mensagens inspiradoras	85
2.2.6 Política	86
2.2.7 Informações sobre saúde	87
2.2.8 Utilidade pública e noticiário geral	89
2.2.9 Memórias mediadas	92

2.3 A SENSACÃO DE COPRESENÇA	93
3 AFETOS E CONFLITOS DENTRO E FORA DO MUNDO DIGITAL	95
3.1 PARENTESCO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	98
3.2 O VALOR DAS EMOÇÕES	100
3.3 A MANIFESTAÇÃO DE AFETOS	102
3.3.1 O amor nas pequenas coisas: <i>emojis</i>, demonstrações de apoio e incentivo, bênçãos e o “ser lembrado”	103
3.3.2 As felicitações de aniversário e as homenagens públicas	106
3.3.3 A reciprocidade nos comportamentos interativos	108
3.3.4 O controverso “ritual do bom-dia”	114
3.4 O SURGIMENTO DE CONFLITOS	117
3.4.1 O debate sobre valores no processo político	120
3.4.1.1 Divergências de princípios	121
3.4.1.2 Interesses dissonantes: oportunidades e restrições nas conversas	131
3.4.2 O compartilhamento de notícias falsas	137
3.4.3 Ruídos na mensagem: letramento midiático e <i>affordances</i> na <i>polymedia</i>	140
3.4.4 A saída do grupo da família no WhatsApp	142
3.5 PRESENCIAL E DIGITAL: QUANDO OS DOIS MUNDOS SE ENCONTRAM	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ON-LINE	171
APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	179
APÊNDICE C – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO ENTREVISTADO	185
APÊNDICE D – ROTEIRO DA PRIMEIRA ENTREVISTA	187
APÊNDICE E – ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA	189
APÊNDICE F – FICHA DE AMOSTRAGEM DE EXPERIÊNCIA	191
APÊNDICE G – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS INTERAÇÕES ON-LINE	193
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	197

INTRODUÇÃO

Na intimidade familiar, a comunicação é o processo pelo qual os parentes negociam vínculos de afeto, interdependência e comprometimento e ainda viabilizam a organização das relações, no que se refere a papéis, regras, funções, expectativas, decisões e conflitos (GALVIN; BRAITHWAITE, 2014; KOERNER; FITZPATRICK, 2006b). A popularização do acesso à Internet no Brasil, sobretudo via *smartphone*, contribuiu para que os sujeitos incorporassem, em suas rotinas, práticas de interação com os parentes no ambiente digital, por intermédio de aplicativos, sites de redes sociais e plataformas de chamadas de áudio e vídeo. Do mesmo modo que as famílias constituem comunidades presenciais, elas passaram a existir também como comunidades on-line, já que a vida comunitária não pode ser restringida pelo local geográfico (NISBET, 2017; WILSON; PETERSON, 2002).

Partindo da ideia de que os mundos digitais “não são nem mais nem menos materiais do que aqueles que os precederam”, assim como constituem “parte do que nos faz humanos” (MILLER; HORST, 2015, p. 92), o objetivo geral deste trabalho é compreender as características das dinâmicas de comunicação entre membros de uma mesma família no universo on-line, examinando os afetos e os conflitos envolvidos. Uma vez que os atos comunicativos podem formar, manter ou diluir a unidade familiar, o estudo visa entender como são construídos, sustentados e transformados os laços afetivos, bem como examinar a ordem das disputas — por que afloram, se e como são resolvidas.

O debate científico acerca do uso social da Internet é perene e controverso, e é na polêmica relacionada a como isso se dá e seus potenciais efeitos que reside a problematização de pesquisas que se debruçam sobre o tema. Por isso, novas investigações no campo são relevantes. O uso de mediações socioculturais impacta a cognição, as atitudes, o comportamento e as emoções humanas (VALKENBURG; PETER; WALTHER, 2016), o que causa reflexo nos relacionamentos interpessoais, diretamente associados à saúde e ao bem-estar físico e psicológico (KRAUT; BURKE, 2015). Em diversos estudos científicos realizados ao longo das últimas décadas, ora a utilização da Internet aparece ligada a comprometimento com a comunidade, boa autoestima, satisfação com a vida, redução de depressão e estresse, aproximação de parentes e amigos distantes geograficamente, melhora do humor e aumento de contato face a face em âmbito local; ora a correlação é com declínio na comunicação familiar dentro do lar, diminuição do círculo social e da

rede de apoio, solidão, enfraquecimento de laços e dificuldade de demonstrar emoções (CUMMINGS; BUTLER; KRAUT, 2002; DERKS; FISCHER; BOS, 2008; KRAUT et al, 1998, 2002; KRAUT; BURKE, 2015; SHAW; GANT, 2002). Isolamento e debilidade das relações interpessoais são considerados fatores de risco para morbidade e mortalidade entre humanos (CACIOPPO et al, 2015; PARIGI; HENSON, 2014; SMITH; CHRISTAKIS, 2008; UMBERSON; CROSNOE; RECZEK, 2010).

Com base na teoria da antropologia digital, sobretudo em seu princípio da dialética (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a), observa-se que o ambiente da Internet tem potencial para gerar efeitos contraditórios, ou seja, positivos e negativos ao mesmo tempo — e não apenas uma coisa ou outra. Por isso, faz-se importante investigar tais efeitos e identificar suas consequências. O fato de a qualidade das relações entre parentes — independentemente do que cada um considera família — estar ligada ao bem-estar pessoal e ao nível de contentamento com a própria existência justifica o interesse científico pelo tema (CAUGHLIN et al, 2011). Nesse cenário, os objetivos específicos do estudo são analisar a qualidade das interações on-line entre parentes e o grau de satisfação deles com a convivência familiar digital, bem como perceber quais plataformas digitais servem melhor aos propósitos comunicacionais desses indivíduos, de acordo com as intenções do processo interativo, as necessidades afetivas e sociais, o grau de privacidade, o número de pessoas envolvidas e o letramento midiático. E, ainda, entender como a dinâmica familiar on-line influencia as relações off-line entre os sujeitos e é influenciada por elas — uma modifica a outra?

No campo das pesquisas que reconhecem prejuízos no uso social da Internet, Turkle (2015, p. 36) observa que a comunicação mediada pela tecnologia digital está “emburrecendo” as conversas. Segundo a autora, as interações on-line exigem respostas imediatas e, para isso, os debates vêm sendo simplificados, mesmo quando os assuntos são complexos. Além disso, sujeitos conectados via Internet, sozinhos com seus pensamentos, se sentem livres para interpretar personagens (parecer quem querem ser) e construir a imagem dos demais de acordo com seus próprios propósitos — “um sedutor e perigoso hábito mental” (TURKLE, 2011, p. 188, tradução nossa). Turkle (2015, p. 95) pondera que, quando estão frente a frente, as pessoas são obrigadas a revelar seu caráter e seu temperamento, já que o contato se desenrola lentamente.

Trabalhando com outra visão da cultura digital, a qual foi adotada como norte neste estudo, a teoria da antropologia digital de tradição inglesa propõe uma abordagem mais plural do universo

on-line, ao reconhecer sua materialidade (HORST; MILLER, 2012). Nessa perspectiva, o espaço digital não é virtual, mas real, uma vez que não é uma mera reprodução do mundo físico, mas um lugar onde se vive verdadeiramente, com a expressão de emoções e sentimentos às vezes reprimidos em outra esfera (HORST; MILLER, 2012, p. 15). Dessa maneira, relações mediadas por dispositivos digitais são capazes de revelar contradições e tensões típicas do mundo social com a mesma autenticidade que o padrão face a face.

Para a consecução dos objetivos, investiu-se em uma pesquisa quanti-qualitativa de inspiração etnográfica, baseada na abordagem da antropologia digital (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000) e na perspectiva epistemológica da complexidade (MORIN, 1994; VASCONCELOS, 2013). Miller e Slater (2000) defendem que a Internet é um espaço real e dinâmico, experimentado por diversas pessoas em diversos contextos; assim, a etnografia permite compreender e assimilar os usos particulares que determinado grupo faz desse aparato tecnológico com todos os elementos que lhe são associados. Além disso, a sensibilidade do pesquisador e a interação deste com os sujeitos pesquisados no trabalho de campo é essencial para a apreensão de sentidos, pois um não pode ser entendido sem a presença do outro e o convívio com ele (MILLER; SLATER, 2000).

A função das técnicas empregadas na etnografia é interligar os diversos elementos, implícitos e explícitos, que formam a cultura — sistema articulado de crenças, valores, normas e ações sociais — para organizá-los em uma estrutura maior e torná-los compreensíveis (MELLO E SOUZA, 2003, p. 69). A complexidade reconhece a centralidade da cultura, dado “seu papel constitutivo de todos os aspectos da vida social” (MELLO E SOUZA, 2003, p. 66), na formação dos modos de conhecer, pensar e agir dos indivíduos (VASCONCELOS, 2013, p. 61). Essa visão holística e contextual que mantém apreço pela singularidade também está presente na antropologia, ciência que coordena a base interdisciplinar aplicada à fundamentação desta pesquisa. Como fenômeno complexo, os relacionamentos entre parentes dentro e fora do ambiente digital exigem uma análise que pactue diversos campos do saber — sobretudo a comunicação, a antropologia, a psicologia e a sociologia — tal qual preconizam as práticas interparadigmáticas (VASCONCELOS, 2013, p. 111). Assim, é possível abranger temas como mídias digitais, redes, comunidades, conflito, afetividade, parentesco e vínculo.

A perspectiva teórica da antropologia digital de tradição inglesa (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a) defende que a experiência humana deve ser examinada a partir do

emaranhado de fatores que a constitui, sem a separação dos mundos físico e digital. Nesse campo teórico, considera-se a autenticidade das relações on-line, pois entende-se que a tecnologia não tornou os seres humanos mais mediados: ela apenas mudou a natureza da mediação, tornando-a mais evidente (HORST; MILLER, 2012). Até as conversas face a face são mediadas pela cultura e pelos diferentes papéis que os interlocutores desempenham na interação (GOFFMAN, 1985; HORST; MILLER, 2012; JENKINS, 2009). Dessa maneira, os relacionamentos vivenciados no território da rede, assim como os experimentados presencialmente, são capazes de revelar, ao mesmo tempo, pontos positivos e negativos da convivência entre membros de uma família, o que impacta as subjetividades em jogo (MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014; VENKATRAMAN, 2017).

Logo, a análise da dinâmica de relacionamento familiar pela Internet e de como as esferas de convívio on-line e off-line estão interligadas ganha relevância no cenário atual. A penetração das mídias digitais nas práticas comunicativas nunca foi tão expressiva: segundo o levantamento “Digital 2020: Global Digital Overview” (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2020), 4,5 bilhões de pessoas no mundo estiveram conectadas à Internet em janeiro de 2020, 7% a mais do que no mesmo mês do ano anterior. Dessas, 3,8 bilhões eram usuárias ativas de mídias sociais, o que representou crescimento de 9,2% em relação a 2019. As estatísticas destacam que o Facebook¹ é a plataforma social mais popular do planeta, com 2,4 bilhões de usuários ativos; seguido do YouTube², com 2 bilhões; e do WhatsApp³, com 1,6 bilhão.

No Brasil, o crescimento do acesso à Internet também é vultoso. De acordo com a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 69,8% da população brasileira com 10 anos ou mais de idade utilizou a Internet em 2017, o que representou ganho de cerca de 10 milhões de internautas na comparação com 2016 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018, p. 7). Em meio à elevação do número de internautas no Brasil, cabe notar, ainda, a força dos usos

¹ Site de rede social fundado em 4 de fevereiro de 2004, tal qual informado na página eletrônica da empresa, em <https://www.facebook.com/pg/facebook/about/> (acesso em: 11 ago. 2020). Como principais recursos, a plataforma permite que os usuários criem perfis pessoais ou páginas comerciais; compartilhem conteúdo como fotos, textos e vídeos; adicionem outros perfis à sua rede de contatos como “amigos”; participem de grupos e comunidades; e troquem mensagens por *chat* (bate-papo). O cadastro no Facebook é gratuito.

² Plataforma on-line de compartilhamento de vídeos. De acordo com o próprio YouTube, a primeira publicação de vídeo ocorreu em 23 de abril de 2005. Informação disponível no site da empresa, em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/> (acesso em: 11 ago. 2020).

³ Aplicativo para troca de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo, lançado em 2009. O uso da plataforma é gratuito e atrelado a um *smartphone* conectado à Internet (MARQUES, 2019).

sociais da Internet no país. Interagir com outras pessoas é a principal finalidade de acesso à rede: resultados da Pnad apontam que, em 2017, 95,5% dos usuários de Internet a utilizaram para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicações diferentes de e-mail, enquanto 83,3% tiveram como motivação conversar por chamadas de voz ou vídeo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018, p. 9). O Brasil é o terceiro país onde mais se navega em mídias sociais (três horas e 31 minutos por dia), atrás apenas de Filipinas e Colômbia (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2020). Dentre essas plataformas, o Facebook é a mais popular entre os brasileiros, que somaram 127 milhões de usuários ativos por mês no site no primeiro trimestre de 2018 — 90% dos acessos se originaram de dispositivos móveis, sobretudo telefones celulares (OLIVEIRA, 2018). Já o WhatsApp representa o aplicativo de mensagens com maior presença no Brasil, onde 120 milhões utilizavam a ferramenta mensalmente em 2017 (WHATSAPP CHEGA A 120 MILHÕES DE USUÁRIOS NO BRASIL, 2017).

Simultaneamente à massificação do acesso à Internet, ocorrem, na sociedade brasileira, transformações nos modelos de família, que se diversificaram consideravelmente ao longo dos últimos anos. Para abranger a complexidade que envolve os tipos de arranjos familiares contemporâneos, o IBGE utilizou uma variedade de classificações no censo demográfico realizado em 2010 no Brasil. Considerando as famílias únicas, ou seja, quando há apenas um núcleo familiar no domicílio, a pesquisa com a população mostrou os seguintes resultados: 49,4% são casais com filhos; 17,7%, casais sem filho(s); 12,2%, mulheres sem cônjuge com filho(s); 6,3%, outros; 5,5%, casais com filho(s) e com parente(s); 4%, mulheres sem cônjuge com filho(s) e com parente(s); 2,5%, casais sem filho(s) e com parente(s); 1,8%, homens sem cônjuge com filho(s); e 0,6%, homens sem cônjuge com filho(s) e com parente(s) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012). A categoria “Outros” evidencia que as possibilidades de composição familiar são vastas e que a tentativa de encaixá-las em padrões nem sempre é bem-sucedida. O Censo 2010 foi o primeiro a indicar o percentual de famílias reconstituídas — aquelas formadas após a separação ou a morte de um dos cônjuges — existentes no país: elas correspondem a 16,3% das famílias representadas por casais com filhos. Outro dado inédito foi a contagem de 60 mil famílias homoafetivas, 53,8% delas instituídas por mulheres.

A diversificação dos arranjos familiares na contemporaneidade se reflete nas interações entre os parentes no ambiente digital e está no âmago da origem desta pesquisa. Como parte das escolhas epistemológicas feitas, que valorizam a subjetividade, a sensibilidade e o

autoconhecimento na construção do saber científico, faz-se importante abrir espaço para a discussão das implicações subjetivas da pesquisadora no trabalho. Nos próximos seis parágrafos, reservo-me o direito do uso da primeira pessoa na escrita científica para melhor esclarecer como a ideia embrionária a partir da qual este trabalho se desenvolveu surgiu de minha própria experiência.

A família sempre ocupou um lugar central em minha vida. Das minhas memórias de infância, certamente as mais agradáveis me levam de volta às festas de fim de ano na casa de minha avó paterna. Tios e primos, em grande número, se reuniam para comemorar ao redor de uma mesa farta. Na véspera de Natal, enquanto os adultos entoavam canções tradicionais típicas dessa celebração, as crianças (inclusive eu) aguardavam ansiosamente o relógio marcar meia-noite para distribuir os presentes empilhados sob o pinheiro enfeitado com luzes coloridas.

Desde pequena, estou acostumada à complexidade da família contemporânea. Sou filha da segunda união de meu pai, que não é oficialmente casado com minha mãe. Minha meia-irmã, fruto do primeiro casamento dele, é 11 anos mais velha que eu. Lembro que, quando eu era criança, costumávamos sair aos domingos para visitar meus avós e, não raro, a meia-irmã de minha meia-irmã nos acompanhava. Embora nos tratássemos as três como irmãs, sempre soube quais eram os elos biológicos entre nós. Eu via a questão com simplicidade, mas foram muitas as vezes em que expliquei a algumas pessoas, repetidamente e sem sucesso, que minha irmã tem uma irmã que não é minha “irmã de sangue”. Parecia que a situação era demasiadamente complicada para ser compreendida — tenho a impressão de que, se fosse hoje, tal dificuldade de entendimento já não ocorreria.

Se meu núcleo familiar se distancia do modelo tradicional, o de meu pai é ainda mais complexo. Ele e seus seis irmãos são filhos da terceira união de meu avô, que tinha outros sete filhos de relacionamentos anteriores. Minha avó, cerca de 30 anos mais nova que meu avô, ficou viúva ainda bem jovem, casou-se novamente e teve mais dois filhos. Assim, meios-irmãos e recasamento sempre fizeram parte da minha experiência familiar, o que tornou a diversidade da família algo natural para mim.

Unida pelo afeto, minha complexa rede familiar, como qualquer outra, também é marcada por conflitos, brigas e desentendimentos entre os parentes. No cenário atual, as possibilidades de comunicação que a Internet nos proporciona nos levou a manter um relacionamento no ambiente digital, além das relações dadas na esfera física. Por um tempo, fiz parte de dois grupos de família no WhatsApp, mas saí de ambos — um deles, no decorrer da realização deste trabalho. A interação

on-line mostra efeitos positivos e negativos ao mesmo tempo: por um lado, é possível se aproximar de quem está distante geograficamente; por outro, o convívio mediado escancara defeitos de entes que até então não haviam se revelado no contato face a face. Em minha experiência, percebo que os relacionamentos mediados pela Internet entre os membros da família são extremamente ricos, repletos de contradições e capazes de afetar as relações off-line e ser afetados por elas.

Há ainda uma questão profissional entre minhas implicações subjetivas neste trabalho. Por ser jornalista, frequentemente me vejo instigada a refletir quando um parente compartilha uma notícia falsa durante as interações familiares on-line. Para mim, esse é um dos grandes motivos de desgaste nas relações no mundo digital. Assim, a subjetividade teve importância não só na delimitação do tema de estudo como também na elaboração das premissas iniciais para a investigação.

Dada a minha proximidade com o assunto, a reflexividade me ajudou a fazer ponderações sobre a maneira como este trabalho foi conduzido e o resultado dele, moldado (NADIN; CASSELL, 2006). Segundo Berger (2015), trata-se de uma estratégia crucial para o processo de geração de conhecimento e para o controle de qualidade na pesquisa qualitativa. O exercício reflexivo também faz parte da escolha epistemológica feita para este estudo, pois é uma forma de revisitar a subjetividade do pesquisador e trabalhá-la de forma positiva, trazendo luz a algumas questões (GOUGH; MADILL, 2012), a exemplo da interferência no campo. Como Nadin e Cassell (2006, p. 215) salientam, a reflexividade impacta diretamente as decisões analíticas e metodológicas durante o processo de pesquisa, bem como influencia as conclusões teóricas.

A coleta de dados para a realização deste estudo se iniciou com a distribuição, pela Internet, de um questionário quantitativo de aproximação do tema pesquisado. Depois, houve a seleção dos interlocutores que participaram das etapas qualitativas. Tal qual preconiza o método etnográfico, no qual este trabalho é inspirado, investiu-se em entrevistas em profundidade e observação participante. Foram feitas duas entrevistas presenciais e individuais com cada voluntário — exceto com uma pessoa, que desistiu do processo e teve apenas uma conversa com a pesquisadora. Na observação participante, que ocorreu paralelamente aos encontros com os sujeitos pesquisados, utilizou-se uma técnica de investigação baseada no Método de Amostragem de Experiência (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014), com vistas a ampliar as possibilidades de apreensão de sentidos no campo. “Como é a comunicação típica dos parentes no espaço digital?”, “Quais são os papéis desempenhados pelos atores envolvidos no processo?”, “Que situações servem de gatilho

para desentendimentos?”, “Qual é o grau de satisfação dos sujeitos com a convivência familiar on-line?” e “Em que medida as trocas na Internet afetam os vínculos e as definições de família?” foram algumas das perguntas norteadoras do estudo.

Ainda dentro do desenho metodológico, a produção de diários de campo forneceu suporte à interpretação dos dados e à supervisão da pesquisadora em relação ao próprio fazer etnográfico. A conversa com os pares, dentro do grupo de pesquisa e com os devidos cuidados para preservar o sigilo em relação à identidade dos pesquisados, também foi primordial para manter um balanço entre julgamentos, emoções, crenças e preconceitos (BERGER, 2015, p. 4). As informações coletadas no trabalho de campo foram analisadas em articulação com teorias e resultados de outras pesquisas etnográficas, sem esquecer a contextualização dos discursos dentro das práticas culturais examinadas.

Tratando-se de uma pesquisa quanti-qualitativa baseada na epistemologia da complexidade e, portanto, afastada dos ideais positivistas, não foram adotadas hipóteses fixas, pois não se pretende comprovar fenômenos, mas compreendê-los a partir da articulação de todos os elementos que os compõem (GONZÁLEZ REY, 2005). Entretanto, tomou-se como premissa inicial que as experiências familiares on-line, ao conjugarem afetos e conflitos, produzem subjetividade nos indivíduos e, por representarem uma dimensão real do vivido, se entrelaçam aos vínculos presenciais, podendo tanto afetá-los como ser afetadas por eles.

No processo de construção deste trabalho, considerou-se hipoteticamente que graus diferentes de letramento midiático, ideias divergentes sobre “netiqueta” (conjunto de regras socialmente estabelecidas para definir comportamentos aceitáveis no ambiente on-line), compartilhamento de notícias falsas (*fake news*) e exposição de posicionamentos radicalistas associados a religião, política e questões de gênero figurariam entre os fatores que originam desentendimentos nos relacionamentos familiares on-line. Tal conjectura foi elaborada a partir de sondagens informais feitas ainda na elaboração do projeto de pesquisa. Um dado merece atenção: grupos que reúnem membros de uma mesma família no WhatsApp são os maiores difusores de notícias falsas nesse aplicativo (MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL, 2018). Além disso, um levantamento realizado pelo Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf) mostrou que, no Brasil, 29% das pessoas com idade entre 15 e 64 anos não são plenamente alfabetizadas e têm dificuldade para ler, interpretar mensagens e identificar ironias, o que não as impede de serem usuárias de mídias sociais. Nessa parcela da população, 86% utilizam o

WhatsApp, 72% mantêm perfis no Facebook e 31% possuem conta no Instagram⁴ (FAJARDO, 2018). Na comparação com os proficientes, não se notam muitas diferenças quantitativas no uso dessas plataformas digitais: 89% dos indivíduos com o mais alto grau de alfabetização também acessam o Facebook. O envio de mensagens escritas pelo WhatsApp é comum entre 92% dos analfabetos funcionais e 99% dos alfabetizados, enquanto 84% e 82% daqueles que se encaixam nesses grupos, respectivamente, compartilham textos que receberam de outros (FAJARDO, 2018).

Compreender a dinâmica de comunicação entre membros de uma mesma família nas mídias sociais e em outras plataformas disponíveis na Internet inclui observar as motivações de uso dos recursos tecnológicos, os conteúdos circulantes e as consequências dessas interações — inclusive para a vivência do parentesco e as identidades dos sujeitos. Em um momento em que a entidade familiar ocupa lugar de destaque nos debates sociais e políticos brasileiros, investigações desse tipo adquirem valor pela possibilidade de trazerem à tona aspectos reveladores e relevantes sobre as famílias. O emprego da metodologia etnográfica para a análise dos relacionamentos familiares mediados por tecnologias digitais é uma opção interessante justamente por o método não se encerrar na simplicidade. Pelo contrário: ao apostar na flexibilidade e na adaptabilidade das técnicas de coleta e exame de dados (GOLDENBERG, 2004), na imersão, na abordagem holística, na interlocução entre etnógrafo e nativos (MILLER; SLATER, 2000), na interpretação de significados (GEERTZ, 2008) e na escrita híbrida (CLIFFORD, 1986), a etnografia marca a defesa da descrição densa (GEERTZ, 2008) e do entendimento profundo do emaranhado de fatores que compõem a vida humana. O método etnográfico orientado para a Internet e fundamentado nos preceitos da antropologia digital (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000) reforça tal posicionamento ao compreender que ambos os mundos on-line e off-line são reais e, portanto, não devem ser considerados separadamente nas análises culturais.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado à revisão da literatura do campo da antropologia digital, em um esforço reflexivo sobre teoria e método. São expostos os princípios que fundamentam a teoria da antropologia digital e alguns conceitos importantes para as análises, como *polymedia* e *affordances*. Explora-se também a noção de mediação dentro e fora do mundo on-line, bem como as implicações dela para os relacionamentos interpessoais constituídos em um

⁴ Mídia social com foco em compartilhamento de fotos e vídeos. O usuário cria um perfil e escolhe se quer manter a conta pública ou privada. Na primeira opção, qualquer pessoa dentro ou fora da plataforma pode visualizar o conteúdo publicado. Na segunda, o material fica visível apenas para os seguidores (outros perfis que adicionados à rede de contatos) do usuário.

cenário repleto de possibilidades interativas. A abordagem da etnografia para a Internet é discutida em conjunto com as questões epistemológicas que orientam a pesquisa. É essa reflexão teórico-metodológica que assenta a apresentação do campo e dos interlocutores que participaram do estudo, além da descrição detalhada do passo a passo da coleta de dados.

No segundo capítulo, dá-se início à descrição densa do fazer etnográfico, com a interpretação dos dados quantitativos e qualitativos provenientes do campo articulada ao suporte teórico. É feita uma imersão nos significados de família e parentesco e nos usos das mídias pelos indivíduos para se comunicar com os parentes, a partir de exemplos fornecidos pelos voluntários nas várias etapas da pesquisa. Abordam-se os grupos de família no WhatsApp, que se mostraram o principal canal de contato entre os familiares no meio digital, e detalham-se aspectos que caracterizam a dinâmica de comunicação entre membros de uma mesma família no universo on-line.

O capítulo três trata das manifestações de afetos e das situações de conflitos entre parentes na convivência familiar mediada pela Internet. A associação com o padrão face a face das relações perpassa toda a análise, em consonância com os preceitos metodológicos propostos pela antropologia digital. Os relatos dos interlocutores guiam o debate sobre as consequências dos atos interativos, o gerenciamento das emoções envolvidas nesses processos, a questão do vínculo e a negociação dos relacionamentos. Também se examinam as continuidades entre os mundos on-line e off-line na comunicação familiar.

1 RELAÇÕES MEDIADAS NA ERA DIGITAL: SOBRE TEORIA E MÉTODO

Novas tecnologias proporcionam novas formas de conexões interpessoais na era digital. Com o barateamento e a popularização de computadores, de *smartphones* e do acesso à Internet, distância e fatores econômicos, pouco a pouco, se tornaram menos impeditivos para as interações humanas (SPYER, 2018). A presença massiva das mídias no cotidiano dos indivíduos e os usos sociais delas permitem que a comunicação mediada pela Internet ganhe volume dentro dos relacionamentos.

No Brasil, pesquisas mostram que, nos últimos anos, o aumento do número de usuários de Internet se deu em todas as faixas etárias, mas foi maior, proporcionalmente, no grupo dos idosos. Se, em 2016, 24,7% da população com 60 anos ou mais acessou a rede; em 2017, o percentual subiu para 31,1%, anotando variação de 25,9% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018, p. 7). A última Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) feita pela Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) corrobora a expansão do uso da Internet no país: em 2016, esse já era o segundo meio de informação preferencial da população, à frente do rádio e atrás apenas da televisão (BRASIL, 2016, p. 11). Segundo o levantamento, o principal dispositivo de acesso à Internet é o telefone celular, utilizado por 91% dos internautas, seguido do computador (65%) (BRASIL, 2016, p. 64). Números semelhantes foram relatados na Pnad: o percentual de usuários da rede que empregaram o *smartphone* para navegação subiu de 94,6%, em 2016, para 97% em 2017, consolidando o equipamento como o preferido da população conectada. O uso do computador para o mesmo fim, por sua vez, caiu: 63,7% dos internautas o fizeram em 2016, contra 56,6% em 2017 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

A popularização do acesso à Internet via telefone celular coincide com o investimento comercial de operadoras de telefonia móvel nos chamados “planos controle”. Trata-se de uma modalidade de plano pós-pago em que o consumidor paga um valor fixo por mês e recebe um pacote de serviços que inclui minutos para ligações, mensagens SMS e uma franquia de dados de Internet para navegação. A principal vantagem é a economia: além de se pagar uma quantia predefinida, diferentemente do que ocorre nos planos pós-pagos convencionais, o preço por minuto de ligação é menor e os pacotes de Internet, mais robustos do que os vistos nos pré-pagos. Em determinados planos controle oferecidos pelas operadoras, ainda é possível utilizar aplicativos de

mensagens e redes sociais como WhatsApp, Facebook, Instagram, Messenger⁵ e Twitter de forma ilimitada, ou seja, sem desconto de dados da franquia de Internet, o que amplia as possibilidades de tráfego na rede. De acordo com a consultoria Teleco, especializada em telecomunicações, verificou-se a migração de usuários de planos pré-pagos para planos controle nos últimos anos, o que aumentou a base de clientes de planos pós-pagos (TELECO, 2018). Dados da Agência Nacional de Telecomunicações mostram que, embora as linhas móveis pré-pagas ainda sejam maioria no Brasil, a participação delas no mercado vem caindo: de 56,5% em dezembro de 2018 para 51,6% em dezembro de 2019. Em contrapartida, a quantidade de linhas pós-pagas aumentou de 28,42%, em 2015, para 48,4%, no fechamento de 2019 (AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, 2020). Em 2017, estimava-se que quase metade dos clientes do segmento pós-pago de telefonia móvel eram assinantes de planos controle (ROSA, 2017).

Tradicionalmente, a antropologia é uma ciência preocupada em interpretar culturas e dar visibilidade a fluxos, vínculos, trocas e interações que envolvem os seres humanos. Nesse mesmo campo, a antropologia digital surge como uma subdisciplina cuja proposta teórica é “estabelecer pontes de reflexão entre o digital, a cultura e as redes de sociabilidade” (MACHADO, 2017a, p. 1). Tal perspectiva se baseia em seis princípios (HORST; MILLER, 2012), que ajudam a pensar sobre os variados tipos de relações desenvolvidas via tecnologias digitais, inclusive as familiares. Tendo em conta que nunca houve tantas possibilidades de comunicação como no mundo atual (BAYM, 2010), a antropologia digital desponta como um caminho interessante para entender a sociedade moderna.

Além de apresentar uma orientação teórica para a compreensão dos relacionamentos mediados pela Internet, a antropologia digital desponta como método para investigações que tenham o mundo on-line como objeto de estudo (BOELLSTORFF, 2012). Fundamentada na observação participante, tal abordagem defende que o digital deve ser examinado em seus próprios termos, mas sempre em conexão com o mundo presencial, destaca Boellstorff (2012).

1.1 OS PRINCÍPIOS DA ANTROPOLOGIA DIGITAL

Como citado, a teoria da antropologia digital se sustenta em seis postulados. O primeiro diz respeito ao fato de o digital reforçar a natureza dialética da cultura, que se expressa entre universalismos e particularismos — esses como dois fatores dependentes, não opostos (HORST;

⁵ Aplicativo para bate-papo vinculado ao Facebook. Permite envio de mensagens de texto, áudios, imagens e vídeos.

MILLER, 2012, p. 5). Segundo Horst e Miller (2012, p. 11), a dialética é uma condição intrínseca das tecnologias digitais, cujos impactos também se mostram inerentemente dialéticos ao produzirem efeitos positivos e negativos.

Na realidade prática vivenciada pelos indivíduos, inclusive parentes, em seus relacionamentos pela Internet, o universo on-line é um território onde qualidades e defeitos inimagináveis do outro são desvelados — ainda que haja convivência na esfera física. Isso é possível porque, para alguns, a rede é o lugar mais propício para uma pessoa se tornar real e expressar sua alma e suas paixões sem restrições (HORST; MILLER, 2012, p. 15). Dessa maneira, dado o aspecto dialético do digital, os desdobramentos de seus usos têm, ao mesmo tempo, potenciais benéficos e prejudiciais para as relações humanas.

Tal entendimento sobre o mundo digital é possibilitado pela ideia de que ele é mais do que um substrato, pois envolve tanto artefatos quanto contextos sociais (HORST; MILLER, 2012, 2015; MACHADO, 2017a). Dispositivos e plataformas funcionam como elos que ligam indivíduos dentro da cultura na qual são produzidos e consumidos (HORST; MILLER, 2012, p. 92). Por isso, são mais do que meras tecnologias, mas também as relações neles imbricadas. Nesse sentido, atentar para a cultura como um sistema de linguagem substanciado por um conjunto complexo de teias de significados tecidas pelos sujeitos (GEERTZ, 2008) se torna fundamental.

Ao analisar as interações sociais no ambiente on-line, a antropologia digital alerta para o fato de que, contrariamente ao que se costuma pensar, as tecnologias não tornaram os seres humanos mais mediados; elas apenas mudaram a natureza da mediação que proporciona o ato comunicativo (MILLER; SINANAN, 2014). A noção de mediação é dialética e requer a compreensão de como os processos de comunicação mudam as atmosferas sociais e culturais que os suportam, bem como as relações que os participantes da ação mantêm com esses ambientes e uns com os outros (SILVERSTONE, 2005 apud MADIANOU; MILLER, 2012, p. 9). Assim, até mesmo uma conversa face a face é mediada, pois a mediação é a própria cultura e o contexto social em que ela se dá. Regras de parentesco e religião mediam a vida tanto quanto a “netiqueta” — conjunto de boas maneiras que devem ser praticadas no espaço on-line de forma a facilitar a convivência dos usuários — o faz (MILLER, 2012). O que ocorre com o mundo digital é que ele deixa a mediação mais evidente, como ressalta o segundo princípio da teoria da antropologia digital (MILLER; HORST, 2012, 2015).

Os estudos de Goffman (1985) sobre as representações do *self* na vida cotidiana mostram que as pessoas, a todo tempo, manipulam seus próprios comportamentos e desempenham papéis nas interações face a face, a fim de passar determinada impressão aos demais e fazê-los reagir de maneira desejável. As aparências transmitidas podem ser verdadeiras ou falsas. Desse modo, a representação é definida como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p. 29). Segundo o autor, o processo de comunicação na esfera física é uma encenação, um jogo de informação que contém um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações e descobertas.

Valendo-se de metáforas inspiradas na dramaturgia, Goffman (1985) afirma que os sujeitos possuem um equipamento expressivo padronizado denominado fachada, empregado intencional ou inconscientemente durante as representações. Compõem-na os objetos e a chamada fachada pessoal, que inclui “vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 1985, p. 31). Sobre formas de expressão, Goffman (1985, p. 73) diz que se exige dos indivíduos o aprendizado de um número suficiente delas, para que eles possam dirigir mais ou menos qualquer papel que seja necessário. Todos esses recursos são utilizados com a intenção de gerar uma impressão de realidade e promover uma definição da situação. Considerando a noção de mediação descrita acima, infere-se que a comunicação presencial é tão mediada quanto aquela mantida por meio das tecnologias digitais, pois ambas são atravessadas por fatores que mudam as relações entre as pessoas envolvidas na encenação e delas com o ambiente sociocultural no qual se inserem. No entanto, justamente por funcionar de maneira muito efetiva e fluida, a armação da estrutura de mediação acaba passando despercebida nos encontros físicos, ao passo que se torna mais óbvia — e, por vezes, inquietante — nas trocas on-line (MILLER; HORST, 2015).

Jenkins (2009) assegura que, nos tempos atuais, as ideias de Goffman pensadas na metade do século XX continuam válidas não apenas para a análise das interações face a face, mas também para a comunicação digital. O tempo passa, e os seres humanos seguem agindo calculadamente diante dos demais, monitorando e gerenciando suas condutas, com o objetivo de projetar uma imagem genuína de si mesmos. Perante plateias diferentes, as pessoas assumem individualidades sociais distintas e apresentam facetas variadas, como um jovem que é sério na frente dos pais e dos professores, mas descontraído com os amigos (JAMES apud GOFFMAN, 1985, p. 52). As

tecnologias modernas podem ter diversificado e tornado mais desafiadora a representação do *self* nas interações mundanas, mas não eliminaram a necessidade de fazê-la, tampouco mudaram a essência do processo (JENKINS, 2009, p. 271). De acordo com Jenkins (2009), as fronteiras entre os mundos digital e físico são imprecisas e osmóticas, de forma que, ao passar de um lado para o outro, ninguém enfrenta uma transformação total e deixa completamente para trás suas características.

A intimidade familiar não foge à regra: parentes não atuam de jeito idêntico dentro e fora da família, nem mesmo quando se considera só o interior do grupo, uma vez que a encenação é influenciada pelo público e pelo cenário em questão. Segundo Goffman (1985), a representação é executada na região de fachada, mas existem os bastidores, onde os fatos suprimidos vêm à tona. Dessa maneira, membros de uma mesma família podem tratar uns aos outros de um modo particular em um ambiente reservado e de forma distinta na presença de estranhos. Opiniões sinceras podem ser escondidas em determinada situação em prol da manutenção de um estado de coisas satisfatório (GOFFMAN, 1985). Também é possível encontrar dissonâncias entre os estilos de agir vistos na esfera física e no universo on-line, ainda que um constitua uma extensão do outro (HINE, 2015).

Uma vez que a cultura digital não fez os sujeitos perderem a essência que os faz humanos nem os transformou em seres mais mediados, é preciso considerar que os relacionamentos construídos por meio da Internet são autênticos e verdadeiros (HORST; MILLER, 2012, 2015). Não cabe, portanto, a palavra virtual para defini-los (HORST; MILLER, 2015), já que o termo carrega a ideia de imaginário, falso ou ilusório. Encarar o universo digital como uma dimensão real do vivido — onde as relações interpessoais são carregadas de emoções, afetos, conflitos, tensões e contradições — se faz necessário no mundo contemporâneo, caracterizado pela impregnação das novas tecnologias de comunicação no cotidiano dos indivíduos e dos grupos, a exemplo das famílias.

O terceiro princípio da teoria da antropologia digital se refere à constatação de que a experiência on-line constitui apenas um quadro (do inglês *frame*) da existência humana e, para ser compreendida, deve ser relacionada às demais experiências, em uma abordagem holística (HORST; MILLER, 2012). Horst e Miller (2015) enfatizam que ninguém vive uma vida completamente conectada, e que as mídias digitais só existem dentro de redes analógicas. A valorização do holismo como fundamento indica que, enquanto algumas disciplinas priorizam

indivíduos e fragmentos biográficos, a antropologia focaliza a vida como ela é vivida e toda a teia de fatores relevantes que a acompanha (HORST; MILLER, 2012, p. 4).

Uma relação não pode ser isolada arbitrariamente de todas as outras, e também não é possível que o indivíduo se mantenha aquém ou além do mundo das relações. O meio social não deve ser concebido como um quadro vazio no interior do qual os seres e as coisas podem ser ligados, ou simplesmente justapostos. O meio é inseparável das coisas que nele habitam. Em conjunto constituem um campo de gravitação onde as cargas e as distâncias formam um conjunto coordenado, e onde cada elemento, ao se modificar, provoca a alteração do equilíbrio total do sistema. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 523)

A mesma perspectiva teórica destaca, em seu quarto postulado, o relativismo na cultura digital, já que esta resulta das experiências particulares de cada conjunto social no ambiente on-line (MACHADO, 2017a). Isso quer dizer que a utilização da Internet é sempre uma invenção local de seus usuários, que determinam critérios e práticas aceitáveis (HORST; MILLER, 2012, p. 19). A homogeneidade, portanto, não se aplica. Como ressalta Machado (2017a), as expressões digitais são marcadas pela pluralidade e pela diacronia.

A cultura produzida pela conectividade é ambígua, oferece ganhos e perdas e ocasiona aberturas e fechamentos de mundo, como salienta o quinto princípio da teoria da antropologia digital. Horst e Miller (2012, p. 21) notam que, com frequência, a Internet apresenta novos caminhos e possibilidades libertárias que, pouco tempo depois, aparecem acompanhados de obstáculos e mecanismos de controle. No campo político, por exemplo, a rede facilitou a ocorrência da Primavera Árabe, com a propagação do movimento de revolta popular contra regimes opressores do Oriente Médio e do Norte da África; contudo, permitiu que os governos identificassem os ativistas e os reprimissem (HORST; MILLER, 2012). Os autores lembram ainda que a privacidade é fortemente afetada quando aplicativos e mídias sociais tornam públicos dados do usuário e acabam sendo fontes de informações preciosas para sites e pessoas mal-intencionados. Na família, a facilidade de contato entre os parentes proporcionada pelas tecnologias digitais amplifica as formas de vigilância, sobretudo de pais em relação a filhos, que sentem sua intimidade invadida (MADIANOU; MILLER, 2012). Além disso, a experiência familiar on-line pode fazer do ato comunicativo ora uma obrigação cultural enfadonha, ora uma expressão genuína de sentimentos pessoais (MADIANOU; MILLER, 2012).

Em seu sexto e último postulado, a teoria antropológica aqui descrita destaca a materialidade da dimensão digital. De acordo com Miller e Horst (2015, p. 105), três aspectos merecem ênfase: a materialidade da infraestrutura e da tecnologia digital; a do conteúdo que circula

na rede; e a do contexto que abriga todo esse universo. A cultura digital é substancial e deve ser reconhecida e respeitada: é justamente sua feição material que forma as bases para consensos normativos relativos aos modos de uso particulares das tecnologias (MILLER; HORST, 2015). Dado que o mundo digital não é mais nem menos material do que a realidade precedente, as relações on-line se mostram tão humanas, autênticas e mediadas quanto as off-line (HORST; MILLER, 2012).

Ainda no campo da antropologia digital, a teoria da retenção (*theory of attainment*, na expressão original) reforça o princípio da autenticidade ao afirmar que as tecnologias emergentes estão sempre fortemente conectadas às experiências socioculturais em curso: novos sentidos podem surgir desse elo, mas não uma mudança de essência (MACHADO, 2017a; MILLER; SINANAN, 2014). Embora as novas mídias tendam a suscitar críticas pessimistas quanto à suposta artificialidade do ato comunicativo que proporcionam, o argumento é falho: o digital não tornou os seres humanos mais mediados, simplesmente porque as pessoas não ficaram mais culturais do que antes (HORST; MILLER, 2012). O discurso que hoje minimiza o valor das relações on-line já atingiu a escrita, quando Platão falou sobre ela como um suporte menos autêntico por pretender estabelecer fora da mente o que, na realidade, só poderia estar inscrito na cognição (MILLER; SINANAN, 2014). A migração do registro, segundo o filósofo grego, causava perda qualitativa da criatividade e da memória (MACHADO, 2017a). Atualmente, tal alegação é inválida, pois a escrita é tão ubíqua que quase nunca é lembrada como uma tecnologia (MILLER; SINANAN, 2014).

Opondo-se à ideia de que os indivíduos perderam elementos essenciais do que os faz humanos com a introdução das tecnologias digitais na vida cotidiana, a teoria da retenção entende que os usos culturais das mídias derivam dos desejos de cada grupo que as utiliza (MILLER; SINANAN, 2014). Daí o sentido de precedência. Miller e Sinanan (2014) ressaltam que tais usos, portanto, não são meramente consequências necessárias da invenção dos dispositivos.

Ao estudarem as motivações para a utilização da *webcam* em conversas on-line, os autores descobriram que muitos são atraídos pela possibilidade de se ver durante a interação, já que programas como Skype⁶ mostram o usuário em uma pequena caixa no canto na tela. O anseio pela autoconsciência sobre a própria imagem é histórico e faz parte da condição humana, como fica explícito no mito grego de Narciso e também pela existência de espelhos, fotografias e vídeos

⁶ Software gratuito para troca de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo.

(MILLER; SINANAN, 2014). A diferença é que, para um retrato, geralmente se faz uma pose, ou seja, a imagem resultante é performativa. A *webcam*, aliada a determinados softwares, inaugurou a chance de os sujeitos observarem a si mesmos como aparecem para os outros no curso das trocas diárias. Trata-se de uma visão animada, em tempo real, de um *self* mais natural — com o desenrolar da conversação, a tendência é a diminuição do controle sobre gestos e respostas —, que entra em ação quando se é ator (falante) ou plateia (ouvinte) (MILLER, SINANAN, 2014; GOFFMAN, 1985).

É importante considerar que os usos criativos das tecnologias podem derivar ainda de aspirações sem anterioridade nos grupos sociais — é natural que isso aconteça, à medida que as mídias evoluem e se tornam populares, frisam Miller e Sinanan (2014). Nesse caso, o conceito de retenção ajuda a pensar sobre a capacidade da humanidade de incorporar seu próprio potencial de mudar e se reinventar, e ainda de converter essas mudanças em algo normativo com grande velocidade (MILLER; SINANAN, 2014).

1.2 RELACIONAMENTOS NA *POLYMEDIA*

O fato de as novas tecnologias digitais mudarem a natureza da mediação nos processos interativos faz com que elas tenham potencial para também modificarem as relações interpessoais (BAYM, 2010). Sendo assim, o conceito de *polymedia* (MADIANOU; MILLER, 2012) é fundamental para a compreensão da sociedade moderna a partir da teoria da antropologia digital.

O barateamento das opções de interação oferecidas pelas tecnologias de comunicação inseriu os indivíduos e as comunidades, a exemplo das famílias, em um ambiente *polymedia*, no qual as mídias disponíveis formam um conjunto estruturado (MADIANOU; MILLER, 2012). Cada mídia possui características específicas que dispõem de *affordances* — isto é, restrições e potenciais de uso relacionados a fatores como sincronicidade, mobilidade, alcance, capacidade informacional e de pesquisa, natureza pública ou privada e expressão de emoções —, o que impacta diretamente a sociabilidade dos sujeitos (BAYM, 2010; MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014). Nesse cenário, as escolhas de consumo midiático passam a ser norteadas mais por questões de ordem moral e social do que por fatores econômicos (MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014). Em países como Brasil, ainda que pesem o preço das tecnologias e o acesso a elas — sobretudo entre a população de baixa renda —, essas variáveis não têm protagonismo no processo de decisão comunicacional (MACHADO, 2017b). O letramento

midiático — habilidade de acessar, analisar, avaliar e criar conteúdo em vários contextos (LIVINGSTONE, 2004) — também fica em segundo plano: a teoria da *polymedia* pressupõe que os usuários de mídias têm ao seu alcance uma boa variedade de meios e plataformas, os quais podem ser por eles utilizados com relativa competência (MADIANOU, 2014, p. 670). Dentro dessa atmosfera comunicativa, selecionar uma opção de interação em detrimento de outra é, por si só, parte significativa da mensagem (MADIANOU, 2014). Assim, o termo *polymedia* se refere à estrutura integrada de mídias, na qual cada meio é definido em termos relacionais no todo, e às consequências da liberdade de escolha em um ambiente onde pululam as oportunidades de conexão (MADIANOU; MILLER, 2012; MADIANOU, 2014). Dessa maneira, a ênfase da abordagem teórica reside nas formas como os indivíduos exploram as *affordances* no interior da *polymedia* com vistas ao gerenciamento de suas emoções, seus desejos e seus relacionamentos (MADIANOU, 2014, p. 671).

A variedade dos tipos de interação a serviço dos seres humanos influencia as relações nos agrupamentos humanos ao passo que o aparato tecnológico é moldado socialmente e domesticado por meio do consumo (SILVERSTONE; HIRSCH, 1992). A popularização dos *smartphones*, por exemplo, criou um estilo de vida sempre conectado — o dispositivo alia a portabilidade aos recursos da Internet — e trouxe implicações para os hábitos, as práticas de comunicação e a negociação de relacionamentos entre os membros das famílias (MADIANOU, 2014). Em um estudo etnográfico com mães originárias das Filipinas e imigrantes no Reino Unido que mantinham contato por meio de *smartphones* com seus filhos residentes no país asiático, Madianou (2014) pondera que, embora a *polymedia* possa melhorar as relações familiares, ela também tem suas limitações. Nem sempre é possível solucionar problemas preexistentes, como os decorrentes da separação prologada, e criar laços quando não há qualquer vínculo (MADIANOU, 2014). Por isso, o conceito de *polymedia* é central para análise das relações familiares no contexto atual, uma vez que opera toda sua complexidade de afetos e conflitos presentes nos mundos on-line e off-line.

No escopo da abordagem da antropologia digital, encontra-se ainda a teoria dos relacionamentos mediados na *polymedia* (MADIANOU; MILLER, 2012). A abordagem também parte dos princípios de que todas as relações interpessoais são mediadas por um contexto social e que as tecnologias não adicionaram uma camada de mediação às interações. Além disso, toma a comunicação como um processo holístico e não linear.

Com base no trabalho etnográfico citado acima, feito com famílias transnacionais divididas entre Filipinas e Reino Unido, Madianou e Miller (2012) comparam os relacionamentos familiares a um triângulo. A base da figura corresponde ao aspecto normativo, ou seja, às projeções de como se deseja que alguém aja e às obrigações que se tem para com os outros. O segundo lado representa as evidências reais de como as pessoas se comportam no mundo. E o terceiro simboliza o desvio do quanto os indivíduos, em suas ações rotineiras, diferem de idealizações e padrões esperados.

De acordo com a teoria dos relacionamentos mediados na *polymedia*, as tecnologias de comunicação e as relações humanas constituem umas às outras (MADIANOU; MILLER, 2012). Mídias são capazes de formar, modificar e sustentar conexões afetivas porque fornecem ferramentas para o gerenciamento de emoções complexas e a negociação de ambivalências, destacam Madianou e Miller (2012, p. 147). As interações na *polymedia* são uma maneira não só de conhecer as pessoas como elas de fato são, mas também de tentar resolver as discrepâncias entre a dimensão real e a normativa dos relacionamentos, uma vez que possibilitam aos sujeitos deixar claras suas preferências e expectativas (MADIANOU; MILLER, 2012).

Quando a distância impede a copresença, a tangibilidade da Internet ajuda a construir a ligação entre os indivíduos. Nesse sentido, estar em um ambiente *polymedia* importa para as famílias, porque a grande oferta de opções de comunicação permite a escolha de um meio ou a combinação de vários deles (a fim de que um supere as limitações do outro) para a melhor demonstração de sentimentos e a administração de tensões (MADIANOU; MILLER, 2012, p. 147).

Quanto à manutenção dos relacionamentos, a mediação tecnológica pode constituir a distância ideal para o desenvolvimento de relações puras, que se baseiam em uma aspiração de igualdade e se perpetuam graças às recompensas que proporcionam (GIDDENS, 1991 apud MADIANOU; MILLER, 2012, p. 145). Madianou e Miller (2012, p. 146) observam que, devido às dissonâncias entre o aspecto normativo e a experiência real do parentesco, a *polymedia* se apresenta, para algumas famílias, como fonte de equilíbrio entre autonomia e apoio emocional de que os parentes necessitam. Segundo os autores, nesses casos, os relacionamentos mediados pelas tecnologias de comunicação suplantam a necessidade de convivência presencial, uma vez que são vistos como mais satisfatórios por dar aos indivíduos a chance de focar apenas no que eles mais apreciam uns nos outros.

Um aspecto importante sobre a interação mediada é que ela tem potencial para acelerar a idealização e o amor, mas também pode exacerbar conflitos (MADIANOU; MILLER, 2012, p.

148), o que evidencia o aspecto dialético da cultura digital (HORST; MILLER, 2012). Isso se deve ao fato de o ambiente *polymedia* ampliar as emoções. Segundo Madianou e Miller (2012, p. 148), antes de os membros das famílias terem à disposição uma gama de meios para se relacionarem, os confrontos na comunicação on-line se davam, sobretudo, por causa de ambiguidades originadas na incapacidade de o meio escolhido expressar a exata intenção interativa — por exemplo, pela falta de pistas discursivas, como entonação. Já a *polymedia*, dizem os autores, aproxima o ato comunicativo digital da copresença — isto é, a sensação é semelhante à do contato face a face —, o que faz com que as pessoas sejam confrontadas mais diretamente. Desse modo, a *polymedia* leva os parentes a um embate mais completo e profundo com os problemas de relacionamento que sempre fizeram parte da convivência off-line (MADIANOU; MILLER, 2012, p. 148).

1.3 COMUNICAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Por ocuparem um lugar no dia a dia dos sujeitos, as mídias on-line afetam visões de mundo, comunidades, relacionamentos e identidades individuais e coletivas (BAYM, 2010). Hine (2015) destaca três características da Internet contemporânea: embutida, incorporada e cotidiana. É embutida por estar presente em diversos objetos e dispositivos de ambientes domésticos e profissionais (telefones celulares, computadores, *tablets* e aparelhos televisores, por exemplo), o que permite seu uso em múltiplos contextos e enquadramentos de produção de sentido e ainda afeta as relações das pessoas umas com as outras e com as máquinas (HINE, 2015, p. 32-33). É incorporada por fazer parte dos seres humanos, em vez de representar um ciberespaço transcendente de experiências, o que faz com que as identidades virtuais não necessariamente se separem dos corpos físicos — os modos de ser e agir on-line e off-line não são os mesmos, mas existe uma continuidade entre eles, o que torna ambos autênticos e reais (HINE, 2015, p. 41). Enfim, é cotidiana por participar da rotina dos indivíduos, o que requer uma reflexão sobre os papéis que ela desempenha na vida mundana e as escolhas envolvidas nesse processo (HINE, 2015, p. 46).

As mídias digitais proporcionam uma sensação de copresença (MADIANOU; MILLER, 2012), ou seja, de compartilhamento de espaço físico, seja porque a Internet é embutida, incorporada e cotidiana, ou porque recursos visuais, como chamadas de vídeo, transmitem realismo. Madianou e Miller (2012, p. 101) afirmam que, em uma situação de contínua copresença, assume-se que um relacionamento é moldado quase que inteiramente pela experiência e pelo

conhecimento que uma pessoa tem da outra. A separação de parentes causada pela distância geográfica, ao impedir a copresença constante, prejudica a aquisição de saberes sobre o outro, fazendo com que a relação seja baseada apenas no aspecto normativo do parentesco, isto é, em projeções e expectativas de comportamentos, ressaltam os autores. No entanto, as mídias digitais, ao facilitar a comunicação entre os membros das famílias — com a possibilidade de contato diário, várias vezes por dia e por diferentes plataformas —, aproxima esses indivíduos, permitindo que eles se conheçam mais. A revelação, no ambiente on-line, de aspectos até então desconhecidos sobre a personalidade dos demais pode fazer aflorar afetos e conflitos na intimidade familiar, e o parentesco, então, passa a ser vivido plenamente, entre sua estrutura formal e a realidade da experiência. Como demonstrado por Lawler (2001) e Ferguson (2012), emoções positivas e negativas estão diretamente associadas à construção e à desconstrução de relações interpessoais, ou seja, à natureza flexível e instável dos elos entre parentes (Sahlins, 2013).

Madianou e Miller (2012) destacam que a reflexão sobre o entrelaçamento dos meios de comunicação com a sociabilidade deve passar por parâmetros culturais, pois relacionamentos são parte de um conjunto de práticas dadas em uma determinada tradição. Não apenas as diferenças técnicas entre uma mídia e outra importam, mas também o tipo de socialidade que é valorizada no grupo e como as tecnologias podem ser usadas para facilitar as formas de interação (MADIANOU; MILLER, 2012, p. 130). Mídias e sociedade são mutualmente moldadas, já que as consequências das tecnologias sobre os indivíduos e seus relacionamentos interpessoais são geradas pela combinação entre *affordances* e os usos emergentes que as pessoas fazem dessas *affordances* (BAYM, 2010). Para Hine (2009), os efeitos das tecnologias devem ser pensados como qualidades emergentes dependentes de conjuntos particulares de dinâmicas locais, visto que comunidades diferentes se apropriam dos dispositivos de maneiras distintas.

A expressão mídia social chega a ser redundante, na opinião de Miller (2016). Segundo ele, toda mídia é social em algum grau, já que todo tipo de socialidade envolve comunicação. Miller e outros (2016) definem as mídias sociais como um lugar, como outro qualquer, no qual os seres humanos gastam boa parte de seu tempo. Por isso, elas não devem ser vistas separadas da vida comum (MILLER, 2016). Para Van Dijck (2013), mídias sociais não são produtos terminados, mas objetos dinâmicos constituídos em resposta às necessidades de seus usuários e aos objetivos de seus proprietários, mas também em relação às plataformas concorrentes e à infraestrutura econômica e tecnológica na qual estão inseridas.

Em uma análise dos sites de redes sociais, Miller (2012) destaca o quanto eles se aproximam das tradições no que concerne às relações sociais ali estabelecidas. Se, nos estudos de parentesco, os indivíduos são vistos como nós em um conjunto de ligações, o mesmo pode ser dito sobre as redes on-line, afirma o autor. Isso explica a grande aceitação das mídias sociais ao redor do mundo: seu principal impacto é corrigir possíveis efeitos isoladores das novas tecnologias de comunicação ao proporcionar formas intensas de entrelaçamento interpessoal (MILLER, 2012, p. 148).

O que é novo sobre essas plataformas é que elas criam uma escala de sociabilidade com diversas gradações entre o privado e o público: devido a *affordances*, ou seja, às suas propriedades, as mídias sociais oferecem opções variadas de interação com um, poucos ou muitos indivíduos, o que amplia as possibilidades ofertadas pelas mídias tradicionais (MILLER, 2016). A sociabilidade escalável pode ser verificada dentro de uma plataforma ou na comparação entre várias delas, no contexto do ambiente *polymedia* (MILLER et al, 2016). Por exemplo: o Twitter⁷, em geral, é mais público do que o WhatsApp, mas é possível tornar a conta privada no site e enviar mensagens diretas apenas para uma ou mais pessoas. O WhatsApp, por ser um serviço de mensagens, é mais privado do que o Twitter; porém, as conversas podem acontecer em grandes grupos⁸, com indivíduos desconhecidos.

Além disso, é comum a associação de uma mídia social a um conjunto de interlocutores e a uma atividade de comunicação específica. Um estudo etnográfico com estudantes adolescentes na Inglaterra mostrou que, nessa comunidade, o Facebook serve para interagir com família, vizinhos e colegas, enquanto o Snapchat⁹ fica reservado a um seletivo grupo de amigos bastante íntimos e confiáveis, já que é o lugar onde são postadas fotos do tipo *selfie* consideradas feias e que não devem ser compartilhadas fora dali (MILLER et al, 2016). Esses mesmos jovens, com idades entre 11 e 18 anos, acessam o Twitter com o intuito principal de fazer piadas e obter divertimento, o que os difere dos adultos, que enxergam na plataforma uma fonte de informação, como notam Miller e outros (2016). Entre famílias de origem filipina, alguns sites de redes sociais são utilizados para manter um contato mais formal com parentes — o que inclui publicar

⁷ Mídia social na qual os usuários podem compartilhar atualizações denominadas “tuites” (do inglês *tweet*) com, no máximo, 280 caracteres. Além de textos, é possível publicar fotos e vídeos. A partir do momento em que um usuário passa a seguir outros perfis, ele começa a visualizar, em tempo real, na página inicial da plataforma, o conteúdo postado por essas contas.

⁸ Cada grupo no WhatsApp pode ter até 256 participantes.

⁹ Aplicativo que permite o compartilhamento de fotos e vídeos com a rede de contatos. É caracterizado pelo uso de recursos imagéticos como filtros (efeitos sobre imagens) divertidos. O usuário que publica um conteúdo pode programar o tempo pelo qual o material ficará disponível para visualização pelos demais.

fotografias de eventos familiares como casamentos e aniversários —, ao mesmo tempo que outros dão vazão a uma comunicação mais informal (MILLER, 2012, p. 154). Uma vez que as mídias sociais são instrumentos da *polymedia*, as pessoas têm responsabilidade moral sobre a escolha de um meio para determinada interação, aspecto este que ressocializa o uso das tecnologias em vez de dar a elas uma característica meramente individualista e fragmentadora (MILLER, 2012).

No complexo de favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro, o Facebook é uma ferramenta utilizada pelos moradores para divulgar a luta por reconhecimento social e os valores da vida comunitária (MACHADO, 2017b). Já em um povoado pobre da região metropolitana de Salvador, no estado da Bahia, a mesma mídia social dá vazão a publicações de fotos pessoais, sem restrições de privacidade, com a intenção de evidenciar princípios morais, crenças religiosas e a prosperidade alcançada por meio do consumo (SPYER, 2018). Por conta dessa diversidade, Miller e outros (2016) defendem que o conteúdo que circula nas mídias sociais, as razões pelas quais as pessoas as utilizam e as consequências dos usos são mais importantes do que as plataformas em si. Não existe uma Internet, mas várias delas, porque cada grupo cria sua própria rede ao adotar modos de uso culturais particulares dos dispositivos sociotécnicos (HINE, 2015; MACHADO, 2017b; MILLER et al, 2016).

1.4 ON-LINE E OFF-LINE NAS INTERAÇÕES FAMILIARES

Dado que o espaço digital, na contemporaneidade, configura um lugar como qualquer outro, onde se passa um tempo considerável e se vive verdadeiramente, as relações familiares adentraram o universo on-line, ambiente no qual existem em conexão com o mundo físico. No cenário *polymedia*, as famílias se comunicam por diversas plataformas, utilizadas pelos sujeitos de formas variadas — no WhatsApp, por exemplo, os relacionamentos podem se dar em conversas individuais ou em grupos (MILLER, 2016) — e com objetivos distintos — como aumentar a coesão familiar (BAYM, 2010, p. 49).

Como aponta Geertz (2008), quanto mais se observa o banal, mais se consegue captar dados reveladores sobre uma cultura. Uma vez que a comunicação familiar on-line passou a fazer parte do dia a dia dos indivíduos, examiná-la em sua complexidade, com suas várias dimensões e formas de expressão, ganha relevância científica. Autor de um trabalho etnográfico que explorou o uso das mídias sociais na vida cotidiana dos habitantes do estado indiano de Tamil Nadu, Venkatraman

(2017) afirma que o estudo do parentesco e da comunicação nos relacionamentos dentro dessas plataformas é o reflexo de uma sociedade muito maior.

Se o parentesco é parcialmente instituído pelo comportamento, as tecnologias têm participação na construção, na manutenção, na modificação e na diluição dos relacionamentos à medida que impactam as atitudes (MILLER; SINANAN, 2014). Como lembram Miller e outros (2016), as consequências dos usos das mídias sociais dentro e fora do mundo digital, o conteúdo circulante e as motivações de uso são o que realmente importa sobre as plataformas. Entidades familiares são comunidades, como tantas outras, que criam sua “própria” Internet ao empregar a rede com razões e finalidades particulares.

Na Índia, Venkatraman (2017) observou que as famílias optam por mídias sociais com mais privacidade, preferencialmente o WhatsApp, para a comunicação entre parentes íntimos unidos por laços fortes. Já o Facebook, com caráter mais público, figura como uma plataforma performativa, na qual os sujeitos exibem fotos de momentos felizes em família para pessoas fora do círculo familiar (VENKATRAMAN, 2017). No entanto, quando se considera a família extensa, o Facebook serve como um mecanismo de busca de parentes com os quais não se mantém contato há tempos. A procura se desenrola quase como um passatempo, segundo Venkatraman (2017). Em geral, a localização de um perfil dá início a uma interação pelo site e, à medida que as conversas evoluem, elas migram para o WhatsApp (VENKATRAMAN, 2017, p. 125).

Em seu trabalho de campo, Venkatraman (2017) notou ainda que o Facebook é a plataforma em que eventos e rituais familiares mais têm expressão. Nascimentos, aniversários, casamentos e mortes na família se tornam mais visíveis nessa mídia social, devido às altas taxas de resposta em forma de comentários e curtidas¹⁰.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os conteúdos fabricados e compartilhados por parentes nas mídias sociais funcionam como memórias mediadas para a família no cenário contemporâneo. Por memórias mediadas, entendem-se as atividades e os objetos produzidos e apropriados por meio de tecnologias midiáticas, com o objetivo de criar e recriar um senso de passado, presente e futuro do indivíduo em relação a si mesmo e aos outros (VAN DIJCK, 2007, p. 25). Ao refletir sobre vídeos caseiros feitos na intimidade familiar, com registros da vida cotidiana e de rituais como

¹⁰ No Facebook, “Curtir” — sinônimo de gostar, na linguagem coloquial — é uma das reações possíveis às publicações. Um usuário curte um conteúdo quando clica no botão que contém a representação de um dedo polegar em riste, gesto que significa positividade em algumas culturas, como a brasileira.

festas de aniversário e cerimônias de formatura, Van Djick (2007) avalia que esses construtos sociotécnicos são objetos de memória que sofrem transformações a cada vez que são revistos. Isso ocorre porque eles são construídos não apenas no momento de sua confecção, mas também quando são revisitados e editados pelo cérebro, que lhes atribui novos sentidos. Memórias mediadas são, portanto, produtos do momento presente (VAN DIJCK, 2007, p. 26).

Segundo Van Djick (2007), na era digital, as lembranças de família são propensas a constantes revisões, uma vez que as memórias mediadas moldam e alimentam as recordações dos indivíduos e, ao mesmo tempo, se encaixam nas projeções mentais referentes à entidade familiar. Dessa maneira, as memórias de família são estruturas complexas e dinâmicas, que evoluem em conjunto com códigos e convenções socialmente estabelecidos e com as tecnologias de mídia (VAN DIJCK, 2007, p. 106) — aqui, além dos vídeos caseiros, incluem-se os conteúdos circulantes em plataformas na Internet. Embora os rastros de memória existentes nas mídias sociais evoquem, muitas vezes, apenas idealizações da família, eles ainda têm grande relevância para a formação e o gerenciamento da identidade familiar expressa nos mundos on-line e off-line, dado que as lembranças são projeções e reconstruções codeterminadas por meios de mediação mentais, tecnológicos e culturais (VAN DIJCK, 2007, p. 106).

1.5 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET: METODOLOGIA E QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Presencial ou on-line, a comunicação familiar é multifacetada e, por isso, precisa ser compreendida em sua complexidade. Daí a importância da dimensão interpretativa na investigação do fenômeno (CAUGHLIN et al, 2011). Caughlin e outros (2011, p. 704) citam um exemplo: em certos casos em que filhos adolescentes omitem informações dos pais, estes consideram o fato como a ocultação de um segredo, enquanto aqueles veem como uma medida para manter a privacidade. Sutilezas como essas só podem ser apreendidas pelo pesquisador quando se toma por finalidade a descrição densa, nos termos de Geertz (2008). Em outras palavras, trata-se de analisar a cultura — isto é, teias de sentidos produzidos pelos homens — em busca de significados. Tal esforço intelectual é a principal característica da etnografia (GEERTZ, 2008), que aparece como uma escolha metodológica apropriada e promissora para o estudo das relações familiares mediadas dentro e fora do ambiente digital, como propõe o presente trabalho.

Dentro da pesquisa qualitativa, a etnografia se destaca como um modelo de análise cultural empregado em diversas disciplinas, sobretudo na antropologia. Na subdisciplina da antropologia digital, enquanto proposta metodológica, não é diferente. Desde os primeiros tratados científicos de etnografia, surgidos entre o fim do século XIX e o início do século XX, o método já se mostrava útil para antropólogos que desejavam compreender a vida dos indivíduos pertencentes a um determinado grupo (GOLDENBERG, 2004). Com técnicas de pesquisa que possibilitam observar diretamente a cultura nativa e coletar informações, o etnógrafo tem como ofício reunir dados e interpretá-los (GOLDENBERG, 2004).

A defesa do lugar da interpretação no fazer etnográfico ganhou força na década de 1970 (GOLDENBERG, 2004, p. 23), contribuindo para o desenvolvimento da epistemologia qualitativa como alternativa à sociologia positivista. Clifford Geertz, um dos principais nomes da antropologia interpretativa, classifica a etnografia como uma “descrição densa” apresentada em um texto resultante da interpretação do pesquisador sobre as interpretações que os nativos produzem de suas próprias experiências (GOLDENBERG, 2004, p. 23).

Geertz (2008) define a cultura como um sistema de linguagem substanciado por um conjunto complexo de teias de significados tecidas pelos seres humanos. A análise dela — a etnografia, portanto — é uma ciência interpretativa em busca desses significados, e não um empreendimento experimental à procura de leis definitivas (GEERTZ, 2008, p. 4). Para o autor, “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, manter um diário” (GEERTZ, 2008, p. 4), mas o que realmente caracteriza o método é o esforço intelectual para elaborar uma “descrição densa”, na qual se interpretam as estruturas significantes por meio das quais os comportamentos são produzidos, percebidos e compreendidos em determinado contexto.

Logo, para Geertz (2008), os dados do etnógrafo são construções criadas a partir de construções dos atores sociais observados — por isso, de segunda ou terceira mão, já que só um nativo pode fazer uma interpretação de primeira mão de sua cultura. Tal ponto de vista situa a etnografia no campo das experiências pessoais, pois o relato final do pesquisador é o produto das relações que ele estabelece com os pesquisados — mais do que informantes, eles são interlocutores do etnógrafo, cujo papel é articular vozes. É nessa matéria que a antropologia interpretativa avança quando comparada ao funcionalismo de Bronislaw Malinowski: o objetivo da primeira não é viver e sentir o mundo como um nativo a fim de entendê-lo, tal qual a segunda corrente, mas conversar

com os “estranhos” para interpretar signos e descrever o contexto (ou seja, a cultura na qual eles vivem) de maneira densa e inteligível (GEERTZ, 2008; GOLDENBERG, 2004).

Sendo o texto etnográfico uma narração polifônica coordenada pelo etnógrafo, ele representa um ponto de vista, jamais uma verdade absoluta (GEERTZ, 2008; MACHADO, 2017b). Tal fato, embora suscite críticas positivistas em relação ao valor científico do relato, não deve ser visto de forma pessimista (CLIFFORD, 1986). Pelo contrário: segundo Clifford (1986, p. 25), a atividade textual híbrida trata do reconhecimento de que ninguém pode ou deve escrever sobre outros como objetos, mas como sujeitos, e de que a etnografia parcial e complexa conduz a formas mais sutis de redigir e ler, bem como a novas concepções de cultura como interativa e histórica.

Inicialmente delineada em estudos dependentes de um lugar físico e do contato face a face, a etnografia também pode ser orientada para a Internet, dada a natureza adaptável do método e a possibilidade de aplicar no espaço digital o que deu certo em outros ambientes (HINE, 2015). Miller e Slater (2000) ressaltam que as vantagens de se utilizar a abordagem etnográfica em estudos que envolvem o universo on-line são muitas, visto que se pode investigar como as tecnologias são compreendidas e assimiladas por um grupo em particular e, conseqüentemente, tirar uma série de conclusões tanto sobre a Internet quanto sobre a comunidade em questão.

A etnografia para a Internet preconiza a ideia de que o digital está inserido nos espaços sociais e nas relações mundanas da vida cotidiana, de maneira que apartar o ambiente dito cibernético dos demais não cabe em tal perspectiva teórico-metodológica (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000). Miller e Slater (2000, p. 4) sublinham que as mídias digitais oferecem meios de interação e modos de representação realísticos o suficiente para tornar a experiência imersiva para os usuários e recrutar respostas reais — e não virtuais ou simuladas — deles. Como explicitado anteriormente, a teoria da antropologia digital (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a) defende a autenticidade das relações mediadas pelas novas tecnologias e a análise da experiência humana a partir do emaranhado de fatores que a constitui. Ao apostar na abordagem holística e valorizar a não separação dos mundos on-line e off-line, a etnografia para a Internet possibilita a observação das conseqüências dos usos das mídias sociais para as famílias em ambas as esferas — como lembram Miller e outros (2016), esses efeitos, o conteúdo circulante e as motivações de uso são o que realmente importa sobre as plataformas.

Se, por um lado, a abordagem etnográfica para a Internet traz esse aspecto inovador, por outro, ela é tradicional ao conservar a defesa da imersão do etnógrafo no campo (HINE, 2015;

MILLER; SLATER, 2000). Miller e Slater (2000, p. 21) afirmam que o engajamento em longo prazo do pesquisador é o que proporciona o vínculo com os interlocutores e providencia meios para a apropriada articulação dos fatores que formam a vida dos sujeitos estudados. Hine (2015, p. 19) corrobora essa visão ao afirmar que a etnografia se diferencia de outros métodos de pesquisa justamente por valorizar o envolvimento do etnógrafo no processo completo de se empenhar no campo, reunir dados e interpretar resultados. De acordo com a autora, o papel do pesquisador que opta pela etnografia é mergulhar no ambiente estudado, pois só assim é possível ter entendimento de como o conjunto dos aspectos observados faz sentido para os nativos. O resultado disso é a obtenção de um relato rico e plural (HINE, 2015, p. 55).

Partindo do mesmo princípio adotado por Geertz (2008), de que a etnografia é uma forma de conhecimento baseada na imersão em uma cultura, Hine (2015) propõe uma mudança de foco, do “estar presente no local” à “experiência construída de múltiplas formas”. Apesar da ausência do território geográfico, a Internet não impede que o etnógrafo estabeleça relação de proximidade com seus interlocutores, visto que a sensação de copresença pode se dar pela via presencial, pela interação mediada ou pela combinação dos dois (HINE, 2015, p. 23).

Ao defender a ampliação do olhar para a descrição densa, Hine (2015) reforça a tese de que restringir a análise cultural ao mundo on-line não dá conta da complexidade humana, pois estamos presentes dentro e fora do ambiente digital. A etnografia é um método exploratório e, por isso, as fronteiras do estudo não devem ser previamente referenciadas (HINE, 2015, p. 59): o campo não é uma unidade delimitada, mas uma construção — daí a chance de ser multissituado. O pluricentrismo abre caminho para que os indivíduos sejam examinados como seres híbridos, constituídos de diferenças: ou seja, em vez de os pesquisados estarem localizados espacialmente, eles passam a ser focalizados em padrões de circulação e articulação (HINE, 2015, p. 64). A fim de obter um relato consistente, o etnógrafo deve estar alerta aos diversos elementos da cultura que podem ser interconectados, o que inclui explorar as relações que partem do on-line para o off-line e vice-versa (HINE, 2015).

Na abordagem para a Internet, a flexibilidade característica da etnografia permite que as técnicas de pesquisa sejam construídas da forma mais apropriada conforme as condições encontradas no campo digital, o que leva a mais descobertas (HINE, 2015). Goldenberg (2004, p. 53) lembra que, na metodologia qualitativa, não há regras nem passos precisos a serem seguidos,

e que o bom resultado depende da sensibilidade e da intuição do pesquisador, que goza de liberdade para improvisar meios de encontrar respostas para suas questões de pesquisa.

Estratégias etnográficas podem ser utilizadas para a análise de imagens, fotografias e vídeos que fazem parte de uma cultura. A etnografia visual visa examinar essas formas de representação e captar os sentidos por trás delas (PINK, 2001). Trata-se de uma abordagem especialmente útil quando se considera o ambiente digital, onde abundam também *emojis*¹¹, *memes*¹², *GIFs*¹³ e figurinhas¹⁴ nos diálogos entre parentes. As imagens podem servir ainda para estreitar o relacionamento entre etnógrafo e interlocutor, sobretudo quando sujeitos pesquisados recorrem a elas com a intenção de introduzir determinados assuntos e construir suas narrativas, afirma Pink (2001). Um exemplo disso é que pais enlutados geralmente usam fotografias para dar informações sobre as identidades pessoais de seus filhos mortos; ao mesmo tempo, a relação desses progenitores com as fotos revela que elas, muitas vezes, se tornam um objeto de conversação interna com a pessoa falecida (PINK, 2001, p. 72).

Referências visuais são textos culturais interpretados de diferentes formas por diferentes indivíduos; por isso, analisar esses materiais não é simplesmente uma questão de observar seu conteúdo, mas de compreender como e por que produtores e visualizadores distintos lhes atribuem significados variados (PINK, 2001, p. 95). A significância é moldada pelo contexto estabelecido durante a produção e a circulação das imagens, frisa Pink (2001). Figuras, fotografias e vídeos podem ser pensados como ícones usados para representar ou se referir a pessoas, atividades e emoções que não necessariamente fazem parte, de maneira óbvia ou direta, do seu conteúdo visível (PINK, 2001). Daí a necessidade de se avaliar o contexto e relacionar os textos visuais a outros discursos, verbais ou não verbais, para invocar seus sentidos, tal qual propõe o ofício etnográfico. Contextualizar a informação, diz Pink (2001), é providenciar conhecimento sobre ações, indivíduos e objetos representados no teor das imagens e sobre aspectos reveladores de uma cultura. Além

¹¹ Segundo o Cambridge Dictionary, disponibilizado na Internet pela Cambridge University Press, *emoji* é uma imagem digital utilizada em mensagens na comunicação eletrônica a fim de expressar uma ideia particular ou um sentimento.

¹² Ainda de acordo com o Cambridge Dictionary, *memes* são ideias, imagens, vídeos ou outros tipos de representação que se disseminam e ganham popularidade rapidamente na Internet. Em geral, têm relação com o humor. Um exemplo de *meme* é a combinação de uma frase com um desenho ou uma foto para ironizar alguma situação.

¹³ Abreviatura para *Graphic Interchange Format*. É um tipo de arquivo eletrônico que contém uma imagem estática ou em movimento, informa o Cambridge Dictionary on-line.

¹⁴ Tradução do inglês *sticker*. No WhatsApp, figurinhas são desenhos estáticos diferentes de *emojis* que podem ser enviados pelos usuários nas conversas. O recurso está disponível desde 2018 na plataforma. É possível criar figurinhas próprias e utilizar os itens do acervo contido no aplicativo.

disso, essa estratégia assegura a representatividade das imagens, isto é, valida-as como peças importantes para a etnografia.

Os usos e as definições que as pessoas dão ao conteúdo e à forma de fotos, figuras e vídeos unem-nas a ideologias, visões de mundo, histórias e identidades particulares (PINK, 2001, p. 100). Cada significado tem valor etnográfico. Dessa forma, a etnografia visual deve focar na análise do teor das imagens, do contexto que as envolve e dos significados que diferentes indivíduos investem nelas em enquadramentos diversos (PINK, 2001). De acordo com Pink (2001), a maneira como os interlocutores recorrem às referências visuais para construir suas narrativas também deve ser levada em conta pelo etnógrafo, cuja tarefa é explorar a relação entre o imagético e outras formas de conhecimento. As conexões construídas pelo pesquisador entre e sobre as imagens e outros materiais visuais e verbais, incluindo notas de campo, são a chave para a produção do trabalho acadêmico (PINK, 2001, p. 105). Na mesma linha de Geertz (2008), a autora entende que os significados que o antropólogo atribui às representações imagéticas são sínteses derivadas das interpretações de primeira mão feitas pelos nativos. Como a etnografia é um método adaptável e muitas de suas técnicas são construídas no campo, a análise das imagens pelo etnógrafo pode ser feita por meio da criação de categorias ou de forma mais intuitiva, conforme o que for mais vantajoso diante das condições encontradas, defende Pink (2001).

1.6 PESQUISA QUALITATIVA E O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Nesta pesquisa, adota-se o princípio de que o conhecimento provém da experiência e da apreensão da realidade somadas à análise e à interpretação do pesquisador — é uma construção construtiva-interpretativa (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 31) em vez de algo pronto e dado. Dessa forma, não há verdades oniscientes, apenas pontos de vista (MORIN, 1994, p. 433). Entende-se que a produção do conhecimento envolve escolhas, avaliações e estabelecimento de critérios realizados pelo ser humano e, existindo intencionalidade, a neutralidade se revela um mito (CHIZZOTTI, 2003; MADUREIRA; BRANCO, 2001). Vieses, uma vez inevitáveis, são aceitos, mas os caminhos percorridos e as decisões tomadas em uma investigação precisam ser explicados e justificados, para que os passos dados e os resultados obtidos possam ser acompanhados (VASCONCELOS, 2013, p. 99).

Tal perspectiva se alinha ao paradigma da complexidade, que, por sua vez, tem afinidade com a abordagem etnográfica no contexto da antropologia digital, devido ao reconhecimento da

importância do holismo (HORST; MILLER, 2012). Teorizada por Edgar Morin, a complexidade se funda na ideia de que todos os fenômenos estão interligados por ações, interações e retroações articuladas em uma conjuntura social, econômica e política (BÖING; CREPALDI; MORÉ, 2009; VASCONCELOS, 2013). Ela situa o conhecimento em um tempo e um local, ao passo que busca a contextualização (MORIN, 1994), e legitima a subjetividade como representação do pensamento científico (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 29). Isso porque um dos princípios da complexidade é o da interação e da implicação do pesquisador, que enfatiza que a análise de um fenômeno “depende sempre da perspectiva do observador” (VASCONCELOS, 2013, p. 63). Assim, as incertezas e as limitações são admitidas, pois o conhecimento acerca dos fenômenos complexos implica desconhecimento parcial (VASCONCELOS, 2013, p. 63). Para Morin (1994), a certeza pregada pelo paradigma da simplicidade é apenas uma falsa certeza. Dessa forma, é preciso aprender a viver com a dúvida em vez de evitá-la: o pensamento complexo, ao assumi-la, se une à aventura incerta que caracteriza a humanidade desde seu nascimento (MORIN, 1994, p. 440).

Na epistemologia qualitativa, a subjetividade se mostra um elemento essencial para a compreensão dos fenômenos psicossociais (GONZÁLEZ REY, 2005). Definida como “um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 37), a subjetividade é desenvolvida individual e socialmente de forma simultânea e não linear, pois o sujeito, ao mesmo tempo que constitui a sociedade, se constitui nela. A importância da subjetividade na pesquisa qualitativa reside no fato de ela influenciar as diversas experiências humanas e permitir a articulação de conteúdos, bem como a contextualização: como ressalta González Rey (2005, p. 40), “o estudo da subjetividade exige entrar nas formas mais complexas de expressão do sujeito e avançar na construção do conhecimento por vias indiretas e/ou implícitas em nosso objeto de estudo”.

Reconhece-se, assim, a importância da subjetividade, da sensibilidade, do autoconhecimento, da interação e da singularidade no processo de produção do conhecimento, o que aproxima este trabalho da ideologia romântica. Duarte (2004, p. 9) destaca que, dentro das ciências humanas, o romantismo marca a opção pelo holismo, ou seja, pela interpretação da unidade/totalidade (em vez da ênfase nas partes e na fragmentação). Em oposição ao postulado universalista e objetivista, o ideário romântico também exalta a diferença e as propriedades específicas dos entes, privilegia a experiência (DUARTE, 2004, p. 10-11) e valoriza a compreensão como método de produção do conhecimento (DUARTE, 2004, p. 12).

Experiência, singularidade e compreensão são pilares da epistemologia qualitativa e da ideologia romântica que estão intrinsecamente relacionados, sobretudo no método etnográfico. A desvinculação dos referenciais positivistas leva ao entendimento, nesta pesquisa, de que o conhecimento é uma construção entre o holismo e as particularidades: no estudo de questões delimitadas e locais, faz-se necessário ter em conta que uma determinada realidade está sempre inserida em uma estrutura social, política, econômica e histórica (CHIZZOTTI, 2003).

1.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Seguindo os preceitos das perspectivas teórica, metodológica e epistemológica expostas, o método etnográfico foi o escolhido para o estudo das relações familiares mediadas de que trata este trabalho. O uso da etnografia na investigação pode trazer algumas preocupações para o etnógrafo. Em um mundo impregnado pela Internet e onde todos os indivíduos vivem a experiência de integrar uma família — não só pela universalidade dessa organização social (LÉVI-STRAUSS, 1980), mas por ela não se restringir mais a fronteiras demarcadas pela biologia e pelo direito (KOERNER; FITZPATRICK, 2002) —, como estranhar uma realidade tão natural? De acordo com Velho (1997, p. 126), “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido”.

O trabalho deve ser orientado pela consciência de que, dentro de uma mesma sociedade, existem descontinuidades entre a realidade do pesquisador e a de seus interlocutores, de modo que o estranhamento, o não reconhecimento e o choque cultural se tornam possíveis (VELHO, 1997, p. 127). O fato de o etnógrafo estar familiarizado com uma situação do cotidiano não o torna conhecedor do ponto de vista ou da visão de mundo dos diferentes atores sociais que compõem o cenário, tampouco das regras e dos significados que estão por trás das interações e dos comportamentos (VELHO, 1997, p. 127). Velho (1997, p. 133), então, ressalta a importância da interpretação no processo etnográfico, bem como da dimensão de subjetividade a ela vinculada: “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”.

O estudo do familiar, dentro e fora do ambiente on-line, oferece ao antropólogo a vantagem de enxergar a realidade com um olhar mais apurado, em busca de complexidades, e também de rever e enriquecer os resultados das pesquisas, visto que a interpretação, nesses casos, é

constantemente testada e contestada por pessoas que têm alguma proximidade com o tema pesquisado (VELHO, 1997). Assim, trabalhos etnográficos sobre o trivial, como a comunicação entre parentes, são relevantes “para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas” (VELHO, 1997, p. 134).

1.7.1 Questionário on-line

Com o objetivo de fazer uma aproximação do objeto de estudo e dar o primeiro passo em direção à compreensão das características da comunicação entre parentes no universo on-line, a etapa inicial desta pesquisa consistiu na elaboração de um questionário quantitativo para distribuição pela Internet (Apêndice A), com amostragem do tipo bola de neve. O uso desse instrumento de coleta de dados serviu para angariar informações preliminares sobre os modelos de interação mais recorrentes entre membros de uma mesma família no ambiente digital e sobre as percepções de parentesco e entidade familiar no senso comum. Assim, foi possível conhecer distintos pontos de vista sobre situações do cotidiano e proceder ao estranhamento do trivial.

Sobre a integração entre pesquisa quantitativa e qualitativa, Goldenberg (2004, p. 62) afirma que tal combinação permite ao pesquisador “ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou alguma situação particular”. Quando métodos distintos são utilizados de forma complementar, e não oposta, de maneira que o alcance de um contrabalance os limites do outro, a estratégia denota criatividade para explorar todos os caminhos possíveis e enriquece o relato final (GOLDENBERG, 2004). Como já citado, a flexibilidade é uma das características da etnografia. O emprego de técnicas quantitativas dentro de estudos pensados a partir da epistemologia qualitativa requer cuidado para que os dados estatísticos não sejam analisados como mais neutros e possuidores de maior rigor científico (GOLDENBERG, 2004).

No caso da análise da comunicação familiar mediada de que trata esta pesquisa, com a limitação do número de sujeitos — e, portanto, famílias — estudados no trabalho de campo com imersão, enquetes na Internet ajudam a obter dados provenientes de uma amostra maior. Ainda que a representatividade dos resultados em estudos qualitativos, como os etnográficos, se dê pela descrição densa dos fenômenos observados a partir de situações exemplares — e não pela expressividade numérica —, tal estratégia é interessante por possibilitar enxergar o problema de diferentes ângulos (GOLDENBERG, 2004, p. 50). Sendo assim, questionários on-line podem se

mostrar de grande valia. Machado (2017b) recorreu a técnicas quantitativas do tipo *survey* em sua etnografia nas favelas do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho para obter elementos relativos aos dispositivos mais usados pela população local para acessar a Internet, à frequência de acesso à rede, às mídias sociais mais populares e às atividades mais corriqueiras no ambiente digital.

O questionário, intitulado “Relações familiares nas redes sociais”, ficou disponível para acesso na Internet entre 28 de dezembro de 2018 e 8 de fevereiro de 2019 e recebeu 201 respostas no período. A divulgação partiu do WhatsApp, em conversas individuais e em grupos; do Facebook e do LinkedIn¹⁵. A elaboração das perguntas e das opções de múltipla escolha pela pesquisadora foi inspirada por experiências pessoais e por informações levantadas informalmente, ao longo de 2018, com amigos, colegas acadêmicos e alunos de graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante estágio docência nas aulas da disciplina “Etnografias e culturas digitais”. O processo de construção do instrumento de coleta de dados destaca a importância da subjetividade neste projeto de pesquisa.

Os critérios para participação no levantamento eram ter mais de 16 anos de idade e interagir com familiares pela Internet. Todos os voluntários que concordaram em responder ao formulário autorizaram a divulgação científica dos resultados, com garantia de sigilo da identidade, em obediência aos princípios éticos dispostos na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Dos 201 respondentes, 83,1% (167) declararam ser do gênero feminino e 16,9% (34), do masculino. A maior parte deles (78,1%) afirmou residir no estado do Rio de Janeiro. Quatro disseram morar fora do Brasil: os países citados foram Peru, Portugal, Estados Unidos e Austrália. Quanto à faixa etária, eles se dividiram assim: 54,2% com idade entre 25 e 34 anos; 15,9%, entre 35 e 44 anos; 14,4%, entre 16 e 24; 11,9%, entre 45 e 59; e 3,5%, 60 anos ou mais.

1.7.2 Triagem dos interlocutores

O formulário também visava ao estabelecimento de um primeiro contato com voluntários que quisessem participar das etapas qualitativas do trabalho. Cinquenta e uma pessoas (25,3%) manifestaram vontade de seguir participando do estudo. Para a triagem dos interlocutores, aquelas que informaram residir no Rio de Janeiro foram contatadas por correio eletrônico ou aplicativos de

¹⁵ Mídia social cujo objetivo é possibilitar conexões profissionais.

mensagens, após o encerramento das respostas ao questionário on-line, com um convite para as fases posteriores da pesquisa. O recorte geográfico foi feito com a intenção de facilitar encontros presenciais nas entrevistas em profundidade.

Inicialmente, a intenção era estudar dois grupos familiares de conformações distintas. Então, foi pedido àqueles que receberam o convite que o estendessem a seus parentes, para que, a partir das famílias que o aceitassem, fossem selecionadas duas participantes. No entanto, a grande maioria dos respondentes do formulário não retornou o contato. Uma pessoa assinalou que dois membros de sua família demonstraram interesse de participar das etapas qualitativas. Contudo, quando lhes foram enviados mais detalhes sobre o trabalho e o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), apenas um aceitou ser voluntário. A baixa taxa de resposta levou a uma mudança de rumo no desenho da pesquisa, de maneira que a melhor saída foi ampliar as opções na triagem e selecionar cerca de dez indivíduos, de idades variadas, que não necessariamente fossem parentes e concordassem em compartilhar informações sobre suas relações familiares dentro e fora do ambiente digital.

Os critérios fixados para a escolha dos sujeitos pesquisados foram a maioria e a existência de relacionamento com parentes via Internet. Sem rigidez, como demandam a epistemologia qualitativa e a complexidade, trabalhou-se com as seguintes faixas etárias, considerando que elas eram representativas de diferentes momentos de vida: 18 a 25 anos, 26 a 33 anos, 34 a 41 anos, 42 a 49 anos, 50 a 57 anos, 58 a 65 anos, 66 a 73 anos e 74 anos ou mais. A triagem buscou equilibrar o número de voluntários pertencentes a cada um desses intervalos de idades, com vistas à diversificação de perfis e ao enriquecimento da análise etnográfica.

Com a alteração no desenho do trabalho¹⁶, a divulgação da pesquisa em redes sociais presenciais e na Internet foi o recurso utilizado na busca de possíveis voluntários. Ao fim da triagem, ocorrida nos meses de junho e julho de 2019, um grupo de onze indivíduos foi formado. Desses, cinco estavam entre os respondentes do questionário on-line que manifestaram vontade de seguir participando do estudo. Dois não colaboraram na fase quantitativa e aceitaram o convite para a etapa qualitativa após contato direto da pesquisadora. Três foram indicados por outros sujeitos pesquisados, e um, recomendado por uma pessoa que não fez parte do estudo. Resultou

¹⁶ Todos os procedimentos metodológicos usados nesta pesquisa foram avaliados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Anexo A).

que, do total de voluntários, dois pertencem a um núcleo familiar; três fazem parte de uma família estendida; e dois são membros de outra família estendida. Os demais não são parentes.

A cada indivíduo, foi solicitado, na primeira entrevista, o preenchimento de uma ficha com dados sociodemográficos (Apêndice C), para que fosse construído um perfil do grupo (Quadro 1). Todos residem na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Cabe sublinhar que a amostra de sujeitos selecionada representa a maior diversificação possível de perfis dentro do quantitativo de pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa. Ainda assim, ela tem limitações — o que não é visto como problema em estudos de natureza qualitativa, pois entende-se que vieses são inevitáveis e, portanto, admitidos, desde que explicitados e justificados (VASCONCELOS, 2013). Não há, por exemplo, nenhum indivíduo negro nem participantes homossexuais. Tampouco foi possível equiparar o número de interlocutores de ambos os sexos. Em termos de escolaridade, dez dos 11 voluntários têm ensino superior. Como todos esses fatores moldam visões de mundo, faz-se importante salientá-los para tê-los em conta na análise dos dados provenientes do campo.

Quadro 1 – Perfil dos interlocutores

Sexo	Idade	Ocupação	Etnia	Escolaridade	Religião	Renda familiar
M	24	Analista de marketing	Parda	Pós-graduação completa	Protestante	De 2 a 4 salários mínimos
F	25	Jornalista	Branca	Ensino superior completo	Espírita não praticante	De 2 a 4 salários mínimos
F	31	Jornalista	Parda	Ensino superior completo	Protestante não praticante	De 10 a 20 salários mínimos
F	33	Jornalista	Branca	Ensino superior completo	Ateia	De 2 a 4 salários mínimos
F	40	Psicóloga	Branca	Pós-graduação completa	Católica não praticante	De 10 a 20 salários mínimos
F	43	Jornalista	Branca	Pós-graduação completa	Católica	De 10 a 20 salários mínimos
F	49	Psicóloga e pastora evangélica	Branca	Ensino superior completo	Protestante	De 10 a 20 salários mínimos
M	57	Gerente de tesouraria	Branca	Ensino superior incompleto	Espírita não praticante	De 10 a 20 salários mínimos
F	61	Jornalista	Branca	Ensino superior completo	Católica	De 4 a 10 salários mínimos
F	63	Professora de Educação Física	Branca	Ensino superior completo	Ateia	De 4 a 10 salários mínimos
F	84	Aposentada	Branca	Ensino médio completo	Espírita kardecista	De 2 a 4 salários mínimos

F: feminino; M: masculino; fonte: Autora (2020).

A ficha de dados sociodemográficos também serviu para uma primeira coleta de dados sobre a cultura digital dos voluntários. Todos informaram ser usuários de *smartphones*. Outros dispositivos eletrônicos com acesso à Internet usufruídos pelos interlocutores são televisão, computador (*desktop* ou *notebook*) e *tablet* — esses três aparelhos foram citados, mas os usos variam de pessoa para pessoa. Quanto às mídias sociais utilizadas, WhatsApp, Facebook e Instagram fazem parte da rotina de todos os participantes da fase qualitativa desta pesquisa. O Twitter foi mencionado pelas jornalistas de 31, 33, 43 e 61 anos. A psicóloga e pastora evangélica de 49 anos é usuária de Messenger, enquanto a jornalista de 25 anos mantém uma conta no YouTube. O LinkedIn é acessado pela psicóloga de 40 anos e pela jornalista de 33, que também tem um perfil no Pinterest¹⁷.

Perguntados sobre a quantidade de horas gastas diariamente na Internet, os voluntários tiveram dificuldade para mensurar a navegação na rede. Há dois fatores implicados: um é que o uso do digital está inserido no cotidiano e ocorre de maneira fragmentada ao longo da jornada, de modo que os indivíduos acabam não tendo uma ideia precisa do tempo empregado na atividade; e outro se refere ao fato de a Internet ser utilizada no dia a dia tanto para trabalho quanto para vida pessoal — às vezes, ambos os interesses são tratados concomitantemente. A interlocutora que informou passar menos tempo na Internet foi a aposentada de 84 anos: uma a duas horas por dia. O gerente de tesouraria de 57 anos e a professora de Educação Física de 63 disseram navegar na rede por três horas diariamente. A jornalista de 31 anos afirmou que gasta de quatro a cinco horas por dia na Internet. Cinco horas também foi o notado pela jornalista de 61 anos. A jornalista de 25 anos contou sete horas; a psicóloga de 40 anos e a jornalista de 43, oito horas; e o analista de marketing de 24 anos, nove horas. As participantes do estudo que utilizam a Internet por mais tempo são a jornalista de 33 anos — dez horas por dia — e a psicóloga e pastora evangélica de 49 anos, que chega a ficar quase 12 horas navegando pelo ambiente digital, executando tarefas profissionais e cuidando de interesses pessoais: “Sou viciada”, sentenciou ela.

1.7.3 Entrevistas em profundidade

Neste estudo, optou-se por fazer duas entrevistas em profundidade e semiestruturadas com cada voluntário. Tal decisão teve três objetivos: ampliar o contato presencial com os sujeitos

¹⁷ Rede social digital para compartilhamento de imagens. O objetivo é fornecer aos usuários um acervo que os inspire para a realização de outras atividades.

pesquisados, em um trabalho de campo de tempo reduzido; dividir os assuntos a serem abordados e evitar que as entrevistas se tornassem demasiadamente longas; e permitir a repercussão, com os interlocutores, de interações com parentes enviadas à pesquisadora na etapa de amostragem de experiência, que será detalhada a seguir.

As conversas foram individuais, presenciais e realizadas ou na residência dos indivíduos ou em restaurantes, de acordo com a preferência e a disponibilidade dos voluntários — alguns, por exemplo, aproveitaram o intervalo para almoço durante o expediente de trabalho para atender a pesquisadora. A duração de cada encontro variou entre uma e duas horas. Todos os interlocutores se mostraram interessados pelo tema do estudo e contentes por participar da pesquisa. Além disso, ficaram à vontade com as perguntas e não se negaram a responder a nenhuma questão, ainda que os assuntos abordados fossem de foro íntimo. Produziram-se registros em áudio e em anotações.

Cabe logo salientar que a aposentada de 84 anos desistiu de participar da pesquisa cinco dias após a primeira entrevista. No caso dela, notou-se um mínimo desconforto e cansaço durante o encontro com a pesquisadora, devido à quantidade de perguntas e a duração da conversa, que foi concluída em uma hora e seis minutos. Percebeu-se também certa preocupação da voluntária com a própria capacidade de contribuir para as etapas posteriores do estudo — provavelmente, por questões ligadas ao letramento midiático requerido para o cumprimento das atividades propostas. A comunicação da desistência foi feita por e-mail enviado pela filha da participante da pesquisa, e o uso dos dados coletados até então foi autorizado pela interlocutora.

A rodada inicial de entrevistas aconteceu entre 8 de julho e 7 de agosto de 2019. Foram abordadas duas grandes temáticas: (i) vivências e representações de família e (ii) comunicação familiar no ambiente digital (Apêndice D). Nesse contato, os interlocutores preencheram a ficha de dados sociodemográficos e assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado conforme as exigências do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (Conep).

Considerando que a conversa requereu acesso à intimidade emocional dos sujeitos pesquisados e que a dimensão terapêutica da narração pode trazer sofrimento à tona (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 105), o método empregado obedeceu às normas da Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), a fim de proteger os voluntários. Duas pessoas, durante a entrevista, choraram ao rememorar fatos do relacionamento com seus parentes. Informadas de que tinham direito a interromper a sessão e não responder a quaisquer perguntas, ambas afirmaram querer continuar o diálogo.

As entrevistas foram elaboradas majoritariamente com perguntas abertas, para que os indivíduos pudessem produzir um relato o mais livre possível sobre suas relações familiares dentro e fora do mundo digital. Questões descritivas e com pedidos de opiniões ou exemplos também foram incluídas.

Sabe-se que a interação entrevistado-entrevistador pode restringir a espontaneidade do participante da pesquisa (BERGER, 2015; SILVERMAN, 2009). Por isso, houve a preocupação da pesquisadora em ser proprioceptiva, isto é, consciente dos movimentos, das intenções e dos resultados de seus próprios pensamentos (BOHM, 2005, p. 143). Tal estado de atenção é essencial para o controle de julgamentos — e, conseqüentemente, a demonstração dessas reações.

A segunda rodada de entrevistas, com dez interlocutores, concentrou-se nas implicações das interações on-line entre parentes com o convívio deles na esfera física (Apêndice E). As conversas aconteceram entre 3 de setembro e 15 de outubro de 2019, depois que os dados das primeiras entrevistas e da observação participante baseada na amostragem de experiência foram analisados. Portanto, nesses encontros, também foram aprofundadas questões abordadas no contato prévio com cada voluntário, bem como comentadas as interações com os familiares examinadas.

1.7.4 Observação participante das interações on-line

Durante o trabalho de campo, a observação participante da comunicação familiar on-line dos entrevistados foi realizada de três maneiras. Tal etapa da pesquisa, cujo objetivo é captar o “sentido das coisas” (HAGUETTE, 1995, p. 67), contemplou experiências atuais à época e ocorridas no passado recente. A primeira circunstância correspondeu à visualização de publicações públicas em mídias sociais — portanto, sem acesso restrito. É importante ressaltar que alguns voluntários faziam parte da rede social presencial e digital da pesquisadora antes do início do estudo. Nesses casos, foi possível acessar a uma maior quantidade de conteúdo presente nas mídias, mas a análise de publicações com restrições de privacidade foi discutida com cada um dos interlocutores. A pesquisadora decidiu não enviar pedidos de conexão nas mídias sociais àqueles sujeitos pesquisados que não faziam parte de sua rede, para não provocar sensação de intimidade invadida. Optou-se por deixar esses indivíduos à vontade: caso quisessem, naturalmente, conectar seus perfis ao da pesquisadora, o elo na Internet seria estabelecido, o que não ocorreu com nenhum deles.

Sempre que permitido pelos participantes da investigação, durante as entrevistas, foi feito o acompanhamento da comunicação familiar on-line desenvolvida em modo privado em sites de redes sociais e aplicativos de mensagens. Na maior parte das vezes, os voluntários mostraram as interações à pesquisadora espontaneamente. Em outras ocasiões, solicitou-se a eles tal gesto.

Sobre as limitações da observação participante em determinadas situações — caso deste estudo, por conta das questões de privacidade e, concomitantemente, éticas que envolvem o acesso às trocas familiares —, Hine (2015, p. 19) faz ponderações interessantes. A autora destaca que, mesmo quando aspectos práticos impedem a participação plena, a imersão do etnógrafo no ambiente permite que ele aprenda observando em grande proximidade e teste suas interpretações com as pessoas envolvidas. Para ela, “estar lá” possibilita uma experiência incorporada no campo e protege contra a dependência de narrativas de segunda mão demasiadamente simplificadas.

Tendo isso em conta, entre a primeira e a segunda rodada de entrevistas, este trabalho utilizou um procedimento de investigação baseado no Método de Amostragem da Experiência (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014), a fim de reunir registros que exemplificassem as relações típicas dos sujeitos pesquisados com membros de suas famílias na cultura digital. Segundo Larson e Csikszentmihalyi (2014), o objetivo de tal método é obter relatos que constituam uma amostra representativa de momentos da vida dos indivíduos estudados. Tradicionalmente, as pessoas recebem um dispositivo eletrônico do tipo *pager*¹⁸ e o carregam consigo por uma semana. Quando o objeto emite um sinal, em horários aleatórios ao longo dos dias, elas devem completar um questionário para informar a atividade que estão desempenhando naquele instante, com quem estão, onde se encontram e seu estado subjetivo (emoções, motivações e percepções sobre a situação). As informações fornecidas formam um banco de dados sobre experiências cotidianas da comunidade observada (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014, p. 23).

A principal vantagem do Método de Amostragem da Experiência é a obtenção de referências imediatas dos participantes da pesquisa sobre suas vivências, o que permite o acesso ao público e ao privado e a compreensão de como contextos e situações afetam a experiência subjetiva dos indivíduos independentemente da reconstrução dos fatos pela memória (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014). Ainda que o método apresente limitações, como a possibilidade de os sujeitos pesquisados deixarem de remeter alguns relatos ao pesquisador (por esquecimento

¹⁸ No Brasil, também é conhecido como bipe, em referência ao som emitido pelo aparelho quando do recebimento de uma mensagem.

ou outras razões diversas) e omitirem informações, seu uso já se provou confiável e útil para o entendimento da rotina de indivíduos e grupos (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014).

Neste estudo etnográfico, durante sete dias — de 8 a 14 de agosto de 2019 —, foi pedido aos interlocutores que enviassem à pesquisadora *screenshots*¹⁹ de mensagens, áudios e vídeos que eles considerassem representativos da típica comunicação familiar on-line. Diariamente, entre 18h e 19h, os dez indivíduos que participaram dessa etapa do estudo receberam um lembrete por WhatsApp — canal escolhido por eles na primeira entrevista — para o compartilhamento das interações. Junto, havia um link para preenchimento da ficha de amostragem de experiência, isto é, um breve questionário sobre o momento em que ocorreu o contato mediado com os parentes e os sentimentos envolvidos na ação (Apêndice F). Todos foram informados de que as solicitações para envio dos materiais poderiam ser atendidas imediatamente ou quando fosse mais conveniente.

A taxa de respostas ficou em torno de 85%, o que resultou em um agrupamento consistente de amostras dos atos comunicativos mediados por novas tecnologias entre os sujeitos pesquisados e seus familiares. Em um dia da amostragem de experiência, duas voluntárias pertencentes à mesma família sinalizaram que não havia material para compartilhar com a pesquisadora, pois não tinham interagido com os parentes pelas plataformas digitais. Por conta de uma viagem, a psicóloga de 40 anos participou dessa fase do estudo em apenas dois dias.

Também vale ressaltar neste trabalho etnográfico que, logo no primeiro dia da amostragem de experiência, a pesquisadora soube que um parente de três voluntários membros de uma mesma família falecera na semana anterior. Em respeito a esses interlocutores, eles foram perguntados se o recebimento dos lembretes por WhatsApp seria incômodo naquele momento da vida familiar. Duas pessoas afirmaram que não havia impedimento para participação na fase do estudo, enquanto uma não respondeu, o que foi entendido como um indício de que um período de silêncio era necessário. Após três dias, este voluntário, o gerente de tesouraria de 57 anos, retomou espontaneamente o contato e iniciou, a partir dali, o envio dos exemplos de interações com a família no ambiente digital, bem como o preenchimento da ficha de amostragem de experiência.

Todas as amostras da comunicação familiar on-line compartilhadas pelos interlocutores com a pesquisadora se referem a trocas sociais ocorridas por meio do WhatsApp, o que demonstra a prevalência do uso dessa plataforma nas interações com os membros da família. Cabe destacar ainda que a etapa de amostragem de experiência foi de suma importância para o fortalecimento das

¹⁹ Imagem de captura de tela produzida por dispositivos tecnológicos digitais.

relações entre voluntários e a investigadora. Certo dia em que o lembrete aos participantes do estudo foi enviado alguns minutos além do horário habitual, o gerente de tesouraria de 57 anos se antecipou e mandou a mensagem “Hoje não veio lembrete” para a pesquisadora, o que denota o engajamento dele no trabalho. No último dia da amostragem de experiência, a jornalista de 61 anos comentou: “Acho que vou sentir falta. KKK. Já estava rolando um (sic) certa intimidade familiar!!!”. E no dia seguinte ao término dessa fase de coleta de dados, no mesmo horário em que a pesquisadora costumava enviar os lembretes por WhatsApp aos interlocutores, a psicóloga e pastora evangélica de 49 anos compartilhou mais um exemplo da comunicação com os parentes mediada pela Internet, junto com a frase “Terminou?”. Ou seja: ainda que a observação participante em estudos etnográficos sobre a cultura digital não ocorra presencialmente, as novas tecnologias oferecem recursos para suprir a falta do contato face a face e possibilitar a proximidade do pesquisador com os interlocutores graças à sensação de copresença. Como ressalta Hine (2015), trata-se de uma mudança de atitude no campo, com a passagem do foco no território geográfico para a valorização da experiência multissituada.

1.7.5 Análise e interpretação de dados

A interpretação assume lugar de protagonismo em pesquisas qualitativas com forte caráter interativo (CHIZZOTTI, 2003). Na interação entre pesquisador e interlocutores, assimilam-se os imprevistos do sistema de comunicação humana, o contexto e as relações entre os sujeitos que intervêm na pesquisa — todos esses fatores significativos para a produção de conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 34-35). O exame dos indicadores empíricos a partir de uma base teórica é que faz com que eles adquiram significação (MADUREIRA; BRANCO, 2001, p. 69). Costura-se, assim, a interdependência entre teoria e prática (CHIZZOTTI, 2003, p. 228).

A teoria da antropologia digital (HORST; MILLER, 2012), aqui já apresentada, coordenou o conjunto teórico interdisciplinar que suportou a interpretação dos dados coletados durante este estudo. Ressalta-se que a condução das entrevistas levou em conta que os relatos dos participantes são repertórios de narrativas e exibições de perspectivas, e não informações que podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas (SILVERMAN, 2009). Portanto, as análises não pretenderam descobrir a verdade da atitude ou do sentimento dos pesquisados, mas como eles articulam seus discursos (SILVERMAN, 2009).

Neste trabalho, os enunciados dos interlocutores foram tomados como textos inseridos em contextos, ou seja, práticas sociais com “papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade” (PINTO, 1999, p. 24). Os elementos implícitos e explícitos que compõem a complexidade dos relacionamentos familiares dentro e fora da Internet foram examinados à luz de teorias provenientes dos campos da antropologia, da sociologia, da psicologia e da comunicação; e a contextualização tratou de correlacioná-los considerando que discursos, sociedade e cultura não podem ser separados (PINTO, 1999). Como lembra Pinto (1999, p. 44), a quantidade de variáveis em jogo em fenômenos de comunicação é imensa. É da articulação delas com as forças sociais, históricas e culturais feita pelo etnógrafo no processo de análise e interpretação de dados que surge a descrição densa.

Um roteiro previamente elaborado (Apêndice G) ajudou a direcionar o olhar da pesquisadora para aspectos interessantes de serem notados na observação participante da comunicação familiar que foi objeto deste estudo. Contudo, tomou-se cuidado para que o guia não tolhesse a sensibilidade no trabalho de campo e impedisse a atribuição de valor a questões não antevistas que dali emergissem.

A produção de diários de campo e conversas com os pares deram suporte à reflexão holística sobre a pesquisa, essencial para a análise e a interpretação dos dados em projetos etnográficos. Tais procedimentos também serviram ao exercício da reflexividade, como meio de monitorar a tensão entre distanciamento e envolvimento — da pesquisadora em relação ao tema investigado — e de aumentar o rigor e a ética do trabalho (BERGER, 2015). Ao visitar seu diário de campo, o pesquisador encontra evidências para a produção de sentido e o entendimento sobre uma cultura, uma situação social ou um fenômeno (EMERSON; FRETZ; SHAW, 2011), o que auxilia o processo da descrição densa.

2 A COMUNICAÇÃO COMO CONSTITUINTE DAS RELAÇÕES FAMILIARES: AS CARACTERÍSTICAS DAS INTERAÇÕES ON-LINE

Compreender a dinâmica de comunicação entre membros de uma mesma família no universo on-line requer o entendimento dos significados que esse conjunto social carrega. Famílias são encontradas em todo o mundo, em todos os tipos de agrupamentos humanos, embora elas não derivem de uma lei natural que exija sua universalidade nem sejam necessárias à estabilidade e à durabilidade das sociedades (LÉVI-STRAUSS, 1980).

Ao refletir sobre o digital e os relacionamentos interpessoais dentro das famílias, é crucial ter em conta que os modelos contemporâneos dessa organização social vêm passando por transformações e sendo diversificados, de maneira que o formato nuclear tradicional, composto por um homem e uma mulher unidos pelo casamento com seus filhos biológicos, não é mais hegemônico (FONSECA, 2004). Fatores como a elevação dos índices de separação e divórcio²⁰, a recente redução do número de casamentos²¹ — embora eles estejam aumentando entre casais do mesmo sexo²² —, a proteção da união estável pela legislação²³, a maior facilidade de acesso a métodos anticoncepcionais, a participação feminina no mercado de trabalho e o reconhecimento do direito dos homossexuais à adoção²⁴ deram origem a uma gama de arranjos familiares possíveis.

²⁰ No Brasil, em 2017, foram registrados 373.216 divórcios concedidos em primeira instância ou por escrituras extrajudiciais, de acordo com a pesquisa Estatísticas do Registro Civil, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O crescimento do número foi de 8,32% em relação a 2016, quando o total de divórcios foi de 344.526, e de 9,38% em relação a 2014 (341.181 divórcios), primeiro ano em que o IBGE deixou de registrar o número de separações judiciais para tomar nota apenas dos divórcios. A mudança ocorreu devido à queda do número de separações verificada em anos anteriores, em virtude da Emenda Constitucional número 66, de 13 de julho de 2010, que permitiu a dissolução dos casamentos diretamente pelo divórcio, sem a necessidade de trâmites de separação das partes antes do rompimento definitivo do vínculo conjugal (ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL, 1979-).

²¹ Em 2016, o IBGE contabilizou 1.095.535 casamentos civis no Brasil, número 3,7% menor do que o visto em 2015. Em 2017, os registros somaram 1.070.376, menos 2,3% do que em 2016 (ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL, 1979-).

²² O ano de 2013 foi o primeiro em que o IBGE passou a revelar informações sobre casamentos entre pessoas do mesmo sexo nas Estatísticas do Registro Civil. O registro se deve à Resolução 175, de 14 de maio de 2013, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que possibilitou a celebração do casamento civil gay. Naquele ano, houve 3.701 casamentos entre cônjuges do mesmo sexo — 0,35% do total de casamentos. Em 2017, o número chegou a 5.887 — 0,5% do total de uniões civis —, o que representou aumento de 10% em relação a 2016 e de 59% em relação a 2013 (ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL, 1979-).

²³ A Constituição Federal de 1998 reconhece a união estável entre homem e mulher como entidade familiar no parágrafo terceiro do artigo 226, que, por sua vez, é regulado pela lei 9.278 de 10 de maio de 1996 (BRASIL, 1988). O reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar ocorreu em 5 de maio de 2011, em julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF) da Ação Direta de Inconstitucionalidade 4277 (ADI 4277) e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 132 (ADPF 132).

²⁴ Não há, no Brasil, uma lei específica que regulamente a adoção por homossexuais. Na esteira do reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, a Justiça vem decidindo a favor de gays que queiram

Um deles é a família tentacular (KEHL, 2013), formada por um casal na experiência do recasamento mais os filhos, frutos de relacionamentos anteriores, que se tornam irmãos não consanguíneos. Entre tantas outras, há ainda as famílias poliafetivas: núcleos familiares únicos fundados pela união estável²⁵ não de um casal, mas de três ou mais pessoas, independentemente do sexo.

Roudinesco (2003) pondera que, apesar das mudanças radicais que poderiam abalar a família — como o declínio da hegemonia da família nuclear moderna, cujo molde tradicional foi estabelecido pela burguesia no século XIX (KEHL, 2013) —, essa organização social está longe de ser dissolvida ou destruída. Nem a legalização do aborto, nem a flexibilidade dos modelos de conjugabilidade afetiva, nem a efemeridade dos casamentos, muito menos a decisão de casais de não ter filhos conduziram a família a um fim apocalíptico, a despeito de previsões pessimistas. As desordens não mitigaram o “desejo de família” demonstrado em todas as pesquisas sociológicas: ela é “amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”, pois é, hoje, “o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar” (ROUDINESCO, 2003, p. 198).

Fonseca (2004) corrobora que a família evoca um conjunto de valores que dá sentido à vida e identidade aos indivíduos. Entre tais valores, destacam-se afeto, felicidade, desenvolvimento pessoal, autorrealização e satisfação emocional. A autora pontua que a família se associa diretamente à organização da vida cotidiana: de acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 40), é por meio da interação contínua com os demais que os sujeitos significam sua existência no dia a dia, dentro do processo de construção social da realidade.

Tais concepções ficam evidentes nos relatos dos interlocutores. O gerente de tesouraria de 57 anos define a família como seu “alicerce” e sua “base”, por quem faria “qualquer negócio”. A palavra base, aliás, foi recorrente no discurso dos voluntários deste estudo de inspiração etnográfica, o que demonstra que a entidade familiar ocupa posição de destaque na vida desses indivíduos: ela funciona como apoio e ponto de partida para a construção de sentidos, tendo, assim, grande impacto sobre a produção de subjetividade e o bem-estar psicossocial.

Nossa, é difícil responder isso (o que a família significa) numa frase. Eu acho que significa muitas coisas. Significa referência, ninho... Vou dar umas palavras-chaves assim:

adotar. No entanto, não existe regra e, portanto, esse tipo de parecer não é obrigatório nos tribunais.

²⁵ O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) proibiu os cartórios brasileiros de fazerem o registro de união estável entre três ou mais pessoas em 26 de junho de 2018 (PONTES, 2018). Pessoas que tiveram a união poliafetiva reconhecida em cartório antes da decisão do CNJ não tiveram o direito anulado.

referência, ninho, alegria, afeto, base, raiz, identidade... Família para mim é isso. Minha família é fonte de alegria, de apoio, é referência... Então assim, às vezes, eu quero fazer uma coisa, tipo assim, uma decisão difícil de tomar... Eu ligo, eu peço opinião... Ou eu penso “O que meu pai faria numa situação como essa? O que meu pai me diria numa situação como essa?”, por exemplo... “O que meus irmãos diriam de mim se eu fizesse isso?”... Nesse sentido que eu falo que família é referência. Quando eu penso em compartilhar as minhas coisas, eu penso na minha família. Se eu tenho uma coisa muito boa, vamos supor, comprei uma casa nova, eu quero compartilhar isso com a família, com essas pessoas. Eu vou chamar para ir a minha casa, eu vou contar a novidade, sabe? A família para mim tem disso. E eu não tenho isso com todos os parentes, que são muitos. (Psicóloga de 40 anos)

(Família) Significa tudo. É minha base. Agora, ultimamente, com esses casos de morte, todo dia tem um... Todo dia não, mas aconteceram vários casos de morte de pessoas mais distantes... A minha tia *tá* com 70 e poucos anos e falou que contabilizou que, nos últimos meses, ela foi a seis enterros. Eu tenho pensado tanto nisso, que eu fico tentando evitar. E eu fico pensando o que será de mim e da gente se um deles, quando um deles, sair fora, sair da jogada. Vai ser foda. Então assim, hoje em dia, minha família, minha prioridade são eles. É com eles que eu quero estar, que quero saber se estão bem. É claro que eu não consigo sempre, mas eles são a minha prioridade. (Jornalista de 43 anos)

As ideias de cuidado, proteção, incentivo e união também dão sentido à entidade familiar. Ao lembrar que o tio a amparou quando foi internada devido a uma doença respiratória e que a tia a acalmou em momentos de desemprego, a jornalista de 25 anos disse que a família “são pessoas com quem eu posso contar em qualquer situação, tanto para comemorar o aniversário quanto quando eu tiver um problema”. O analista de marketing de 24 anos, que também considera a família sua base, falou que os pais são “pau para toda hora” e os irmãos, sempre solícitos para auxiliá-lo quando necessário. A psicóloga e pastora evangélica de 49 anos contou que todos da família ajudam uns aos outros, financeiramente ou com conselhos, quando alguém enfrenta um problema. “Se a gente se aborrecer e vier alguém atacar a gente, vai ajudar também”, disse. Ainda que a pessoa em situação difícil já tenha magoado um parente, não fica desamparada. É o amor incondicional, nas palavras da jornalista de 33 anos.

Eu sou bem ligada à minha família. É um porto seguro, é uma certeza de que eu tenho aquelas pessoas a qualquer momento e circunstância. É você estar amparado mesmo, você saber que tudo bem, você pode ter um momento não tão bom na vida, você pode não estar tão... É alguém que vai te ajudar, que gosta de você, que não vai te sacanear, que não vai te tirar uma oportunidade, que vai tentar te dar todas as oportunidades, toda a base, tudo aquilo que ela puder. Tem um carinho muito forte envolvido. É você saber que ali tem, de fato, um porto seguro mesmo. Eu acho que, *pra* mim, é isso. Nunca pensei tão profundamente. Mas é isso, é saber que aquelas pessoas te amam de uma forma incondicional mesmo. Se minha prima *tá* chata, é porque ela *tá* passando por alguma coisa. “O que a gente faz *pra* te ajudar? Porque você nunca foi assim”... É alguém que conhece você e a sua história de uma forma muito profunda. E que dividiu isso. Principalmente no caso dos meus primos e do meu irmão, obviamente. Isso é muito profundo. Então assim, alguém que vai entender determinadas coisas que talvez um estranho ou alguém que não dividiu isso não vai compreender. (Jornalista de 33 anos)

Pertencimento é outra percepção que a experiência familiar traz aos indivíduos. Para a jornalista de 61 anos, “família é basicamente uma vontade, um pertencimento, uma coisa indescritível, no sentido de, com todas as diferenças, com todas as pinimbas²⁶, é conforto muito grande”. O analista de marketing de 24 anos diz reconhecer seus pais, seus irmãos biológicos, seu irmão adotivo e sua cunhada como família porque são pessoas que estão sempre presentes umas nas vidas das outras. Além de almoçarem juntos aos domingos, eles mantêm um grupo no WhatsApp, e “isso gera pertencimento”.

A professora de Educação Física de 63 anos considera que sua família é formada pela filha, duas sobrinhas, uma irmã e, às vezes, outra irmã. “Tenho amigas que considero irmãs, e irmãs que considero parentes”, afirmou. Para ela, pertencer a esse grupo é algo transitório, que varia conforme a proximidade ou o distanciamento entre as pessoas ao longo da vida. Quando identifica que o outro é “do bem”, empático e interessado nas questões humanitárias, a professora se sente próxima desse alguém. Por isso, recentemente voltou a incluir uma das irmãs no que chama de família, porque, mesmo considerando-a egoísta, tem a visto preocupada com a situação dos mais pobres e o momento político do país.

A distinção entre família e parentes é algo difundido na cultura brasileira, como apontam os dados coletados durante todo o trabalho de campo desta pesquisa. Em resposta ao questionário on-line utilizado na fase quantitativa desta pesquisa, 77,1% dos voluntários disseram que as duas categorias têm significados diferentes. Na etapa qualitativa, a questão foi mais explorada. De forma geral, ambos os termos são usados para nomear pessoas com as quais se tem laços de sangue ou de afetividade. No entanto, com a família, a convivência e a afinidade são mais intensas, existe proximidade, a comunicação ocorre de maneira frequente e o compartilhamento de experiências é a marca das relações. Com os parentes, o contato é esporádico e não há a sensação de que se pode contar com o apoio deles em qualquer situação, como acontece com a família.

Ainda que o aspecto biológico seja o ponto de partida para a definição das fronteiras da entidade familiar dentro da realidade brasileira, ele, sozinho, não dá corpo a esse conjunto, que depende de fatores psicossociais para se estruturar e se manter. No formulário on-line, as respostas dos voluntários à pergunta “Que pessoas você considera sua família?” (Quadro 2) ratificaram a ideia de que limitações não combinam com esse construto social. Nesse item, os participantes da pesquisa podiam marcar quantas opções quisessem, e aquelas que foram mais vezes escolhidas

²⁶ Gíria para implicância, birra.

foram ascendentes e descendentes consanguíneos ou adotivos, independentemente do grau de parentesco (88,1%); irmãos, consanguíneos ou adotivos (72,1%); primos, consanguíneos ou adotivos (66,2%); cônjuge/companheiro(a) (62,7%); e tios, consanguíneos ou adotivos (62,2%).

Tais escolhas sugerem que a definição de parentesco dada pelo Código Civil (Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002) reverbera em parte na sociedade. De acordo com a legislação, nos artigos 1.591 e 1.592, respectivamente, “são parentes em linha reta as pessoas que estão umas para com as outras na relação de ascendentes e descendentes” e também “são parentes em linha colateral ou transversal, até o quarto grau, as pessoas provenientes de um só tronco, sem descenderem uma da outra” (BRASIL, 2002). Irmãos, tios e primos de uma pessoa são parentes dela em linha colateral de segundo, terceiro e quarto graus, nesta ordem, conforme o estabelecido pela lei, que ainda diz que o parentesco é natural ou civil, ou seja, pode resultar da consanguinidade ou outra origem, como adoção ou casamento.

Vale notar que, pelo Código Civil, cônjuges não são parentes, mas cada cônjuge se alia aos parentes do outro pelo vínculo da afinidade. Se um indivíduo se casa ou inicia uma união estável, ele se torna parente dos ascendentes, descendentes e irmãos de seu parceiro ou parceira, de modo que o parentesco por afinidade em relação aos ascendentes e descendentes não se extingue ainda que o casal se separe. Apesar do que afirma a lei, tios, primos e sobrinhos do(a) cônjuge/companheiro(a) também são considerados família por alguns indivíduos (12,4% dos participantes da primeira etapa da pesquisa), bem como irmãos, sobrinhos, tios, primos e demais parentes do(a) ex-cônjuge/companheiro(a) (4,5%). Apenas uma opção oferecida aos voluntários que preencheram o formulário on-line não foi escolhida: pessoas originárias do mesmo país ou região que você.

Cabe destacar que fazer parte desse conjunto social não é algo de exclusividade para os seres humanos dentro das práticas culturais analisadas. Uma respondente do questionário, na faixa etária dos 45 a 59 anos, disse que seus animais de estimação também são sua família. Na entrevista qualitativa, a psicóloga de 40 anos citou seu cachorro como membro do grupo.

Quadro 2 – Resultados para a pergunta “Que pessoas você considera sua família?”

Ascendentes (pais, avós, bisavós, triavós etc.) e descendentes (filhos, netos, bisnetos, trinotos etc.), consanguíneos ou adotivos, independentemente do grau de parentesco	88,1%
Seus irmãos(ãs), consanguíneos ou adotivos	72,1%
Sua madrasta e/ou seu padrasto	23,4%
Seu cônjuge/companheiro(a)	62,7%
Filho(s) de seu cônjuge/companheiro(a), fruto(s) de outros relacionamentos	25,4%
Seus cunhados(as)	43,8%
Seus sogros e/ou seu(s) genro(s) e sua(a) nora(s)	37,3%
Seus tios(as), consanguíneos ou adotivos	62,2%
Seus primos(as), consanguíneos ou adotivos	66,2%
Seus sobrinhos(as), consanguíneos ou adotivos	49,8%
Filho(s) de seus sobrinhos(as), consanguíneos ou adotivos	25,9%
Parentes consanguíneos de qualquer grau	32,3%
Parentes consanguíneos e adotivos de qualquer grau	32,8%
Cônjuges de parentes consanguíneos ou adotivos e os filhos desses cônjuges	22,9%
Parentes consanguíneos ou adotivos de qualquer grau, mas só aqueles com quem você tem convivência ou afinidade	29,4%
Avós e demais ascendentes (bisavós, triavós etc.) do seu cônjuge/companheiro(a)	18,4%
Cônjuge(s)/companheiro(s) de seu(s) neto(s) e dos demais descendentes (bisnetos, trinotos etc.)	12,4%
Neto(s) e demais descendentes (bisnetos, trinotos etc.) do seu cônjuge/companheiro(a)	11,9%
Cônjuge(s)/companheiro(s) de seus avós e demais ascendentes (bisavós, triavós etc.), que não seja(m) pai ou mãe de um de seus ascendentes (pais, avós etc.)	12,4%
Tios(as), primos(as), sobrinhos(as) e demais parentes de seu cônjuge/companheiro(a)	15,4%
Ascendentes (pais, avós, bisavós, triavós etc.) e descendentes (filhos, netos, bisnetos, trinotos etc.) de seu ex-cônjuge	2,5%
Irmãos(ãs), sobrinhos(as), tios(as), primos(as) e demais parentes de seu ex-cônjuge/companheiro(a)	4,5%
Seus amigos (alguns ou todos)	26,4%
Seus vizinhos (alguns ou todos)	2,5%
Pessoas que dividem moradia com você	9%
Pessoas que têm um passado ou uma história em comum com você	7,5%
Pessoas originárias do mesmo país ou região que você	0
Outros: Animais de estimação	0,5%
Outros: minha mãe, meu padrasto e meus tios	0,5%

Fonte: Autora (2019).

Os estudos de parentesco oriundos da antropologia trazem grande contribuição para a interpretação dos dados coletados. Segundo Sarti (1992), enquanto a família é um grupo social concreto, o parentesco é uma abstração constituída que a permeia e a ultrapassa, pois se traduz no elo do qual resulta o conjunto. Sahlins entende o parentesco como uma construção sociocultural que engloba e transpõe a biologia e se explica pela ideia de “mutualidade do ser” (SAHLINS, 2013, p. ix, tradução nossa). Parentes, dessa forma, são pessoas que participam intrinsecamente da

existência umas das outras (SAHLINS, 2013, p. ix), capazes de viver, sentir, sofrer e morrer umas pelas outras, de maneira simbólica e emocional. À medida que levam vidas comuns, esses sujeitos dividem alegrias e tristezas, compartilham experiências, assumem responsabilidades e sentem os efeitos de atos uns dos outros, o que define o caráter intrínseco de suas realidades, frisa o autor.

O que mantém a união do grupo familiar é o pertencimento intersubjetivo. Sahlins (2013) vê as pessoas como microcosmos sociais formados por uma pluralidade de elementos constituintes e, por isso, divisíveis. As partes de um ser humano distribuídas entre os demais permitem que ele participe de outras realidades. Sahlins (2013) explica que vários compõem um, e assim surge a intersubjetividade, que se manifesta em diferentes formas e graus. Logo, parentes são sujeitos copresentes uns nos outros, cujas vidas são unidas e interdependentes: quando um falta ao outro, a sensação é de *self* fraturado e parcial, porque o “eu” de um parente não é individual, mas a soma daqueles que se relacionam pela “mutualidade do ser” — ou seja, as identidades são relacionais (SAHLINS, 2013). O resultado desse sentido participativo é uma solidariedade duradoura entre os seres mútuos, além de sentimentos como amor, amizade e cuidado permanente. Isso pode explicar o receio da morte dos membros da família, como visto no depoimento supracitado da jornalista de 43 anos e como também relata o analista de marketing de 24 anos.

Hoje, eu digo que um dos meus maiores medos não é desemprego, doença, nada disso, mas perder um deles. E eu me preparo para isso em todos os aspectos. Eu me preparo *pro* dia que vou perder um deles porque sei que isso é certo. A gente espera sempre que demore muito, mas tem dias que aperta uma ansiedade, porque vejo que a saúde da minha mãe não é mais a mesma. Meu pai tem uma saúde boa, mas ele é mais gordinho, então vira e mexe reclama que *tá* doendo alguma articulação. É a idade aparecendo, a velhice chegando. E eu fico muito preocupado porque, hoje, eu não *tô* preparado para perder nenhum dos dois, muito embora eu me planeje para isso. Infelizmente, eu tenho que falar assim. Hoje, eu ainda sou parcialmente dependente deles, não só financeiramente ou de estrutura, mas de carinho mesmo. Eu, abaixo de Deus, não vivo sem meus pais. Tanto que não tenho namorada, nada disso, porque, hoje, dedico minha atenção a eles. E, na hora que tiver que acontecer, vai acontecer. Eles são minha base abaixo de Deus. Eu não tenho outra coisa. Quero aproveitar ao máximo. Às vezes, deixo de viver, de fazer minhas coisas para estar com eles. Se eles viajam, vou junto, mesmo tendo coisa para fazer aqui. Porque sei que isso é finito. E, quando acabar, quero ter na minha cabeça que eu aproveitei ao máximo tudo isso que a gente viveu junto. Não ligo para mais nada se eles estão bem, felizes, satisfeitos. E minha mãe é a mesma coisa. Eu tenho a impressão no meu coração de que, no dia que um partir, o outro vai logo em seguida. Porque os dois são muito unha e carne. Às vezes dá um arranca-rabo, mas é aquela coisa que briga e, daqui a cinco minutos, estão se amando de novo. Tenho exemplo melhor do que isso? Não tenho. (Analista de marketing de 24 anos)

O parentesco pode ser estabelecido por procriação, experiências sociais compartilhadas ou a combinação dos dois fatores, considerando que laços de sangue não são irrevogáveis nem

naturais, mas frutos da cultura por serem resultado de uma convenção (SAHLINS, 2013) — ou de um processo social de afinidade que culmina no casamento, como ressalta Lévi-Strauss (1980). Em uma abordagem estruturalista, à qual este trabalho não pretende se fixar, Lévi-Strauss (1963) postula, a partir da análise de uma série de etnografias, que sistemas de parentesco são expressos por duas ordens de realidade bem diferentes. A primeira é o sistema de terminologia, que se refere à nomenclatura utilizada para nomear parentes conforme o relacionamento estabelecido, como “mãe”, “pai” e “filho”. A segunda é o sistema de atitudes, de essência social e psicológica, que designa os comportamentos inscritos nas relações mútuas, pelos quais os indivíduos se sentem vinculados (ou desvinculados) — afeição, respeito, obrigações e hostilidade, por exemplo (LÉVI-STRAUSS, 1963, p. 37). Para o autor, embora a família biológica seja onipresente na sociedade, o que confere caráter sociocultural ao parentesco não é o que ele retém da natureza, mas a maneira como diverge dela. Isso não torna ilegítimo recorrer à interpretação naturalista para compreender o simbolismo, mas reduzir um sistema de parentesco a laços objetivos de descendência ou consanguinidade entre as pessoas é um retrocesso (LÉVI-STRAUSS, 1963).

A existência transcorporal é outra noção que ajuda a pensar sobre o parentesco e as famílias no cenário contemporâneo. Sahlins (2013) defende que, assim como o sangue, memórias e afetos circulam pelo corpo; por isso, quem os compartilha também compartilha corpos. Segundo ele, os materiais biogênicos — sangue, leite materno, sêmen, carne e genes, por exemplo — são metáforas para o que realmente torna as pessoas parentes: o compartilhamento do alimento, da casa, da terra e seus recursos, do trabalho, de histórias de migração ou cooperação, de lembranças e do sofrimento. Para que o elo da reprodução sexual configure, de fato, um vínculo, o sustento, como cuidado parental, é uma extensão pós-natal necessária (SAHLINS, 2013). Como se diz em bom português, “pai é quem cria”, o que demonstra a importância da figura do provedor — de nutrição e de carinho — para o reconhecimento social, cultural e psicológico da paternidade.

Para Sahlins (2013), é raso atribuir o “parentesco real” apenas às relações estabelecidas pela reprodução sexual porque elas são culturalmente variáveis e não interessam aos envolvidos em algumas sociedades. Além disso, os nascimentos são reflexo da ordem cultural de parentesco, e a “mutualidade do ser” abarca a procriação, destaca o autor. O sangue e o esperma do qual uma criança é concebida não são meras substâncias fisiológicas, mas dotações sociais significativas de identidades e potências ancestrais que ligam novos seres humanos a pessoas com as quais os pais são conhecidos por compartilhar tais materiais biogênicos (SAHLINS, 2013). Em resumo, o que

é reproduzido no nascimento é um sistema de relações e categorias que fazem do parentesco um fenômeno performativo; e assim Sahlins (2013, p. 78) conclui que o “parentesco é mais grosso do que o sangue” — em oposição ao dito popular “o sangue é mais grosso do que a água”, que enaltece a força dos laços familiares biológicos.

Estudos antropológicos diversos mostram que irmandade, adoção, amizade e reencarnação também formam parentesco, provando que tudo que é construído genealogicamente pode ser estabelecido sociologicamente, por ações culturais apropriadas (SAHLINS, 2013). As entrevistas feitas neste trabalho reforçam isso. Se tal princípio é notado na prática, as pessoas não precisam ficar restritas a laços de sangue fixos: da mesma maneira que relacionamentos são edificados na vida cotidiana, eles podem ser diluídos caso se tornem insatisfatórios, sublinha Sahlins (2013). A jornalista de 61 anos contou que considera parentes todos os que com ela compartilham algum laço de sangue, exceto um primo, a quem se refere como “desafeto”.

Para Miller (2007), o parentesco é instituído entre duas dimensões: de um lado, a flexibilidade e a diversidade de práticas existentes na vida real das pessoas, e de outro, o aspecto normativo e idealizado da expectativa que elas têm dessas relações. Os indivíduos percebem, na vivência do dia a dia, a falta de rigidez do parentesco, pela possibilidade de construí-lo e desconstruí-lo culturalmente, sobretudo em um contexto de pluralidade de arranjos familiares. Contudo, a natureza formal do convívio e das ligações afetivas entre parentes, ligada às projeções de como uns devem ou não agir com os outros, é enraizada nas sociedades: apesar dos problemas que envolvem a família, sempre espera-se amor e apoio dessa rede humana (MILLER, 2007).

Como Sahlins (2013) pondera, o pertencimento intersubjetivo que dá sentido à “mutualidade do ser” permite que os indivíduos escolham quem querem ter como parentes, mas não como devem se comportar com eles, já que as normas do parentesco se fazem presentes na cultura. Lévi-Strauss (1982, p. 523) nota que “cada relação familiar define um certo conjunto de direitos e de deveres”. A tensão vem da discrepância entre o projetado e o vivido. Assim, a negociação surge como um instrumento de conservadorismo, utilizado para manter claras as expectativas referentes ao parentesco e tentar fazer delas normas relativamente constantes — em nome do equilíbrio dos relacionamentos — dentro das múltiplas formas de se relacionar com os parentes na atualidade (MILLER, 2007).

A interpretação do discurso dos interlocutores desta pesquisa aponta para a seguinte definição de família, que ultrapassa as fronteiras estabelecidas pela biologia e pelo direito: conjunto

de pessoas íntimas que geram uma identidade de grupo e um senso de “lar” e que possuem uma história e um futuro compartilhados por meio de fortes laços de lealdade, emoção e experiência (KOERNER; FITZPATRICK, 2002). Tal acepção indica o motivo pelo qual, apesar de todas as mudanças radicais, as relações familiares mantiveram a centralidade dentro da vida social (FONSECA, 2004). Segundo Ferguson (2012, p. 3), as famílias importam porque elas são importantes para seus membros — e, muitas vezes, para aqueles que foram excluídos delas. Todas as entidades familiares são constituídas de laços afetivos diferentes e constantemente negociados, o que excede formalizações (FERGUSON, 2012). Assim, em vez de adotar limites, é mais útil se debruçar sobre o que cada indivíduo identifica como família, uma vez que os sujeitos reivindicam ou rejeitam laços familiares por razões próprias (FERGUSON, 2012, p. 3).

2.1 *POLYMEDIA* E AS ESCOLHAS MIDIÁTICAS DAS FAMÍLIAS

Uma vez que as famílias não operam sob modelos prescritivos, a comunicação é extremamente importante para esse tipo de organização humana, pois constitui a via para a negociação dos relacionamentos entre parentes. Estudos de comunicação familiar de tradição estado-unidense entendem que, ao organizar e legitimar as relações, como o próprio parentesco, os atos comunicativos se tornam partes constituintes do grupo social (GALVIN; BRAITHWAITE, 2014; KOERNER; FITZPATRICK, 2006b). Dessa forma, a família é formada, negociada, modificada ou dissolvida por meio da interação (BAXTER, 2004; CRAIG, 1999 apud GALVIN; BRAITHWAITE, 2014, p. 97). Todos os comportamentos interativos, verbais e não verbais, entre os membros de uma família podem ser entendidos como comunicação familiar, cujo objetivo é estabelecer papéis, manter regras, cumprir funções, formar expectativas, tomar decisões, sustentar vínculos, acordar significados e administrar conflitos (GALVIN; BRAITHWAITE; BYLUND, 2016; VANGELISTI, 2004 apud KOERNER; FITZPATRICK, 2006b, p. 160).

Como resume Miklos (2010, p. 121), comunicação é vínculo, e a falta dessa conexão germina um vazio: “É no imenso vazio que nasce o desejo de comunicação, de religação com o ‘outro’.”. Os processos comunicativos são responsáveis por desenvolver e sustentar definições de realidade nos relacionamentos (KOERNER; FITZPATRICK, 2002, p. 70): é por meio da interação que laços de afeto, interdependência e comprometimento são pactuados e ajustados e que se dá o gerenciamento da identidade da família (BAXTER; BRAITHWAITE, 2006a apud GALVIN; BRAITHWAITE, 2014).

Para os interlocutores deste estudo, é por meio da comunicação que os parentes se mantêm próximos e garantem uma boa convivência. A interação permite que os membros da família acompanhem as novidades sobre o dia a dia uns dos outros, compartilhem ideias para estabelecer uma relação de confiança entre si e entendam como um indivíduo está se sentindo ou o que está pensando.

Dada a importância dos atos comunicativos, a possibilidade de interagir via tecnologias digitais é vista com grande entusiasmo no cenário contemporâneo. Os compromissos cotidianos e a distância física entre os parentes — provocada por mudança de residência após o casamento ou de cidade por questões de trabalho, por exemplo — acabam diminuindo a frequência do contato presencial. Dessa forma, as mídias sociais cumprem um papel reparador: na ausência de convivência física, o ambiente on-line impede que os membros da família se afastem e se tornem estranhos, graças ao seu potencial para conservar e reforçar vínculos.

A maioria dos sujeitos pesquisados contou que se relaciona com os parentes mais por meios de comunicação do que presencialmente. Com a internet embutida, incorporada e cotidiana (HINE, 2015), as mídias sociais se tornaram o principal canal viabilizador da comunicação familiar, como ficou claro nos relatos dos interlocutores. Três voluntários, membros de uma mesma família, têm parentes que moram em Portugal. Como fazer ligações telefônicas internacionais é caro, o digital transformou o contato entre eles em algo do cotidiano, devido ao baixo custo. Aliás, quando algum familiar vive no exterior, as chamadas de voz e vídeo possibilitadas pela internet são um recurso explorado com mais frequência dentro da comunicação on-line. É o caso também da psicóloga de 40 anos, cuja irmã reside na Austrália.

Se, antes, os telefonemas eram a via mais utilizada como ponte entre familiares distantes fisicamente; a situação, agora, mudou — mesmo considerando chamadas locais, mais baratas do que as de longa distância. A jornalista de 43 anos contou que não possui mais linha de telefone fixo em casa, como tantas outras pessoas. O pagamento da assinatura cobrada pelas operadoras é visto como um gasto que não compensa, já que os *smartphones* podem substituir o telefone convencional. Além disso, enviar uma mensagem pela internet é prático e rápido: essas duas características foram muito citadas pelos entrevistados. A psicóloga de 40 anos disse que não gosta de falar ao celular quando está em viagem no metrô, então prefere se comunicar com algum parente por meio de mensagem escrita enviada pelo WhatsApp a telefonar. Embora o imediatismo na interação, sobretudo quando se usa o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, agrade às

famílias contemporâneas, também é celebrada a possibilidade trazida pelas mídias sociais de responder a um chamado somente quando se tem disponibilidade de tempo — diferentemente de uma ligação telefônica, que exige pronto atendimento.

Apesar do predomínio do digital na comunicação familiar, os telefonemas ainda têm peso nas interações. Como destacado no capítulo anterior, em um ambiente *polymedia*, as escolhas midiáticas se dão, principalmente, por aspectos sociais e morais. A jornalista de 25 anos liga para a mãe, que mora em outro estado, todos os dias; e as conversas, sobre a rotina de cada uma, duram de 20 minutos a uma hora. Dessa forma, detalhes podem ser explorados com tranquilidade. A ligação também serve para “gastar tempo”: “tipo assim, *tô* num deslocamento. Eu acho muito chato ir de um lugar a outro se eu não estiver lendo, se eu não estiver fazendo nada. Aí eu ligo para ela, a gente fica conversando nada. Aí, às vezes, eu falo ‘ah, acabou o assunto, fala aí’. Aí ela ‘fala aí’. A gente pensa alguma coisa e fala”, contou. A jornalista de 31 anos também tem o hábito de falar ao telefone com alguns parentes. Para ela, esse meio de comunicação é o mais indicado para tratar assuntos complicados, justamente porque a troca é obrigatoriamente imediata. Pelas mídias sociais, como as réplicas podem demorar a acontecer, há risco de a compreensão ser prejudicada, completou.

No que diz respeito a aplicativos e plataformas digitais utilizados para interação com a família, o WhatsApp apareceu como franco favorito nos resultados da enquete on-line, sendo usado por 98,5% dos respondentes. Na sequência dos canais nos quais a comunicação familiar se faz presente, vieram Facebook (85,6%), Instagram (62,2%), Messenger (35,8%), e-mail (20,9%), Skype (4,5%), YouTube (3%), Twitter (1%), Snapchat (0,5%) e SMS (0,5%).

Os resultados apontaram ainda que o WhatsApp concentra o maior volume de interações com parentes na grande maioria das famílias brasileiras, como disseram 84,1% dos participantes da fase quantitativa do estudo. O Facebook ocupa esse lugar de protagonismo na realidade de apenas 12,4% dos voluntários. Na etapa qualitativa, viu-se que o WhatsApp é o ambiente digital onde as conversas se desenrolam e, portanto, a comunicação é contínua e encorpada. A predileção por essa plataforma está relacionada ao fato de ela ser considerada prática e de fácil manuseio. A psicóloga e pastora evangélica de 49 anos contou que recebe, de uma irmã, vídeos sobre política pelo Messenger. Às vezes, ela nem assiste ao conteúdo, porque não gosta de usar a ferramenta. No WhatsApp, ela considera simples enviar áudios para interagir com os parentes e prefere fazer isso

a escrever: “Acho mais prático, porque você *tá* lavando uma louça ou fazendo alguma coisa e *tá* ouvindo o áudio. Você *tá* podendo fazer duas coisas ao mesmo tempo”, explicou.

O Facebook e o Instagram também dão espaço ao relacionamento entre membros de uma mesma entidade familiar. Contudo, as trocas ficam mais restritas às curtidas²⁷ nas publicações — no Facebook, o botão “Amei” é outro bastante utilizado — e a alguns poucos comentários que não se aprofundam nos assuntos nem geram interações prolongadas. Trata-se de uma estratégia interativa da qual parentes lançam mão para prestigiar uns aos outros, com a intenção de sinalizar que visualizaram determinado conteúdo e demonstrar apoio e carinho, como será detalhado mais à frente neste trabalho.

Os chamados grupos de família no WhatsApp, que reúnem vários parentes em uma mesma conversa, são apreciados principalmente porque permitem economia de tempo: se alguém quer comunicar algo, consegue, de uma só vez, dar a notícia a várias pessoas. Se não houvesse o grupo, seria preciso enviar a mesma mensagem diversas vezes, de forma privada, a esses mesmos indivíduos. Todos os interlocutores que contribuíram para este estudo na etapa qualitativa fazem parte de um ou mais grupos de família no aplicativo. Ao formulário on-line, mais de três quartos (79,1%) dos voluntários responderam que pertencem a algum grupo de família no WhatsApp. Na maior parte dos casos, a quantidade desses grupos em que um indivíduo está inserido oscila entre um e quatro: 37,1% dos respondentes participam de um grupo; 23,3%, de dois; 17,6%, de três; e 12,6%, de quatro.

Como mostrou a fase quantitativa do presente trabalho, as configurações dos grupos de família no WhatsApp são diversas (Quadro 3), mas as mais recorrentes fazem alusão à família nuclear (pais e filhos) e à família extensa (parentes de vários graus).

Quadro 3 – Resultados para a pergunta “Pensando no(s) seu(s) grupo(s) de família no WhatsApp, quem são os membros de cada grupo? Marque quantas opções quiser, de modo de cada uma represente um grupo.”

Você + cônjuge/companheiro(a) + filhos(as)	15,7%
Você + pai e/ou mãe + irmãos	54,7%
Você + irmãos (só masculino)	1,3%
Você + irmãs (só feminino)	6,9%
Você + irmãos (geral)	10,7%

²⁷ Tanto o Facebook quanto o Instagram apresentam o recurso de “curtir” uma publicação. No Facebook, além de “Curtir”, há as reações “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”. No Instagram, uma foto é curtida quando um coração localizado abaixo dela é clicado ou quando o usuário dá dois cliques sobre a imagem.

Você + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.)	50,3%
Você + cônjuge/companheiro(a) + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.)	12,6%
Você + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.) + cônjuges/companheiros dos seus parentes	21,4%
Você + cônjuge/companheiro(a) + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.) + cônjuges/companheiros dos seus parentes	8,2%
Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes do cônjuge/companheiro(a)	11,9%
Você + parentes do cônjuge/companheiro(a)	2,5%
Você + primos (só masculino)	1,9%
Você + primas (só feminino)	6,3%
Você + primos (geral)	9,4%
Você + sobrinhos(as) ou tios(as)	4,4%
Você + cônjuge/companheiro(a) + irmãos + cunhados(as)	1,9%
Você + irmãos + cunhados(as)	3,1%
Você + cunhados(as)	1,9%
Você + pessoas que dividem moradia com você	3,1%
Você + amigos	13,2%
Você + vizinhos	1,9%
Você + parentes + vizinhos	0
Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes + vizinhos	1,3%
Você + parentes + amigos	1,9%
Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes + amigos	3,1%
Outros	5,4%

Fonte: Autora (2019).

Nas entrevistas, foi possível compreender que é comum a formação de diferentes grupos familiares conforme o grau de afinidade dos envolvidos na interação. A psicóloga e pastora evangélica de 49 anos é membra de um grupo no qual estão seus irmãos, seu marido, sua filha e seus sobrinhos, o que soma aproximadamente 15 pessoas. Mas também integra um grupo mais restrito, apenas com a filha, uma irmã e uma sobrinha, embora todas participem da associação maior. No espaço mais privativo, as quatro se sentem à vontade para falar sobre assuntos de cunho íntimo, repercutir o que é dito no outro grupo e tecer comentários sobre os demais parentes, em conversas das quais a tomada de conhecimento por mais pessoas seria indesejável.

Os subgrupos também se organizam por assuntos. A jornalista de 31 anos tem quatro grupos no WhatsApp que considera de família: o principal, maior de todos, com tios e primos, no qual circulam desde *memes* a fotos pessoais, passando por links de reportagens; um com três tias e a irmã, que serve para abordar assuntos enquadrados por elas no universo feminino; um com o marido, a irmã e cunhado, no qual viagens e brincadeiras sobre as rotinas dos casais dão o tom das

conversas; e um com tios e apenas os primos que são filhos de tios já falecidos, para tratar da partilha da herança deixada pelos avós. Já a jornalista de 43 anos mantém um grupo com os dois irmãos — criado com o objetivo de facilitar a resolução de questões relacionadas à mãe, como pagamento de plano de saúde — para o compartilhamento de piadas com conteúdo envolvendo sexo, drogas ou violência, que não circulam no grupo principal da família devido à presença de crianças. Há também um grupo da voluntária só com a mãe e a irmã, batizado de “As mais lindas”, no qual as três fazem comentários que preferem que os demais parentes não vejam.

Outro exemplo é o caso da jornalista de 33 anos. O grupo de família dela mais ativo, com 13 participantes, reúne mãe, irmão, tios, primos e cônjuges dos primos. O outro, só com primos da família paterna e seus respectivos cônjuges, tem 15 membros: o espaço serve para a combinação de datas e detalhes da confraternização anual com churrasco que já é tradição entre eles e para o envio de convites de eventos, como aniversários e chás de bebês. Um terceiro grupo, apenas com a mãe, o irmão, a cunhada e uma prima, foi concebido para a troca de informações sobre a rotina domiciliar, no que diz respeito à entrega de encomendas e à organização do jantar — na época, a prima e o irmão moravam na casa em que a jornalista vive com a mãe, e a cunhada frequentava bastante a residência. Embora nem todos estejam mais sob o mesmo teto, a conversa no WhatsApp é mantida para que eles dividam experiências do dia a dia, dada a afinidade entre esses parentes. Um quarto grupo, da jornalista com a mãe e o irmão, é o mais íntimo de todos: nesse, são tratados assuntos específicos do núcleo familiar, como pagamento de contas e agendamento de consultas médicas. O nome do grupo faz uma homenagem à cachorra vira-lata da família. Por fim, em outro grupo, a jornalista fala com o irmão e a cunhada apenas sobre o preparo de comida congelada que faz para o casal.

Como explorado no capítulo anterior, Miller e outros (2016) notam que, no ambiente *polymedia*, a sociabilidade escalável é vista tanto dentro de uma mesma plataforma digital quanto na comparação de vários canais de comunicação. Isso significa que os usos culturais das mediações fazem com que elas sejam atravessadas por diferentes níveis de privacidade. Cabe assinalar que as conversas individuais no WhatsApp são ainda mais privadas do que os grupos de família formados por poucos e íntimos membros.

Em geral, a comunicação familiar no ambiente digital ocorre diariamente. Como mostraram os resultados da enquete na fase quantitativa da pesquisa, 29,4% dos voluntários interagem com os parentes várias vezes ao dia; 25,9%, poucas vezes ao dia; e 6%, uma vez ao dia. Uma parcela

considerável dos respondentes (26,9%) afirmou fazer contato com a família pela Internet algumas vezes por semana. Nas entrevistas feitas na etapa qualitativa do estudo, os interlocutores contaram que a interação com os parentes pela Internet acontece todos os dias.

O WhatsApp é o aplicativo preferido para as conversas em grupo, mas 10,9% (22) dos indivíduos que completaram o formulário on-line disseram manter grupos com os parentes em outras plataformas. O Facebook foi citado dez vezes; o Instagram e o Messenger, cinco vezes cada um; e o Line²⁸ e o Life360²⁹, uma vez cada um.

2.2 O QUE E POR QUE AS FAMÍLIAS POSTAM?

Galvin e Braithwaite (2014) enfatizam que a perspectiva de que as famílias contemporâneas — e as imagens que se tem delas — são construídas graças à interação social leva à compreensão de que esses grupos são dependentes do discurso. Segundo as autoras, a comunicação define quem está fora ou dentro da unidade, por possibilitar a manutenção do sentimento de pertencimento dos membros. Por meio do discurso, pessoas são nomeadas como “mãe”, “pai”, “irmão”, “primo” e “tio”, por exemplo — ainda que esses termos não correspondam a laços legais ou biológicos —; histórias que representam a identidade da família são narradas; e indivíduos são envolvidos em rituais relevantes para a coesão familiar, que variam desde a comemoração de feriados a rotinas comuns. Em um contexto em que o tradicional modelo familiar nuclear perdeu a hegemonia, a dependência do discurso se tornou o “novo normal” (GALVIN; BRAITHWAITE, 2014, p. 103).

Pelos depoimentos dos interlocutores, obtidos na fase qualitativa desta pesquisa, percebe-se que o ambiente digital, para as famílias contemporâneas, se tornou uma espécie de extensão da sala de estar, onde se debatem os mais variados assuntos. Isso é mais pronunciado nos grupos de WhatsApp, que se assemelham às reuniões dos parentes após o almoço de domingo³⁰ para falar amenidades, resolver pendências ou conversar questões sérias que atingem a todos.

No trabalho de campo, foi possível identificar nove categorias de abordagens interativas e temáticas que, por serem recorrentes, caracterizam as dinâmicas de comunicação entre membros

²⁸ Aplicativo de uso gratuito para troca de mensagens e chamadas de voz e vídeo, individuais ou em grupo.

²⁹ Aplicativo que funciona como localizador familiar. Por meio de rastreamento com uso da tecnologia do sistema de posicionamento global (GPS, na sigla em inglês), permite que pessoas compartilhem, em tempo real, sua localização com grupos de parentes. Também tem recurso de bate-papo. Disponível em versão gratuita (limitada) ou paga (completa).

³⁰ Na cultura brasileira, o almoço de domingo tende a reunir a família — inclusive com parentes visitando uns aos outros —, uma vez que esse dia da semana, em geral, representa a folga dos trabalhadores das atividades profissionais. Sendo assim, as pessoas têm tempo livre para disfrutar da refeição em casa com entes queridos.

de uma mesma família no universo on-line dentro da cultura brasileira. São elas: rituais e celebrações; dia a dia dos parentes; humor e passatempos; espiritualidade e religiosidade; mensagens inspiradoras; política; informações sobre saúde; utilidade pública e noticiário geral; e memórias mediadas. Tais eixos são detalhados a seguir.

2.2.1 Rituais e celebrações

Os dados coletados no estudo indicam que, em muitos grupos de família no WhatsApp, existe o ritual de parentes desejarem “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite” uns aos outros. Imagens, *GIFs*, figurinhas e vídeos com frases motivacionais são bastante utilizados com essa finalidade (Figura 1, excertos 1B e 1C). Inscrições com citações religiosas, normalmente associadas à tradição cristã, e menções mais abstratas à figura de Deus também aparecem nessas mídias (Figura 1, excertos 1B, 1D e 1E). De praxe, esse tipo de conteúdo é encaminhado: raramente, a pessoa que envia a mensagem escreve algo personalizado. As mulheres mais velhas das famílias são as que mais aderem à prática desse ritual. O analista de marketing de 24 anos recebe de uma tia idosa, diariamente, uma mídia com votos de bom-dia. Há dias em que o envio é duplicado, já que ela encaminha o mesmo arquivo para a conversa privada com ele e para o grupo da família. Na família da jornalista de 43 anos, a mãe e a tia dela, ambas já na terceira idade, costumam iniciar esse tipo de interação pela manhã.

Tem uma tia que é bem idosa, ela é mãezona de todo mundo, principalmente do meu pai, porque ela é tia do meu pai por parte de pai. Ela manda todo dia mensagem, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”. Aí tem dias que eu ignoro, sinceramente, porque pra ela é muito fácil. Tem dia que ela manda a fotinho mesmo e tem dias que ela encaminha. Aí, quando ela encaminha, é uma enxurrada, ela encaminha vários. Fica sem condições de responder. Às vezes, porque eu não quero mesmo responder, ou porque passa batido. Quando eu respondo, não é com fotinho, eu boto “oi, tia, tudo bem, bom dia”, boto uns coraçõezinhos... Aí sinto dela uma resposta mais orgânica. Mas, geralmente, é no automático: mandou para um, mandou para todos. Sai encaminhando. Mas é uma coisa dela. De toda mãe, né? De toda vó, de toda tia... Só que ela manda pra mim e manda pra todo mundo. Pra ela é fácil, mas pra mim... (Analista de marketing de 24 anos)

Como se identifica no relato acima, o fato de as mensagens de bom-dia, boa-tarde e boa-noite chegarem aos grupos de família por meio do encaminhamento de algum tipo de mídia desagrada alguns indivíduos. Não são os votos que incomodam, mas a falta de originalidade do conteúdo, a repetição e o recebimento de arquivos que ocupam espaço na memória do *smartphone*. Para a jornalista de 25 anos, esse ritual é o que ela menos gosta no relacionamento familiar mediado pela Internet: “eu acho desnecessário, acho que não acrescenta, entendeu? Porque eu acho

impessoal. É só um encaminhamento”, contou. A jornalista de 31 anos disse que, “graças a Deus”, esse tipo de conteúdo não circula no grupo de sua família no WhatsApp.

Isso é uma coisa legal da minha família. Ninguém precisou falar “olha, gente, não bota”. Não precisou ninguém estabelecer essa regra. Minha família não é disso. A não ser assim, quando você vai começar a falar alguma coisa. Quando alguém começa alguma coisa no grupo, aí fala “bom dia” e vai o assunto. Não é só o bom dia. E nem aqueles *bannerzinhos*. Aquilo é totalmente irritante. (Jornalista de 31 anos)

Figura 1 – Exemplos de figurinha e imagens utilizadas para desejar bom-dia e boa-noite em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

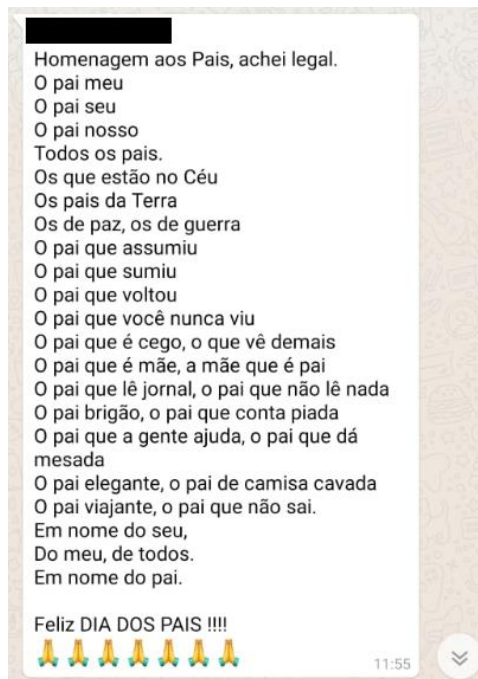
Ao discorrer sobre os discursos que constituem e refletem as famílias, a partir da abordagem dos estudos de comunicação familiar de tradição estado-unidense, Galvin e Braithwaite (2014) citam a importância da ritualização. A interação de parentes no universo digital dá espaço para a expressão de rituais familiares, definidos como eventos de comunicação padronizados, voluntários e recorrentes, nos quais a atuação conjunta dos membros da família é uma homenagem ao que eles consideram sagrado em sua cultura (BAXTER; BRAITHWAITE, 2006b, p. 259 apud GALVIN; BRAITHWAITE, 2014, p. 105). Envolvem celebrações baseadas no calendário, tradições e

práticas cotidianas, como felicitar alguém por ocasião do aniversário, trocar mensagens em comemorações de feriados como o Natal, e bendizer o próximo ao desejar-lhe boa noite antes de dormir. Os rituais são importantes para as famílias porque produzem e reproduzem a teia de relações sociais entre os sujeitos que as formam; assim, carregam um simbolismo profundo sobre as identidades familiar e individuais dos integrantes desses agrupamentos (BAXTER; BRAITHWAITE, 2006b, p. 272 apud GALVIN; BRAITHWAITE, 2014, p. 106).

As felicitações por ocasião de aniversários também fazem parte do rol de interações que compõem o relacionamento familiar mediado pela Internet. As mensagens podem ser enviadas ao aniversariante em qualquer plataforma em que os parentes mantenham contato. No entanto, em mídias sociais de caráter menos privado, como Facebook e Instagram, o ato de parabenizar o parente ganha tom de homenagem pública. É comum que o texto escrito exalte aspectos da personalidade do homenageado e rememore experiências compartilhadas por ele e pelo escrevente. *Emojis* com representações de corações, palmas, bolo com velas e confetes, que fazem alusão à festa, costumam acompanhar os dizeres. A publicação é normalmente ilustrada com fotos em que o aniversariante aparece. Como destacou Venkatraman (2017) em sua etnografia feita na Índia, citada no capítulo anterior, o Facebook, no país asiático, também é a plataforma na qual aniversários de parentes ganham maior expressão, devido à visibilidade que ganham nessa mídia social.

Durante a semana em que os voluntários compartilharam com a pesquisadora amostras do que constitui a típica comunicação familiar on-line, houve a comemoração do Dia dos Pais no Brasil, no segundo domingo de agosto. Nos grupos de família, parentes trocaram felicitações, algumas vezes apenas com mensagens escritas (Figura 2), outras com fotos mostrando como cada núcleo dentro da rede familiar celebrou a data. Nas imagens, aparecem os parentes reunidos, em casa ou em um restaurante, e a comida servida. Áudios com piadas sobre pais e vídeos que faziam graça sobre a figura paterna, representando-a como brincalhona e divertida, também circularam nos grupos de família naquela semana.

Figura 2 – Exemplo de texto de homenagem enviado por parente no Dia dos Pais a grupo de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntário à pesquisadora.

2.2.2 Dia a dia dos parentes

O compartilhamento de vivências é um dos pontos altos da comunicação entre parentes pelas mídias sociais. Pelo WhatsApp, por meio dos grupos, os membros de uma mesma família ficam sabendo, em tempo real, o que está acontecendo no dia a dia dos outros. No Facebook e no Instagram, a postagem de fotos é outra forma de os indivíduos acompanharem a rotina e momentos especiais daqueles com quem compartilham laços de parentesco. Essas trocas cumprem, inclusive, o papel de tranquilizar os familiares sobre o bem-estar de uma pessoa, como evidencia o depoimento seguinte.

*Tem uma irmã que a gente chama *ela* de uma pessoa on-line. Tudo que acontece, ela bota no Facebook. Então, quando eu quero saber dela e não *tô* vendo *ela*, eu vou lá no Facebook e olho. Ou a minha esposa olha e me mostra. “(Nome da irmã) *tá* em tal lugar, (nome da irmã) *tá* fazendo isso”. É uma maneira também, por ela ter esse costume, de a gente acompanhar o que *tá* acontecendo com ela. Porque tudo ela posta, bota no Facebook. Qualquer coisa, ela bota. Assim, eu sei tudo o que *tá* acontecendo com ela, porque ela permite isso. Aí, a gente sabe a qualquer momento o que ela *tá* fazendo. “O que a (nome da irmã) *tá* fazendo?” Aí entra no Facebook. “Ah, *tá* lá, *tá* bem então”. Aí pronto. (Gerente de tesouraria de 57 anos)*

Todos os dias, o analista de marketing de 24 anos avisa aos pais, em conversas privadas no WhatsApp, que chegou bem ao local de trabalho. “Se eu não falar com meu pai e minha mãe que

cheguei *no* trabalho, eles vão ficar preocupados, porque é um costume, virou uma rotina fazer isso. Quando eu não faço, eles sentem”, contou. Ambos lhe respondem desejando um bom dia de trabalho, mas a mãe se prolonga mais no discurso: “Minha mãe é um doce. Todo dia ela escreve que Deus me abençoe, que ‘não sei o quê’, que tenha um ótimo dia. Todo dia, parece um mantra. Parece que ela repetiu, mas não repetiu”, disse. Nesta pesquisa, foi possível perceber que, em algumas famílias, os homens tendem a ser menos participativos do que as mulheres na comunicação familiar on-line.

Quando sai mais tarde do trabalho ou está se deslocando a caminho de casa, o analista de marketing de 24 anos também avisa aos pais pelo WhatsApp sobre sua localização. Nesse sentido, vê-se como a teoria da retenção se expressa na realidade interacional das famílias no ambiente digital. O relato a seguir mostra que um hábito que sempre existiu presencialmente dentro de uma comunidade familiar ganhou expressão on-line, o que reforça a ideia de que novas experiências socioculturais dadas no âmbito tecnológico se entrelaçam ao que já está em curso (MACHADO, 2017a; MILLER; SINANAN, 2014).

Não é uma obrigação, é uma satisfação que eu dou. Isso é independente da minha idade. Sou maior de idade e não precisaria fazer isso, mas é uma questão cultural da minha família. A gente leva desde cedo. Quando eu era pequeno, menor, adolescente, pré-adolescente, eu saía, mas eu sempre avisava. Sempre deixava na geladeira o endereço de onde estava, o telefone, o nome da mãe do meu amigo ou da minha amiga onde eu ia ficar. Já aconteceu de meu pai e minha mãe ligarem, porque eu *tava* demorando, *pra* saber se eu ainda *tava* lá. Não para controle, mas preocupação. (Analista de marketing de 24 anos)

Informar aos parentes sobre a chegada a algum destino é uma prática comum no relacionamento familiar mediado pela Internet vivenciado pelos interlocutores desta pesquisa. Uma vez que o trabalho etnográfico implica a contextualização dos discursos, é preciso ressaltar que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde residem os voluntários, apresenta índices de violência consideráveis³¹. Tal fator, provavelmente, contribui para que esse tipo de comunicação tenha se tornado costumeiro.

Em um grupo de WhatsApp ao qual pertencem três parentes participantes da pesquisa, há uma pessoa em tratamento contra câncer. Atualizações sobre o estado de saúde dela e os passos da

³¹ Em 2018, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro registrou 3.771 crimes violentos letais intencionais (29 ocorrências por 100 mil habitantes) e 220.020 roubos (1.691 ocorrências por 100 mil habitantes), de acordo com dados do Instituto de Segurança Pública (ISP). No ano seguinte, foram contabilizados 3.059 crimes violentos letais intencionais (23 ocorrências por 100 mil habitantes) e 189.491 roubos (1.448 ocorrências por 100 mil habitantes). Disponível em: <<https://www.ispvisualizacao.rj.gov.br:4434/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

terapia fazem parte das conversas diariamente. Idas ao consultório médico e resultados de exames, resolução de burocracias relativas ao pedido de aposentadoria e aluguel de um apartamento — com compartilhamento de fotos dos cômodos — são outros exemplos de relatos feitos pelos membros do grupo: qualquer acontecimento vira assunto. Se alguém sofre um assalto ou troca o número do telefone celular, por exemplo, é pelas mídias sociais que os parentes ficam sabendo do ocorrido, porque é mais prático informar a todos ao mesmo tempo do que ligar para cada um a fim de dar o aviso, ressaltou uma interlocutora.

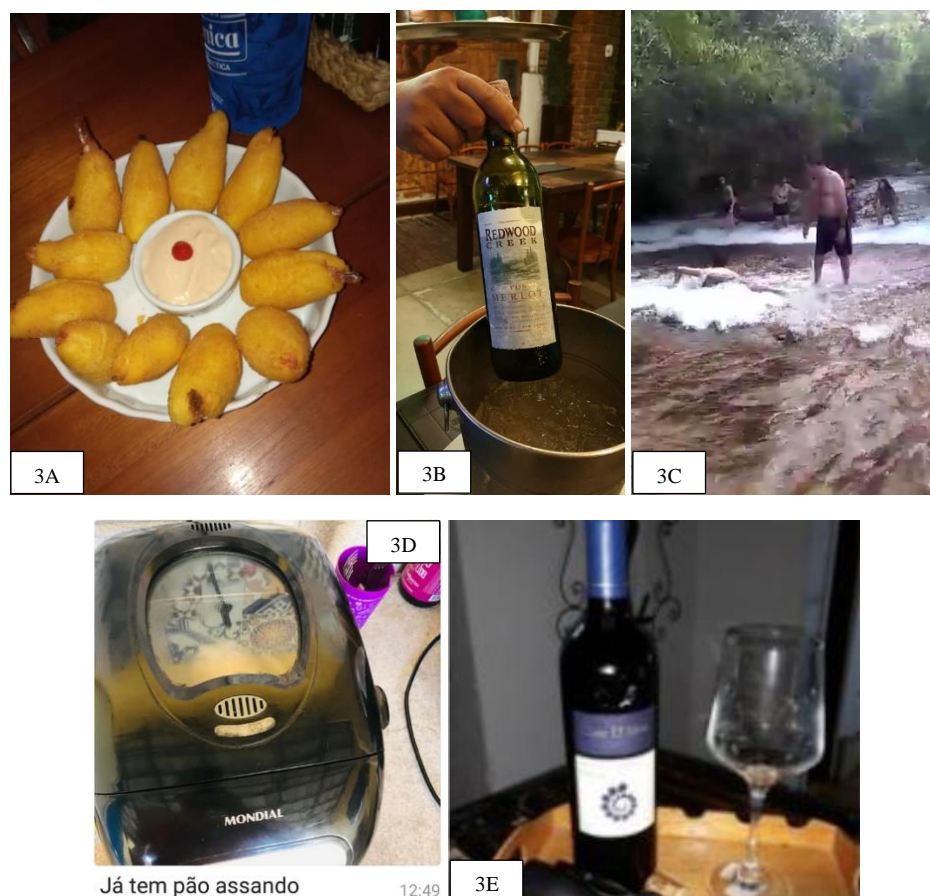
No relacionamento familiar no ambiente digital, algo que os sujeitos pesquisados apreciam bastante é poder acompanhar o crescimento das crianças que fazem parte de suas famílias. Dessa forma, fotos, vídeos, imagens de desenhos feitos pelos pequenos e novidades sobre o progresso deles na escola ou na aquisição da fala são conteúdos muito benquistos.

Pode-se dizer, pelos dados coletados nesta pesquisa, que receber notícias dos parentes — sobre o que eles estão fazendo ou o que está acontecendo em suas vidas — é o que mais agrada aos indivíduos na comunicação familiar on-line. *Emojis* e figurinhas em que são representados corações, sorrisos e palmas de aprovação, utilizados nas reações ao envio desse tipo de conteúdo, reforçam essa percepção. Não importa se é um fato marcante — como fotos de viagens de férias (Figura 3, excerto 3C) ou o anúncio de um casamento ou uma gravidez — ou algo trivial — um vídeo de alguém correndo na atividade física matinal, o registro de uma filha assando um pão caseiro preparado em uma máquina dada de presente pela mãe (Figura 3, excerto 3D), uma foto de um grupo almoçando em um restaurante no domingo (Figura 3, excerto 3A) ou imagens que os membros da família enviam, pelo grupo no WhatsApp, para contar como cada um está aproveitando a noite de fim de semana em casa, tomando uma taça de vinho ou um copo de cerveja, por exemplo (Figura 3, excertos 3B e 3E). Como disse a jornalista de 43 anos, “é como se você estivesse participando um pouco da vida do outro, mas participando, assim, como espectadora e achando legal”.

O que faz um relacionamento bacana e próximo? É acompanhar, saber e participar do dia a dia, das questões que afligem ou alegram, é compartilhar esse dia a dia. Esse é o lado bom da coisa. Você acompanhar a viagem, o nascimento, o quadrinho novo que comprou, o apartamento que tá trocando, saindo do apartamento de “não sei o quê” *pro* apartamento “não sei de onde”, a barriga³² de uma sobrinha que tá mais longe e que você não vê todo dia, que ela posta foto gordinha, barriguda... Primeiro dentinho... Essa é a parte boa, a proximidade. (Jornalista de 61 anos)

³² Referência à gravidez.

Figura 3 – Coletânea de fotografias que ilustram experiências de vida compartilhadas por parentes em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

2.2.3 Humor e passatempos

A presença de conteúdo com teor humorístico é um traço marcante da comunicação familiar on-line, sobretudo nas conversas desenvolvidas em grupos de família no WhatsApp. Nessa plataforma, o envio de imagens e textos com intuito de divertir os parentes é praticamente diário. É interessante notar que nem sempre se trata de piadas clássicas: nesta pesquisa, viu-se que, na maioria das vezes, o que se retratam são bizarrices, a exemplo de um vídeo que mostra um homem com o tronco coberto por quatro pneus sentado na garupa de uma motocicleta. O narrador diz: “Coisa desse Brasil. É pneu vestido de gente ou é gente vestida de pneu? Sei não...”. Em outro vídeo compartilhado por um dos interlocutores com a pesquisadora na fase de amostragem de experiência deste trabalho, há um homem cuja camisa tem estampada a imagem de um macaco (Figura 4, excerto 4B). Em frente a uma churrasqueira, ele faz o movimento de inflar e murchar a barriga, para dar a impressão de que o animal está soprando e, com isso, ajudando a manter a brasa.

Figura 4 – Exemplos de conteúdo humorístico compartilhado por parentes em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

Outro vídeo que apareceu nos grupos de família no WhatsApp durante a semana em que foi feita a amostragem de experiência desta pesquisa retrata um homem em uma cozinha dizendo ter criado um método econômico para a prática de exercícios físicos em casa. Ele inicia a demonstração: joga detergente no chão, se apoia na pia e, deslizando os pés na superfície escorregadia com o produto de limpeza, simula os movimentos feitos em uma esteira elétrica típica de academias. Esse vídeo, especificamente, foi enviado mais de uma vez à pesquisadora como exemplo do que circula nos grupos de WhatsApp, por voluntários que não são parentes. Isso ajuda a entender não apenas o apego das famílias ao humor, mas também a dinâmica de circulação dessas mensagens pela plataforma: o encaminhamento de uma mídia de um usuário para outro faz com que ela seja disseminada rapidamente e atinja grande número de pessoas em um curto intervalo de tempo.

No principal grupo de família da jornalista de 43 anos, o humor virou um ritual às sextas-feiras, quando seu irmão envia um áudio brincalhão com votos de bom-dia produzido pelo humorista Eduardo Torreão. Sempre no último dia útil da semana, o artista publica, em suas redes sociais, um áudio em que cantarola uma canção e fala algumas frases engraçadas desejando bom-dia e boa sexta-feira às famílias³³. O fato de Torreão fazer graça com esse ritual da comunicação

³³ Os áudios podem ser encontrados na página de Torreão no Facebook (<https://www.facebook.com/bomdiafamilia/>), no perfil do humorista no Instagram (<https://www.instagram.com/eduardotorreao/>) e no canal dele no YouTube (<https://www.youtube.com/EduardoTorreao/>), conforme verificado em 27 de janeiro de 2020.

familiar on-line ratifica o arraigamento dele na cultura digital dos brasileiros. Quando o irmão da jornalista se esquece de enviar o áudio, a mãe deles, que se diverte com a brincadeira, o cobra.

Memes (Figura 5) sobre as mais variadas situações também aparecem com certa frequência nos grupos de família no WhatsApp. Figurinhas com traços de humor são outra forma de diversão, embora não sejam tão difundidas no relacionamento mediado pela Internet entre parentes. Os relatos dos interlocutores permitiram compreender que as figurinhas tiveram grande penetração em alguns grupos e quase nenhuma em outros. Nas conversas vistas como o grupo de família principal — aquelas que reúnem o maior número de parentes pertencentes a diversas gerações —, o uso desse recurso imagético tende a ser mais raro do que em grupos de família predominantemente jovens ou grupos de amigos, por exemplo. Os achados desta pesquisa sugerem que a baixa popularidade de figurinhas na comunicação digital de certas associações familiares está associada à falta de intimidade de alguns indivíduos com a utilização dessas imagens estáticas — uma limitação no letramento midiático — ou ao julgamento de que elas não são adequadas para interagir com a família — uma questão de “netiqueta”.

Figura 5 – Exemplo de *meme* compartilhado por parentes em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntário à pesquisadora.

Curiosidades gerais, ainda que sem a fonte de onde foram retiradas as informações, e passatempos, como desafios de raciocínio lógico, são outros conteúdos que costumam fazer parte das conversas das famílias no WhatsApp. Os passatempos, em especial, geram engajamento, pois mobilizam os indivíduos para a resolução da questão colocada. De maneira geral, *emojis* que

mostram rostos rindo com lágrimas saindo dos olhos — e dão ideia de riso em demasia — pontuam os momentos de distração e divertimento dos parentes que interagem no espaço digital.

Nota-se que o emprego do humor é uma estratégia para aplacar a dor e trazer relaxamento em momentos delicados experimentados pelas famílias, como o luto. A tendência de usar o lúdico no enfrentamento de adversidades já havia sido identificada em etnografias de Geertz (1989) e Machado (2017b). Embora as brincadeiras e o riso sejam percebidos como forçados (ou seja, sem muita espontaneidade) nos períodos de dificuldade, há o reconhecimento da importância deles para amenizar a tristeza e promover descontração, além do sentimento de “vida que segue” essencial para a acomodação do sofrimento.

Com menos frequência, piadas com fundo de machismo, racismo, homofobia e preconceito contra dependentes químicos são compartilhadas em grupos de família no WhatsApp. A jornalista de 61 anos, ao discorrer sobre suas experiências, disse que essas mensagens geralmente são provenientes de indivíduos com um perfil específico, referido por ela como “tio pavê”³⁴, tal qual se denomina na cultura popular brasileira: trata-se de homens de meia-idade ou idosos com predileção por piadas consideradas sem graça por outras pessoas. Observa-se, nesses casos, como o humor é utilizado para demonstração de ideias e, conseqüentemente, marcação de uma identidade. Homens mais jovens também manifestam posições machistas e homofóbicas disfarçadas em discursos humorísticos, como relatou a jornalista de 33 anos, cujo primo, que adota esse tipo de postura, é definido como um indivíduo religioso e conservador.

Como se identificou nos depoimentos dos interlocutores, a circulação de piadas preconceituosas não chega a ser um motivo de conflito na família. O que diminui a frequência do aparecimento desse tipo de conteúdo no relacionamento familiar mediado pela Internet é a intervenção, com comentários argumentativos e pacíficos, de parentes que discordam do discurso de intolerância. Como efeito dessas réplicas, o fator que limita o envio de mensagens carregadas de preconceito é mais o constrangimento causado naqueles que o fazem do que uma mudança de visão de mundo por parte deles, pontuaram os voluntários que participaram da etapa qualitativa deste trabalho.

³⁴ A nomenclatura “tio pavê” deriva de uma brincadeira, comum em reuniões de família no Brasil, feita quando uma sobremesa denominada pavê é servida: pergunta-se, então, se o doce é “pavê ou pacumê?”, em um jogo sonoro com a interrogativa “para ver ou para comer?”. Um dos motivos que levam a piada a ser considerada sem graça pela sociedade é o fato de ela ter se tornado repetitiva e, conseqüentemente, desgastada.

2.2.4 Espiritualidade e religiosidade

Denota-se a expressão de práticas religiosas no relacionamento familiar dentro do ambiente digital de diferentes formas. Por vezes, os conceitos aparecem de forma difusa em mensagens de texto, imagens, áudios e vídeos encaminhados por parentes aos grupos de WhatsApp. Nesses casos, não há referência a uma religião específica, embora seja possível localizar o discurso na tradição cristã ocidental. Em geral, esse tipo de conteúdo traz uma abordagem positiva sobre a vida, visa transmitir algum ensinamento moral ou pretende estimular fé e encorajamento. A questão religiosa também se funde ao ritual das saudações de bom-dia, boa-tarde e boa-noite nos grupos, já que os votos, em algumas ocasiões, vêm acompanhados de alusões à figura de Deus, bem como à proteção e à graça que Ele pode conceder. Ainda nessa seara, é comum a circulação das chamadas correntes, ou seja, mensagens que, após uma narrativa, pedem o encaminhamento para o maior número possível de pessoas, com a promessa do recebimento de uma benção por quem acatar a solicitação.

Entende-se que a presença de conteúdo religioso no relacionamento familiar mediado pela Internet se associa diretamente aos significados de família para os indivíduos. Como apresentado anteriormente, os sujeitos relacionam a entidade familiar a um conjunto social de extremo valor para suas existências, o que explica o querer bem aos membros que o compõem. Daí a troca de mensagens que objetivam bendizer os demais e lhes transmitir dizeres representativos do amor e do bem. Em sua etnografia no complexo de favelas do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro, Machado (2017b) percebeu que a manifestação da espiritualidade nas mídias sociais está ligada à difusão de um senso de humanidade, o que corrobora os achados deste trabalho.

Outras vezes, a expressão da religiosidade é mais explícita em relação a uma prática específica. Isso evidencia a conexão da cultura digital com as vivências em curso no mundo presencial, como salienta a perspectiva da antropologia digital. Como se viu na fase de amostragem de experiência, em famílias protestantes, vídeos com pregações de pastores evangélicos é um exemplo do que circula em grupos de WhatsApp. Esse mesmo canal de comunicação é usado pela família da jornalista de 43 anos, que é toda católica, para a organização de uma novena. Também pelo grupo no WhatsApp, os parentes recebem, diariamente, um áudio com uma homilia feita por um padre, para que cada um possa ouvir e fazer orações individualmente.

A gente tem um encontro mensal. A gente faz uma novena de Natal, e ela pede que você tenha um gesto concreto. Não ficar só rezando *pro* Natal, fazer alguma coisa prática. Já é o segundo ano que a gente se reúne quase uma vez por mês. Por ordem alfabética, uma pessoa se organiza para recolher dez reais de cada um, fazer compras e levar como doação para a igreja. E a gente vai junto *nessa* missa entregar. Então, essas combinações, da missa,

ou de aniversário ou de qualquer outro encontro de fim de semana, a gente faz tudo pelo grupo da família. (Jornalista de 43 anos)

Em janeiro, na viagem para Búzios, a minha tia, no domingo, como ninguém ia à missa, ela botou um áudio. Ela é amiga de um padre, amiga mesmo, que manda *pra* ela todo dia o áudio do Evangelho do dia. É um padre que lê o Evangelho do dia e comenta, faz uma pequena homília. E é muito legal, porque é tudo curtinho. O Evangelho curtinho, a homília curtinha, e você já fica sabendo da liturgia do dia. *Aí tem* uma oração, um pai-nosso e a ave-maria, e *tem* a benção. Então a gente ouviu isso e gostou muito. Lá, ouvimos em família, no domingo de manhã, e a gente falou: “Dinda, por que você não manda isso *pro* grupo?”. Porque *aí*, quem quiser ouvir a liturgia do dia, ouve. Quem não quiser, apaga. Então, isso circula diariamente desde janeiro. (Jornalista de 43 anos)

Quando há alguém doente na família, os parentes utilizam os grupos no WhatsApp para combinar correntes de oração em prol da melhora do estado de saúde do enfermo. A plataforma é apenas o meio em que os indivíduos colocam alguns dizeres religiosos e expressam a intenção de canalizar a fé para a causa, de modo que cada um faz preces individualmente, fora do mundo digital.

A psicóloga e pastora evangélica de 49 anos classifica sua família como ecumênica, já que os membros praticam religiões distintas, sem que isso cause atritos entre eles. Os achados desta pesquisa, reforçados pelas conclusões da etnografia de Machado (2017b), sugerem que a diversidade religiosa, a princípio, não é um fator que desencadeia episódios de intolerância e, conseqüentemente, conflitos na convivência digital dos parentes. O que se encontrou no discurso dos interlocutores foram relatos de harmonia na coexistência das diferentes manifestações de espiritualidade. Enquanto o trabalho de Machado (2017b) argumenta que, em grupos familiares cujos participantes têm religiões variadas, o respeito às escolhas individuais de cada um é expresso, nas interações on-line, principalmente por publicações que evocam referências fragmentadas a matrizes religiosas diversas, o presente estudo identificou outro aspecto interessante relacionado ao pluralismo. Abster-se do envio de mensagens que reafirmam valores de uma tradição religiosa particular nem sempre é o caminho adotado por membros de famílias ecumênicas: como se vê no relato abaixo, em determinadas comunidades familiares com diversidade de crenças, cada indivíduo pode fazer postagens específicas sobre sua religião, sem que isso seja entendido como uma imposição de dogmas. Torna-se importante, então, destacar dois pontos a partir dos achados de ambas as etnografias: primeiro, não se verifica homogeneidade na experiência de convívio de parentes no ambiente digital, pois cada família faz um uso cultural da Internet, como avulta a teoria da antropologia digital; e, segundo, que o respeito às diferenças religiosas no seio familiar parece estar associada à forma como cada sujeito valora a questão da tolerância na sociedade.

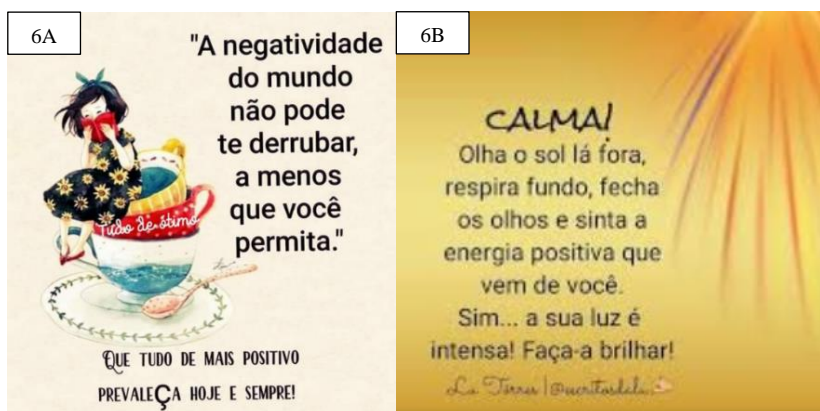
A minha irmã, ela é espírita kardecista. (...) Ela me traz, por exemplo, algum texto do kardecismo, e eu prego. A gente consegue fazer essa leitura, esse link, respeitando completamente a diferença de doutrina das religiões. Se ela posta alguma coisa de um texto lá do Espiritismo, eu consigo ter essa leitura e levar *pra* igreja. A gente consegue ter isso. (Psicóloga e pastora evangélica de 49 anos)

2.2.5 Mensagens inspiradoras

O envio de mensagens motivacionais que circulam pela Internet — geralmente em formato de imagens com textos inscritos (Figura 6, excertos 6A e 6B) ou vídeos — é comum nos grupos de família no WhatsApp. Superação de adversidades, força mental, gratidão, ânimo e coragem para o alcance de objetivos são alguns conceitos trabalhados nesse tipo de conteúdo. O gerente de tesouraria de 57 anos contou que gosta de encaminhar mensagens assim aos parentes sempre que se depara com algo que acha interessante: ele acredita que, se o teor da comunicação fez bem a ele, poderá fazê-lo aos outros também.

Como dito sobre religiosidade, a presença de conteúdo motivacional e inspirador nas interações familiares mediadas pela Internet pode ser associada ao fato de que as famílias importam para os indivíduos que dela fazem parte (FERGUSON, 2012). Além disso, segundo Baym (2016, p.82), é comum que membros de comunidades on-line providenciem, uns aos outros, o apoio emocional que geralmente é observado em relações interpessoais marcadas pela proximidade sentimental. Por isso, a disseminação de valores avaliados positivamente é uma prática que encontra espaço no relacionamento de parentes no ambiente digital: como se fala popularmente, é dar uma “palavra amiga” a uma pessoa de quem se gosta com intuito de ajudá-la, caso esteja enfrentando alguma dificuldade, ou fortalecê-la para a resolução de problemas impostos pela vida.

Figura 6 – Exemplos de mensagens inspiradoras e motivacionais compartilhadas em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

2.2.6 Política

O cenário político contemporâneo brasileiro, marcado pela polarização (MACHADO; MISKOLCI, 2019), produziu reflexos na comunicação familiar mediada pelas tecnologias digitais. O contexto da campanha eleitoral de 2018³⁵, na qual houve um forte embate entre pautas progressistas e a agenda conservadora³⁶, fez com que os assuntos políticos adentrassem as conversas das famílias no ambiente da Internet. Essa foi mais uma demonstração de como a cultura digital acompanha as experiências socioculturais em curso, como destaca a teoria da antropologia digital. Dado que o debate sobre política no país se tornou algo do cotidiano dos indivíduos na esfera presencial, o aparecimento dessa temática nas interações desenvolvidas no mundo on-line se deu naturalmente.

A jornalista de 25 anos contou que, antes do período eleitoral, a comunicação no seu grupo de família no WhatsApp tinha característica protocolar, no sentido de os parentes estabelecerem contato mais para desejarem bom-dia uns aos outros e saber se todos estavam bem. À medida que os assuntos políticos foram adquirindo relevância na sociedade em geral, eles começaram a povoar as conversas on-line da família, que ganharam mais volume e consistência. É importante ressaltar que se o tema política não faz parte das trocas comunicacionais presenciais entre os parentes, a tendência é que não ocorra esse tipo de discussão no ambiente digital. É o caso da realidade familiar do analista de marketing de 24 anos. Ele disse que, ao longo de sua criação, seus pais sempre repetiram a máxima “futebol, política e religião não se discutem”³⁷. Por isso, todos da família evitam falar sobre o assunto, tanto presencialmente quanto pela Internet. Trata-se de uma situação completamente oposta à da jornalista de 33 anos. Ela afirmou que seus parentes sempre gostaram de falar sobre política nas reuniões presenciais. Conseqüentemente, a abordagem da temática pelas mídias sociais ocorre desde antes da campanha eleitoral de 2018.

Na comunicação familiar dentro do ambiente digital, os assuntos políticos aparecem principalmente nas interações desenvolvidas nos grupos de WhatsApp, mas também em publicações feitas no Facebook, contaram os interlocutores desta pesquisa. Além de comentários

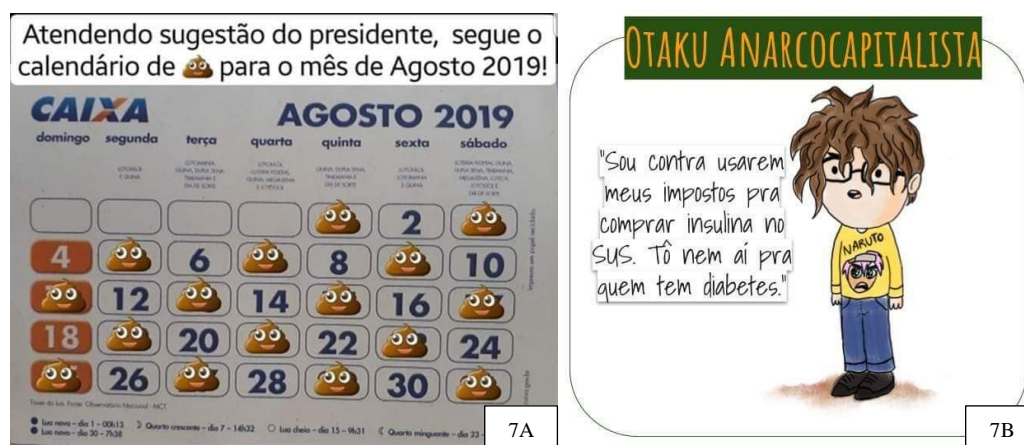
³⁵ Nas eleições de outubro de 2018, os brasileiros foram às urnas para escolher representantes para os seguintes cargos: presidente da República, governador, deputado estadual, deputado federal e senador.

³⁶ Vale acrescentar que, nas eleições de 2018, candidatos representantes da extrema-direita venceram a disputa nas urnas tanto para a presidência da República quanto para o governo do Estado do Rio de Janeiro, onde residem os voluntários da etapa qualitativa desta pesquisa.

³⁷ Popularmente, diz-se que esses assuntos não devem ser levantados em conversas, pois podem provocar reações inflamadas e, conseqüentemente, desentendimentos, que precisam ser evitados.

com opiniões pessoais escritos pelos indivíduos, compõem o debate envios de vídeos, fotos, áudios, *memes* e links de reportagens com narrativas sobre os acontecimentos políticos no Brasil. Muitas vezes, o tema é associado ao humor, para satirizar alguma situação (Figura 7, excerto 7B). Com objetivo de mostrar indignação com uma fala do presidente brasileiro Jair Bolsonaro³⁸, um membro de uma família compartilhou com os parentes, via grupo de WhatsApp, uma peça gráfica que faz uma crítica bem-humorada à declaração da autoridade (Figura 7, excerto 7A). É válido salientar que, devido à polarização que dividiu a sociedade brasileira, discursos ganharam tons agressivos em alguns casos, e houve a inclusão de termos pejorativos nos debates em alusão a um ou outro lado da disputa ideológica. Percebe-se, a partir dos dados obtidos no trabalho de campo, que o encaminhamento de um conteúdo de autoria de terceiros, sem acréscimo de qualquer texto personalizado, é suficiente para um parente expressar um posicionamento político, o que evidencia a produção de sentidos possibilitada pelo consumo midiático.

Figura 7 – Exemplos de imagens que associam política a humor compartilhadas por parentes em grupos de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

2.2.7 Informações sobre saúde

O compartilhamento de informações sobre saúde — relacionadas a cuidados preventivos e descobertas para o tratamento de doenças, por exemplo — é habitual nos grupos familiares no

³⁸ Em 9 de agosto de 2019, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, questionado por jornalistas se era possível conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental, declarou: “É só você deixar de comer menos um pouquinho. Quando se fala em poluição ambiental, é só você fazer cocô dia sim, dia não que melhora bastante a nossa vida também, está certo?” (BOLSONARO SUGERE ‘FAZER COCÔ DIA SIM, DIA NÃO’ PARA REDUZIR POLUIÇÃO AMBIENTAL, 2019).

WhatsApp. Às vezes, o envio do conteúdo é endereçado a uma pessoa específica pertencente ao grupo, quando se imagina que ela tenha interesse no assunto, seja por sofrer de alguma enfermidade ou por já ter feito comentários sobre a questão. Em outras situações, o objetivo é fazer chegar aos parentes em geral um esclarecimento, para alertá-los de algo que se julga importante. Em seu trabalho etnográfico sobre os usos das mídias sociais por pacientes com câncer em confinamento hospitalar e os laços proporcionados pelas interações no ambiente digital, Barbosa (2019) sublinha que a disseminação de conhecimento científico entre indivíduos pela Internet é também uma forma de ofertar apoio social e afetivo.

Uma problemática que se faz presente nesse tipo de comunicação é a disseminação de informações falsas, também chamadas de *fake news*. Recuero e Gruzd (2019) apontam três aspectos fundamentais que caracterizam as notícias falsas: o uso de narrativa jornalística ou de componentes noticiosos; a falsidade integral ou parcial do conteúdo apresentado; e a divulgação proposital com intenção de enganar os receptores, a fim de atender a interesses de indivíduos ou grupos específicos.

À pesquisadora, a jornalista de 61 anos contou que, certa vez, uma cunhada mandou, para o grupo da família no WhatsApp, um vídeo que afirmava que a indústria farmacêutica esconde da população que o melhor remédio para queimaduras é farinha de trigo. Trata-se de uma informação sem comprovação científica, que já foi desmentida pelo Ministério da Saúde com o intuito de proteger os brasileiros da desinformação. O texto publicado na página eletrônica da pasta alerta que a mensagem falsa é um viral que circula na Internet há certo tempo e que “contém diversas características de Fake News, como caráter alarmante, vago, não há fonte e diversas informações imprecisas” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Os achados desta pesquisa, como demonstram também os depoimentos abaixo, sugerem que o compartilhamento de dados equivocados sobre saúde parte, sobretudo, das mulheres mais velhas das famílias. É comum elas encaminharem a informação falsa aos parentes após a terem recebido de terceiros. Compreende-se que isso ocorre pela ânsia de passar uma orientação que, no entendimento dessas sujeitas, pode proteger seus entes queridos. Historicamente, é papel feminino atuar como cuidadora, o que contribui para tal interpretação. A comoção provocada pelo conteúdo, muitas vezes exposto de maneira sensacionalista, tende a atrapalhar a avaliação da veracidade da informação. Contudo, não se pode descartar a dificuldade de alguns indivíduos de interpretar mensagens, o que caracteriza certo nível de analfabetismo funcional, mas não impede a utilização de mídias sociais (FAJARDO, 2018).

Essas coisas que minha mãe adora compartilhar também, corrente também, deve ser alguma mensagem que eles (outros parentes) mandaram... “Rompimento da artéria devido ao esforço. Atenção. Pais, orientem seus filhos para não fazerem brincadeiras. Morreu. O coração não aguentou”. Minha mãe acredita nisso, que o jovem fez alguma coisa que o coração não aguentou, e manda no sentido de orientar a gente. “Ó, cuidado com esforço físico que ele morreu. Se vocês fizerem a mesma coisa, vão morrer também”. Aquela coisa no sentido de proteção. Ela não manda coisa aleatória, não. (Analista de marketing de 24 anos)

A minha tia mandava mais, porque ela recebe nesses grupos de professora... Ela é professora. No grupo de professoras, no grupo da igreja, essas coisas assim “ah, se você deixar o carregador na parede e, sei lá, acender o celular...”. Sabe umas coisas absurdas que vêm? Ela mandava isso tudo. “Ah, se você colocar um sapato ‘não sei de que jeito’, você vai entortar seu osso”. Umas coisas absurdas. Aí, sempre que ela mandava, alguém falava alguma coisa. (Jornalista de 43 anos)

2.2.8 Utilidade pública e noticiário geral

No dia a dia, os parentes incluem, em suas interações mediadas pela Internet, informações de utilidade pública. A divulgação de números de telefone de centrais de atendimento ao cidadão e avisos sobre acontecimentos que podem impactar o deslocamento e a segurança das pessoas, como enchentes e operações policiais, são exemplos. “E se *tiver* acontecendo algum tiroteio, alguma coisa perigosa... Se acontecer alguma coisa que gere um alerta, a minha mãe escreve ‘cuidado com não sei o quê que *tá* acontecendo isso’”, contou a psicóloga de 40 anos, sobre o grupo que mantém com a família no WhatsApp. Cabe contextualizar, novamente, que episódios de violência são diários na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Além disso, chuvas fortes costumam provocar alagamentos e grandes transtornos à rotina da população.

A presença de informações de utilidade pública na comunicação familiar desenvolvida no ambiente digital já havia sido destacada por Machado (2017b) em seu trabalho etnográfico nas favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. A autora observou a divulgação de um número expressivo de mensagens com oportunidades de cursos, estágio e trabalho, endereçadas, sobretudo, aos jovens. Em geral, o conteúdo partia dos mais velhos da família, preocupados em ajudar os mais novos a se inserir no mercado profissional.

Links de reportagens jornalísticas sobre os mais variados assuntos também são compartilhados entre os parentes nos grupos de WhatsApp. A jornalista de 25 anos relatou que notícias são o que ela mais envia para a conversa mantida com os familiares na plataforma. A intenção é informá-los sobre o que ela julga importante, já que considera que, no grupo, há quem não busque se inteirar dos acontecimentos e, por isso, se deixe levar por informações falsas ou opiniões cristalizadas e se abstenha de posicionamentos críticos.

Na semana em que foi realizada a etapa de amostragem de experiência desta pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro foi atingida por uma ventania, que provocou a suspensão das visitas ao monumento do Cristo Redentor, um dos principais pontos turísticos cariocas. Um vídeo que mostra turistas tentando se proteger das rajadas de vento no local foi compartilhado em diversos grupos de família no WhatsApp, como foi possível identificar a partir das experiências compartilhadas pelos voluntários com a pesquisadora (Figura 8, excerto 8C).

Além de cumprir um papel informativo, a presença do noticiário na comunicação familiar on-line serve para a integração dos membros da família em torno de um debate. Comparando com o mundo presencial, é como se os parentes abrissem um jornal impresso na sala e começassem a conversar sobre as pautas publicadas. No entanto, tal prática não é um hábito no convívio físico dos indivíduos. Nota-se, então, que o uso das tecnologias emergentes, nesse sentido, permite uma abertura de mundo e contribui para a aquisição de conhecimentos.

Figura 8 – Exemplos do compartilhamento de conteúdo informativo em grupos de família no WhatsApp





Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntários à pesquisadora.

Considerando o aspecto dialético da cultura digital, o engajamento dos membros da família na discussão de temas levantados por reportagens jornalísticas tem potencial tanto para reforçar quanto para enfraquecer afinidades entre os indivíduos, dependendo das reações suscitadas pela interação. O depoimento abaixo, dado à pesquisadora pela jornalista de 61 anos, ilustra a questão.

Política e questões tipo assim, sei lá, a Gol³⁹ fez uma promoção de passagem. Alguém mandou no grupo da família “Você quer ir *pra* ‘não sei onde’ por R\$ 1,99?”. Aí eu vi uma matéria falando que as agências de turismo ficaram com 58% das passagens oferecidas. Mandeí no grupo. Porque tinha tido aquela brincadeira de “Aí, pessoal, vamos para ‘não sei onde’ por R\$ 1,99. Quem é que vai ficar de plantão comprando?”. Quando deu errado o negócio, eu mandei para eles “Aí, pessoal, vocês não são agência, não iam comprar é nada”. Aí rola uma discussão de promoção, CPF, CNPJ, pode ou não pode. Papo de boteco. Ou, às vezes, a coisa é mais consistente, que são preconceitos com relação a

³⁹ Empresa aérea.

homossexuais, política mesmo, de Moro⁴⁰, Bolsonaro... Também geralmente pontuadas por pessoas específicas do grupo. Eu acho que, no grupo familiar, você acaba construindo perfis bem definidos sobre o que cada um pensa e julga importante compartilhar. Isso diz muito de quem compartilha, né? Então, você tem a ala familiar mais à esquerda, mas humanista, mais responsável e tal, com a qual eu me identifico, e você tem a ala mais reacionária, mais inconsequente, que compartilha as coisas sem pensar muito na consequência do que *tá* compartilhando. (Jornalista de 61 anos)

2.2.9 Memórias mediadas

As mídias sociais permitem a revisitação de lembranças de família. Como visto no capítulo anterior, o conceito de memórias mediadas (VAN DIJCK, 2007, p. 25) se refere a produções e apropriações feitas a partir das tecnologias midiáticas, com a finalidade de criar e recriar percepções de passado, presente e futuro em relação a si e aos outros. Plataformas como Facebook e Instagram possuem uma funcionalidade que exhibe aos usuários publicações feitas naquela data em anos anteriores. Quando essas publicações são fotografias em que parentes estão retratados, é comum que os registros sejam postados novamente nesses mesmos canais ou, então, transportados para o grupo familiar no WhatsApp, onde o envio da imagem desencadeia uma série de interações.

Outra prática que ocorre com certa frequência na comunicação familiar on-line é o compartilhamento de imagens digitais de fotografias de família analógicas. Indivíduos que encontram registros antigos digitalizam-no, por meio de escaneamento ou pela produção de uma foto digital, para enviá-los aos parentes pelo WhatsApp ou postar em mídias sociais menos privadas e com visibilidade ampliada.

Às vezes, a revisão das recordações de família tem origem no compartilhamento de músicas, vídeos, brincadeiras e comentários sobre situações que remetem a experiências passadas dos parentes. A jornalista de 31 anos contou que ela, a irmã e os primos recebiam palmadas e chineladas dos pais quando crianças, pois acreditava-se no efeito educador desses castigos. Por conta disso, um primo da voluntária costuma enviar ao grupo da família no WhatsApp *memes* que aludem a tal fato, a exemplo de um que mostra um menino olhando assustado para um adulto com um chinelo de borracha na mão. Como salienta Van Dijck (2007), as memórias mediadas são de extremo valor para o gerenciamento da identidade familiar. Assim, pode-se dizer que elas têm influência sobre os vínculos entre os membros da família, como indicam dados coletados no estudo.

Eu e meu cunhado, a gente gosta muito de um certo tipo de música. Aí, quando a gente vê um vídeo legal, a gente vai lá *no* grupo e coloca. O pessoal curte, “bacana”, lembra *do*

⁴⁰ Sérgio Moro atuou como juiz federal na Operação Lava Jato, que investiga casos de corrupção no Brasil, entre 2004 e 2008, e foi ministro da Justiça e Segurança Pública no governo do presidente Jair Bolsonaro, entre 1º de janeiro de 2019 e 24 de abril de 2020 (SERGIO MORO: QUEM É, RELIGIÃO, ONDE NASCEU E MAIS DÚVIDAS, 2020).

passado, *do* tempo de baile, *de* clube, e comenta. Ou alguma coisa que nos remete ao passado. No outro dia, botou o que era a ficha de ônibus, trocador. E aí a gente lembra lá “pô, eu sou dessa época, tinha ficha colorida, amarela”. Aí a gente lembra e começa a conversar. Aí puxa um assunto, e a gente vai falar de uma coisa que não é do dia a dia, não é do cotidiano. Aí a gente conversa, aí todo mundo conversa sobre aquilo, lembra e vai falando. (...) Por ter essa liberdade de postar o que você quiser, às vezes você nem *tá* pensando naquilo, mas, como um levantou a bandeira, aí tem aquele montão de comentário. E, às vezes, aquele comentário dura o dia todo. E era uma coisa que você nem *tava* pensando, *tava* lá escondido no fundo do baú e alguém levantou a bandeira. E aí todo mundo conversa sobre aquilo. (Gerente de tesouraria de 57 anos)

2.3 A SENSÇÃO DE COPRESENÇA

O imediatismo das respostas na comunicação desenvolvida pelo WhatsApp aproxima a interação mediada da copresença, apontam os achados da pesquisa. Em outras palavras, significa que o compartilhamento de experiências em tempo real dá aos indivíduos a sensação de que o contato é face a face, apesar da distância no espaço físico.

Dois usos culturais das tecnologias digitais analisados neste trabalho exemplificam a impressão de copresença gerada pelo WhatsApp na comunicação familiar on-line. Em uma das situações, captada na fase de amostragem de experiência, uma parente estava no provador de uma loja experimentando um vestido com diferentes possibilidades de amarração. Ao mesmo tempo em que fazia a prova da roupa, ela tirava fotos e enviava-as ao grupo da família, pedindo opiniões sobre o traje e a melhor forma de usá-lo. Prontamente, os familiares responderam informando suas preferências. Foi como se todos estivessem juntos na loja, ajudando a parente na escolha da peça.

A outra ocorrência que evidenciou o potencial da tecnologia digital para ampliar a sensação de copresença foi relatada por uma interlocutora. Um dos irmãos dela faleceu no decorrer da realização desse estudo. Na segunda entrevista à pesquisadora, a voluntária contou que uma irmã não pôde comparecer ao sepultamento, porque mora em outro país e não conseguiria chegar ao Brasil a tempo. Por isso, a participante da pesquisa tomou a decisão de registrar, em fotos e vídeos, o caixão, a coroa de flores, o cortejo fúnebre, o enterro e o discurso de homenagem funeral. Enquanto o velório acontecia, os arquivos de mídia eram enviados, pelo grupo da família no WhatsApp, à parente no exterior, para que ela pudesse acompanhar tudo na mesma hora, como se estivesse junto aos demais familiares no cemitério.

Eu queria que ela estivesse realmente presente. Hoje, essas fotos me incomodam um pouco, mas não consegui apagar ainda todas elas. Mas eu queria que ela estivesse a par de todo o processo. *Teve* o desespero de ficar perguntando muito o que estava se passando, e eu mostrei que uma hora a gente estava até relaxando, tomando um lanche na hora do enterro. Todo mundo saiu um pouco, foi tomar café, lanchar. Reunidos, tiramos fotos, todo mundo relaxado. Porque existe um momento alto e um momento baixo. Você passa

por aqueles momentos. E eu queria passar *pra* ela também que *tava* tudo sob controle, apesar de ser difícil. *Pra* ela ficar menos nervosa do que ela *tava*. Então, o grupo serviu *pra* isso. (...) A família, fica todo mundo sabendo em tempo real o que *tá* passando com um ou outro. (Psicóloga e pastora evangélica de 49 anos)

A tangibilidade da Internet, ao criar a impressão de copresença, amplifica as emoções envolvidas na interação, e tal efeito é sentido tanto pelo emissor quanto pelo receptor da mensagem. Ao produzir imagens do sepultamento, o intuito da interlocutora, além de dar à irmã a chance de participar da cerimônia mesmo à distância, era oferecer serenidade a ela em meio ao luto.

Esse lanche, eu vi que ela ficou mais calma por saber que mamãe *tava* bem naquele momento, para acabar a aflição dela. O enterro em si, houve silêncio. Não sei se foi melhor *pra* todos. Mas, se eu estivesse longe, eu queria, porque no do meu pai, eu não estava presente. Eu *tava* numa viagem e não voltei. Então, eu perdi todos os detalhes do enterro. Eu não queria que ela perdesse, mesmo longe. Eu passei como eu gostaria de ter recebido. Eu queria que ela sentisse a emoção que a gente *tava* sentindo ali, não *pra* se desesperar, mas *pra* se tranquilizar. Que, apesar do momento difícil, *tava* tudo sob controle. E eu consegui passar. (Psicóloga e pastora evangélica de 49 anos)

A partir da apresentação da teoria da antropologia digital e dos principais conceitos relacionados ao campo no capítulo anterior, infere-se que a sensação de copresença proporcionada na *polymedia* (MADIANOU; MILLER, 2012) pela Internet embutida, incorporada e cotidiana (HINE, 2015) é um dos fatores que promovem a dialética da cultura digital. Ao aproximar os indivíduos nas interações, permitindo que eles se conheçam melhor e se confrontem mais diretamente, a copresença dá chance tanto à energização de afetos quanto à potencialização de conflitos. Tais aspectos dos relacionamentos familiares são o tema do próximo capítulo deste trabalho.

3 AFETOS E CONFLITOS DENTRO E FORA DO MUNDO DIGITAL

Em geral, a família é a primeira associação comunitária dos sujeitos (COOLEY, 1962). Por isso, ao tratar da entidade familiar, sobretudo quando ela é vista como lugar simbólico de segurança (ROUDINESCO, 2003), torna-se importante refletir sobre os conceitos de comunidade e vínculo social. Ao distinguir a *Gemeinschaft* (comunidade) da *Gesellschaft* (sociedade), Tönnies (1957) concebe a comunidade como uma forma de organização social mais pura, representada pela família e pela vizinhança em aldeias e pequenas cidades. De acordo com o sociólogo alemão, nesses grupos, a união se dá em torno de uma vontade essencial, de caráter orgânico e instintivo: é um objetivo comum, já definido, que mantém as pessoas relacionadas (como a produção agrícola em comunidades rurais, por exemplo). As trocas e a cooperação mútua caracterizam a comunidade, entendida pelo autor com única forma real de vida, ao contrário da sociedade, dentro da qual predominam o individualismo, a ausência de laços, a hostilidade, interesses antagônicos e relações de conveniência.

Em sua revisão teórica da apropriação científica do conceito de comunidade pela psicologia social, Sawaia (1996) ressalta que, nos estudos clássicos, de maneira ampla, prevalece a visão idealizada da comunidade como um “paraíso” isento de males e repleto de harmonia, sendo a família considerada seu protótipo. Nessa literatura, o caráter homogeneizador se revela a marca das relações comunitárias, cujas bases são formadas pela comunhão de intentos e pelas tradições. Ainda segundo a autora, o contraponto a essa organização humana se dá pela existência de relações típicas da cultura moderna, ou seja, ligadas à emergência das sociedades, nas quais sobressaem a impessoalidade. Assim, nesses escritos, a comunidade aparece como uma utopia, em uma espécie de lamento que remete ao passado: ela, apoiada na coletividade, não poderia coexistir com o individualismo, fortalecido pelo avanço da globalização. É nesse confronto de valores que reside a dimensão política do conceito de comunidade (SAWAIA, 1996, p. 37).

A tensão entre comunidade e individualidade também se mostra presente na obra de Bauman (2003), para quem a vida comunitária traz segurança à custa da liberdade. O pensador classifica a comunidade como um paraíso perdido fora de alcance e ao qual se espera retornar. No âmbito imaginário, ela é sempre aconchegante e protetora dos perigos, pois configura o lugar dotado de entendimento, confiança e boa vontade e onde todos se ajudam e querem o bem uns dos outros (BAUMAN, 2003). No entanto, Bauman afirma que a comunidade realmente existente é

opressora, visto que cerceia o direito à autonomia em nome da proteção: para o autor, segurança e liberdade são dois bens igualmente preciosos e desejados, mas impossíveis de serem perfeitamente ajustados (BAUMAN, 2003, p. 10).

O entendimento da comunidade como lugar seguro se coaduna com a definição de família adotada neste trabalho e apresentada anteriormente. Como um grupo social concreto, a organização familiar é uma estrutura que abriga relações de poder e na qual, portanto, pode haver opressão. Ao considerar que a intimidade familiar é a comunidade mais intensamente praticada pela maioria dos indivíduos, Ferguson (2012) admite a possibilidade de a família tanto permitir a expressão das identidades verdadeiras de seus membros quanto se revelar um ambiente opressor do qual é difícil escapar — apesar de o parentesco, responsável pela coesão entre os sujeitos, estar suscetível à construção e à desconstrução por meio de ações culturais apropriadas. Sem excluir isso do campo de análise, é interessante pensar além da abordagem homogeneizadora.

Sawaia (1996, p. 47) traz uma perspectiva valiosa para o debate, ao defender que o entendimento da comunidade como categoria de integração e de autonomia, ao mesmo tempo, é essencial para a recuperação de seu substrato ético-simbólico. Ela afirma que o espaço comunitário permite a “passagem da universalidade ética humana à singularidade do gozo individual”, pois se trata do ambiente privilegiado onde ocorre um “fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu e partilhadas intersubjetivamente” (SAWAIA, 1996, p. 48). É necessário que interesses coletivos sejam interiorizados como projeto individual para que os sujeitos se sintam motivados a transformá-los em ação, uma vez que “não se pode exigir que o homem abandone a esfera pessoal da busca da felicidade” e que “bem-estar coletivo e prazer individual não são dicotômicos” (SAWAIA, 1996, p. 49). Sendo assim, a homogeneização não só é uma característica imprópria para a comunidade como pode negá-la, visto que a vivacidade do espaço comunitário reside justamente na dialética entre individualidade e coletividade, sublinha a autora.

A teoria da incomensurabilidade de Ferguson (2012) endossa tal ponto de vista. Sem definir o que é família, por acreditar que nenhuma acepção é suficiente para traduzir a complexidade e a pluralidade das entidades familiares como elas são de fato, o autor sustenta que esse grupo social representa um lugar simbólico onde relações comunitárias estão imbricadas (FERGUSON, 2012, p. 2). No entanto, é superficial resumi-lo a um modelo funcional no qual a força da individualidade é controlada pelos propósitos comuns (FERGUSON, 2012, p. 4).

O termo incomensurabilidade, como lembra Ferguson (2012), invoca um problema de insolubilidade e expressa a ideia da incompatibilidade de perspectivas alternativas. Na política, o pluralismo de valor também é associado à impossibilidade de acordos, o que alçou a incomensurabilidade ao posto de “condição trágica da humanidade” (FERGUSON, 2012, p. 6). O autor, no entanto, utiliza outra abordagem para analisar a questão. Para ele, a incomensurabilidade não resulta em problemas insolúveis, e as famílias são a prova disso, uma vez que parentes conseguem conviver mesmo com várias diferenças irremediáveis, frutos de suas individualidades, e sem que elas levem, inexoravelmente, a estagnação, conflitos e rupturas intermináveis. Dessa maneira, o teórico propõe a valorização de divergências inconciliáveis entre os parentes, pois elas, ainda que de uma forma dramática, “levam a uma vida familiar de prazer, aprendizado e maravilha” (FERGUSON, 2012, p. 5, tradução nossa).

Em todos os tipos de arranjos familiares, os indivíduos discordam entre si por fatores geracionais, inclinações, interesses e questões de personalidade, o que provoca a incomensurabilidade: o fato de que duas pessoas jamais vão se entender e se aceitar completamente devido às diferenças em suas motivações, seus valores e suas histórias (FERGUSON, 2012, p. 5). Se, por um lado, ressalta o autor, as disparidades suscitam queixas, desconfiança, separação, desilusão, angústia, raiva e falhas de comunicação; por outro, elas tornam a experiência da vida humana mais complexa, rica, interessante e intrigante, além de transformarem as pessoas em seres éticos e capazes de reagir às situações.

Na realidade prática das famílias, a incomensurabilidade não impede que decisões sejam tomadas e brigas, resolvidas ou esquecidas, já que esses grupos sociais são o espaço simbólico onde ocorre a maioria das negociações políticas e éticas humanas (FERGUSON, 2012, p. 7). Segundo Ferguson (2012, p. 9), as relações entre parentes solapam a presunção de que a comunidade exige ou requer uma experiência unificada. Logo, a incomensurabilidade não é uma situação infeliz a ser superada, mas a condição contínua da existência humana engajada (FERGUSON, 2012, p. 6).

Portanto, se a família evoca identidade (FONSECA, 2004), também aduz diferenças (FERGUSON, 2012), e da articulação entre esses dois processos provém o vínculo social (JODELET, 2005). Denise Jodelet (2005), em seus estudos sobre a construção social das formas de alteridade, destaca que o “outro-semelhante” é mediador da identidade à medida que completa e reflete as experiências do sujeito, dando sentido a elas. É essa reflexividade em ação dentro das

relações interpessoais que assegura a conexão entre as partes (JODELET, 2005, p. 16). Desse modo, no campo da psicossociologia, é preciso contemplar a pluralidade para pensar sobre o laço social, entendido pela autora como um produto simbólico alcançado via comunicação, como visto em seu trabalho sobre uma comunidade francesa onde loucos viviam livremente entre os ditos normais. Analisando as famílias como comunidades, pode-se inferir que a diversidade e as divergências verificadas entre seus membros não só não dissolvem esse agrupamento humano, como são elas mesmas as responsáveis pelas ligações que atam o conjunto.

Tendo em conta que a dimensão hedônica é fonte de vínculo social (JODELET, 1989a, p. 181) e que a família é uma comunidade, como outras, na qual a dialética entre individualismo e coletivismo encontra expressão, cabe aqui salientar a conceituação do ambiente comunitário feita por Nisbet (2017). Para ele, a comunidade transcende o espaço geográfico e representa a fusão de sentimento e razão, de tradição e intenção, de participação em grupo e volição (NISBET, 2017, p. 47-48). A antítese formada pelas qualidades que classicamente caracterizam a comunidade e pelas relações “não comunais” de utilidade, conflito e competição, por exemplo, é fundamental para a força do vínculo na comunidade (NISBET, 2017, p. 48).

Em um contexto de globalização, a ideia de que o local físico não limita a configuração da comunidade é de extrema importância para a análise das relações interpessoais, dado que a comunicação que possibilita o laço social não ocorre mais somente no âmbito presencial, mas também mediada por tecnologias como a Internet (SAWAIA, 1996).

3.1 PARENTESCO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como já se destacou neste trabalho, a experiência do parentesco permeia normas enraizadas na cultura, que dizem respeito a direitos e deveres que os parentes têm uns com os outros e às projeções de comportamentos esperados nessas relações. A consistência da dimensão formal e normativa do parentesco se explica, em grande parte, pelo fluxo de representações de família circulantes na sociedade, popularizadas sobretudo pela mídia, avalia Miller (2007). Ele lembra que, em programas de televisão, é comum a veiculação do ideário de que por mais disfuncionais, difíceis e errados sejam os parentes e os relacionamentos, no fim das contas, a compaixão e o calor humano subjacentes são o que importa.

Elaboradas e compartilhadas por membros de um mesmo grupo por meio de trocas comunicativas midiáticas ou informais, representações sociais são visões consensuais da realidade

que regem as relações dos indivíduos, entre eles e com o mundo, orientando e organizando condutas e interações (JODELET, 1989b; MOSCOVICI, 1989). Uma vez que o objetivo prático desses sistemas é simbolizar e interpretar o objeto ao qual estão conectados (JODELET, 1989b), no caso da família, eles estão intimamente ligados ao conjunto de valores que esse agrupamento social evoca e que fornece sentido à vida e às identidades individuais e coletivas dos parentes. Quando traduzem uma aceção idealizada da família, as representações sociais não apenas reforçam o aspecto normativo do parentesco, como também contribuem para a discrepância entre as expectativas e as experiências reais de relacionamento.

Segundo Jodelet (1989b), as representações sociais aproximam a vida mental individual e coletiva, porque são, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade cognitiva pela qual o sujeito se relaciona com um objeto: o indivíduo se apropria de uma realidade exterior ao pensamento e a elabora psicológica e socialmente, dando-lhe significado. Tais representações se caracterizam, então, como um saber derivado e inferido, pois mantêm um suporte individual (MOSCOVICI, 1989) ainda que sejam uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada no curso das trocas possibilitadas pela comunicação (JODELET, 1989b). Por isso, as representações são sociais, não coletivas (MOSCOVICI, 1989).

Uma abordagem híbrida e relativista desses sistemas de simbolização e interpretação, que aceite a tensão entre individualismo e holismo, é particularmente útil quando se pensa a família. A produção e a circulação das representações sociais da entidade familiar concorrem para a construção de uma realidade comum a um grupo social — daí sua grande importância na vida cotidiana —, mas a perspectiva individual sobre essa organização humana não pode ser perdida. Moscovici (1989) salienta que é preciso considerar que há comunidades específicas com culturas diferentes dentro de uma mesma sociedade (como o conjunto dos adultos e o das crianças, por exemplo), e que as relações de cooperação favorecem, simultaneamente, as trocas sociais e a expressão da personalidade de cada sujeito. Assim, as representações sociais são dinâmicas e ligadas mais à inovação do que à tradição, pontua o autor.

De acordo com Moscovici, “tudo que resulta da ideação coletiva nos afeta em algum grau” (MOSCOVICI, 1989, p. 84, tradução nossa). Sendo assim, as representações sociais de família, ao cumprirem seu papel de modalidade de pensamento produzida socialmente, moldam o cenário no qual os sujeitos vivem e influenciam a constituição do saber sobre esse conjunto, as interações entre os parentes e a negociação do parentesco. Ao se encaixarem nos conhecimentos preexistentes

dos indivíduos sobre a vida familiar, as representações sociais de família, sejam elas quais forem, servem para ajuste, condução ou localização, identificação ou resolução de problemas e tomada de posição no que concerne às relações interpessoais nesse espaço simbólico e emocional.

3.2 O VALOR DAS EMOÇÕES

Ao focalizar, no campo de análise, o fato de os relacionamentos familiares se constituírem entre a dimensão formal do parentesco e a prática das relações interpessoais, é preciso agregar ao debate uma reflexão sobre a importância das emoções produzidas nos processos de interação. Um dos maiores estudiosos das emoções humanas, o psicólogo Paul Ekman afirma que a emoção é um processo derivado de uma avaliação automática “em que sentimos que algo importante para nosso bem-estar está acontecendo e um conjunto de mudanças fisiológicas e comportamentos emocionais influenciam a situação” (EKMAN, 2011, p. 31). Esse processo avaliativo é perpassado por questões ligadas à evolução da espécie e aspectos individuais associados à vida pessoal de cada sujeito. Valoradas como positivas ou negativas, agradáveis ou desagradáveis, as emoções ajudam a compreender as experiências de afeto e conflitos que se dão na convivência entre membros de uma mesma família, tanto no universo digital quanto no mundo presencial.

Afetos podem ser entendidos como um elemento da subjetividade, caracterizados por pensamentos — ou seja, fenômenos psíquicos — capazes de se manifestar, inclusive de maneira corporificada, sob a forma de emoções e sentimentos (CODO; GAZZOTTI, 1999; ROSALDO apud VÍCTORA; COELHO, 2019). Desse modo, afetos são sentidos, pois desencadeiam reações físicas e emocionais, e têm potencial para produzir vínculos. Já conflitos são um tipo de sociação — embora derivem de fatores de dissociação, como ódio ou inveja — destinado a “resolver dualismos divergentes” e “conseguir algum tipo de unidade” (SIMMEL, 1983, p. 122), ainda que por meio da extinção do que causa distúrbio às relações. Segundo Simmel (1983, p. 122), todas as interações humanas — ou seja, ações realizadas na convivência entre os sujeitos, motivadas por instintos e fins diversos — são formas de sociação. O autor defende que nenhuma organização social emerge unicamente da harmonia. Pelo contrário: uma situação real de sociação só toma corpo a partir do entrelaçamento de correntes convergentes e divergentes (SIMMEL, 1983, p. 124).

De acordo com Lawler (2001), interna e involuntariamente, os indivíduos experimentam emoções de diferentes formas e intensidades nas trocas sociais cotidianas, caracterizadas por uma atividade conjunta entre dois ou mais atores. A teoria do afeto nas trocas sociais (LAWLER, 2001)

propõe que a interpretação desses estados transitórios é fundamental para a definição do grau de articulação e solidariedade do sujeito com o grupo, uma vez que eles passam a ser associados àquela unidade social como um todo. Quando emergem sensações como prazer, orgulho e gratidão, classificadas como positivas, a tendência é que ocorra apego afetivo; já desagrado, vergonha e raiva, cujo sentido é negativo, causam descolamento emocional de um determinado agrupamento humano (LAWLER, 2001, p. 348). Lawler (2001) observa que redes conectadas de forma positiva, em geral, encorajam todos os seus membros a se relacionarem uns com os outros repetidamente, o que cria um sentimento de semelhança social e identidade comum. O autor diferencia essas das redes conectadas negativamente, que costumam se tornar um conjunto de subgrupos fracamente interligados, cada um promovendo um senso de pertencimento interno maior do que a identidade do grupo inteiro. Nesses casos, a atribuição de significados ruins às emoções suscitadas pela interação com a unidade maior pode motivar os sujeitos a evitar esse tipo de troca, de modo a prevenir sentimentos desagradáveis.

A aplicação da teoria do afeto nas trocas sociais à reflexão sobre as famílias ajuda a entender por que esses grupos são considerados fontes de valores (FONSECA, 2004). Segundo Lawler (2001), isso se deve às emoções experimentadas nas interações e ao processo de interpretação delas, que transformam os relacionamentos e as redes. Sensações positivas proporcionadas pelo convívio harmonioso geralmente estimulam a união entre os parentes, enquanto desentendimentos gerados por conflitos frequentemente distanciam membros das famílias, diminuindo a identificação entre eles e fragmentando a unidade em conjuntos menores. O direito de descolamento afetivo é legítimo, visto que as relações de parentesco, justamente por se darem no conturbado conteúdo da vida diária, são potencialmente instáveis, vulneráveis a eventos e sujeitas à negociação (SAHLINS, 2013, p. 9). Em um sentido amplo, pode-se dizer que a teoria do afeto nas trocas sociais identifica algumas formas pelas quais mecanismos não racionais (surgimento involuntário das emoções) e racionais (atribuição de significados às emoções) se entrelaçam às experiências reais de interação familiar e influenciam as negociações das redes e do parentesco.

Conflitos e sentimentos negativos, como decepção, são praticamente inevitáveis na intimidade das famílias, sobretudo quando elas se tornam complexas e diversas, com múltiplos atores. Aprender a lidar com as diferenças entre projeções idealizadas e realidade nesses contextos — ou seja, com a existência simultânea dos aspectos normativo e prático do parentesco — é uma forma de desenvolver relações interpessoais mais maduras e recíprocas (MILLER, 1997, 2007).

Negociar os relacionamentos na família, portanto, significa encontrar um caminho de progredir apesar dos desapontamentos.

Contudo, fazer política — ou seja, negociar — dentro da família não é uma tarefa simples, embora esse seja o lugar onde, provavelmente, mais se desenvolve tal habilidade (FERGUSON, 2012, p. 10). Ferguson (2012) destaca que nem mesmo o fato de o convívio próximo fazer com que os familiares se conheçam melhor do que a qualquer outra pessoa torna a resolução dos conflitos mais fácil, porque seres humanos são potencialmente imprevisíveis e, portanto, surpreendentes. Por isso, ele argumenta, a intimidade das famílias é tão cheia de discussões e ressentimentos quanto de amor, apoio e companheirismo. O autor define a negociação como uma estrutura de criatividade que possibilita aos sujeitos viver como criaturas comunais e atores individuais simultaneamente, sentindo e criando seus caminhos através de papéis, expectativas, obrigações e potencialidades (FERGUSON, 2012, p. 10).

3.3 A MANIFESTAÇÃO DE AFETOS

No ambiente *polymedia*, as mídias sociais oferecem uma gama de recursos para que os indivíduos, a exemplo dos parentes, possam manifestar afetos e, assim, reforçar vínculos sociais, como salienta Baym (2016) em suas ponderações sobre as conexões interpessoais na era digital. Em todo o trabalho de campo desta pesquisa, foi possível identificar algumas maneiras pelas quais membros de uma mesma família expressam sentimentos de amor e amizade entre si na comunicação familiar dentro do universo on-line. O preenchimento, pelos voluntários, da ficha de amostragem de experiência utilizada como instrumento de coleta de dados na proposta metodológica evidenciou ainda que o recebimento de mensagens entendidas como demonstrações de afeto estão associadas a estados mentais transitórios verbalizados das seguintes formas: “feliz”, “amigável”, “grato”, “calmo”, “cooperativo”, “forte”, “animado”, “amado”, “orgulhoso”, “cuidadoso” e “responsável”. Com base nos estudos de Ekman (2011), pode-se dizer que tais palavras se referem a emoções positivas, capazes de estimular a vida, engajar os seres humanos em atividades e motivar o comportamento.

Neste estudo, as manifestações de afetos nas relações familiares mediadas dentro do ambiente digital foram agrupadas em quatro categorias de análise, que são apresentadas detalhadamente a seguir.

3.3.1 O amor nas pequenas coisas: *emojis*, demonstrações de apoio e incentivo, bênçãos e o “ser lembrado”

Notou-se, nesta pesquisa, que o afeto nas interações entre parentes via plataformas digitais pode se tornar visível por meio de poucos cliques, a exemplo de uma reação “Amei” no Facebook ou o envio de *emojis* com representações de corações. “*Pra* mim, não existe curtir, só amei. Amo tudo (risos). Amo, boto coraçãozinho, carinhas...”, contou o analista de marketing de 24 anos. O potencial dos recursos imagéticos para exprimir ternura e estima foi destacado pela jornalista de 31 anos durante a entrevista: “A gente usa muito os *emojis*. Beijinho, coraçãozinho, coraçãozinho no olho⁴¹, mãozinha, aniversário, bolinho e tal. As próprias fotos... As fotos, por exemplo, abraçado e tal...”. Comentários sucintos feitos nas mídias sociais também revelam o afeto. “A gente fala que ama, que sente saudade...”, disse a psicóloga de 40 anos. Muitas vezes, esses dizeres têm tom elogioso, o que enfatiza a importância do suporte social nas famílias.

Os depoimentos a seguir auxiliam a interpretação de que é no curso das trocas diárias, com pequenas demonstrações de amor e apreço, que o vínculo e os laços afetivos são construídos, mantidos e alimentados nos relacionamentos familiares. Essa percepção vem reforçar o que foi apresentado no capítulo anterior deste trabalho: assim como os parentes gostam de acompanhar o dia a dia uns dos outros, mesmo que as experiências compartilhadas na comunicação familiar online não sejam fatos marcantes da vida, também não é necessário que o afeto seja expresso de forma rebuscada para ser reconhecido e valorizado.

Ah, minhas irmãs são maravilhosas. Se eu posto uma foto, é “linda”, “gostosa”. Elas são muito carinhosas, levantam a autoestima de qualquer um. Com as sobrinhas e tudo. Pode estar gordinha, mas sempre tem um elogio, alguma coisa. E eu acho isso muito gostoso. Já teve briga, assim, se alguém me ataca por política, a irmã se mete e briga com quem ela nem conhece, entendeu? *Tem* uns negócios assim também. Um por todos e todos por um. (Psicóloga e pastora evangélica de 49 anos)

Por exemplo, você faz uma postagem, e o pessoal comenta “que legal”. Aí comenta aquela foto, pergunta, interage com você querendo saber como é que foi o evento, como é que aquilo aconteceu, como é que foi a viagem, como é que foi o aniversário, demonstra carinho. Deseja felicidade em alguma viagem, algum evento, alguma participação sua no trabalho, em tudo. Aí eu sinto que a pessoa demonstrou um carinho. (Gerente de tesouraria de 57 anos)

O afeto é mais assim, quando alguém manda uma foto das crianças e a gente fala “ai, que fofura”, “ai, que amor”, “ai, que saudade que a dinda tá”. *Tem* muito isso, principalmente quando são fotos das crianças, essa demonstração de afeto. Quase todo mundo não se contém em comentar alguma coisa fofa. (Jornalista de 43 anos)

⁴¹ A interlocutora se refere a um *emoji* que representa um rosto sorridente com dois corações no lugar dos olhos.

Outras interações compreendidas como intenções de afeto são demonstrações de preocupação com o bem-estar dos parentes, bem como manifestações de apoio e incentivo em situações decisivas ou adversas. A jornalista de 33 anos afirmou que acha afetuosos quando um membro da família se interessa em saber se o outro se recuperou de algum problema de saúde, ou ainda como se saiu na entrevista de emprego, no primeiro dia de trabalho ou no primeiro dia de aula, por exemplo. Já a jornalista de 43 anos contou que seu padrinho andou cabisbaixo porque ficou desempregado e, já idoso, tem sentido “a proximidade do fim” ao ver pessoas próximas também de mais idade morrerem. Dizeres como “força” e “vida que segue” são direcionados a ele no grupo da família no WhatsApp, com o objetivo de levantar a autoestima do parente. “Acho que tem muito afeto ali, ainda que seja em situações mais adversas ou nessas bobeirinhas”, como a voluntária se referiu a comentários sucintos em fotos que retratam episódios banais da rotina dos familiares, “mas tem sempre um falando para o outro coisas legais de se ouvir”, disse.

Para a jornalista de 61 anos, os “pequenos apoios cotidianos, geralmente envolvendo gerações” são bons exemplos de afeto na comunicação do seu agrupamento familiar no ambiente digital. Como os grupos de família no WhatsApp permitem o acompanhamento do dia a dia dos parentes, também é possível, por meio do canal, identificar as inseguranças dos indivíduos, a exemplo de receios e inquietações relacionados à educação dos filhos, como relatado no depoimento abaixo. Nessas situações, a convivência intergeracional nas mídias sociais possibilita que os mais velhos e experientes dirijam palavras tranquilizadoras aos mais jovens e inexperientes a qualquer momento — já que a Internet é embutida, incorporada e cotidiana (HINE, 2015) —, o que é entendido como uma expressão de carinho.

Como na família *tem* os pais e os filhos, *tem* duas gerações ali, e já *tem* os netos que não participam do grupo, mas que são alvo de postagem de foto de festinha junina e tal... Às vezes, *tem* algumas... Você identifica, assim, algumas inseguranças, geralmente de quem veio de fora, que não tem o sangue, que são casados com alguém, que se sentem inseguros e que, de repente, você sente que tem um conflito qualquer, geralmente na forma de conduzir uma questão qualquer, geralmente com netos. Na hora que você entra com uma postagem “puxa, sei bem como você se sente”, “já me senti assim também”, “relaxa, você tá se saindo *superbem*, os meninos são...”, “é isso mesmo, vai ter um dia melhor e outro pior”... Geralmente não com filhos, porque com filhos se tem uma relação pessoal de convívio muito mais próxima. Mas isso é uma coisa bacana, quando alguém entra reforçando, dando suporte para uma insegurança. Normalmente, o mais velho consegue identificar esse tipo de coisa na geração mais nova, porque você já passou por isso. E aí você poder daquela reforçada on-line, na frente de todo mundo, escrito, preto no branco, que ele vai dar conta, que ele é inteligente, tenho certeza, e se não puder ser dessa (vez), meu amigo, *tá* tudo certo, virão outras. Esse tipo de reforço, para entrevista de emprego, para criação de filho, isso é muito bacana. (Jornalista de 61 anos)

Como descrito no capítulo anterior, o analista de marketing de 24 anos tem o hábito de avisar os pais, pelo WhatsApp, da sua chegada ao trabalho diariamente. Na etapa de observação participante, ele relatou ficar ansioso para chegar ao local onde exerce sua atividade laboral e enviar tal aviso, porque sabe que a comunicação transmite calma e tranquilidade aos progenitores. Ao que escreve para a mãe no aplicativo, ela retorna com uma mensagem o abençoando, e a interação proporciona ao voluntário a sensação de ser feliz, amado, responsável e cuidadoso. Em um dos dias da amostragem de experiência, a mãe do analista de marketing não respondeu ao texto do filho depois que ele chegou ao trabalho. O interlocutor narrou que se sentiu frustrado por não ter recebido a benção matinal da mãe, pois isso se tornou um costume no relacionamento deles. A ausência da mensagem gerou sentimento de falta, em contraposição às boas sensações produzidas pela típica resposta materna. Dessa forma, pode-se afirmar que o ato de bendizer um parente também é considerado afetuoso na comunicação familiar mediada pela Internet, o que reforça os preceitos da teoria da antropologia digital em relação à manutenção da essência dos aspectos socioculturais nas dimensões on-line e presencial.

A questão do “ser lembrado” também foi colocada pelos voluntários e, quando pontuada na comunicação familiar no ambiente digital, caracteriza mais uma forma de materialização do afeto. Ela fica clara quando um parente envia uma mensagem direcionada especificamente a outro membro da família ou marca o nome do ente querido em alguma publicação, geralmente no Facebook ou no Instagram⁴². A jornalista de 31 anos disse que, com frequência, marca o perfil da irmã em postagens sobre cachorros ou gatos no Facebook (Figura 9) — já que cada uma possui um animal como bicho de estimação —, para que ela veja o conteúdo. A partir daí, geralmente se desenrola uma interação, seja com uma reação padronizada à publicação (como “curtir”, por exemplo) ou um comentário. Nas mídias sociais, atitudes como essa representam a intenção de compartilhar gostos, notícias ou experiências com alguém que se tem em alta conta e, portanto, rapidamente vem à lembrança em determinadas ocasiões.

Várias vezes o compartilhado no grupo é específico para uma pessoa. Essa história da comida, do bebê, eu vi e me lembrei de uma sobrinha. Ou seja, naquele momento, ela *tava* presente na minha memória, na minha intenção, porque eu li a matéria e lembrei *dela*. No que eu mando *pra* ela, geralmente com bilhetezinho assim, fica claro *pra* ela que, naquela hora ali que não tinha ninguém comigo, que eu lembrei *dela*. Achei interessante e mandei *pra* ela. Esse intercâmbio de pequenos assuntos que você lê, ou vê um vídeo ou uma foto,

⁴² Quando se marca o perfil de um usuário em uma publicação do Facebook ou do Instagram, a pessoa recebe uma notificação. Por isso, o recurso é utilizado quando se quer que determinado indivíduo veja um conteúdo específico disponível nessas plataformas.

e lembra *de* alguém. É a história do ser lembrado. Fica patente com o envio da matéria, da foto, que você estava presente no pensamento. Acho que isso é legal, tanto de ser lembrada... Às vezes, a gente tem coisas assim: alguém *tá* viajando não sei onde... Volta e meia, *tem* assim “tia, olha que lindo, você ia amar isso aqui”. Aí manda uma foto. Pô, bacana, o cara *tá* lá na Caixa Prego e lembrou de mim. (Jornalista de 61 anos)

Figura 9 – Exemplo de demonstração de afeto no Facebook com marcação de perfil de parente em publicação



Fonte: Reprodução do Facebook feita pela pesquisadora durante a fase de observação participante.

3.3.2 As felicitações de aniversário e as homenagens públicas

No capítulo anterior, abordou-se o ritual de enviar, por meio das mídias sociais, felicitações a um parente por ocasião de seu aniversário. Seja em conversas individuais e particulares, seja em uma comunicação de caráter mais coletivo e menos privado, o ato é visto como uma expressão de carinho e estima. Quando a parabenização ganha tons de homenagem pública — isto é, quando a mensagem direcionada ao aniversariante é colocada em uma publicação visível para uma grande quantidade de indivíduos, geralmente no Facebook ou no Instagram —, a questão do afeto fica evidente não só para o homenageado, mas também para uma ampla rede de conexões na esfera digital.

“Em datas especiais, gosto de fazer uma homenagem pública para que as pessoas vejam o que eu tenho *pra* falar *praquela* pessoa especial”, destacou a jornalista de 43 anos. Quando o marido, os filhos ou os irmãos da interlocutora completam mais um ano de vida, ela escreve, no Facebook ou no Instagram, um texto com manifestações de amor e afeição mais alguns dizeres sobre a pessoa celebrada, a exemplo deste que postou para comemorar o aniversário do filho: “São 14 anos nos presenteando com esse sorriso fácil, e seguindo em frente, mais forte do que imagina.

Peço a Deus que te proteja e só permita que pessoas boas cruzem o seu caminho. Parabéns, meu amor! Obrigada por seu meu filho! Te amo tanto... Vamos juntos, sempre!”. Uma foto do menino acompanhava as palavras na postagem. A voluntária contou que, desde a véspera do aniversário do adolescente, já estava pensando no que publicaria em homenagem a ele nas mídias sociais. A preocupação com preparar o conteúdo denota o valor que esse ritual tem, dentro da comunicação familiar on-line, como demonstração autêntica de afeto.

As felicitações de aniversário que ganham tons de homenagem pública funcionam também como memórias mediadas. Como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, o conceito de memórias mediadas (VAN DIJCK, 2013) remete a construtos sociotécnicos produzidos e apropriados por meio de tecnologias digitais, aos quais podem ser atribuídos novos sentidos a cada vez que são revisitados e, conseqüentemente, reeditados pelo cérebro. Declarações dadas pela psicóloga de 40 anos à pesquisadora na entrevista em profundidade colocam essa questão em evidência. Ela disse que faz postagens no Facebook para parabenizar e homenagear o marido quando ele faz aniversário com o objetivo de agradar-lhe, porque sabe que ele gosta desse tipo de manifestação de afeto. E completou: “O *post* acaba ficando como uma recordação. Você pode a qualquer tempo voltar lá e ver aquilo”. A interlocutora citou um exemplo em seu relato: “*Teve* uma vez que eu fiz o *post*, tipo assim, meia-noite. Ele já *tava* dormindo. Porque eu sabia que de manhã cedo, quando ele acordasse, ele ia pegar o telefone e ia ver, e eu estaria dormindo. Fiz o *post* antes de falar com ele, para fazer uma surpresa”. O contexto da situação — o horário da publicação na plataforma digital e a intenção de surpreender o companheiro — contribui para a interpretação de que o conteúdo construído na mídia social se trata de uma memória mediada, já que havia o desejo de que aquela fosse uma experiência marcante.

Vale frisar que o ritual de felicitar parentes pelas mídias sociais nesse festejo específico não necessariamente elimina o ato de parabenizá-los pessoalmente, como indicam os trechos do depoimento da psicóloga de 40 anos destacados no parágrafo anterior. Se os sujeitos têm a oportunidade de estarem juntos no mundo presencial, a interação no ambiente digital apenas se soma ao hábito de desejar feliz aniversário a outrem visto na realidade precedente. Tal questão realça o materialismo da cultura on-line e os preceitos destacados pela teoria da retenção, que chama a atenção para o fato de as experiências proporcionadas pelas tecnologias emergentes estarem conectadas às trocas sociais em curso (MACHADO, 2017a; MILLER; SINANAN, 2014).

Na verdade, com as pessoas mais próximas, meus pais e meus irmãos, eu prefiro dar parabéns pessoalmente. Às vezes, eu até faço um *post*, mas depois de eu ter dado parabéns,

de falar com a pessoa. Às vezes, eu ligo para a pessoa e falo: “não vou te dar parabéns, não, porque vou aí te dar um abraço”. (Psicóloga de 40 anos)

Durante a etapa de observação participante deste estudo, a jornalista de 43 anos fez aniversário, e seu marido escreveu o seguinte texto na linha do tempo⁴³ dela no Facebook:

Parabéns meu amor, toda felicidade do mundo *pra* mulher que me acompanha há quase 27 anos e que meu deu além dos dois presentes mais preciosos que tenho, também me deu seu carinho, seu amor, seu sorriso seu ombro e sua força nos momentos mais difíceis de nossa caminhada... Te amo minha linda!!! (Texto retirado do perfil do Facebook de interlocutora da pesquisa)

Perguntada pela pesquisadora sobre a postagem, a interlocutora disse que, por ela ter o costume de homenagear o companheiro quando ele completa uma nova idade, ele acabou criando o hábito de fazer o mesmo para ela. Tal revelação põe em destaque a reciprocidade, aspecto diretamente ligado à demonstração de afeto entre membros de uma mesma família na comunicação mediada pela Internet. A seção seguinte deste trabalho explora melhor essa questão.

3.3.3 A reciprocidade nos comportamentos interativos

Pelos depoimentos dos interlocutores, foi possível identificar que alguns comportamentos e sentimentos dos sujeitos nas interações com membros da família dentro do universo on-line representam uma amostragem de afeto, ainda que o conteúdo da mensagem gerada na comunicação não seja tão explícito nesse sentido. Observou-se que, em geral, tais posturas dos parentes estão associadas à questão da reciprocidade nos relacionamentos familiares, ou seja, ao desejo de retribuir o carinho e a atenção dispensados por outrem a si mesmo.

Um exemplo disso é o ato de reagir a postagens feitas por um membro da família “*pra* dar uma audiência”, como colocou a jornalista de 43 anos durante uma das entrevistas. Assim como a quantidade de curtidas e comentários importam para as marcas e as figuras midiáticas que mantêm perfis nas mídias sociais, o engajamento do público também é apreciado por pessoas anônimas em suas próprias publicações. Ao deixar algum tipo de reação na postagem, os parentes não só demonstram que viram aquele conteúdo, já que a visibilidade é valorizada no ambiente digital, como cumprem o papel de apoiadores e incentivadores — ligado à dimensão normativa do

⁴³ Linha do tempo é o nome dado pelo Facebook à área do perfil de usuário que funciona como uma espécie de mural de publicações. Nela, ficam disponíveis as postagens feitas pelo próprio dono da conta e os conteúdos endereçados a ele por outras pessoas.

parentesco (MILLER, 2007; MADIANOU; MILLER, 2012), já abordada neste trabalho — que se espera de um familiar.

Como se nota no relato do gerente de tesouraria de 57 anos destacado abaixo, esse tipo de comportamento interativo — curtir ou comentar publicações de parentes — ocorre de forma recíproca nos agrupamentos familiares. Para ele, é uma maneira de retribuir a atenção dada uns aos outros. Compreende-se, então, que o fato de tal ação estar relacionada às expectativas que se tem dos relacionamentos familiares faz dela uma demonstração de afeto. Um caso que ilustra isso é o da psicóloga de 40 anos, que frequentemente tem o perfil marcado pelo marido em publicações sobre bichos de estimação no Facebook. Apesar de considerar o volume das marcações exagerado, ela curte e comenta as postagens, até porque ele cobra reações dela: “Às vezes, ele fala ‘Tu nem viu o que eu posteí lá’, ‘Posteí um negócio *pra* você e você nem falou nada’. (...) Eu penso na consideração que a pessoa teve. ‘Ah, ele viu isso e lembrou *de* mim. Então, eu vou mostrar aqui que eu vi também””.

As (fotos) que eu posto é de eventos, aniversários, “saí em tal lugar”, “viajei”... Aí eu vou lá e boto umas *fotinhos*. Aí o pessoal curte muito. Porque como eu curto o que os outros fazem, eles tipo que me dão um retorno do que eu faço, entendeu? Quando você *tá* na rede social e você *tá* acompanhando os colegas, a família... Deu uma curtida? “Ah, fulano me viu, curtiu”. Quando você vai lá e posta um negócio seu, o pessoal tipo que *te* dá um retorno, responde. “Olha, eu vi também”. Eu acho que a rede social, principalmente o Instagram, funciona assim. À medida que você *tá* vendo as coisas dos outros e *tá* acompanhando e comenta ou dá uma curtida, aí ele fica sabendo: “aquela pessoa me viu, ela *tá* me acompanhando”. Então, quando você posta alguma coisa sua, a pessoa *te* dá um retorno. (Gerente de tesouraria de 57 anos)

A gente curte muito uma coisa do outro. Os meus *stories*⁴⁴, sempre quem vê logo é a (nome da irmã) e o (nome do irmão) (risos). Curte, comenta sempre, *pra* dar uma audiência mesmo (risos). Mas é porque são coisas mesmo que eu gosto de ver, que eu curto mesmo. Em geral, é foto de filho ou foto de algum evento. Então, a gente se curte no Instagram e no Facebook e comenta. Mais eu, minha irmã e meu irmão. Os meus cunhados, menos. Até porque eles postam pouco, mas também, quando postam, eu curto. Só quando o (nome do cunhado) começa... O (nome do cunhado) tem uma tendência de direita que não chega a ser um bolsominion⁴⁵, mas ele tem algumas tendências assim... Outro dia, ele postou uma coisa que eu fui completamente contra a opinião dele. Aí eu não curti. Igual ao meu irmão, na época das eleições, quando ele ficava postando alguma coisa de política que eu não concordava com o conteúdo. Eu não curtia, porque eu parto do princípio de que eu tenho que curtir⁴⁶ o que eu curto. Então, ainda que sejam eles... A minha irmã, não, porque

⁴⁴ A interlocutora se refere aos *stories* do Instagram. Trata-se de um recurso da plataforma que permite a publicação de imagens que ficam disponíveis para a rede de seguidores do usuário por apenas 24 horas.

⁴⁵ Bolsominion é uma gíria que surgiu no Brasil, no contexto da campanha eleitoral para o pleito de 2018, para denominar seguidores e apoiadores incondicionais do político Jair Bolsonaro. Trata-se de uma fusão dos termos “Bolsonaro”, sobrenome do candidato que venceu a corrida presidencial, e “minion”, em referência aos personagens do filme de animação “Minions”, distribuído pela Universal Pictures e lançado em 2015. No longa-metragem, os Minions são criaturas servis que obedecem a grandes vilões.

⁴⁶ Gíria para “gostar de”.

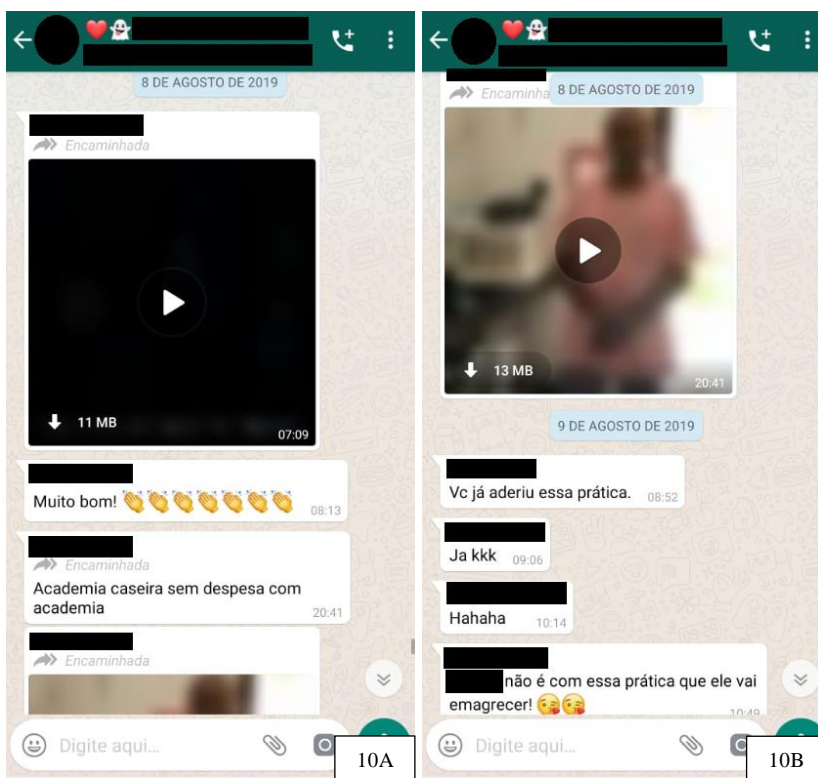
ela faz questão de não falar nada, de não se posicionar sobre nada disso. Mas o meu irmão é mais animado do ponto de vista político. E o (nome do cunhado), um pouco mais. Posta muito pouco, mas às vezes posta coisas que eu não curto, aí eu não curto mesmo. E minha tia tem Instagram também. Quando ela posta, eu curto também. Só. Meu pai tem Facebook também. Às vezes, ele coloca umas fotos lá fora de foco (risos). Mas meu pai, *tadinho*, ele tem 75 anos. Ele sempre foi muito esperto. Então, ele *tá* nas redes, *tá* no WhatsApp, *tá* no Facebook, porque ele acha que tem que estar, mas não é uma coisa que ele se apegou. Então, às vezes, ele posta algumas coisas sem sentido, sem noção. Aí eu curto, comento, *pra* agradecer. (Jornalista de 43 anos)

O depoimento acima revela que a jornalista de 43 anos só não reage a publicações de parentes quando o conteúdo exposto destoava de suas convicções pessoais — “curtir” algo nas mídias sociais pode ser entendido como um sinal de concordância com determinado assunto ou opinião, o que representaria uma incoerência nesse caso. Por outro lado, se o teor da postagem não for de encontro ao que ela acredita, a interação ocorre, ainda que não se trate de algo relevante na avaliação dela.

A mesma postura na comunicação familiar on-line foi observada na vivência da jornalista de 33 anos em seu grupo de família no WhatsApp, durante a etapa de amostragem de experiência deste estudo. Em um dos dias em que a voluntária compartilhou com a pesquisadora exemplos do que é típico nas interações com seus parentes no ambiente digital, um dos tios dela encaminhou, para o grupo da família que reúne pessoas de várias gerações, um vídeo de cunho humorístico. O título era “Academia caseira sem despesa com academia”. As imagens, citadas no capítulo anterior deste trabalho, mostram um homem em uma cozinha, com as mãos apoiadas sobre a pia, simulando os movimentos feitos em uma esteira elétrica, depois de jogar detergente no chão para que seus pés deslizassem sobre o piso escorregadio (Figura 10, excerto 10E). Ao responder a ficha de amostragem de experiência, a interlocutora relatou ter se sentido entediada e indiferente com a interação, e acrescentou o comentário: “Às vezes, tenho vontade de interagir para não frustrar o outro lado”. Apesar de o conteúdo enviado pelo parente não ter sido convidativo à resposta, a jornalista de 33 anos reagiu à mensagem fazendo comentários sobre o vídeo, como se vê na conversa reproduzida na figura 10, mais especificamente no excerto 10D, no qual se leem “So (sic) eu fiquei nervosa com esse homi (sic) jogando detergente no chão? Hahahaha” e “Sim. Mas minha agonia era esse homi (sic) cair e dar com fuça na pia hehehehe”. Na segunda entrevista em profundidade, ela disse que a intenção era evitar que o tio ficasse chateado com o fato de as imagens não terem tido grande repercussão no grupo do WhatsApp e, por isso, diminuísse o contato com os parentes por meio desse canal.

Quando são os meus tios que mandam, pessoas mais velhas, às vezes fica um silêncio. Acaba sendo uma coisa tipo muito de jovens e tal, da galera mais nova, dos primos conversando mais do que com os tios. E aí, assim, eu sei que para eles... Acho que quando a geração mais nova, quando você não responde, fica todo mundo tipo “ah, tudo bem, não respondeu”. *Tá* acostumado. Eu não respondo às vezes, o outro lado também não responde e tudo bem. *Neles*, eu acho que fica mais frustrante. Ainda mais que eles são aposentados... Eles não estão acostumados com essa dinâmica de ninguém responder. E eu sei disso. E aí, às vezes, eu respondo só *pra* tipo “ah, *pro* meu tio não ficar chateado, porque ele mandou um vídeo que ele achou legal e que ninguém curtiu”, sabe? E não me custa nada responder com um “hahaha” ou com um “ai, meu Deus, fiquei nervosa” e tal. Não é uma coisa que me afete responder. E eu fico achando que pode ser agradável ser gentil, na verdade. Acho que é mais uma coisa que eles não sabem lidar. Claramente, eles não sabem. Em várias outras situações, tanto presenciais quanto de Internet, de grupo, você vê que eles não sabem lidar com essa coisa da não resposta, que eles acham grosseria... Porque na época deles, todo mundo respondia tudo, qualquer coisa. Então, eu meio que respondo às vezes *pra* não ficar aquele vácuo, aquele silêncio, sabe? Se eu vejo a tempo, eu respondo *pra* não ficar um vácuo. Em algumas conversas que a gente tem, eles falam “ah, mas eu mandei, vocês não viram” ou “poxa, ninguém me respondeu, eu mandei um negócio superfofo”. (...) Mas virtualmente, é muito claro. Se ele manda e ninguém responde, ele fica um tempão sem mandar. Aí ele só manda quando outra pessoa manda e alguém responde. Então, acho que *pra* não frustrar, né... Meus tios são aposentados, são mais velhos, e gostam disso assim. Então, *pra* eles, é uma forma de carinho, de estar junto. Então, eu respondo. (Jornalista de 33 anos)

Figura 10 – Exemplo de demonstração de afeto em grupo de família no WhatsApp com reação à vídeo de cunho humorístico enviado por parente





Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntária à pesquisadora.

Os relatos coletados no trabalho de campo desta pesquisa indicam que os sujeitos percebem a utilização do WhatsApp pelos membros mais velhos e aposentados da família como uma forma de distração. O entendimento geral é que a ausência de uma rotina atribulada por conta do trabalho permite que esses indivíduos seniores usem a plataforma como lazer e passatempo. Muitas vezes, a vida social no mundo presencial é reduzida para essas pessoas. Portanto, existe uma preocupação maior de não as frustrar, bem como uma tolerância mais ampla quando enviam algum conteúdo

considerado desinteressante, pois compreende-se que, para elas, as interações dadas por meio da Internet suprem a falta de atividade social fora do ambiente digital. É esse contexto que leva à adoção de comportamentos interativos que visam enfatizar as manifestações de afeto direcionadas a parentes mais velhos.

Cabe aclarar que o desejo de receber retorno dos membros da família quando se faz uma publicação nas mídias sociais não é exclusivo de indivíduos de uma faixa etária específica. As análises dos dados provenientes do campo possibilitam concluir que, qualquer que seja a idade, há pessoas que não ficam chateadas se os parentes não reagem a um conteúdo compartilhado por elas, enquanto outras se importam com a existência das respostas. Um exemplo é o da jornalista de 31 anos, que relatou, na fase de amostragem de experiência, ter se sentido desprezada em seu principal e maior grupo de família no WhatsApp: ela enviou aos familiares uma imagem e um texto de cunho humorístico que tratavam também de política, e apenas uma prima, dentre várias pessoas, reagiu com *emojis* que representam risadas. Na entrevista, a interlocutora contou que a sensação de frustração aparece sempre que seus parentes parecem não dar atenção ao que ela manda para eles nas interações via Internet. As informações coletadas neste trabalho conduzem à interpretação de que a expectativa criada em torno da repercussão de mensagens enviadas e da questão da reciprocidade nos relacionamentos familiares mediados está ligada não apenas ao momento de vida cronológico dos indivíduos, mas a um conjunto de fatores que engloba personalidade e experiências passadas.

Ainda sobre os sentimentos gerados pela comunicação familiar on-line como sinais de afeto, vale destacar algumas experiências do analista de marketing de 24 anos com grupos de família no WhatsApp. Dentre os grupos no aplicativo que ele enquadra na categoria de família, dois reúnem uma grande quantidade de parentes com os quais o voluntário tem raro contato presencial — o interlocutor sequer conhece pessoalmente algumas pessoas. Devido à falta de afinidade com esses indivíduos, o analista de marketing de 24 anos não interage nos dois grupos, o que não o impede de ter vontade de se comunicar e, ainda, de se sentir culpado por não fazê-lo. Ele disse que considera o grupo uma oportunidade para todos estarem em família, e que a reunião no ambiente digital poderia proporcionar “relacionamentos muito legais”. No entanto, não é isso que acontece. “A gente acaba ficando eu aqui e eles lá, porque não tem interatividade nenhuma. Por isso que eu me sinto culpado. Dá vontade de falar. Até quando a gente tem encontros presenciais, a gente consegue se entender um pouquinho mais, mas não tem intimidade *pra* depois

falar pelo telefone”, afirmou. Na prática, apenas os parentes com mais idade, que tiveram convívio próximo na esfera física no passado, mantêm contato frequente no grupo da família no WhatsApp. “Ali, o contato foi do presencial *pro* virtual, entendeu? Nós, que somos novinhos, a gente não se conhece nem no presencial. Então, por que dialogar no virtual?”, completou o voluntário. Nesse caso, pode-se dizer que, mesmo na ausência de interação, há uma demonstração de apreço do analista de marketing em relação àqueles com quem guarda relações de parentesco. Como sublinha Orlandi (2007) em seu trabalho sobre análise de discurso, o silêncio significa: o não dito discursivamente é material e faz parte do processo de produção de sentidos. A limitação da *polymedia* para criar laços afetivos quando não há vínculos preexistentes (MADIANOU, 2014) ajuda a entender o motivo pelo qual o interlocutor não se sente à vontade para conversar com os familiares pelo grupo no WhatsApp.

3.3.4 O controverso “ritual do bom-dia”

Como descrito no capítulo anterior, o trabalho de campo desta pesquisa permitiu identificar que é habitual, dentro das práticas comunicacionais dos brasileiros em grupos de família no WhatsApp, a troca de mensagens com objetivo de desejar bom-dia, boa-tarde ou boa-noite aos parentes. Percebeu-se também que o ato provoca reações distintas nos indivíduos pertencentes a esses grupos. Predominaram, nos depoimentos coletados nas entrevistas qualitativas e nos comentários acrescentados ao formulário on-line da etapa quantitativa do estudo, relatos de enfado provocado pelo envio de conteúdo de tal espécie. Devido ao caráter repetitivo desse tipo de interação, mais o uso massivo de imagens — incluindo *GIFs* e vídeos musicalizados, geralmente encaminhados —, o ritual é visto como algo impessoal e desprovido de autenticidade, além de causador do acúmulo de mídias indesejáveis na memória do *smartphone*.

No entanto, alguns indivíduos recebem as mensagens de bom-dia, boa-tarde e boa-noite como manifestações de afeto. É o caso da aposentada de 84 anos, que cumpre o rito no início da manhã diariamente com as filhas.

Elas mandam mais *pra* mim do que eu *pra* elas. Eu mando bom-dia mais escrito pelo *zap*⁴⁷. “Bom dia, filha! Tudo bem? Fica em paz, Deus te abençoe”, essa coisa assim. Eu sinto que é uma forma de agrado que elas têm comigo, e é minha recíproca *pra* elas. *Pra* saber que eu sempre sou lembrada. Eu acho isso muito importante *pra* mim, como eu sinto que isso é muito importante *pra* elas. (Aposentada de 84 anos)

⁴⁷ A pronúncia da palavra WhatsApp pelos brasileiros levou à criação do diminutivo “zap”, empregado na linguagem popular para designar o aplicativo de mensagens instantâneas.

Também foi dito no capítulo anterior que os dados coletados no campo possibilitaram a associação do envio dessas mensagens às mulheres mais velhas da família, que aparentemente têm maior simpatia por esse tipo de interação e, por isso, costumam iniciá-la. É possível que isso esteja relacionado ao papel de cuidadoras tradicionalmente vinculado ao gênero feminino nos agrupamentos familiares — daí a iniciativa dessas sujeitas para desejar uma boa jornada a um parente, o que, de certa forma, representa, para além do afeto, o cuidado com outro. Considerar tais fatores é imprescindível para interpretação do valor dado pela aposentada de 84 anos às mensagens de bom-dia trocadas com as filhas.

Mesmo julgando esse tipo específico de comunicação enfadonho, alguns indivíduos também o percebem como demonstração de afeto na comunicação familiar dentro do ambiente digital. A partir dos relatos dos interlocutores, como se vê nos depoimentos abaixo, é interessante notar que tal avaliação não é suficiente para garantir a resposta na interação. O fato de parentes não responderem a mensagens de bom-dia, boa-tarde ou boa-noite, ainda que elas sejam entendidas como um sinal de afeição, sugere que prevalece, entre eles, a compreensão de que esse ritual é monótono e desagradável — ou, ao menos, dispensável.

E também nesses bons-dias, eu acho que é uma demonstração de afeto, ainda que, às vezes, eu guarde para mim e não responda. Mas eu acho que se a pessoa *tá* mandando bom-dia, ela quer receber um bom-dia de volta. Talvez não seja tão automático assim. Então, a pessoa que mandou, ela *tá* tendo uma demonstração de afeto. (Jornalista de 43 anos)

Olha a tia que me manda bom-dia, boa-tarde, boa-noite. Olha o desespero. Olha quanto tempo ela me mandou de mensagem até eu responder. Dias... Aí que eu mando mensagem *pra* ela. É só isso que ela me manda, o tempo todo. Nunca saiu do bom-dia. Porque nossa relação é no presencial, no presencial a gente faz tudo. Aqui é só ela me abençoando, mandando bom-dia, boa-tarde, boa-noite, mandando mensagem o tempo todo. *Pra* ela, do jeitinho que ela *tá* mandando, é uma forma de carinho e afeto. *Tem* hora que eu ignoro, *tem* hora que mando de volta. (Analista de marketing de 24 anos)

Em alguns casos, o que garante a réplica nessa modalidade de interação é o relacionamento preestabelecido entre os participantes da conversa — isto é, a importância que o emissor da mensagem tem na vida do destinatário, psicológica e emocionalmente. A psicóloga de 40 anos disse que só responde aos conteúdos de bom-dia enviados pela mãe, apesar de avaliar tal ritual nos grupos de família no WhatsApp como “chato”. Entende-se, portanto, que a interlocutora valoriza a mãe mais do que outros parentes que adotam o mesmo comportamento no aplicativo de mensagens — a exemplo das primas — e, para também demonstrar afeto ou não decepcionar a progenitora, retorna as mensagens.

Minha mãe, todo dia, manda bom-dia no grupo. É um *GIFzinho*. Uma *imagenzinha*. Como eu, ultimamente, só tenho recebido esse bom-dia, eu levo numa boa. Mas se eu tivesse cinco grupos e todo mundo mandasse bom-dia, aquilo ia me encher o saco. Pelo volume. Porque fica aquele monte de porcária armazenada no telefone e depois tem que limpar aquilo tudo. Eu acho chato isso. (...) Respondo (às mensagens de bom-dia) porque é o da minha mãe (gargalhada). Mas, se no grupo das primas mandam um bom-dia, eu leio e não respondo. Eu penso “bom dia”, mas não escrevo. Nem mando nada. Aí o pessoal pensa: “nossa, (nome da voluntária) cagou⁴⁸ e não deu nem um bom-dia”. Dei bom-dia mentalmente e não falei nada, entendeu? (Psicóloga de 40 anos)

De maneira geral, os mais jovens, a partir das próprias experiências em grupos de família no WhatsApp, tendem a considerar que expressar votos de bom-dia, boa-tarde ou boa-noite a parentes pelas plataformas digitais é um comportamento típico dos mais velhos. Tal percepção foi facilmente identificada na análise de depoimentos dos participantes do estudo pertencentes às faixas etárias mais baixas. Com a associação do ritual à idade dos indivíduos que costumam praticá-lo, criou-se um estereótipo relacionado a esse ato comunicativo. Ao contar que uma prima também gosta de enviar mensagens de bom-dia aos familiares, a jornalista de 25 anos disse: “Ela tem um espírito de velho no WhatsApp. Ela manda aquela mensagem de bom-dia todo dia. É chocante”. Desse modo, pode-se dizer que esse tipo de interação marca uma diferença entre as gerações no que se refere aos usos da Internet para preencher necessidades afetivas e sociais dentro do contexto familiar. Além disso, denota uma desproporcionalidade intergeracional nos entendimentos sobre “netiqueta”: enquanto os mais jovens veem o ritual como maçante, os mais velhos não julgam a prática importuna.

Vale ressaltar que, apesar de o envio de mensagens de bom-dia, boa-tarde e boa-noite não agradar a todos os parentes, os achados desta pesquisa não identificaram que o ritual tem potencial para gerar conflito no relacionamento familiar dentro do mundo digital — nem fora dele, como consequência da comunicação on-line. A jornalista de 33 anos contou que uma de suas tias tem o hábito de iniciar esse tipo de interação no grupo da família no WhatsApp. Em uma ocasião em que os parentes estavam reunidos presencialmente, os mais jovens explicaram à tia que não respondem ao conteúdo porque não se identificam com essa comunicação, o que foi aceito pela membra sênior do grupo. “De vez em quando, a gente até fala ‘ah, tia, mas bom-dia a gente não vai responder, né? Pelo amor de Deus! A gente já te explicou que isso é coisa de velho’ e não sei o quê... De brincadeira assim, mas ela entende”, relatou a voluntária à pesquisadora.

⁴⁸ A gíria “cagar” significa não dar atenção a algo ou não se preocupar com alguma coisa.

3.4 O SURGIMENTO DE CONFLITOS

Como sinaliza a teoria da antropologia digital, dado o aspecto dialético da cultura digital, o ambiente da Internet tem potencial para ampliar afetos e exasperar conflitos nos relacionamentos interpessoais atravessados por essa mediação (HORST; MILLER, 2012; MADIANOU; MILLER, 2012). Durante o trabalho de campo desta pesquisa, os interlocutores descreveram algumas situações de desentendimentos — que geraram mal-estar explícita ou implicitamente — entre os parentes no contexto da comunicação familiar on-line. A partir dos relatos, foi possível identificar que fatores como diferentes graus de letramento midiático entre os indivíduos, a difusão de notícias falsas (as chamadas *fake news*) e, sobretudo, divergências levantadas pelo debate político são geradores de conflitos para os membros das famílias na convivência mediada pelas novas tecnologias.

É interessante observar que os conflitos aparecem com força no discurso dos sujeitos que usam a Internet para interagir com parentes. Nas entrevistas em profundidade realizadas neste estudo de inspiração etnográfica, percebeu-se muitas vezes que os interlocutores, ao começar a discorrer sobre as experiências comunicacionais com os familiares no universo on-line, logo citaram os problemas associados às interações. O achado sugere que as discordâncias e o descontentamento pontuam de maneira expressiva o relacionamento digital entre os membros da família, seja devido à frequência com que ocorrem, seja porque caracterizam episódios que interferem diretamente na qualidade das relações entre os indivíduos e, portanto, impactam suas subjetividades.

No entanto, é imprescindível ressaltar que a nitidez da existência de conflitos não é suficiente para dar aos sujeitos a sensação de insatisfação com a comunicação familiar on-line, como se notou com a interpretação dos dados obtidos junto aos voluntários nas entrevistas. De forma geral, ouviu-se dos participantes da pesquisa que a qualidade das interações com os parentes no ambiente digital é boa: como já dito aqui, o que mais agrada às pessoas é a possibilidade de acompanhar o dia a dia de seus entes queridos.

Na etapa quantitativa deste estudo, alguns respondentes do questionário on-line utilizado para coleta de dados acrescentaram comentários ao formulário. Dos 26 apontamentos feitos, pode-se dizer que oito fazem menções claras à ocorrência de problemas na comunicação familiar on-line ou ao descontentamento dos indivíduos com as interações. O mais enfático é este abaixo, escrito por uma pessoa do gênero feminino, na faixa etária dos 16 aos 24 anos e residente no estado do

Rio de Janeiro. É possível perceber a feição dialética da cultura digital na experiência da voluntária: ao mesmo tempo que a convivência com os parentes pela Internet é desagradável para ela — por conta de fofocas, intrigas e falas preconceituosas de familiares —, é também fonte de apoio para amenizar os conflitos decorrentes desse tipo de relacionamento mediado.

Preciso de dois números de celular. *O* derradeiro do uso, não tenho vínculos com os parentes; no fictício e de uso esporádico, são 2 grupos de família que faço parte. Um inferno na minha vida qualquer tipo de contato virtual com a parentada, já que a grande maioria se faz de fofo pra investigar tua vida e falar mal de *tu* ou te comparar; e também porque os mais tagarelas falam umas barbaridades sem tamanho, são *mt*⁴⁹ preconceituosos. Um mal necessário *pra* quem, como eu, não quer ser totalmente excluída da família: os bons precisam se unir, e nisso o apoio das outras primas malditas pela talaricada⁵⁰. (Voluntária do gênero feminino, com idade entre 16 e 24 anos e moradora do estado do Rio de Janeiro)

Uma vez que, para a voluntária citada acima, as interações com a família pela Internet se apresentam com ambiguidade, é importante aqui retomar a teoria do afeto nas trocas sociais (LAWLER, 2001). No cruzamento dos dados empíricos com as teorias, dentro do processo de interpretação requerido pela descrição densa no fazer etnográfico, entende-se que a comunicação da respondente do questionário com primas que lhe dão apoio — e, assim como ela, são alvo de comentários injuriosos — gera sensações positivas, o que leva ao sentimento de semelhança social e ao apego afetivo. A declaração de que “os bons precisam se unir” sugere que as trocas sociais entre essas parentes são recorrentes, como consequência da conexão emocional agradável. Por outro lado, o fato de a voluntária ter dois números de celular e não utilizar o principal para falar com a família demonstra que as emoções negativas experimentadas no curso das interações causam descolamento emocional do grupo. Assim, como explica Lawler (2001), o que ocorre é o evitamento dos atos comunicativos, de maneira a prevenir sentimentos aos quais se atribuem significados ruins, além do surgimento de subgrupos com senso de pertencimento maior do que o de toda a unidade.

Outro comentário que evidencia os aspectos contraditórios das interações no ambiente digital é o de uma voluntária do gênero feminino, na faixa etária dos 25 aos 34 anos, moradora do Rio de Janeiro. Coincidentemente, ela também utilizou a palavra “inferno” para caracterizar a comunicação: “Grupo de WhatsApp da família é o céu e o inferno. A gente fica mais próximo de quem ama, mas recebe um bando de correntes, *gifs* de bom dia e *post* de ‘bolsominions’”. O termo

⁴⁹ As letras “*mt*” são utilizadas na linguagem corrente na Internet como abreviatura da palavra “muito”.

⁵⁰ O termo “talaricada”, no contexto, pode ser entendido como coletivo de pessoas fofoqueiras e afeitas à propagação de maledicências.

“bolsominions”, utilizado popularmente por progressistas para se referir a seguidores do político brasileiro de extrema-direita Jair Bolsonaro, reforça a importância da contextualização dos discursos no trabalho etnográfico. Em função da polarização política no Brasil (MACHADO; MISKOLCI, 2019), os discursos circulantes nas mídias sociais ganharam tons ofensivos, com a atribuição de apelidos pejorativos a simpatizantes de direita e esquerda. O neologismo “esquerdopata” é um deles, utilizado por conservadores e liberais para desqualificar eleitores situados no lado oposto do espectro político: “um *esquerdopata* seria um sujeito doente por ser de esquerda, ou melhor, por pensar como alguém de esquerda. Logo, a ideologia de esquerda seria uma doença. Há, porém, um efeito outro em *esquerdopata*, efeito ligado à ridicularização e humilhação da ideologia desse sujeito” (MARIANI, 2019). Como dito no capítulo anterior, as eleições de 2018 no Brasil atravessaram a experiência interacional das famílias no espaço on-line, fazendo com que o debate político fosse incluído nas trocas cotidianas entre os parentes. Tal fenômeno produziu efeitos positivos e negativos, como será detalhado um pouco mais à frente neste capítulo.

A política como assunto catalisador de conflitos foi mencionada em mais dois comentários. “Me decepcionei com todos, 99% bozo⁵¹”, escreveu uma voluntária do gênero feminino, na faixa etária dos 25 aos 34 anos, moradora do Rio de Janeiro. Pela análise contextualizada da frase, depreende-se que ela é contrária aos ideais propagados por Jair Bolsonaro e ficou desapontada com parentes que se revelaram apoiadores do político, que venceu as eleições presidenciais realizadas em 2018. Outra pessoa no mesmo perfil comentou: “Na época das eleições *tivemos* muitos familiares saindo do grupo da família. Não foi por discussões propriamente ditas, mas por pessoas compartilharem *posts* de direita e esquerda no grupo”.

O descontentamento com a convivência familiar digital foi expresso no comentário de uma voluntária do gênero feminino, com idade entre 25 e 34 anos, residente no Rio de Janeiro: “Esse grupo de família no WhatsApp foi a pior ideia que minha irmã poderia ter tido. Provavelmente até a publicação do estudo eu já terei saído dele...”. Outros relataram evitar contato com parentes pela Internet. Uma pessoa do gênero feminino, na faixa etária dos 16 aos 24 anos, moradora do estado

⁵¹ “Bozo” é o nome de um personagem cuja representação é um palhaço, criado nos Estados Unidos e popularmente conhecido em vários países (BORTOLOTTI, 2017). No Brasil, no contexto das campanhas eleitorais para o pleito de 2018, o termo passou a ser utilizado ironicamente por eleitores contrários a Jair Bolsonaro para se referir a ele. A escolha deve-se também à semelhança fonética entre “Bozo” e as duas primeiras sílabas do sobrenome do político, “Bolso”.

do Rio de Janeiro, afirmou: “Eu saí de dois grupos de família englobando muitos parentes por excesso de mensagens. Permaneço em um grupo com meus pais apenas para trocar informações necessárias no dia a dia”. Um voluntário do gênero masculino, com idade entre 25 e 34 anos, morador de Rondônia, disse não participar de grupos de família em nenhuma plataforma digital: “Não sei se tem outros grupos pois não tenho muito contato virtual com os membros da minha família... A maioria é bloqueada nas redes sociais”. Uma respondente do gênero feminino, na faixa etária dos 25 aos 34 anos, residente no Rio de Janeiro, escreveu: “Confesso que evito redes sociais muito povoadas por familiares e tendo a migrar e trocar de rede social quando muitos membros da minha família entram nela”. Com base na teoria do afeto nas trocas sociais (LAWLER, 2001), pode-se inferir que tal fuga do contato com membros da família no ambiente on-line — seja bloqueando-os nas mídias sociais, seja saindo de grupos ou migrando de plataformas — é resultado da experimentação de emoções negativas no processo comunicativo, o que afeta a conexão da rede e provoca a evitação das interações.

3.4.1 O debate sobre valores no processo político

“Depois das eleições de 2018, muita coisa mudou...”, afirmou um voluntário do gênero masculino, na faixa etária dos 25 a 34 anos e morador do Rio de Janeiro, sobre suas relações familiares nas mídias sociais, ao deixar um comentário no questionário on-line usado na fase quantitativa deste estudo. De fato, os dados coletados durante todo o trabalho de campo indicam que a mobilização social em torno das campanhas eleitorais⁵² para o pleito de 2018 no Brasil, marcado pela polarização, adentrou a comunicação familiar on-line e alterou profundamente a dinâmica de interação, afetando, inclusive, o relacionamento entre os indivíduos. A presença

⁵² Uma breve contextualização do momento sociopolítico do Brasil é essencial para a compreensão dos casos de desavenças entre os membros das famílias relatados pelos interlocutores da pesquisa. Entre 1º de janeiro de 2003 e 31 de agosto de 2016, a presidência da República foi ocupada por políticos representantes do Partido dos Trabalhadores (PT) — dois mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva e dois mandatos de Dilma Rousseff, sendo o último interrompido na metade devido a um processo de impeachment, o que ocasionou a substituição da presidenta pelo seu vice, Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (PLANALTO, 2018). Em 2014, ou seja, em meio ao período de governança do PT, o país viu o início de uma recessão econômica, que resultou no aumento do desemprego e da inflação e na perda de poder aquisitivo pelos brasileiros (TREVIZAN, 2017). A isso, somou-se uma crise política, desencadeada pela deflagração da Operação Lava Jato pela Polícia Federal, que revelou o envolvimento de autoridades — inclusive Lula e Rousseff — em esquemas de corrupção (GOYA; FIACADORI; SANTOS, 2019). Isso fez com que uma parcela da população alimentasse uma intensa animosidade contra o PT e seus principais representantes políticos (GOYA; FIACADORI; SANTOS, 2019; REBELLO; COSTA; MAIA, 2018). Foi em meio a esse cenário que, em 2018, o candidato à presidência Jair Bolsonaro, então filiado ao Partido Social Liberal (PSL), se anunciou como uma alternativa ao que ele chamou de “velha política” — em alusão ao PT — e, assim, reforçou a difusão de valores conservadores na sociedade (AGGIO; CASTRO, 2019; REBELLO; COSTA; MAIA, 2018).

massiva do tema política nas trocas entre os parentes criou condições para que surgissem conflitos ocasionados pelo embate de ideias progressistas e conservadoras, que caracterizou a agenda do período (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

Nos debates políticos dentro da comunicação familiar on-line, declarações de voto e demonstrações claras de posicionamentos políticos também revelaram ou deixaram mais nítidos crenças e valores dos parentes sobre questões relacionadas a direitos humanos e de minorias, tolerância religiosa, igualdade de gênero, assistência social e liberdade sexual, por exemplo. Como se viu nos relatos dos sujeitos pesquisados, o que motivou os conflitos familiares originados na discussão sobre as eleições de 2018 e a situação social, política e econômica do Brasil não foi exatamente a divergência de ideologia entre direita e esquerda, mas a ponderação de que a postura do outro rompeu com a ética e a moral necessárias para uma vida atrelada ao bem.

3.4.1.1 Divergências de princípios

Como destacado no capítulo anterior deste trabalho, a família evoca valores avaliados positivamente que dão sentido à vida dos indivíduos (FONSECA, 2004). Além disso, esse agrupamento humano carrega consigo o ideário atrelado à comunidade, como lugar simbólico de aconchego, proteção e segurança, livre de males (BAUMAN, 2003; SAWAIA, 1996). Para alguns indivíduos, tomar conhecimento de que determinados membros da família compactuavam com aquilo que lhes causava inquietação e medo em meio a um cenário visto como ameaçador e desolador — ou seja, o contrário do que se espera de uma associação comunitária — foi extremamente impactante e perturbador. A experiência da professora de Educação Física de 63 anos exemplifica bem isso. Ela contou que rompeu relações com a ex-cunhada, antes considerada uma grande amiga e irmã, por causa de visões de mundo diferentes em relação a democracia e questões humanitárias.

Nossa desavença começou no dia do *impeachment*⁵³. Eu sofrendo muito e ela sarcástica, dizendo “isso mesmo, essa Dilma não sabe falar”. E eu falei que era uma coisa horrorosa, que *tava* acabando a democracia, que se pelo menos *tivesse* eleições... Eu até concordo que o governo da Dilma deixou muitos pontos a desejar. Mas a Dilma não era uma ladra, uma política que visava prejudicar as pessoas. Ela foi arrancada do governo por homens brancos, com um ideal de derrubá-la. E ela não conseguiu alcançar isso. E aí ficou uma coisa muito ruim mesmo. Dali, já comecei a perder tesão pela amizade. (Professora de Educação Física de 63 anos)

⁵³ *Impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. O processo teve início em 2 de dezembro de 2015 e foi encerrado em 31 de agosto de 2016 (AGÊNCIA SENADO, 2016).

Depois desse episódio, houve um conflito entre as duas no ambiente digital, desenvolvido em uma postagem feita pela interlocutora no Facebook. O que originou a desavença foi a atitude da ex-cunhada de fazer um comentário na publicação relativizando governos ditatoriais, aos quais a voluntária é totalmente contra. No depoimento a seguir, nota-se que a professora de Educação Física de 63 anos menciona o fato de a ex-cunhada ter integrado um grupo religioso que fazia ações de caridade. É notório que, para a participante do estudo, há um paradoxo em manter uma visão relativista da ditadura e, ao mesmo tempo, exercer a beneficência para ajudar os mais necessitados — atitude que estaria mais próxima de valores democráticos. Cabe contextualizar que, segundo a organização internacional não governamental Human Rights Watch (2019), o regime militar no Brasil torturou cerca de 20 mil pessoas e deixou, pelo menos, 434 mortos ou desaparecidos, entre 1964 e 1985.

Acho que ainda estava nas campanhas eleitorais de 2018. E ela foi na minha página dizendo que a ditadura teve o lado bom, que ela mesma fez cirurgia, e a mãe, tratamento dentário. E eu falei *pra* ela ver as atrocidades, se inteirar, ler. E ela continuou batendo boca. E eu imediatamente tirei *ela*, bloqueei *ela* de tudo. (...) Nós éramos muito amigas, e eu, hoje, cortei *ela* de todos os meus contatos. Ela votou em Bolsonaro e foi embora pra Portugal, por incrível que pareça. E, hoje, eu não falo mais com ela. Não tenho mais vontade de interagir com ela. E ela fazia parte de um grupo espírita que ajudava os pobres. Agora, ela fez uma tentativa (de reaproximação), filmou onde ela estava em Portugal. O sonho dela era que eu fosse *pra* lá quando ela estivesse lá. Nós éramos como irmãs. Mas o que eu tenho para conversar daqui *pra* frente com uma pessoa dessa? Que vai para um país socialista e vota em Bolsonaro? Realmente eu cortei, sem nenhum arrependimento. Ela, lá, adquiriu outro número. Ela tem meu número e mandou... Eu ignorei. Nem respondi. (...) Não quero mais aproximação. Antes, havia o desejo de estar juntas. Éramos unha e carne. (Professora de Educação Física de 63 anos)

A análise do caso relatado pela professora de Educação Física de 63 anos, sobre o rompimento de relações com a amiga e ex-cunhada, ajuda a entender o motivo de todo o contexto político associado às eleições de 2018 no Brasil aparecer com força no discurso dos participantes desta pesquisa quando se fala em conflitos. Foi a inclusão do tema política nas conversas do dia a dia dentro do mundo digital que criou condições para que determinadas opiniões, valores e crenças de parentes viessem à tona — ou, ao menos, se tornassem mais nítidos, a ponto de provocar emoções negativas em algum membro da família. Como frisam Horst e Miller (2012, p. 15), para alguns indivíduos, a Internet é o lugar mais propício para se expressar sem restrições. Também deve-se considerar que, na rede, certas pessoas podem se sentir mais encorajadas a demonstrar posicionamentos até então ocultos porque encontram semelhantes fazendo o mesmo. A identificação, pelos parentes, de divergências profundas entre si foi a razão dos embates e dos

desapontamentos, como ilustram os depoimentos da professora de Educação Física de 63 anos destacados neste trabalho. Talvez os indivíduos que viveram experiências conflituosas na convivência familiar on-line até tivessem perfis diferentes antes de o período eleitoral de 2018 suscitar o debate político no ambiente digital. Contudo, tais diferenças nem sempre eram conhecidas ou evidentes, muito menos incômodas, em termos afetivos e sociais. Dessa forma, é possível que alguns conflitos políticos e de valores entre membros de uma mesma família já existissem no mundo presencial e a Internet apenas os tenha potencializado, já que a cultura digital está conectada à vida precedente (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a, 2017b). No entanto, como se verificou com os dados obtidos no campo, também houve desentendimentos sem anterioridade que nasceram nas trocas mediadas pelas novas tecnologias.

Embora o trecho do depoimento da professora de Educação Física destacado a seguir não se refira a um conflito com parentes dentro do ambiente digital, vale a pena analisá-lo para compreender as motivações dos sujeitos para romper relacionamentos quando estão em jogo valores interligados ao cenário sociopolítico. Como dito anteriormente, questões éticas e morais tendem a pesar mais que o posicionamento dentro do espectro político. O valor que se atribui a tais questões mexe com as emoções dos indivíduos, o que se reflete nos discursos: sentimentos são externados, às vezes, com a escolha de termos ofensivos para a fala, como se nota na transcrição abaixo. Optou-se, neste trabalho, por preservar as palavras da voluntária em respeito às opiniões dela e para não distorcer a dimensão subjetiva da situação relatada. A voluntária revelou, na entrevista à pesquisadora, que terminou o casamento depois de descobrir o voto do companheiro nas eleições de 2018. Percebe-se que o elemento que verdadeiramente levou ao fim da relação foi o fato de ela entender que tal escolha nas urnas materializava certa simpatia — ou falta de combatividade — a discursos que ela desaprova e rechaça com veemência. Isso acarretou a perda de admiração pelo companheiro, emoção esta que pode ser classificada como negativa e, de acordo com a teoria do afeto nas trocas sociais (LAWLER, 2001), compreendida como a razão para o afastamento do casal.

Essa questão do país, de direita e esquerda... *Tem* as pessoas do mal, que votaram nesse ser repugnante porque acham mesmo que tem que armar a população, acabar com o pobre, que o preto favelado tem que ser perseguido. Porque você não vê filhinho de papai sendo preso, você não vê gente de olhos claros sendo perseguida... O discurso político que levou o país a essa loucura em que se encontra convenceu pessoas, vou usar um termo chulo, meio burras. Então, *tem* as pessoas do mal e as pessoas sem estudo. Até as pessoas que foram beneficiadas pelos projetos do PT viraram a casaca com o discurso de ódio. Essas pessoas, *pra* mim, são realmente zero à esquerda. Não tenho nenhuma vontade de ter contato, conversar. Com as pessoas que foram enganadas, eu ainda tenho uma certa

tolerância. Eu acabei meu casamento porque meu ex-companheiro, que é uma pessoa doce e maravilhosa, votou em Bolsonaro. Acabei meu casamento. Parece uma intolerância, mas não é só a questão de você ter uma visão política de direita. É tudo que envolve essa visão, que aplaude isso tudo, que *tá* levando o país ladeira abaixo, vem imbuída de outras coisas... É achar que o outro, porque olhou *pra* você de maneira diferente, merece um tiro, um revide mais agressivo. Você vai conversar o que com essas pessoas? Foi muito triste eu terminar meu relacionamento. Hoje, eu estou bem. Foi uma pena, porque eu realmente não esperava. Mas não tem como. Embora, hoje, ele esteja tremendamente arrependido. Mas foi um... Caiu... A pessoa com a qual você convive, companheiro, marido, amante, namorado, seja o que for, se você não olha com respeito e admiração, é difícil. A questão de beleza, financeira fica em segundo plano. De verdade mesmo. Se eu não admirar... Não tem essa questão de... As facilidades que você, de repente, tem convivendo com a pessoa. A gente sabe que numa separação, muda sua situação financeira. E várias outras coisas, né? Mas se você não admirar, não adianta. Eu sou meio passional nessas coisas. Passional, não. Eu posso dizer que sinto meus pés no chão. Você não pode ser incoerente. (Professora de Educação Física de 63 anos)

A jornalista de 25 anos enfrentou alguns episódios de discussão com o pai por causa de política na época das campanhas eleitorais de 2018. Ela, que declarou ter uma visão de mundo de esquerda em resposta ao questionário sociodemográfico utilizado nesta pesquisa, se sentiu decepcionada com o voto do progenitor em Jair Bolsonaro, por conta do discurso do político — na avaliação dela, ele apregoa valores destoantes do humanitarismo.

Do ponto de vista psicoafetivo, identificam-se, no depoimento da interlocutora, fatores que podem ter colaborado para a eclosão do conflito. Um deles é que a jornalista reconhece em si uma personalidade parecida com a do pai, forte e obstinada: “Quando eu acho que *tô* certa, eu acho que *tô* certa. E ele também. É difícil um ou outro ceder, entendeu? Porque minha mãe é o ponto mais fraco, coitada. Ela cede tudo, tudo... Tudo *pra* não ter confusão, entendeu? Só que, se eu acho que eu *tô* certa, eu vou querer convencer *ele*”, disse. Tendo em conta o âmbito familiar, é possível que o fato de a voluntária se identificar com o pai tenha ampliado a sensação de desapontamento devido a uma questão que ela considera tão grave. Outro aspecto a se observar é que a interlocutora, como muitas outras mulheres de sua geração, é engajada com os princípios do feminismo — mais do que suas antepassadas. Para além da personalidade dos indivíduos, essa contextualização contribui para o entendimento de conflitos entre parentes originados no debate político. Provavelmente, a defesa feminista de que as mulheres têm voz tanto quanto os homens fez a participante do estudo não se calar no embate de ideias com o pai. Tal postura foi adotada a despeito da hierarquia na estrutura familiar — no discurso dela, nota-se que o progenitor é uma figura a quem ela tem obrigação de prestar respeito, o que sugere a existência de relações de poder nessa comunidade — e do risco de que o enfrentamento pudesse trazer consequências negativas para o relacionamento dos dois. Ainda

há mais um fator, citado pela interlocutora como causa para as desavenças: para ela, o pai gosta de provocar os outros — o que pode ser interpretado como um combustível para as discussões. “Ele gosta de perturbar as pessoas. Eu o amo, mas ele gosta de perturbar”, disse à pesquisadora durante a entrevista.

Os elementos relacionados no parágrafo anterior levam à interpretação de que a personalidade dos indivíduos tem potencial para dar ou não um caráter conflituoso ao debate político dentro da comunicação familiar on-line. Mecler (2015, p. 10) afirma que a personalidade é uma “organização dinâmica, resultante de fatores de ordem biopsicossocial”. Dessa forma, ela se constitui com a mescla do temperamento, “predisposição biológica para as sensações, motivações e reações automáticas no plano emocional” (MECLER, 2015, p. 11), e do caráter, componente ambiental que se refere à porção aprendida socialmente, a partir das experiências vividas, sobre como se deve agir. Segundo a autora, temperamento e caráter são capazes de influenciar um ao outro.

Um dado que reforça a conclusão de que a personalidade tem capacidade de afetar a eclosão de conflitos é que nem todos os interlocutores que notaram divergências de valores, opiniões, crenças e posicionamentos políticos com parentes se indispueram com estes. Nesses casos, ou as discordâncias não provocaram emoções negativas fortes o suficiente para um desentendimento ou os voluntários preferiram não entrar em um embate com seus entes queridos para não desgastar o relacionamento. Os participantes do estudo relataram que seria um esforço em vão tentar apresentar uma visão de mundo diferente para um membro da família, pois era clara a impossibilidade de ampliar as percepções do outro ou convencê-lo sobre algo. Empreender tal ação, portanto, significaria desperdiçar energia e ainda correr o risco de estremecer as relações com um familiar. Entre essa opção e a alternativa de não debater política nem colocar em pauta as diferenças de pensamentos sobre questões sociais e humanitárias, muitos ficaram com a segunda. Os achados da pesquisa sugerem que tal escolha, dentro da complexidade que a abarca, está ligada também à personalidade dos sujeitos.

O relato da jornalista de 25 anos remete à comparação que Madianou e Miller (2012) fazem entre os relacionamentos familiares e um triângulo. Como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, os autores entendem que as relações entre parentes se baseiam no aspecto normativo, ou seja, nas expectativas que se tem em relação ao outro. Mas há um segundo lado, referente às experiências interpessoais reais, e um terceiro, que diz respeito às discrepâncias entre o esperado e

o vivido. É nessa última dimensão que residem os conflitos. Como se nota no depoimento da interlocutora, o que, de fato, motivou toda a dinâmica interacional que caracterizou a desavença entre ela e o pai não foi o voto dele como ato eleitoral, mas um desencantamento ocasionado pela quebra de um padrão idealizado da figura paterna, por todos os sentidos vinculados à preferência do progenitor nas urnas.

Eu sei que a opinião dele é diferente e tal, mas eu acho inconcebível... Tipo assim, se ele votasse no Alckmin⁵⁴, em qualquer outro candidato, não *tô* nem aí, entendeu? Mesmo que a gente tenha candidatos com discursos opostos... O problema é que ele votou em um candidato que desrespeita as pessoas, valores... Entendeu? É um absurdo. Esse negócio de falar de gay... Toda essa conduta social absurda do Bolsonaro. Não é a posição política, é a postura. É ser a favor da ditadura... Isso que me chateia. Se ele tivesse outra opinião, tudo bem, acontece. Mas, poxa, é falta de princípios. É como se os nossos princípios fossem diferentes, entendeu? *Pra* mim, é fundamental respeitar a outra pessoa em toda a sua individualidade, *pra* ela amar quem ela quiser. Agora, tipo assim, ele (pai) achar ok, tudo bem ele (Bolsonaro) falar isso, ele desrespeitar o outro... Eu acho isso absurdo. (Jornalista de 25 anos)

No caso da jornalista de 25 anos, é interessante observar como os conflitos entre ela e o pai transitam entre as esferas presencial e on-line, o que corrobora a teoria da antropologia digital, cujos preceitos pontuam certa continuidade entre esses dois ambientes da existência humana. No trecho abaixo do depoimento da voluntária, há a narração de uma situação de desentendimento, suscitado pelo assunto política, ocorrida em um restaurante. A transcrição reproduz fielmente o discurso da interlocutora em respeito à subjetividade dela e com o objetivo de evitar que edições de texto acrescentem vieses a este trabalho.

Meu pai votou no Bolsonaro. A gente brigou muito por conta disso. *Teve* uma vez que eu... Meu pai é militar, foi militar. Meu Deus do céu, me estressei tanto, tanto nessa eleição... *Teve* uma vez que a gente foi almoçar, *tava* num restaurante assim. Aí ele começou a falar. Aí eu comecei a falar de ditadura. Eu falei assim: “não é possível que você acha...”. Eu comecei a falar um monte de coisa, “eles enfiavam cabo de vassoura no cu dos outros”, que não sei o quê... Aí comecei a escrever. Aí ele: “não, isso aí não tá certo”. Tipo assim, ele não cede, entendeu? Ele concordou com todos os pontos, “ah, não, isso tá errado, isso tá errado, isso tá errado”, “ah, não, mas o Bolsonaro é bom”. Aí, teve um dia que ele não tinha muito... Meu pai nunca foi muito de leitura, sabe? É bem menos... Ele tem até terceiro grau, fez um tecnólogo, mas ele é bem menos instruído do que minha mãe. E, aí, eu fui colocando um monte de ponto para ele, e ele já não tinha mais argumento *pra* mim nesse dia. Aí, ele virou *pra* mim e falou assim: “se você continuar falando, eu vou *levantar* e vou embora”. Eu falei: “eu quero que você me rebata com argumentos. Eu não vou parar de falar. Você tem que me devolver argumento. Você *tá* achando o quê? Que isso aqui é ditadura, que você vai me impedir de falar? Eu tenho direito”. Fui até um pouco desrespeitosa, né? (riso). Mas aí ele foi, *levantou* e foi embora. Minha mãe ficou assim: “seu pai foi embora!”. Eu falei: “ah, dane-se”. Aí, outro dia, a gente se estranhou de novo. Que ele... Ah, sei lá, reclamou que eu não ligava tanto para ele. Ele reclamou de

⁵⁴ Geraldo Alckmin foi candidato à presidência da República do Brasil nas eleições de 2018 pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

falta de contato, sabe? Eu falei que eu *tava* tentando superar o que ele tinha feito, porque eu não concordava. Eu fiquei muito chateada, muito chateada. No primeiro turno, ele votou no Cabo Daciolo⁵⁵ de tanto que eu falei na cabeça dele. Eu falei: “vota em qualquer um, menos no Bolsonaro, não é possível!”. Aí ele votou no Cabo Daciolo, segundo ele. No segundo, não. Eu falei: “pai, pelo amor de Deus, anula, pelo menos. Faz qualquer coisa, mas não me deixa com esse remorso de você...”. Aí não, votou no Bolsonaro. Agora *tá superarrepentino*. *Tá* vendo as merdas que ele *tá* fazendo. Mas... Aí eu falei, nesse dia, que eu *tava* digerindo o que ele tinha feito. (Jornalista de 25 anos)

Algum tempo depois desse episódio, houve outra ocorrência, desta vez no ambiente online, que pode ser caracterizada como conflito — embora velado. A jornalista de 25 anos contou que o pai enviou uma notícia falsa ao grupo da família no WhatsApp. Chaves e Braga (2019, p. 498) assinalam que a disseminação da desinformação — fenômeno constituído por “informações erradas, descontextualizadas, distorcidas ou falsificadas”, entre outros elementos — marcou o período pré-eleitoral no Brasil em 2018, e que a circulação desse tipo de conteúdo ocorreu mais pronunciadamente no WhatsApp. No caso relatado pela interlocutora, tratava-se de um vídeo que mostrava uma mulher parada diante de um carro-forte, também parado. O veículo dá uma pequena ré e desvia da mulher para seguir em frente. Ela, então, se atira ao chão, simulando um atropelamento. As imagens de captura de tela dispostas na figura 11 reproduzem algumas cenas do vídeo, que circulou na Internet acompanhado de um texto que tenta manipular o leitor: como se vê no destaque abaixo, a intenção é fazê-lo crer que a situação filmada foi noticiada pela grande imprensa como um atropelamento proposital feito pela Polícia Militar contra uma cidadã pobre, moradora de favela. O que comprova que o conteúdo compartilhado pelo pai da voluntária representa uma *fake news* é que nenhuma das notícias elencadas no texto realmente existe: basta uma pesquisa simples na Internet para verificar que os títulos não foram publicados nem pelos veículos de mídia citados nem por quaisquer outros representantes do jornalismo profissional.

Jornal O Globo: Mulher é propositalmente atropelada por Caveirão⁵⁶ da PM. Folha de SP: Caveirão da PM atropela morador e policiais fogem sem prestar socorro. Veja: Caveirão em alta velocidade passa por cima de morador em comunidade carente. Brasil247: Policial assassino dispara tiro de fuzil de dentro do Caveirão e acerta moradora indefesa na cabecinha. A extrema-mídia não contava era que tivesse alguém filmando. Absurdo. (Texto de notícia falsa circulante na Internet)

⁵⁵ Cabo Daciolo foi candidato à presidência da República do Brasil nas eleições de 2018 pelo partido Patriota.

⁵⁶ Caveirão é o nome dado ao veículo blindado utilizado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro em operações policiais.

Figura 11 – Reproduções de cenas de vídeo com informações falsas compartilhado em grupo de família no WhatsApp



Fonte: Reprodução de imagem feita pela pesquisadora a partir de conteúdo enviado por voluntária.

Ao fazer uma revisão teórica acerca da definição do termo *fake news*, Tandoc Jr., Lim e Ling (2018) apontam que uma das principais motivações para a produção de notícias falsas é a ideológica. A partir da *viralização* de conteúdos inverídicos — isto é, da ampla e rápida difusão deles —, é possível promover ideias favoráveis a grupos específicos e desacreditar outros. Embora a informação falsa enviada pelo pai da voluntária ao grupo da família no WhatsApp não esteja diretamente relacionada à política, faz-se necessário contextualizar que a desqualificação da grande imprensa é uma das características do discurso de Jair Bolsonaro, como indica o “Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa – Ano 2019”, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). De acordo com o levantamento, dos 208 casos de ataques a veículos de comunicação e jornalistas registrados em 2019, 121 (58,17%) são de autoria de Bolsonaro, sendo 114 ofensas genéricas e sete direcionadas a profissionais específicos (ATAQUES À LIBERDADE DE IMPRENSA EXPLODEM COM BOLSONARO, 2020). Já a agência de checagem Aos Fatos contabilizou 162 críticas de Bolsonaro à imprensa entre 1º de janeiro e 11 de outubro de 2019: os alvos mais frequentes foram o Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do Brasil, e o jornal Folha de S.Paulo, um dos principais do país por sua circulação expressiva⁵⁷

⁵⁷ Em 2019, a Folha de S.Paulo foi o jornal com maior circulação impressa e digital no Brasil, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) (SACCHITIELLO, 2020).

(FÁVERO, 2019). Ao identificar teor populista na comunicação de Jair Bolsonaro em seu perfil no Twitter, Aggio e Castro (2019) enfatizam que o ataque à elite midiática é um traço da retórica desse estilo político. O objetivo é “desmentir uma notícia publicada pela grande mídia no bojo da desqualificação de todo o trabalho jornalístico e investigativo que elas realizam” (AGGIO; CASTRO, 2019, p.15), no sentido de proteger a imagem do líder. Dessa forma, as “notícias se tornam calúnias, propagandas voltadas à promoção dos interesses das elites ou apenas desinformação interessada para o público” (AGGIO; CASTRO, 2019, p.15).

Tendo em conta tais fatores, é possível compreender as razões pelas quais a interlocutora, ao falar sobre o compartilhamento da *fake news* pelo pai, logo relacionou a ação ao posicionamento político dele. Para ela, era absurdo que o genitor tivesse acreditado que a situação retratada no vídeo e no texto fosse real, já que as imagens sequer mostravam um veículo blindado da Polícia Militar, mas um carro de transporte de valores. A jornalista disse que o pai é “o rei das *fake news*” e, por ser influenciado pelos amigos policiais, acredita no que recebe deles e repassa o conteúdo sem checar sua veracidade: “Eu acho meu pai muito gado⁵⁸. Ele não tem pensamento crítico”, afirmou.

O conflito velado entre a jornalista de 25 anos e o pai no ambiente on-line se deu porque ela, ao ver o envio da notícia falsa ao grupo da família no WhatsApp, chamou a atenção dele. Primeiro, com uma mensagem no próprio grupo, dizendo “Pai, isso é *fake news*”. Contudo, ele a ignorou. A interlocutora, então, mandou uma mensagem privada para o progenitor, na mesma plataforma: “Pai, isso não é um caveirão, é um carro de transporte de valores. Você tem que parar de espalhar *fake news*. Eu fico chateada com isso”, escreveu, acrescentando que ele deveria utilizar sites de buscas na Internet para verificar a veracidade de uma informação antes de compartilhá-la — ou enviar para ela, para que ela pudesse fazer esse trabalho de checagem por ele. O pai, novamente, não respondeu à mensagem, o que a voluntária interpretou como uma medida para não prolongar o assunto.

A jornalista de 25 anos disse à pesquisadora que prefere expor a própria opinião e assumir o risco do conflito a se calar em prol da paz no relacionamento familiar, porque não concorda com determinadas atitudes do pai. Como sublinha Sawaia (1996), a experiência comunitária não exige que os sujeitos renunciem a suas individualidades em nome da coletividade, pois a comunidade

⁵⁸ Gado é uma gíria usada para referir-se a uma pessoa ou a um grupo que repete comportamentos de outrem sem refletir sobre suas próprias ações.

supõe a coexistência desses dois fatores. Ademais, a incomensurabilidade — ou seja, o fato de que duas pessoas jamais vão se aceitar completamente devido a opiniões e valores distintos — é uma marca dos relacionamentos familiares (FERGUSON, 2012), sem que isso leve a rupturas implacáveis: como observa Jodelet (2005), diferenças também são fonte de vínculo social.

Cabe acrescentar o seguinte dado obtido no campo, durante entrevista com a jornalista de 25 anos: ela afirmou que, na condição de filha, tem esperança de conseguir fazer com que o pai seja receptivo a visões de mundo diferentes da dele e, assim, mude alguns posicionamentos. “Eu acho que, eu falando, ele vai ter algumas percepções”, destacou. Tal comentário demonstra a resistência da conexão entre os parentes, apesar das divergências.

Na eleição, eu *tava* tentando convencer *ele* a mudar de voto a todo custo. E ele *tava* de saco cheio de eu só falar sobre esse assunto. Ele pode ter as razões dele de acreditar que a segurança iria melhorar e ia ter menos corrupção. Mas eu tinha mostrado *pra* ele que o Bolsonaro também tinha fatos de corrupção. O motivo de eu ter ficado chateada é que, quando a gente vota num candidato, a gente compra um pacote completo. A gente não compra só uma proposta. O fato de ele defender a tortura e a ditadura, é um absurdo que ele continue votando nesse candidato mesmo com essa postura. *Teve* uma vez, na casa da minha vó, que eu discuti com ele. Eu falei assim: “sabe o que faziam na ditadura? Enfiaram cabo de vassoura no cu dos outros, cortaram dedo”, não sei o quê... Falei com ele que ia ser um governo com uma censura absurda, que ia ter repressão, que eu era jornalista e não ia me calar. Que ele sabia que eu não ia me calar. E que, se acontecesse alguma coisa comigo, era culpa dele. E, mesmo assim, eu fiz toda essa chantagem e ele não mudou o voto. Eu fiquei muito chateada. É como se ele ignorasse o fato do que pudesse acontecer comigo. (Jornalista de 25 anos)

Por causa das brigas originadas no debate político, dentro e fora do mundo digital, a interlocutora, que já não tinha o hábito de conversar com frequência com o pai — por ligação telefônica ou mensagens de WhatsApp para contar como foi o dia, por exemplo, tal qual ela faz com a mãe —, acabou reduzindo mais ainda o contato com o progenitor por determinado período. “Eu me afastei mais, porque eu fiquei chateada e não queria discutir. Não ia adiantar *de nada*. O que eu ia falar com ele? Não tinha assunto. Eu não me sentia à vontade”, relatou.

É interessante notar que a mediação da Internet propicia não apenas o surgimento de conflitos, mas também a resolução deles. Passada a fase de maior turbulência por causa de diferenças de valores exacerbadas pelo debate político, a jornalista de 25 anos e o pai ensaiaram uma reaproximação pelo WhatsApp. “Primeiro, eu fiz um esforço, mandava uns bons-dias de vez em quando. Agora, eu voltei a falar normal. Só que eu ainda tenho muito menos contato com ele do que com minha mãe, mas é porque sempre foi assim”, contou.

Apesar de todos os embates e o conseqüente afastamento, a interlocutora disse não ter a sensação de que seus sentimentos de amor e afeto em relação ao pai diminuíram ou sofreram

alterações: “Imediatamente, eu fiquei muito chateada e com muita raiva, mas fazer o quê?”, comentou na entrevista. No entanto, é notório no discurso da voluntária que há uma marca no afeto decorrente da frustração dela com o pai. Ao mesmo tempo em que ela afirma ter superado o ocorrido, demonstra que ainda falta algo para dar o problema como completamente resolvido. O que a jornalista chama de superação, nesse caso, é a evitação de lembranças, para que a rememoração de fatos não lhe cause sofrimento emocional. Com base em depoimentos como o destacado abaixo, os achados deste trabalho sugerem que as rupturas nos relacionamentos familiares causadas por conflitos originados no debate político não são condições insuperáveis. Contudo, mudanças de posturas se fazem necessárias, no sentido de que as experiências reais de parentesco correspondam às expectativas que se tem das relações e da conduta dos parentes.

Não gosto de lembrar (o voto do pai em Jair Bolsonaro), não. Superei porque não fico pensando nisso. Mas toda vez que ele (pai) fala alguma coisa, eu dou uma cutucada. *Pra* eu superar, eu acho que ele deveria ler, ser mais engajado, sabe? Deixar de ser tapado, ser levado. Se ele fosse mais ativo, procurasse informação, procurasse o que é verdade e o que é mentira, não acreditasse em tudo que as outras pessoas... Seria tipo “ah, tudo bem, errou e tal, mas mudou”. Só que ele continua sendo tapado. Se duvidar, na próxima eleição, vai votar de novo (em Bolsonaro). Ele *tá* arrependido porque ele viu uns negócios de corrupção, Queiroz⁵⁹, a rachadinha do filho do Bolsonaro. Mas, tipo assim, só isso. As outras coisas, ele ignora, que *pra* mim são inconcebíveis. (Jornalista de 25 anos)

3.4.1.2 Interesses dissonantes: oportunidades e restrições nas conversas

Assim como o pai da jornalista de 25 anos se calou ao receber mensagens dela o repreendendo por compartilhar uma notícia falsa no WhatsApp, em outras famílias, o silêncio deu tom aos conflitos provocados pelo debate político dentro do ambiente digital. Apesar de o silenciamento ser entendido pelos parentes como uma estratégia que impede o confronto de ideias e, portanto, mantém a paz no relacionamento familiar, a interpretação dos dados neste estudo leva à categorização dessa situação como conflito, já que um clima belicoso permanece no ar. Como já destacado neste trabalho, o não verbal faz parte da produção de sentidos dentro dos processos comunicativos (ORLANDI, 2007). A vivência da jornalista de 31 anos em seu grupo de família no WhatsApp ilustra bem isso. Nas entrevistas à pesquisadora, ela contou que, entre seus parentes, há uma ala mais identificada com a ideologia política de direita e que ajudou a eleger Jair Bolsonaro

⁵⁹ Fabrício Queiroz é um ex-assessor do político Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro. Em dezembro de 2018, a imprensa brasileira noticiou amplamente que um relatório do Conselho de Atividades Financeiras (Coaf) apontou movimentações atípicas de R\$ 1,2 milhão na conta de Queiroz, entre 2016 e 2017, período no qual ele trabalhou no gabinete do então deputado estadual do Rio de Janeiro Flávio Bolsonaro. Queiroz é suspeito de ser o operador financeiro de um esquema conhecido como “rachadinha”, no qual funcionários repassam parte de seus salários a políticos (CASO FABRÍCIO QUEIROZ: O QUE É, CRONOLOGIA DOS FATOS, PERSONAGENS, 2019).

nas eleições presidenciais de 2018. Ela, que declarou ter uma visão de mundo de centro-esquerda, é contrária ao político, tal qual uma tia cujo posicionamento é de esquerda. Antes mesmo do período das campanhas eleitorais, o assunto política já aparecia na comunicação familiar on-line da voluntária, criando uma atmosfera tensa. A jornalista de 31 anos lembrou que um de seus primos identificados com a direita enviou uma mensagem provocativa — com a intenção de atingir os parentes de esquerda — quando Luiz Inácio Lula da Silva, político do Partido dos Trabalhadores (PT) que ocupou a presidência do Brasil entre 2003 e 2011, foi preso em abril de 2018. Depois que Jair Bolsonaro foi eleito e assumiu o mandato, o tema política ganhou mais força nas interações do grupo, desta vez com a interlocutora e sua tia criticando a atuação do presidente. O objetivo era não apenas colocar os fatos em debate, mas também condenar aqueles que votaram no político. Uma vez que o desejo de censurar a postura do outro ficou claro para os parentes, o silenciamento foi a opção feita pela família para evitar embates diretos, como mostra o depoimento abaixo.

O Bolsonaro assumiu em janeiro e, a partir de fevereiro, começou a dar merda. Assim, falar besteira e tal. Eu e minha tia, a gente caía de pancada. Só que isso durou uns dois, três dias, porque a minha prima logo interveio. Porque tudo indica que ela votou no Bolsonaro junto com marido dela, o meu primo e uma outra tia também. (...) O negócio é que sempre, tanto a gente quando eles, um não reagia às provocações do outro justamente *pra* não virar uma guerra. Mas rolava aquele incômodo. Foi daí que minha prima entrou, porque ninguém falava nada, mas ficava incomodado. (...) Aí ela botou essa proposta, um texto longo, que cada um tem suas opiniões, e *pro* grupo não entrar em assunto de política. Eu e minha tia fomos contra, porque a gente falou que a liberdade de expressão, ela tem que ser, inclusive, dentro da família. Que a gente não falava por mal, que é justamente uma questão de diálogo. (Jornalista de 31 anos)

A tentativa de acordo entre os familiares da jornalista de 31 anos em relação às conversas sobre política saiu do grupo da família e se estendeu para os diálogos privados no WhatsApp, o que sugere o quanto a questão é sensível para os relacionamentos familiares. Trata-se de um exemplo de como os indivíduos exploram as *affordances* das plataformas — ou seja, propriedades relacionadas a potenciais e restrições de uso dos recursos disponíveis — no interior da *polymedia* — ambiente onde um conjunto estruturado de meios pode ser utilizado com relativa competência pelos sujeitos — para a negociação de conflitos (MADIANOU, 2014; MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014).

Esse dia que ela (prima) colocou isso, eu botei um textão embaixo, ela colocou outro texto, tia (nome) entrou. Começamos nós três ali. Aí tia (nome) entrou concordando com a (nome da prima), que é a filha dela. Aí rolou uma tensão ali, mas não a ponto de xingamento, nada disso. Rolou uma tensão ali. Aí tia (nome), no privado, falava *pra* mim que (nome da prima) é uma anta. (...) Aí é muito engraçado, porque eu soube depois que houve, além dessa discussão no grupo, houve discussões nos privados. Que a tia (nome) me contou que a (nome da outra tia) foi falar e tal. (...) E eu acho que tia (nome), se não me engano, falou

com (nome do primo) também, que é o filho dela. Porque aquela coisa, mãe vai defender filho. Aí fica irmã brigando com irmã, uma coisa doida. (Jornalista de 31 anos)

Antes que o silêncio se concretizasse como a escolha em prol da manutenção de um estado de tranquilidade na convivência familiar dentro do ambiente digital, a interlocutora e a tia identificada com a esquerda tentaram driblar o voto da maioria — apenas as duas foram contra a proposta de deixar o debate político de lado no grupo da família no WhatsApp. A estratégia da dupla foi intercalar uma postagem sobre política com outra sobre animais — algo considerado meigo e pacífico —, para atenuar o clima de tensão.

A gente ficou colocando (assuntos políticos na conversa) intercalando com bichinho. Eu e tia (nome) combinamos essa tática assim, *pra* não parecer grossas. A gente botava (algo sobre política). Aí dava dez, quinze minutos depois, ninguém falava nada, a gente colocava alguma coisa de bichinho. Só que depois a gente parou porque ninguém falava nada. Ninguém debatia. (Jornalista de 31 anos)

Na fase de amostragem de experiência desta pesquisa, foi possível observar que a jornalista de 31 anos tentou reintroduzir a política entre os assuntos debatidos no grupo de sua família no WhatsApp. Para isso, enviou uma imagem que mostra um gato segurando uma bandeira do PT (figura 12). O conteúdo mescla humor e política, o que evidencia a intenção da interlocutora de fazer com que sua mensagem não fosse recebida pelos parentes como uma provocação. No entanto, a única que reagiu, já no dia seguinte, foi uma de suas primas, com *emojis* que representam um rosto rindo demasiadamente até saírem lágrimas dos olhos. Por causa disso, a voluntária relatou que se sentiu desprezada pela família nessa situação interacional.

Figura 12 – Imagem usada em tentativa de reintroduzir o assunto política em grupo de família no WhatsApp

Meu, você só posta política!
Dá uma aliviada, posta umas fotos
de gatinhos....
Atendendo seu pedido!!



Fonte: Reprodução de conteúdo enviado por voluntária à pesquisadora.

A jornalista de 31 anos avaliou como ruim a atmosfera de tensão instaurada na convivência familiar no ambiente digital quando assuntos políticos vinham à tona. Para ela, trata-se de uma demonstração de falta de respeito e diálogo. A voluntária ainda lamentou o fato de não ter a oportunidade de conversar sobre política com a família. Apesar disso, ela afirmou que o silêncio em relação a esse tema é, de fato, a melhor solução para o caso, porque não havia “clima de debate saudável”: “Quando você sabe que sua opinião não vai mudar o entendimento, e você não consegue se fazer entendido, eu acho que não vale o desgaste. Só vale o desgaste quando vai ter algum resultado positivo”, disse.

Acho que diálogo e respeito são fundamentais, *independente* de convivência física. Porque, por exemplo, todos os poucos momentos de quase briga no grupo da família foram por falta disso, por falta de diálogo e de respeito. E aí a gente optou pelo não diálogo, pelo silêncio. E eu acho que o silêncio, como a análise do discurso diz, o silêncio fala. O silêncio mostra que não há ali um respeito e um diálogo nesse determinado tema, que no caso é a política. Como não há, opta-se pelo silêncio. Só que eu acho isso ruim. Eu gostaria de poder debater com os meus tios, com os meus primos, política, o Brasil e tal. Só que isso não existe, porque a única vez que isso quase existiu, virou uma guerra no grupo da família. (...) Então, não é respeito por causa disso, é uma *autopreservação*. Todo mundo se *autopreservando* para não haver uma briga, uma discussão, uma contenda. (...) Quando há respeito, eu ouço sua opinião que é a contrária à minha, e você ouve a minha. A gente discorda. Aí você *contra-argumenta*, o outro *contra-argumenta*, e não necessariamente vocês precisam brigar por isso. Só que isso, essa conjuntura, não poderia acontecer sequer. É uma coisa muito complicada... Que é assim, a capacidade de argumentação. Que é o que acontece, por exemplo, com a minha irmã e o marido dela. A pessoa que não tem capacidade de argumentação e *contra-argumentação*, na minha avaliação, é a pessoa mais fácil de se irritar. De se irritar e partir *pra* ignorância. Porque ela não consegue manter aquele diálogo ali com fundamentos *pro* seu ponto de vista. O ódio surge a partir da incapacidade de manter seu discurso, de balizar o seu discurso, diante do discurso do outro que é bem fundamentado. Então, é isso que irrita, muitas vezes, as pessoas. E isso, na minha opinião, não tem só a ver com educação. Eu e o meu cunhado, a gente conversa muito sobre política. Só que ele tem um jeito lá dele de falar, e eu tenho o meu. Aí a gente argumenta. Vai ver em relação a estudo, em relação ao nível de estudo que eu tive e o dele... Ele é técnico formado e tal, mas *tô* falando de ensino médio, fundamental, essas coisas... É óbvio que há pessoas que estudam muito mais que eu, que são muito mais inteligentes que eu. Só que eu vou querer manter essa capacidade de diálogo mesmo que a outra pessoa se mostre com fundamentos, argumentos mais concretos, mais bem fundamentados do que os meus. E, na família, não foi isso que aconteceu. Aí partiu *pra* ignorância. Na verdade, dos dois lados. Eu posso dizer dois lados porque, por motivos óbvios, são dois lados. Foi ruim por causa disso. Esse “não dizer” é uma demonstração de que não há o respeito e o diálogo suficiente para dizer. Então você não diz. (...) Não é nem ignorância. É incapacidade de argumentar. A incapacidade de argumentar levou a essa atitude extrema da proposta da minha prima, com a qual outros concordaram. O (nome do primo) concordou, minha tia (nome) concordou, a minha irmã concordou, porque eles não querem debater o assunto. É aquele ditado: “quando um não quer, dois não brigam”. (Jornalista de 31 anos)

Ferguson (2012) ressalta que o silêncio é uma estratégia particular que merece atenção dentro dos processos comunicacionais. O autor aponta que famílias usam uma variedade de

mecanismos para se preservar e, em situações de desentendimento profundo, não falar sobre um assunto sensível — como religião, política e sexualidade — é uma forma de negociar diferenças. De acordo com Ferguson (2012), o silêncio é poderoso e não deve ter seu papel político reduzido, já que pode assumir várias funções. Ele não é somente um lugar de repressão: dependendo das circunstâncias, constitui uma ferramenta de resistência, motivação, criatividade ou promoção da tranquilidade, afirma o autor. Por isso, não precisa ser sempre temido, eliminado ou superado, tampouco considerado uma renúncia de laços ou um obstáculo para a conexão entre pessoas (FERGUSON, 2012). Na intimidade familiar, o silenciamento pode funcionar como uma negociação entre o diferente e o comum e ainda viabilizar a continuidade da família ante a possibilidade radical da descontinuidade: “No silêncio, como em poucos outros mecanismos, individualidade, incomensurabilidade e comunidade coexistem” (FERGUSON, 2012, p. 81, tradução nossa). A ação de calar um assunto caro ao relacionamento dos parentes permite que outros temas menos complicados ocupem o debate. Portanto, a ação de calar nem sempre é indicativa de falha na comunicação; às vezes, ela representa uma resposta apropriada, mas, qualquer que seja a situação, deve ser tratada como uma ausência (FERGUSON, 2012, p. 64).

Nesse sentido, cabe acentuar que os conflitos motivados pelo debate político na convivência familiar on-line só ocorrem entre os parentes que se propõem a falar sobre tão importante assunto. Na falta de conversas sobre os fatos políticos, não há desavenças, tampouco a possibilidade de se informar, refletir, aprender e reagir a situações. Como ressalta Moisés (1990), a mobilização da sociedade em torno das discussões políticas e do processo eleitoral fortalece a democracia. Dessa forma, os conflitos devem ter uma dimensão de sua existência valorizada, ainda que possam causar rupturas no seio familiar.

A experiência da psicóloga e pastora evangélica de 49 anos no relacionamento familiar mediado pela Internet é interessante de ser analisada para a compreensão da importância ética do conflito. Ela contou, nas entrevistas à pesquisadora, que se afastou um pouco da convivência com os parentes no ambiente digital no início das campanhas eleitorais de 2018. Sem ter um posicionamento político definido, a voluntária se sentiu irritada com o excesso de mensagens sobre política em seu grupo de família no WhatsApp e passou a ignorar as conversas. “Eu nem lia. O pessoal *tava* surtando, enchendo o saco, muitas informações... Me cansava. Aí, eu parei de falar”, disse a interlocutora, que adotou a tática de tentar desviar o rumo das interações para ficar mais à vontade: “Eu até falava... Entrava com outro assunto que não tinha nada a ver de sacanagem. Aí

meu marido falava ‘e não sei o quê?’ de brincadeira. A gente sempre quebrava os assuntos com outro assunto que não tinha nada a ver”. No entanto, a situação mudou com o passar dos dias. Aos poucos, dada a persistência do assunto, a psicóloga e pastora de 49 anos começou a observar o que seus parentes falavam: “Até que o bicho começou a pegar e eu falei: ‘tem alguma coisa que eu preciso prestar atenção aqui’”. No discurso da voluntária, é notório o reconhecimento, por parte dela, de que foi o debate de ideias que a despertou para a consciência política — algo a que ela se refere com entusiasmo, como no trecho do depoimento destacado abaixo.

Eu fiquei um pouco muda no período em que eles estavam se manifestando muito. Eu comentava com meu marido: “eu não vou entrar porque eles só falam de política”. Falavam de assuntos *que* eu não estava a par, de comentários sobre racismo, sobre mulheres, sobre os indígenas... Pontos polêmicos que ele (Jair Bolsonaro) comentava antes. E eu sempre gostei de defender minorias. E aquilo começou a ser violento *pra* mim também. E eu queria tentar entrar na defesa também. Mas, antes, eu não lia (as conversas do grupo) às vezes. Eu fiquei um pouco excluída para não comentar. Porque cansava, era noite e dia os mesmos assuntos. Depois, eu entendi a gravidade do assunto, e aí comecei a pesquisar algumas coisas para entender o que eles estavam querendo dizer. E aí eles brincaram que eu me converti aos 45 do segundo tempo. Já estava na boca das eleições, e aí que eu fui começar a me manifestar. Mas, durante mesmo todo o período, eu queria paz e amor. Eu não queria me envolver com isso porque me desgastava emocionalmente. Então, tudo que vai me desgastar emocionalmente, eu saio um pouco de banda *pra* poder não me aborrecer. Eu brinco com meu marido: já que eu me converti aos 45 do segundo tempo, ele foi se converter depois que acabou o jogo, depois que foi eleito, depois de tudo. Mas a política cansou muito no início. Como eu não compartilhava das mesmas ideias, eu me aborrecia, me desgastava. Então, foi pela insistência nas redes sociais que eu fui começando a pensar diferente. (...) E eu via vídeos do próprio Bolsonaro falando de coisas... E disse “gente, isso está muito explícito, não é só pessoas falando, o próprio tá falando!”. No começo, eu achava engraçado ele falar, achava muito engraçado a pessoa falar um negócio desse. Mas ele se repetia nos outros vídeos, e aquilo começou a me chocar. Então, foi na defesa das minorias que eu entrei. Eu não tenho partido político, eu sou oposição. Eu *tô* defendendo o direito do povo, porque eu acho que ninguém presta. Isso *tá* todo mundo (políticos) no pacote. Mas eu sou oposição e briguei com outros amigos pessoais nas redes sociais que pensam diferente. Como eu sou evangélica... A Igreja fechou com Bolsonaro. E fechou porque recebeu dinheiro. Porque eu tenho um cargo na Igreja estadual, então eu sei que se paga propina *pra* Igreja, e isso me decepciona. Minha ligação com Deus é bem diferente do que as pessoas falam. Isso que me decepcionou. Ninguém deve receber dinheiro *pra* votar em ninguém, tem que ser por um ideal. E aí me chateou. Eu disse “eu não vou pela cabeça do povo porque eu sei que isso *tá* comprado”. Aí eu me afastei. Eu sou um Patinho Feio no meio do grupo. (Psicóloga e pastora evangélica de 49 anos)

No relato acima, destaca-se o valor da pluralidade de ideias e da existência de um ambiente democrático para o debate político dentro de comunidades como as famílias. Fica claro, no depoimento da interlocutora, que ela considera que as conversas em seu grupo de família no WhatsApp — apesar do caráter conflituoso do início das interações — trouxeram benefícios a ela. Graças à consciência política adquirida, a voluntária conseguiu despertar o marido para que ele

também se engajasse na questão. “Eu mostro muito vídeo, muitas coisas *pra* ele... A gente agora que *tá* tendo acesso mais a algumas informações justamente pelas redes sociais. Antigamente, a gente não tinha acesso à política, né?”, comentou. Ainda como saldo positivo do conflito, o casal ficou mais atento até mesmo ao combate à disseminação de notícias falsas na Internet: “Agora, *tem* muito *fake*, né? E aí ele vai, pesquisa, para ver se aquilo é real. Aí, quando é, ele posta. Ele é muito mais cauteloso do que eu até”, afirmou a psicóloga e pastora evangélica de 49 anos. Ressalta-se, assim, além da dimensão ética do conflito na intimidade familiar (FERGUSON, 2012), o aspecto dialético da cultura digital: como propõe a teoria da antropologia digital, a mediação da Internet nas trocas sociais tem potencial para gerar efeitos contraditórios para as relações humanas, bem como possibilitar aberturas e fechamentos de mundo (HORST; MILLER, 2012).

3.4.2 O compartilhamento de notícias falsas

Durante o trabalho de campo desta pesquisa, notou-se que o compartilhamento de informações falsas pontua as interações entre os parentes no ambiente digital, com potencial para gerar conflitos entre eles. Nem sempre esse potencial se converte em realidade. Aqui, cabe novamente destacar aspectos que caracterizam *fake news*, segundo Recuero e Gruzd (2019): a mimetização da narrativa jornalística profissional, a inveracidade do conteúdo e o objetivo de enganar os receptores da mensagem, motivado por interesses financeiros ou ideológicos (TANDOC JR; LIM; LING, 2018). Chaves e Braga (2019, p. 504-505) sublinham ainda que “histórias falsas têm em sua essência o apelo às emoções, aproximando-se, portanto da propaganda, que tem como objetivo não informar, e sim influenciar”.

O analista de marketing de 24 anos, por exemplo, disse à pesquisadora na entrevista que sua mãe, às vezes, envia ao grupo da família no WhatsApp alguns alertas inverídicos sobre golpes e questões relacionadas a saúde e bem-estar. “É que ela vê a mensagem, ela não tem discernimento *pra fake news*... Ela vê e compartilha porque toma como verdade. Então, é uma orientação *pra* gente (...). Porque ela quer o nosso bem. É aquela coisa do impulso de mãe”, ponderou. Percebe-se, pelo discurso do interlocutor, que o envio desse tipo de conteúdo é interpretado por ele como uma demonstração de afeto, na verdade. Em vez de repreender a mãe — nas entrevistas com outros voluntários, viram-se relatos de advertência a parentes que divulgam notícias falsas —, o analista de marketing de 24 anos prefere não falar nada pelo WhatsApp, para não desestimular a progenitora a utilizar a plataforma. “Eu deixo passar porque é algo que é automático dela. Às vezes, ela nem

leu, nem entendeu o que ela mandou”, afirmou. Depois, quando os dois estão juntos pessoalmente, ele explica à mãe que a informação repassada não era verdadeira. O interlocutor destacou que é mais fácil de se fazer claro assim “do que pelo celular, digitando ou mandando áudio”: “Ela não é muito crítica. Eu falo *pra* ela, explico direito, ela vai, entende e não fala nada”, disse ele, sobre a reação da mãe. Nesse caso, portanto, não há conflito.

Em outras situações, contudo, o compartilhamento de notícias falsas por um membro da família na comunicação familiar on-line gera irritação em outro parente, e daí nasce um mal-estar entre as partes. Ainda que o problema não traga consequências sérias para o relacionamento, optou-se, neste trabalho, por classificar esse tipo de ocorrência como conflito. Tal qual acontece nos episódios de desentendimento causados por conversas sobre política, muitas vezes, o silêncio é a estratégia utilizada para abreviar o desconforto entre os envolvidos.

Na seção anterior deste capítulo, já foi descrito o conflito entre a jornalista de 25 anos e o pai dela devido ao compartilhamento de uma informação falsa no grupo da família no WhatsApp. A psicóloga de 40 anos enfrentou uma situação similar no relacionamento com a mãe pelas mídias sociais. Observa-se que, nesses casos, o fator que causa perturbação à relação entre os parentes é a quebra da expectativa em relação à forma como o outro deveria agir. Como já foi abordado neste trabalho, uma parte dos relacionamentos familiares é constituída pelas dissonâncias entre o aspecto normativo e a experiência real do parentesco (MADIANOU; MILLER, 2012), e é justamente nessa dimensão que residem os conflitos.

Na entrevista à pesquisadora, a psicóloga de 40 anos relatou que costuma chamar a atenção da mãe quando vê que ela compartilhou uma notícia falsa, seja no perfil do Facebook, seja no grupo da família no WhatsApp. Para a interlocutora, a disseminação de informações inverídicas pelas mídias sociais é uma atitude incompatível com a idealização que ela tem da própria mãe — uma mulher instruída e admirável, na visão da participante deste estudo. Algumas vezes, a progenitora responde à reprimenda da filha, se defendendo do erro que cometeu. Em outros episódios, prefere se abster de falar qualquer coisa, o que a voluntária entende como uma demonstração de que faltam argumentos para uma justificativa. No depoimento abaixo, a psicóloga cita um exemplo de notícia falsa compartilhada pela mãe — um conteúdo travestido de fofoca, que visava criticar homossexuais e pessoas de posicionamento político de esquerda —, dentro de um contexto de ascensão de ideias de extrema-direita e homofóbicas na sociedade brasileira (LIMA, 2019).

Quando minha mãe compartilha um negócio que eu acho inadequado, eu dou um pito⁶⁰ nela. Já dei pito nela mais de uma vez. Uma vez, ela compartilhou um vídeo tosco que era uma cena... Isso rolou muito na Internet... De Wagner Moura⁶¹ e Jean Wyllys⁶² se beijando, dando selinho numa festa. Aí, eu falei alguma coisa “mãe, qual é a fonte desse vídeo? De onde você tirou isso?”. “Ah, que mandaram pra mim, que eles estão namorando”. Eu falei: “onde você viu a evidência de que esses dois estão namorando? Artista se beija na boca desse jeito, dando selinho”. Ela: “mas quatro pessoas compartilharam”. E eu falei assim: “Eu não sei quem são essas pessoas e nem quero saber. Agora, se juntasse as quatro pessoas, não dá uma decente”. Eu falei “mãe, você é uma mulher instruída. Você não pode ficar compartilhando as coisas sem saber a origem, esses conteúdos toscos. Isso não reflete quem você é. Isso aí é uma mensagem pejorativa que quer desqualificar essas pessoas, quer desqualificar a visão política que elas têm, quer desqualificar a homossexualidade de Jean Wyllys. Você tem um monte de cliente viado, e são pessoas de quem você gosta. Isso é incoerente, você compartilhar esse tipo de mensagem é incoerente com a pessoa que você é e com a vida que você leva”. Eu falo isso, e depois a minha irmã entra e corrobora: “É isso mesmo, mãe, e blabláblá”. Eu faço um pouco desse papel do Advogado do Diabo. Se eu tiver que olhar *praquela* coisa toda e dizer “gente, eu acho que não é nada a ver, eu não penso isso, não”, eu vou chegar e dizer. E quando eu vejo a minha mãe descendo ladeira abaixo para esse lugar da ignorância, ah, eu jogo uma corda *pra* resgatar ela, nem que eu arraste *ela* à força. Porque eu detesto esses indícios de ignorância, detesto. Não estou dizendo que ignorante é quem pensa diferente de mim, não é isso. Eu falei “Não, não é possível. Essa mulher me criou! Como é que eu saí do forno com essa cabeça *pra* ela agora ter esse revertério? Não é possível, *tem* alguma coisa errada”. Então, de vez em quando, eu dou uma puxada. Às vezes, ela responde. E *tem* dia que ela ignora. Nesses dias que ela ignora, eu imagino ela pegando aquilo e falando assim: “Vai à merda!” (risos). Mas ela não fala. Às vezes, eu entro no Facebook dela e vejo ela postar umas coisas, assim, nada a ver. Eu vou lá e escrevo assim: “mãe, apaga que dá tempo”. Comento no post dela: “mãe, apaga isso”. Eu já escrevi isso mais de uma vez para ela. (Psicóloga de 40 anos)

A análise do comentário da psicóloga de 40 anos sobre a possível reação da mãe às suas mensagens em tom repreendedor denotam que interações que envolvem a divulgação de notícias falsas na comunicação familiar on-line são passíveis de provocar irritação, primeiro, em quem recebe o conteúdo e, depois, em quem o envia, quando esse indivíduo é censurado por seu comportamento. Uma vez evidente o mal-estar entre os parentes, esse tipo de situação foi categorizado como conflito neste trabalho. A interlocutora afirmou acreditar que as advertências que direciona à mãe cumprem um papel educador, pois vem percebendo, ao longo do tempo, uma diminuição da frequência com que a progenitora compartilha informações inverídicas nas mídias sociais. A interpretação desse dado leva à conclusão de que se trata de mais um exemplo de como os conflitos na intimidade familiar desempenham um papel ético e apresentam uma dimensão positiva para a individualidade dos sujeitos.

⁶⁰ Gíria para bronca.

⁶¹ Ator brasileiro identificado com o espectro político de esquerda. Por conta disso, é alvo de grupos de direita, dentro do contexto de polarização na sociedade brasileira (GENESTRETI, 2018).

⁶² Político brasileiro, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

3.4.3 Ruídos na mensagem: letramento midiático e *affordances* na *polymedia*

A comunicação familiar é inerentemente problemática, porque possui um componente prático e observável por todos, e outro psicológico, relativo apenas à cognição de cada membro da família (KOERNER; FITZPATRICK, 2006b, p. 160). Isso quer dizer que os comportamentos interpessoais podem ter significados diferentes dentro do grupo, pois cada parente pode interpretá-lo de uma maneira própria, influenciado por fatores como idade, etnia e gênero, além de crenças e valores que não necessariamente são partilhados por seus pares. O consenso não é uma lei. Segundo Koerner e Fitzpatrick (2006b), mesmo em famílias nas quais há uma intersubjetividade bem estabelecida por meio de negociações, não é possível garantir a inexistência de ambiguidades de sentidos, pois nem sempre a realidade social compartilhada é idêntica. Nesse caminho, tomando como base a teoria proposta por Jodelet (1989b), pode-se dizer que as representações sociais circulantes no grupo também exercem influência sobre a interpretação dos atos interativos na intimidade familiar. Se um dos pilares desse processo de significação é cognitivo e individual, o outro é interpessoal e coletivo (KOERNER; FITZPATRICK, 2006a).

Diferentes graus de letramento midiático observados entre os membros das famílias influem na significação dos comportamentos interativos na comunicação mediada pela Internet, de maneira que mal-entendidos podem provocar desentendimentos. Foi o que aconteceu entre o analista de marketing de 24 anos e seu pai, de 54. O interlocutor contou à pesquisadora na entrevista que sua família tem o hábito de viajar e, a cada percurso efetuado, cria-se um grupo no WhatsApp para organizar os detalhes do passeio e promover o entrosamento dos viajantes. No grupo em que ocorreu a situação relatada no depoimento a seguir, havia não só parentes do voluntário, mas também amigos da família que participaram da viagem. A maioria dos membros, ressaltou o voluntário, eram pessoas de meia-idade.

A gente tem mania de usar *stickers*, eu e meus primos. Ou então usar *GIFs*. Eu sempre, com meus amigos, uso *GIFs* de todos os sexos, menina, menino rindo, fazendo... Não *tem* isso. Nesse grupo em que meu pai estava, eu usei um *GIF* de uma mulher rindo. Nossa, foi suficiente. Ele me chamou no privado e perguntou o que *tava* acontecendo. Entendeu? *Pra* perguntar o que estava acontecendo, por que eu *tava* usando aquele *GIF* que era de mulher. Porque eu sou homem usando um negócio de mulher. Ele não tem esse entendimento. *Pra* ele, homem usa coisa de homem, e mulher usa coisa de mulher. É da vida dele, entendeu? Mas ele me questionou, e eu, inclusive, apaguei. Eu falei *pra* ele que era por isso que eu ficava quieto no grupo. Falei: “Pai, eu vou apagar. Por isso que eu fico quieto no grupo”. (Analista de marketing de 24 anos)

Nota-se, com a interpretação dos dados coletados no campo, que a intenção do pai do voluntário era repreendê-lo por uma atitude que, na visão do progenitor, não condiz com a postura

de um homem heterossexual. Além da falta de conhecimento sobre a linguagem corriqueira utilizada nas mídias sociais, certamente pesou, para a ocorrência do mal-entendido, o fato de o pai do interlocutor ser um homem conservador e extremamente ligado à religião protestante⁶³, como foi possível depreender do discurso do analista de marketing de 24 anos. Ao que recebeu a mensagem em tom de censura por meio de conversa privada no WhatsApp, o voluntário não tentou argumentar com o pai para explicar o uso da figurinha causadora do conflito, porque considerou que seria um esforço inútil, como se percebe no trecho do relato destacado a seguir.

Não falei *pra* não esticar a conversa. Cada um tem sua opinião, sua ideia. Ele não ia entender. Hoje, eu estou mais cuidadoso no grupo que ele *tá*. Porque é um estigma dele, uma coisa dele. Tadinho, ele não entende. Eu nem levei *pra* maldade. Ele levou, tadinho. Ele falou assim: “que isso, usando coisa de mulher?”. Aí eu botei uns Minions⁶⁴ rindo lá depois. (Analista de marketing de 24 anos)

Nesta pesquisa, detectou-se que outro ponto interligado a conflitos na comunicação familiar on-line diz respeito às *affordances* das plataformas digitais, ou seja, às restrições e potenciais de uso das mídias disponíveis no ambiente *polymedia* (BAYM, 2010; MADIANOU; MILLER, 2012; MILLER; SINANAN, 2014). Isso significa que os recursos, ao mesmo tempo em que abrem possibilidades interativas, têm suas limitações. Como ressalta Madianou (2014), as *affordances* estão intimamente ligadas à expressão e ao gerenciamento das emoções na sociabilidade dentro do espaço digital, o que impacta os relacionamentos humanos.

A psicóloga de 40 anos disse, em entrevista, que já viveu algumas situações de desentendimento com os parentes no universo on-line porque alguma mensagem enviada por ela foi mal interpretada pelo receptor. Para a interlocutora, o principal problema é que a escrita não tem entonação, o que faz com que a pessoa que lê determinado conteúdo não consiga perceber a real intenção do emissor. “Com meu marido, já aconteceu muito isso, de eu escrever uma coisa e ele entender de uma forma, e eu dizer “não, não é isso, é isso e aquilo”. Isso acontece mais com ele até do que no grupo da minha mãe. De ele achar que eu *tô* brigando, e eu não *tô*. *Tô* fazendo um comentário normal”, contou.

A voluntária narrou um episódio no qual uma interação no grupo de família que ela mantém no WhatsApp com a mãe, a tia (que também é madrinha) e a irmã terminou em conflito. Na ocasião, a madrinha interpretou de maneira equivocada uma mensagem escrita pela psicóloga de 40 anos.

⁶³ Para alguns religiosos protestantes, orientações sexuais diferentes da heterossexualidade são pecaminosas, bem como identidades de gênero distintas do tradicional binômio feminino e masculino.

⁶⁴ Personagens de longa-metragem de animação, já citados anteriormente neste capítulo.

É interessante notar que a dissolução da desavença ocorreu por mensagem escrita também, na mesma plataforma digital, mas em conversa privada. Isso mostra como os indivíduos têm possibilidades de explorar as *affordances* das mídias para gerenciar relacionamentos familiares.

Já aconteceu de eu escrever um negócio e falar assim “putz, vai dar merda”. Mas eu escrevi e vamos ver. Com a minha madrinha, já aconteceu isso. Tem dia que ela tá ácida com as coisas e as opiniões dela. A gente escreve o negócio, e ela entende de um jeito... E aquela conversa rende. Um exemplo: deve ter uns dois meses, uma cachorra dela morreu. E a cachorra morreu num hotelzinho. A cachorra não tava em casa, tava hospedada num hotelzinho porque ela (madrinha) ficou muito tempo internada, aquela coisa toda. A cachorra morreu lá no hotelzinho sozinha, sem ninguém da família com ela. Aí ela ou minha mãe postou no grupo “(nome da cachorra) virou estrelinha”. Eu botei assim: “ai, coitada, muita tristeza, ela morreu só”. Menina, botei isso, e aí ela: “não larguei ela lá, eu não posso estar lá”. Tipo assim, ela se sentiu acusada de ter negligenciado a cachorra. Eu não falei isso. Quando fiz esse comentário, eu me coloquei no lugar da cachorra e me imaginei em algum ambiente estranho, morrendo sozinha. Ela pegou aquilo que eu escrevi e interpretou do tipo “coitada, largaram a cachorra ao deus-dará e ela morreu”. Você tá entendendo a diferença? Aí, nesse dia, eu tive que chamar *ela* no privado, explicar *pra* ela, dizer que amava *ela*, que eu jamais faria aquilo com ela. Assim, eu tive que amolecer muito o negócio *pra* ela não ficar melindrada. Então, isso é uma coisa que assim... Sabe quando você acaba de postar e pensa “putz, isso vai dar merda”? E deu merda (riso). Então, às vezes, esse é o problema do WhatsApp. (Psicóloga de 40 anos)

Usar mensagens de áudio em vez de textos, para driblar *affordances* das plataformas digitais capazes de limitar a compreensão de conteúdos, é uma estratégia que foi relatada pelos voluntários nas entrevistas em profundidade realizadas neste trabalho de inspiração etnográfica. Mesmo assim, não há garantia de que a interação não resultará em um mal-entendido, como se nota no trecho do depoimento da psicóloga de 40 anos destacado abaixo. Tal qual frisam Koerner e Fitzpatrick (2006b), a comunicação familiar é problemática porque possui um componente psicológico e individual, relacionado à interpretação dos atos comunicativos feita por cada sujeito. Daí, surgem os conflitos, que podem ser potencializados pelas propriedades das mídias.

No áudio, a pessoa tem um pouquinho mais de referência. Mas também não é 100%. Às vezes, no áudio, tipo assim... Já aconteceu comigo assim, de eu falar um negócio alto porque eu tô entusiasmada, e a pessoa achar que eu tô gritando. Eu não tô gritando assim *pra* brigar. Tô falando até rindo. Mas como, no áudio, a voz sai assim “ahhhh”, a pessoa pensa que eu tô irada, berrando, e não tô. Então, isso acontece. (Psicóloga de 40 anos)

3.4.4 A saída do grupo da família no WhatsApp

Os achados no trabalho de campo desta pesquisa permitiram compreender que, na cultura brasileira, sair de um grupo de família no WhatsApp é um ato extremamente delicado para os indivíduos. Em geral, a atitude é entendida como um rompimento com os familiares, resultado de desprezo em relação aos parentes ou de algum problema de relacionamento grave — ainda que a

motivação para deixar a conversa coletiva na plataforma seja outra qualquer e em nada esteja associada a conflitos na relação. Por causa desse tipo de interpretação, é comum que a saída de uma pessoa de um grupo de família no WhatsApp gere burburinho — tanto na convivência física quanto na presencial — entre os remanescentes, que ficam especulando a razão pela qual se deu o afastamento.

Uma vez que a entidade familiar é uma associação comunitária, os sentidos negativos atribuídos à saída de um parente do grupo da família no WhatsApp podem estar relacionados à visão utópica da comunidade. A compreensão idealizada dessa experiência coletiva pressupõe que a união entre os sujeitos e a sensação de pertencimento ao conjunto são orgânicas e instintivas (TÖNNIES, 1957). Dessa forma, abandonar a conversa grupal dos membros da família no aplicativo de mensagens instantâneas representa, dentro da concepção clássica de comunidade, uma perturbação à ordem natural das vontades e dos objetivos existentes na unidade. No entanto, como este trabalho já enfatizou, individualidade e coletividade não são valores dicotômicos (SAWAIA, 1996), de maneira que ambos pontuam a vivência comunitária. Sendo assim, decidir pela saída do grupo da família no WhatsApp simboliza a opção pelo bem-estar pessoal, sem que isso necessariamente signifique a renúncia a interesses coletivos e à partilha intersubjetiva.

Para evitar rumores, há indivíduos que não saem de grupos de família no WhatsApp, mesmo tendo vontade de fazê-lo. É o caso do analista de marketing de 24 anos. Dos três grupos considerados de família dos quais ele participa, em dois o voluntário quase não interage, porque não tem vínculos fortes com os demais membros — o interlocutor sequer conhece pessoalmente algumas pessoas e, com outras, o contato presencial é raro, o que o faz se sentir desconectado desses sujeitos. Devido ao fato de ficar deslocado nas conversas, o analista de marketing de 24 anos sairia de ambos os grupos, se não fosse o mal-estar que tal atitude pode causar. “Não quero ser o enjoado que saiu do grupo, *pra* perguntar por que fulano saiu do grupo, se arrumou confusão. Fico ali de ouvinte, plateia”, disse à pesquisadora na entrevista em profundidade.

La ser aquele burburinho entre quem tem vínculo presencial. Um primo meu, por exemplo, ia falar “por que ele saiu do grupo?”. Mas nada muito... Depois ia esquecer. Como aconteceu com a minha prima. Ela saiu do grupo, e meu pai perguntou *pra* mãe dela por que ela saiu do grupo. Aí a mãe dela: “ah, porque ela não fala no grupo, não se comunica, não faz nada, ela quis sair”. Porque a pessoa pensa “por que fulano não quer ficar se o grupo é de família? É tão bom o grupo...” (risos). Por que ele quer ser o *diferentão*, o estranho? *Pra* evitar o julgamento, eu prefiro ficar lá na minha, quietinho. Ninguém mexe comigo, eu fico vendo tudo, e a gente vai vivendo. (Analista de marketing de 24 anos)

A jornalista de 25 anos revelou que já teve vontade de sair do grupo de sua família no WhatsApp várias vezes. Contudo, não deu prosseguimento à intenção porque sua mãe não permitiu. “Minha mãe não deixa (risos). É verdade! (Ela fala) que não, que é falta de educação. Que eu não vou sair, que isso é um absurdo, que eu não vou sair... Aí eu obedeço. Eu obedeço”, contou a interlocutora. A alegação da mãe põe em evidência dois aspectos fundamentais para a compreensão da dinâmica de comunicação das famílias no ambiente on-line. O primeiro é a autenticidade das relações mediadas pela Internet, como salienta a perspectiva teórica da antropologia digital (HORST; MILLER, 2012). Para os parentes, a convivência no espaço on-line é real e, embora tenha características próprias, está conectada às experiências precedentes desenvolvidas no mundo presencial (MILLER; SINANAN, 2014). O segundo é o valor dado pelos sujeitos à família: esse conjunto social ocupa um lugar especial na subjetividade dos indivíduos, de modo que os parentes são colocados em uma categoria superior, formada por pessoas às quais não se deve dirigir gestos que venham a ser entendidos como ofensas ou causar mágoas. Perguntada se concorda com a mãe quanto à saída do grupo de família no WhatsApp ser sinal de falta de educação, a jornalista de 25 anos disse: “Ah, é chato, né? Mas, nossa, às vezes (o grupo) cansa, né?”. Para a voluntária, tal atitude na comunicação familiar on-line é malvista porque “é como se você não quisesse falar mais com ninguém. Tipo ‘tô de mal, tchau’. Acho que é isso (riso)”.

Durante a realização deste estudo — mais precisamente na semana em que foi feita a amostragem de experiência, ou seja, entre a realização das duas entrevistas em profundidade —, a psicóloga de 40 anos saiu de um de seus grupos de família no WhatsApp, composto sobretudo por tios e primos paternos dela. Na primeira entrevista, ela já havia relatado o desejo de deixar a conversa coletiva, na qual raramente se engajava. No entanto, afirmou que lhe faltava coragem para finalmente tomar uma atitude, por receio de causar mal-estar entre os parentes.

Tem o grupo das primas, das minhas primas, que é um grupo também assim, que eu sou *voyeur*⁶⁵. Eu só fico ali olhando. Eu participo muito pouco. E esse é um grupo assim que, eu não sei por que, que eu sinto um certo constrangimento de sair. Já deveria ter saído. Porque é um grupo em que eu não interajo. Vamos transportar a cena para a vida real. Vamos pegar todo mundo que tá nesse grupo das primas e botar aqui nessa sala. Qual é a realidade do grupo? É as primas todas aqui na sala conversando, e eu assim num canto olhando aquilo. Não seria estranho isso, acontecendo assim na vida real, fora do telefone? Numa situação dessas, eu não ficaria numa situação daquelas. Tipo assim, eu num canto da parede vendo as pessoas ali, né. Eu sairia, pediria licença. “Gente, olha, com licença, eu vou...”. Mas, virtualmente, eu não tenho conseguido fazer isso. Estranho, né? Porque eu acho o seguinte... Eu acho que é por uma questão de entendimento. Pessoalmente, se estivesse todo mundo ali na sala, e eu quisesse me retirar porque eu não estou prestando

⁶⁵ A palavra francesa foi empregada pela interlocutora como sinônimo de espectadora.

atenção na conversa e não estou interessada no assunto, eu me despediria. “Gente, olha, legal e tal, mas eu vou fazer uma outra coisinha aqui”... Eu acho que, pessoalmente, você tem menos margem para ser mal interpretado e menos margem para ser mal-entendido. Pessoalmente, fica mais clara *pra* pessoa a tua intenção, teu estado de espírito. Por telefone, não. A pessoa não sabe se você *tá* saindo dali puto da vida, se você *tá* saindo daquilo ali por engano, porque apertou errado... (...) Se fosse pessoalmente, eu conseguiria sair numa boa porque as pessoas estariam ali me vendo, fariam uma leitura real do que eu sou ali. No WhatsApp, não. Se aparecer ali “fulana saiu”, já gera um burburinho. “Caraca, fulana saiu, saiu por quê?”, entendeu? Acho que é basicamente isso. E assim, embora eu não tenha afinidade com todas aquelas pessoas e sei que a recíproca é verdadeira, não sei, eu não gostaria de causar nenhum mal-estar. Sei lá, é um negócio meio estranho. (Psicóloga de 40 anos)

Já na segunda entrevista, a interlocutora lembrou como se encorajou a sair do grupo. Ela havia viajado para os Estados Unidos e, ao chegar ao país estrangeiro, colocou um chip americano em seu *smartphone*, para facilitar o uso do aparelho. Ao que abriu o WhatsApp para checar se o aplicativo estava funcionando corretamente após a troca do chip, decidiu, em um rompante — como a própria classificou —, deixar o grupo da família. A ideia era usar o chip como desculpa, caso alguém a questionasse sobre a saída: nessa hipótese, ela diria que a substituição desconfigurou sua conta no WhatsApp e, devido a um erro do sistema, acabou saindo de todos os grupos involuntariamente. A estratégia da psicóloga de 40 anos reforça a interpretação de que sair de um grupo de família no WhatsApp é uma questão sensível para o relacionamento entre os parentes.

Não houve indagações à voluntária, cuja atitude foi impulsionada pelo desinteresse nos conteúdos circulantes no grupo. “Meus primos eram semeadores de abobrinha⁶⁶ naquele grupo. Só falavam bobagem. Aí, eu pergunto: que obrigação eu tenho também de ficar ali vendo aquelas coisas que não agregam nada? Aí, eu saí. Só sei que saí (risos)”, contou. Porém, como ela mesma temia, suas relações familiares não ficaram incólumes ao fato, que estremeceu seu relacionamento com uma das primas. O mal-estar entre as duas ficou evidente para a interlocutora com a reação da parente ao ocorrido. O depoimento da psicóloga de 40 anos leva à conclusão de que a situação que se desenrolou após a saída dela do grupo da família no WhatsApp é um exemplo de conflito, com consequências dentro e fora do mundo digital.

Acho que uma das minhas primas ficou doída, no orgulho ferido dela, de eu ter saído do grupo. Mas fazer o quê? Porque depois que eu saí, a esposa do meu pai, que continua no grupo, ela mandou o *print* da tela da reação que o grupo teve. E essa minha prima postou assim no grupo: “deixa para lá”. Como quem diz assim “já foi tarde” ou, tipo assim, “não vai fazer a menor falta”, entendeu? Eu achei isso uma reação de despeito. Acho que, no fundo, no fundo, ela se sentiu, de alguma forma, rejeitada. Tipo: “a (nome da voluntária) não quer contato com a gente, nós não somos importantes *pra* ela”, e ela foi, da forma

⁶⁶ Gíria para asneiras.

dela, e revidou do mesmo jeito. Eu achei ridículo, mas aquilo ali só veio corroborar minha decisão de não estar mais ali. (Psicóloga de 40 anos)

O primeiro efeito da saída da psicóloga de 40 anos do grupo da família no WhatsApp para o relacionamento dela com a prima foi sentido no universo on-line, onde as duas se desconectaram no Instagram. Mais uma vez, nota-se aqui a autenticidade das relações mediadas pela Internet (HORST; MILLER, 2012): o ato de deixar de seguir alguém em uma mídia social é tomado pelos indivíduos como um indicativo de ruptura, tal qual o afastamento na esfera física.

Ela parou de me seguir no Instagram, e aí eu fui lá e parei de seguir *ela*. Foi depois da minha saída do grupo. Como eu percebi que ela tinha parado de me seguir? Ela não me falou que deixou de me seguir. Mas ela era uma pessoa que, toda vez que eu viajava, ela curti as minhas fotos. E aí eu deixei de seguir o grupo, eu *tava* viajando... Eu postei várias fotos da minha viagem no Instagram e achei estranho que ela não curti nada. Aí um dia, de curiosidade, eu fui lá olhar, aí eu vi que ela não me seguia mais. Aí eu falei “ah, então também não vou seguir mais *ela*, não”. *Pra* que eu vou seguir alguém, ter acesso a fatos da vida de uma pessoa que não se interessa pela minha vida? Tipo assim, não *tem* por que isso, não faz sentido. Aí eu fui lá e parei de seguir. (Psicóloga de 40 anos)

Depois, houve outra situação no ambiente digital que denota o conflito entre as parentes. A interlocutora disse que enviou uma mensagem desejando feliz aniversário à prima, mas não recebeu retorno com agradecimentos. “Eu dei parabéns e ela não respondeu no Facebook. Eu postei nos *stories* de aniversário dela uma mensagem de aniversário. Ela não reagiu, não curtiu, não respondeu nada. Então, isso me leva a reforçar a crença de que ela ficou com raiva de eu ter saído do grupo. Ela se sentiu esnobada”, avaliou a psicóloga de 40 anos. No mundo presencial, a voluntária disse acreditar que sua relação com a prima não será mais a mesma — as duas não têm contato frequente. No depoimento da participante da pesquisa, fica claro que são os rastros das experiências sociais na cultura digital que a conduzem a tais previsões para a convivência física, o que demonstra, na prática, como as diferentes naturezas de mediação dos relacionamentos interpessoais estão ligadas. Como frisa Jenkins (2009), os seres humanos não experimentam uma transformação total de suas qualidades quando passam da atuação no ambiente digital para a vivência no mundo presencial ou vice-versa, uma vez que as fronteiras entre esses dois espaços são permeáveis.

Eu acho que ela ficou, de alguma forma incomodada com a minha saída. Acho que, de alguma forma, ela se sentiu rejeitada. Tipo “saiu do grupo, me deu as costas”, “não se interessa pelo grupo e eu *tô* no grupo, então não se interessa por mim”. Acho que, lá no íntimo, rolou um pouco desse sentimento. Talvez nem ela tenha consciência disso. Eu *tô* aqui *psicologizando* possíveis motivações *pra* ela ter reagido dessa forma. Porque ela não precisava ter reagido dessa forma. Eu não briguei com ela *pra* ela parar de me seguir no Instagram, entendeu? Mas ela fez isso. Então, é a reação dela que me leva a crer que ela ficou incomodada com a minha saída do grupo. Eu não briguei com ela nem com ninguém. Na verdade, quando eu acho que o meu relacionamento presencial com ela vai ser afetado,

é mais por uma iniciativa dela do que minha. Vamos supor que se agora eu fosse a um lugar e encontrasse com ela, eu falaria com ela de boa. Mas eu acho que ela não falaria comigo. Ela fingiria que não me viu... Acho que ela não falaria comigo. Então, assim, quando eu acho que o relacionamento vai ser afetado, é mais pelo lado dela do que do meu. (Psicóloga de 40 anos)

Apesar de ter considerado desnecessária a reação da prima à sua saída do grupo da família no WhatsApp, a psicóloga de 40 anos afirmou que as consequências do ocorrido para o relacionamento entre as duas não a afetam, já que ambas não possuem “histórias recentes compartilhadas” nem têm convivência no dia a dia. “Se eu a vejo uma vez ao ano, é muito. É uma pessoa que não faz falta na minha vida. Seria bom ter por perto? Seria, seria bom ter uma prima com quem eu tenho bom relacionamento e tal. Mas seria um *plus*, um bônus. Não tê-la não vai mudar em nada minha vida”, observou. Ainda assim, não se deixa de notar no discurso da interlocutora um tom de decepção com o comportamento da parente. Tendo em conta as representações sociais de família e o aspecto normativo do parentesco, compreende-se que a voluntária esperava uma postura diferente da prima. Por isso, para a participante deste estudo, a situação não apenas revelou quem sua prima realmente é, como também resultou em um aprendizado, tal qual ela comenta no trecho do depoimento destacado abaixo.

Eu acho que essa experiência serviu *pra* mostrar que, às vezes, a gente coloca a família numa categoria diferenciada, quase sagrada, do tipo “ah, isso aqui é minha família, essas pessoas são especiais, são prioridade”. E você, automaticamente, pensa que a recíproca é verdadeira: “eu sou família, então, *pra* ela, eu também sou de uma categoria quase sagrada, especial”. E não é assim. O grau de parentesco, por si só, não te atribui mais valor, mais respeito. O fato de ter um parentesco não te coloca numa posição melhor do que outras pessoas. Acho que até atribui mais respeito, mas não que o outro, uma prima minha, vai me respeitar mais porque eu sou da família. Ela vai, talvez, me suportar mais. Ela vai me engolir mais do que ela engoliria, suportaria uma outra pessoa com a qual ela não tivesse parentesco. Mas eu quero dizer, assim, que o fato de você ser da família não garante que você vai ter uma relação melhor, de melhor qualidade, ou seja, de mais afeto, de mais afinidade, de mais consideração... Não é, não é assim... Quantas vezes pessoas da família fazem coisas que, de repente, um vizinho seu não faz? Então, o grau de parentesco, por si só, não é a garantia, não é a chancela de que você vai ser mais querido por outra pessoa. Por exemplo, esse comentário pejorativo que minha prima fez no grupo depois que eu saí. “Ah, deixa para lá”. Se eu sáísse de um grupo de amigos meus, eles não reagiriam dessa forma, eu tenho certeza. Eles, no mínimo, iam perguntar “ué, por que ela saiu?”. Ela nem se deu esse trabalho. Ela simplesmente se sentiu esnobada e revidou da forma dela, sabe? E ela ainda revidou assim porque ela sabia que eu ia saber, porque a esposa do meu pai *tá* no grupo e ela ia me contar. Eu acho que as redes sociais, de uma forma geral, elas desmascararam as pessoas. Quantos amigos, conhecidos e familiares, a gente vê na rede social e descobre comportamentos, posturas, opiniões dessas pessoas, que, de repente, pessoalmente elas não mostrariam? (Psicóloga de 40 anos)

3.5 PRESENCIAL E DIGITAL: QUANDO OS DOIS MUNDOS SE ENCONTRAM

Durante todo o trabalho de campo desta pesquisa, identificou-se que a convivência familiar mediada pela Internet está intimamente ligada ao relacionamento face a face entre os parentes, de modo que se pode afirmar que um convívio complementa o outro, tanto em suas semelhanças quanto em suas diferenças. Nas entrevistas em profundidade, os interlocutores foram perguntados como começaram a se relacionar nas mídias sociais com os demais membros de suas famílias. A maioria não soube precisar como isso aconteceu, o que leva a crer que se trata de algo que se deu naturalmente, no curso das trocas sociais, sem uma separação das relações nos ambientes on-line e off-line, ainda que elas apresentem especificidades. A jornalista de 33 anos contou que seu principal e maior grupo de família no WhatsApp surgiu para que os parentes pudessem organizar a comemoração do Natal, ocasião em que eles se reúnem presencialmente na ceia, para a qual cada um contribui com um prato, e em uma troca de presentes em um amigo-oculto. O relato reforça a percepção de que os mundos físico e digital se encontram nos relacionamentos familiares contemporâneos.

Como já foi abordado anteriormente, o que mais agrada aos indivíduos na comunicação on-line com os membros da família é a possibilidade de fazer contato com rapidez e acompanhar o dia a dia do outro, o que proporciona a sensação de estar mais próximo — ou mais atado, no sentido do vínculo afetivo — de um ente querido, apesar de qualquer distância geográfica. No entanto, o relacionamento familiar no ambiente digital tem desvantagens. Além do volume de mensagens consideradas inconvenientes — conteúdos desinteressantes e mídias, algumas vezes enviadas repetidamente, que sobrecarregam a memória dos telefones celulares pessoais —, o que mais ficou pronunciado no discurso dos voluntários foi o fato de a convivência pela Internet desvelar aspectos até então desconhecidos da personalidade de parentes. Estas feições, às quais se atribuem sentidos negativos, acabam maculando, de certa maneira, a visão idealizada de outrem relativa à dimensão normativa do parentesco, o que causa decepções e afeta os relacionamentos interpessoais mediados.

Embora goste da proximidade com os parentes proporcionada pelo digital, a jornalista de 61 anos ressaltou que o problema das mídias sociais é que elas dão “excesso de contato a pessoas que não têm as mesmas afinidades”. Com isso, o risco de surgirem conflitos é maior, em comparação a uma situação em que familiares só se relacionam no mundo presencial, como ela expõe no depoimento a seguir.

Você consegue administrar muito melhor, quer dizer, existe muito menos possibilidade de conflito quando você chega na casa de alguém como visita, quando você compartilha

aniversários, churrascos, “hahaha”, “até logo, viu? Passar bem, lembranças *pra* sua mãe” e *vaza*⁶⁷, porque não dá tempo de acompanhar as piadas permanentes do tio pavê, as posições políticas diferentes das suas de vários membros da família, os preconceitos sobre homossexualidade, dependência de drogas ou qualquer outro assunto que você não tem... Você não tem escolha: aquilo entra no grupo e você não pode “desver”. Você viu, *tá* ali. (...) Às vezes, a rede ajuda, por um lado, porque você acompanha, mas ela *te* traz junto muito mais possibilidades de conflitos. Porque a proximidade é muito grande, é bafó na nuca, é mão na bunda, aquela coisa assim. Porque você não tem mais, em princípio, os limites do muro da casa, das paredes da casa. Antigamente, você entrava na casa sozinha ou com seu núcleo familiar, e as opiniões, as piadas, o que *te* irrita no outro ficava do lado de fora. Ficava até aquele momento em que você ia novamente encontrá-los numa festinha de aniversário, no churrasco, no cineminha. Agora não: você entra, fecha a porta, e a companhia, os conflitos, a dinâmica continua com você, enquanto você *tá* cozinhando, tomando banho... As coisas continuam rolando... Não interrompe, não dá uma pausa, não dá tempo de respirar, de administrar aquela quase que uma promiscuidade familiar. É como se morássemos todos num grande cortiço, em que você não tem espaços privados, em que você tem muita gente que não sabe brincar, que não tem a noção do limite... (Jornalista de 61 anos)

A interlocutora observou que a tomada de conhecimento de determinadas características e posicionamentos de parentes no âmbito das relações desenvolvidas on-line “vai formando uma predisposição que sai das redes *pras* salas”. Com isso, nota-se como a influência da comunicação mediada pela Internet no relacionamento face a face — dada a autenticidade das conversas nas duas esferas — é clara para os indivíduos. “Você enquadra num determinado perfil com muito mais facilidade as suas afinidades e as suas divergências. (...) Cristalizando em você, e provavelmente nos outros também, posições menos maleáveis, mais cristalizadas, eu não sei explicar”, pontuou a jornalista de 61 anos. Embora a convivência no digital provoque certa categorização oposta dos parentes — separação entre mais e menos afins —, não se identificou, nem no relato desta voluntária nem no discurso dos demais, que esse fator é suficiente para diluir o afeto ou o vínculo entre os sujeitos. No máximo, há um esgarçamento das relações, como disse a jornalista de 33 anos.

Quando você tem, lá *pra* frente, uma reunião de família física, você cristalizou uma opinião do tio pavê, do primo reaçã⁶⁸, do homofóbico, da fútil, porque posta toda hora fotos e vídeos fazendo beicinho, andando sozinha no estacionamento... “*Pô*, fulana é maior egocêntrica”... Isso você leva. Você não saberia se não houvesse a rede social, porque ela não ia fazer biquinho a caminho do trabalho, nem aplicar filtro de coelhinho se ela não postasse, se não houvesse rede social. Esse enquadramento de que fulano é maior egocêntrico, você só tem nessa proporção porque você tem o excesso do convívio na rede social. Quando você encontra na festa, no aniversário, o afeto *tá* lá, você quer um bem danado. Se precisar de você para qualquer coisa, puta que pariu, *tá* tudo certo. “Vem embora, vem para cá, dorme aqui”. Mas é o egocêntrico, o fútil, o babaca. Depende: se você tem afeto, é tio pavê; se não tem afeto, é o babaca. Se ele não fosse *teu* querido, seria um babaca. Mas ele é *teu* querido, então é tio pavê. Você leva essas coisas dos grupos, da rede social, *pro* convívio. (Jornalista de 61 anos)

⁶⁷ Gíria para “ir embora”.

⁶⁸ Forma abreviada de dizer reacionário.

Conflitos que tiveram início no mundo presencial produzem reflexos nas relações no ambiente digital, provando que o movimento na direção contrária também é possível. Um caso visto no trabalho de campo que exemplifica isso é o do gerente de tesouraria de 57 anos, que passou a enfrentar algumas dificuldades no relacionamento com uma das filhas depois que se separou da mãe dela e recasou com outra mulher. Por conta disso, a experiência de convívio no universo on-line entre pai e filha se mostra conflituosa em algumas ocasiões. O interlocutor contou que já houve episódios de discussão entre os dois nas mídias sociais que terminaram com um bloqueando o outro no WhatsApp — na maioria das vezes, a filha bloqueou o pai —, com o objetivo de interromper o contato, em um sinal claro de irritação e chateação. É interessante assinalar que a análise dos relatos do voluntário foi mais uma oportunidade de visualizar o aspecto dialético da cultura digital: ao mesmo tempo em que a Internet é um território para a potencialização de atritos, ela também abre espaço para reconciliações e reaproximações. Durante a amostragem de experiência, o gerente de tesouraria de 57 anos compartilhou com a pesquisadora uma mensagem enviada a ele pela filha, que lhe desejou feliz Dia dos Pais em conversa privada no WhatsApp. O texto dizia: “sei que temos nossas desavenças nossos desentendimentos mas acima de tudo temos nossos momentos bons, sei que não está bem mais (sic) irei te respeitar e estarei do seu lado sempre que precisar. Te amo incondicionalmente pai seu dia nao e (sic) um são vários a (sic) distância não quer dizer nada”. Os dizeres foram finalizados com três *emojis* com a representação de um coração vermelho. O interlocutor mencionou, na ficha de amostragem de experiência, que estava triste antes da interação, mas a sensação foi aplacada após o contato com a filha.

Os achados desta pesquisa sugerem que os indivíduos se sentem à vontade para interagir com os parentes pelas mídias sociais e abordar uma variada gama de assuntos nesse tipo de comunicação. Os participantes do estudo não apontaram a existência de regras no relacionamento familiar mediado pela Internet, mas fica implícito para o conjunto social que conteúdos relacionados a sexo e pornografia não devem circular — em algumas famílias, violência também é incluída nesse senso de “netiqueta”. No que concerne ao tema sexo, a contextualização dos resultados do estudo leva à compreensão de que o fato de essa matéria ainda ser um tabu na sociedade influencia as conversas dos familiares no universo on-line. Notou-se, em algumas experiências compartilhadas, que existe certa vergonha de falar sobre sexo com os parentes, enquanto, em outros casos, o silenciamento sobre esse objeto é uma forma de preservar as intimidades ou a inocência das crianças envolvidas na interação. Como indica a teoria da

antropologia digital, a homogeneidade não se aplica quando se examinam as vivências na cultura digital.

A complementariedade dos mundos presencial e on-line se torna evidente quando assuntos tratados na comunicação digital são aprofundados nas reuniões de família em que os parentes estão frente a frente, como contaram os interlocutores. O que é dito primeiramente em um encontro face a face também vira tema de conversas mediadas pelas novas tecnologias, inclusive com o envio de registros fotográficos de quem estava presente na ocasião, destacou a jornalista de 43 anos. O que é interessante sobre a Internet é que a rede dá oportunidade aos indivíduos de falar sobre temas que, talvez, não teriam chance de ser abordados no contato físico. Como ressaltou o gerente de tesouraria de 57 anos, pessoalmente, o tempo para relacionamento é curto, uma vez que as pessoas têm rotinas cheias e não podem encontrar os membros da família com frequência. Uma vez que as interações via plataformas digitais possuem caráter quase que ininterrupto, abre-se caminho para papos mais diversificados, enquanto, nas trocas presenciais, priorizam-se assuntos mais densos e de maior relevância para as subjetividades dos indivíduos.

Ainda que recheada de contradições, com vantagens e desvantagens, a convivência familiar no ambiente digital é satisfatória para os sujeitos, como os dados coletados no campo permitiram concluir. Nas entrevistas em profundidade, os interlocutores demonstraram que a comunicação com os parentes dada por meio das tecnologias emergentes já faz parte da história de suas famílias. “A história é construída todo dia”, afirmou a jornalista de 25 anos, cuja fala frisa o caráter cotidiano das interações. “É antes e depois do WhatsApp”, enfatizou a jornalista de 43 anos. A voluntária contou que, antes de sua família criar um grupo no aplicativo, a mãe dela era a responsável por distribuir as informações via ligações telefônicas — era assim que um parente ficava sabendo das novidades do outro. O digital facilitou o contato direto entre as pessoas, mesmo que mediado pelas telas, e aumentou a frequência das conversas, sem que isso signifique invasão de privacidade. Para a interlocutora, seja com assuntos frívolos ou interações de profundidade, o convívio com os familiares pela Internet é algo imprescindível para o seu bem-estar psicossocial.

Isso faz parte da nossa história porque a gente acaba participando mais da vida do outro, ali dentro de uma coisa aceitável. Porque todo mundo quer saber um pouco como é que tá a evolução das crianças, como é que tá o meu padrinho depois que se aposentou... A gente saberia, mas a minha mãe é que acabaria avisando. (...) Então, se a gente tiver que se falar, vai ser por aqui. Tudo, tudo. Ou uma emergência ou uma coisa mais tranquila, que é o que mais acontece. Então, faz total parte da nossa história. Hoje em dia, eu acho que a gente não sabe mais como viver sem o grupo, sem essas coisinhas, tanto de informação mesmo quanto de brincadeira. (Jornalista de 43 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A popularização do acesso à Internet e a introdução das tecnologias digitais no dia a dia dos indivíduos abriram caminho para a incorporação de novas práticas comunicacionais no cotidiano das famílias. Dado esse aspecto das relações familiares na contemporaneidade, mais o fato de que os relacionamentos interpessoais estão diretamente associados ao bem-estar psicossocial dos sujeitos, este trabalho buscou compreender as características da dinâmica de comunicação entre membros de uma mesma família no universo on-line, com os afetos e os conflitos envolvidos. A antropologia digital de tradição inglesa (HORST; MILLER, 2012; MACHADO, 2017a), enquanto suporte teórico-metodológico, foi essencial para o alcance dos objetivos pretendidos na pesquisa. A investidura em um método de inspiração etnográfica baseado na abordagem para a Internet (HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2000), cujos preceitos defendem que os mundos on-line e off-line não devem ser apartados nas análises da experiência humana, permitiu o exame da complexidade dos fatores envolvidos no tema de estudo.

A investigação possibilitou observar o quanto a família ocupa um lugar de destaque na subjetividade dos indivíduos, independentemente de quem cada pessoa considera integrante dessa entidade. Não que as idealizações relativas a tal associação comunitária deem conta de um conjunto perfeito — a representação social da “família do comercial de margarina”⁶⁹, tradicional e sem defeitos, parece ter sido superada como padrão desejável no imaginário coletivo —, mas a rede familiar é vista como ponto de apoio — uma base, afirmaram os interlocutores da pesquisa —, sem o qual muitos não imaginam a própria existência. Da família, mesmo com as imperfeições que a caracterizam, se espera afeto, respeito, acolhimento, suporte e incentivo. Embora o aspecto biológico tenha se mostrado norteador para as definições de família pelos sujeitos, o discurso dos voluntários indicou que o parentesco se constitui, de fato, com as experiências socioculturais, dadas pela convivência, pela proximidade e pelas afinidades. Dessa forma, pessoas ligadas por laços de sangue podem não ser tidas como parentes, bem como amigos serem incluídos na família.

Aparentemente banal devido ao ser caráter corriqueiro, a comunicação familiar é um complexo elemento constitutivo das famílias. Em geral, os indivíduos aprendem a interagir com os demais (ou seja, são socializados) no seio familiar, e tal experiência tende a moldar a maneira como

⁶⁹ Trata-se de uma referência a antigas campanhas publicitárias de margarina, que retratavam famílias tradicionais reunidas à mesa para o café da manhã, sempre com expressão de felicidade.

eles se comunicam nos mais diversos contextos da vida (CAUGHLIN et al, 2011). Quando as trocas entre parentes adentram o mundo digital, mais uma camada de complexidade é adicionada às relações interpessoais nesses grupos.

Não seria tão arriscado afirmar que é a importância dos relacionamentos familiares para a vida humana que os transportou de forma tão intensa para o território da Internet, onde as famílias também passaram a existir como comunidades on-line. Em um cenário *polymedia* (MADIANOU; MILLER, 2012), onde as oportunidades de interação oferecidas pelas tecnologias se proliferam e estão em constante mutação, a pluralidade de opções disponíveis para comunicação impacta as relações entre os parentes. Conforme a intenção, como sincronicidade ou expressão de emoções, pode-se optar por um modelo em vez de outro (MADIANOU; MILLER, 2012) — uma chamada telefônica ou o envio de um áudio em um aplicativo de troca de mensagens instantâneas, por exemplo. Dentro das famílias, as escolhas estão intrinsicamente relacionadas ao preenchimento de necessidades afetivas e sociais e à negociação dos sentidos de conexão familiar.

O estudo verificou que, atualmente, os parentes se comunicam com mais frequência por meios de comunicação do que presencialmente. Pela Internet, o contato tende a ocorrer diariamente, várias vezes ao dia. O WhatsApp é a plataforma que melhor atende aos propósitos dos indivíduos nas interações rotineiras. Pelo aplicativo, é possível entrar em contato com grande número de pessoas ao mesmo tempo, sobretudo por meio dos grupos, de forma rápida e simples. Notou-se que os chamados “grupos de família” no WhatsApp são um fenômeno com ampla penetração nas práticas comunicacionais desses agrupamentos humanos. No que concerne ao letramento midiático, o aplicativo de mensagens instantâneas foi descrito pelos interlocutores como prático e fácil de usar, o que explica sua utilização massiva por sujeitos de diferentes graus de escolaridade e faixas etárias. Além disso, o WhatsApp proporciona sensação de copresença nas conversas, como se os participantes estivessem reunidos fisicamente, e permite o gerenciamento da privacidade e da intimidade nas relações, o que se materializa com a criação de diversos grupos que organizam os parentes de acordo com suas afinidades. Viu-se ainda que o Facebook e o Instagram também dão lugar a interações familiares no universo on-line, mas de maneira coadjuvante, funcionando mais como o espaço reservado a ações especiais, a exemplo de homenagens públicas na ocasião de aniversários e publicações de fotos de eventos que não são comuns no dia a dia.

Embora a diversidade dê tom às experiências das famílias no relacionamento digital — cada um desses agrupamentos humanos cria uma normatividade para as interações na rede —, de modo que a homogeneidade não se aplica à análise do objeto de estudo, foi possível identificar algumas características da dinâmica de comunicação que se repetem em diferentes vivências. O cumprimento de rituais — como o envio de mensagens de bom-dia e a parabenização de aniversariantes —, o compartilhamento de experiências do cotidiano e a circulação de conteúdos relacionados a humor, saúde, política e memórias de família, por exemplo, estão entre as preferências interativas dos parentes. Ainda se incluem nesse grupo a difusão de mensagens motivacionais e de teor religioso, bem como a divulgação de notícias e informações de utilidade pública.

Tais atos comunicacionais estão ligados, principalmente, à manutenção dos vínculos sociais: trata-se de práticas que fazem os parentes se sentirem próximos afetivamente uns dos outros, a despeito de qualquer distância física. Bendizer um ente querido, dar uma palavra de apoio ou incentivo a alguém, alertar outrem sobre um fato relevante ou simplesmente falar amenidades são ações interativas que possibilitam o contato contínuo e a sensação de conexão entre os membros das famílias. Como indicam os dados coletados junto aos interlocutores nesta pesquisa etnográfica, o que os sujeitos mais gostam na comunicação familiar on-line é a viabilidade de poder acompanhar o dia a dia do outro — algo que não seria possível ou não ocorreria com tanta intensidade sem a facilidade proporcionada pela Internet embutida, incorporada e cotidiana (HINE, 2015), mesmo para pessoas que moram juntas, por exemplo. Dessa maneira, nota-se o valor psicossocial das interações on-line para os membros das famílias: na cultura digital construída por esses grupos, os usos da Internet servem para suprir a ausência da experiência off-line ou complementá-la. Para além da questão dos laços afetivos, outra descoberta interessante feita no campo foi que os atos comunicacionais entre parentes realizados por meio da Internet podem cumprir função educativa, à medida que determinados indivíduos têm acesso a informações que permaneceriam desconhecidas se não fossem as trocas sociais com os familiares mediadas pelas tecnologias emergentes.

Compreende-se, neste estudo, que o aspecto dialético da cultura digital, com seus efeitos positivos e negativos sobre os relacionamentos, é o que torna rica e repleta de aprendizado a convivência de membros de uma mesma família no ambiente da Internet. Com a interpretação dos afetos circulantes na típica comunicação familiar on-line dos sujeitos, viu-se que não são

necessárias grandiosas manifestações de apreço e estima para que os parentes se sintam conectados subjetivamente uns aos outros: nas mídias sociais, os pequenos gestos contam muito para o atendimento às necessidades afetivas e sociais relacionadas à família. Entre as singelas demonstrações de carinho, destacam-se as seguintes: (i) o uso de *emojis* que remetem às ideias de amor e aprovação; (ii) os incentivos para as situações do dia a dia; (iii) o hábito de bendizer o outro, (iv) o envio de mensagens que expressam que determinada pessoa foi lembrada; (v) as felicitações de aniversário — às vezes, com homenagens públicas em mídias sociais de caráter menos privado e maior visibilidade, como Facebook —; (vi) a troca de saudações de bom-dia, boa-tarde ou boa-noite; e (vii) o ato de reagir a interações iniciadas por outrem, por uma questão de reciprocidade ou para não deixar um parente chateado por falta de resposta.

Já da análise dos conflitos, o grande ponto a salientar é que as desavenças se originam, sobretudo, da dissonância entre a dimensão normativa do parentesco e o vivido nas relações. Além disso, a personalidade dos indivíduos parece ser um fator de influxo para a ocorrência dos desentendimentos, pois é ela que orienta as escolhas dos modos de agir em situações em que diferenças profundas com um ente querido são identificadas. Isso foi notado, principalmente, no debate sobre valores no processo político, que atravessou a experiência do relacionamento familiar on-line dos sujeitos pesquisados ao longo do ano de 2018 e durante a realização deste estudo, devido às eleições de 2018 no Brasil e o início de novos governos em 2019. Divergências de princípios ficaram evidentes em conversas que expuseram pontos de vista sobre democracia e questões humanitárias, por exemplo. Interesses destoantes relacionados à oportunidade ou à restrição de manifestação política na comunicação familiar on-line também produziram embates entre os membros das famílias.

Outras razões de abalos nos relacionamentos entre parentes, interpretados aqui como episódios conflituosos, são o compartilhamento de notícias falsas e a saída do grupo da família no WhatsApp. Em ambos os casos, identificou-se nos relatos dos interlocutores a existência de um descompasso entre o esperado e a experiência real. Quando um parente quebra as expectativas e não atende às idealizações do outro, gera-se uma decepção; e essa, talvez, seja a consequência mais delicada dos desentendimentos. Conclui-se, aqui, que esse sentimento de frustração impacta a qualidade dos relacionamentos familiares dentro e fora do mundo digital, pois cristalizam-se opiniões negativas com potencial para modificar atitudes e enfraquecer laços afetivos — embora não seja regra a conversão dessa potência em realidade. Mal-entendidos na comunicação causados

por níveis diferentes de letramento midiático e por limitações das plataformas digitais para a expressão de emoções também são situações de conflito vivenciadas pelos sujeitos nas interações com parentes mediadas pela Internet.

Entende-se que a eclosão de embates na comunicação on-line das famílias está associada à coexistência de individualidade e coletividade nessas associações comunitárias. Devido aos sentidos atribuídos à entidade familiar, observou-se que os indivíduos tendem a ser mais complacentes quando são parentes que lhes causam desapontamento ou apresentam comportamentos considerados inadequados nas interações via plataformas digitais. Algumas vezes, é preferível abster-se de expor a própria opinião em prol da boa convivência. Se o silenciamento é uma opção legítima pela continuidade das famílias e, por isso, tem seu valor; o exercício do direito ao discurso, ainda que isso resulte em desavença, merece ser respeitado. Em um mundo globalizado que impõe condições desfavoráveis aos indivíduos, a família desponta como um lugar de resistência, e seu sucesso nessa função depende da manutenção do “equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 199). Afinal, a experiência comunitária não deve implicar anulações pessoais, assim como o conflito não precisa ser interpretado negativamente: ele é a via que permite aos membros das famílias identificar dissonâncias entre o aspecto normativo e a dimensão real do parentesco e, a partir daí, empregar a comunicação na negociação das relações, a fim de aprimorar a qualidade da convivência e promover bem-estar tanto individual quanto coletivo. Os episódios de atrito nos relacionamentos interpessoais em geral, principalmente nos familiares, aumentam a capacidade dos sujeitos de reagir a situações e lhes proporcionam crescimento ético. Além disso, constituem uma oportunidade de autoconhecimento e contato íntimo com a própria essência, em uma experiência de fortalecimento de conexões pessoais e internas como forma de reafirmar para si valores e crenças na defesa de posições.

Os resultados da pesquisa apontam que, apesar da ocorrência de conflitos nas relações familiares mediadas pelas tecnologias emergentes, o nível de satisfação dos indivíduos com esse tipo de interação é alto. Trata-se de uma nova maneira de construir a história da família. No ambiente on-line, o contato entre os parentes tende a se dar sem a imposição de regras, o que lhes confere relativa liberdade em ações e reações comunicativas. Ao mesmo tempo que a sensação de proximidade proporcionada pela Internet é valorizada, o excesso dela também é um problema para os relacionamentos: a comunicação quase que ininterrupta permite que defeitos até então

desconhecidos do outro venham à tona, o que afeta conceitos sobre determinado alguém nos mundos digital e presencial.

As percepções de como a dinâmica familiar on-line influencia as relações off-line entre os sujeitos e é influenciada por elas reforçam a importância adquirida pelo digital nas interações entre os membros das famílias. Por isso, a partir dos dados obtidos durante o trabalho de campo, é possível concluir que indivíduos que desejam manter o convívio com os parentes em um patamar saudável, visando ao bem-estar físico e psicossocial próprio e dos demais, devem cuidar de seus relacionamentos em ambas as esferas com o mesmo nível de atenção.

Uma vez que todos os estudos têm suas limitações, destaca-se que as possibilidades de investigação acerca de um tema tão rico e complexo como a comunicação familiar mediada pelas tecnologias digitais não se esgotam nesta pesquisa. Em trabalhos futuros, seria interessante ampliar o número de interlocutores, bem como diversificar seus perfis, para valorizar a pluralidade de vozes e agregar pontos de vista diferentes às análises aqui expostas. O aprofundamento de questões relacionadas ao compartilhamento de notícias falsas, que levem em conta as razões individuais pelas quais os sujeitos disseminam esse tipo de conteúdo, é um caminho que pode ser adotado em estudos próximos. Da mesma maneira, aspectos éticos e morais no surgimento e na negociação de conflitos no debate sobre valores atrelados ao processo político são pontos que podem ser detalhados em pesquisas vindouras, além dos impactos em longo prazo dos desentendimentos ocorridos no contexto das eleições de 2018 no Brasil para as relações entre membros de uma mesma família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Painéis de dados**. 2020. Disponível em: <<https://www.anatel.gov.br/paineis/acessos/telefoniamovel>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

AGÊNCIA SENADO. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. **Senado Notícias**, Brasília, 28 dez. 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

AGGIO, Camilo; CASTRO, Filipe. “Meu partido é o povo”: Uma proposta teórico-metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política seguida de estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. In: VIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA (VIII COMPOLÍTICA), 8., 2019, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2019. Disponível em: <http://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/05/gt4_Aggio_Castro.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

ATAQUES À LIBERDADE DE IMPRENSA EXPLODEM COM BOLSONARO. **Federação Nacional dos Jornalistas**, Brasília, 14 jan. 2020. Notícias. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/ataques-a-imprensa-explodem-com-bolsonaro/>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

BARBOSA, Nathalia Cristina. **O desafio da interação na solidão do hospital: limites e possibilidades das redes socioafetivas nas mídias sociais**. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BAYM, Nancy K. **Personal Connections in The Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERGER, Roni. Now I see it, now I don't: researcher's position and reflexivity in qualitative research. **Qualitative Research**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 219–234, 2015. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468794112468475>>. Acesso em: 1 jul. 2018.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOELLSTORFF, Tom. Rethinking Digital Anthropology. In: HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. (Org.). **Digital Anthropology**. Londres: Berg, 2012. p. 39–60.

BÖING, Elisangela; CREPALDI, Maria Aparecida; MORÉ, Carmen L. O. O. A epistemologia sistêmica como substrato à atuação do psicólogo na atenção básica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 813–845, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOLSONARO SUGERE 'FAZER COCÔ DIA SIM, DIA NÃO' PARA REDUZIR POLUIÇÃO AMBIENTAL. **G1**, 9 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/09/bolsonaro-sugere-fazer-coco-dia-sim-dia-nao-para-reduzir-poluicao-ambiental.ghtml>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BORTOLOTI, Marcelo. Bozo: a história real por trás do mito. **Superinteressante**, 25 ago. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/bozo-a-historia-real-por-tras-do-mito/>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BRASIL. **Código Civil**. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 16 dez. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016. 120 p.

CACIOPPO, John T. et al. The Neuroendocrinology of Social Isolation. **Annual Review of Psychology**, [s. l.], v. 66, n. 1, p. 733–767, 2015. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-psych-010814-015240>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

CASO FABRÍCIO QUEIROZ: O QUE É, CRONOLOGIA DOS FATOS, PERSONAGENS. **G1**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2019. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/18/caso-fabricio-queiroz-o-que-e-cronologia-dos-fatos-personagens.ghtml>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

CAUGHLIN, John P. et al. Interpersonal Communication in Family Relationships. In: KNAPP, M. L.; DALY, J. A. (Org.). **The Sage handbook of interpersonal communication**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011. p. 679–714.

CHAVES, Mônica; BRAGA, Adriana. A pauta da desinformação: “fake news” e análise de categorizações de pertencimento na eleição presidencial brasileira em 2018. **Brazilian Journalism Research (online)**, v. 15, n. 3, p. 474–495, 2019. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1187/pdf_1>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221–236, 2003.

CLIFFORD, James. Introduction: Partial truths. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. (Org.). **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography**. Los Angeles: University of California Press, 1986. p. 1–26.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). **Educação, carinho e trabalho**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.48–59.

COLEMAN, E. Gabriella. Ethnographic Approaches to Digital Media. **Annual Review of Anthropology**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 487–505, 2010. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.012809.104945>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

COOLEY, Charles H. Primary Groups. In: HARE, A. P.; BORGATTA, E. F.; BALES, R. F. (Org.). **Small groups: studies in social interaction**. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1962. p. 15–20.

CUMMINGS, Jonathon N.; BUTLER, Brian; KRAUT, Robert E. The quality of online social relationships. **Communications of the ACM**, [s. l.], v. 45, n. 7, p. 103–108, 2002.

DERKS, Daantje; FISCHER, Agneta H.; BOS, Arjan E. R. The role of emotion in computer-mediated communication: A review. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 766–785, 2008. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563207000866>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 5–19, 2004.

EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel T.; SHAW, Linda L. **Writing Ethnographic Fieldnotes**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População, 1979- . Anual. Continuação de: Registro civil / Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FAJARDO, Vanessa. Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil. **BBC News Brasil**, São Paulo, 12 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46177957>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FÁVERO, Bruno. Bolsonaro fez 162 críticas à imprensa desde janeiro; Globo e Folha são principais alvos. **Aos Fatos**, 22 out. 2019. Disponível em: <<https://aosfatos.org/noticias/bolsonaro-fez-162-criticas-imprensa-desde-janeiro-globo-e-fohla-sao-principais-alvos/>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

FERGUSON, Kennan. **All in the Family: On Community and Incommensurability**. Durham: Duke University Press, 2012.

FONSECA, Claudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: ALTHOFF, C. R.; ELSEN, I.; NITSCHKE, R. G. (Org.). **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-Livro, 2004. p. 55–68.

GALVIN, Kathleen M.; BRAITHWAITE, Dawn O. Theory and Research From the Communication Field: Discourses That Constitute and Reflect Families. **Journal of Family Theory & Review**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 97–111, 2014. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/jftr.12030>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENESTRETI, Guilherme. Wagner Moura espera ódio da direita e crítica da esquerda ao seu 'Marighella'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/1954731-com-marighella-wagner-moura-aguarda-odio-da-direita-e-critica-da-esquerda.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GOUGH, Brendan; MADILL, Anna. Subjectivity in psychological science: From problem to prospect. **Psychological Methods**, Washington, D.C., v. 17, n. 3, p. 374–384, 2012.

GOYA, Denise H.; FIACADORI, Giuliana; SANTOS, Patrícia D. A polarização ideológica no Twitter: um estudo sobre as redes de retweets durante as eleições presidenciais de 2018. In: VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), 8., 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2019. Disponível em: <http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT6/gt6_Goya_Fiacadori_Santos.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. A observação participante. In: _____. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 66–78.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

_____. How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects? In: MARKHAM, A. N.; BAYM, N. K. (Org.). **Internet Inquiry: Conversations about method**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2009. p. 1–20.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. (Org.). **Digital Anthropology**. Londres: Berg, 2012. p. 1–35.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Brasil: Bolsonaro comemora ditadura brutal**, 27 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2019/03/27/328618>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Famílias e Domicílios: Resultados da Amostra. **Censo Demográfico 2010**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal : 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

JENKINS, Richard. The 21st-Century Interaction Order. In: JACOBSEN, M. H. (Org.). **The contemporary Goffman**. Nova Iorque: Routledge, 2009. p. 257–274.

JODELET, Denise. **Folies et représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989a.

_____. Formes et figures de l'alterité. In: SANCHEZ-MAZAS, Margarita; LICATA, Laurent. **L'Autre : Regards psychosociaux**. Grenoble: Les Presses de l'Université de Grenoble, 2005. p. 23-47.

JODELET, Denise. Représentations sociales : un domaine en expansion. In: _____. (Org.). **Représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989b. p. 47–78.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90–113.

KEHL, Maria Rita. **Em defesa da família tentacular**. 2013. Disponível em: <<https://www.fronteras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

KOERNER, Ascan F.; FITZPATRICK, Mary Anne. Family communication patterns theory: A social cognitive approach. In: BRAITHWAITE, Dawn O.; BAXTER, Leslie A. (Org.). **Engaging theories in family communication: Multiple perspectives**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2006a. p. 50–65.

_____. Family Conflict Communication. In: OETZEL, John G.; TING-TOOMEY, Stella (Org.). **The SAGE Handbook of Conflict Communication: Integrating Theory, Research, and Practice**. Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc., 2006b. p. 159–184.

_____. Toward a Theory of Family Communication. **Communication Theory**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 70–91, 2002.

KRAUT, R. et al. Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? **The American psychologist**, [s. l.], v. 53, n. 9, p. 1017–31, 1998. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9841579>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

KRAUT, Robert et al. Internet Paradox Revisited. **Journal of Social Issues**, [s. l.], v. 58, n. 1, p. 49–74, 2002. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/1540-4560.00248>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

KRAUT, Robert; BURKE, Moira. Internet Use and Psychological Well-being: Effects of Activity and Audience. **Communications of the ACM**, [s. l.], v. 58, n. 12, p. 94–100, 2015. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=2847579.2739043>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

LARSON, Reed; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. The Experience Sampling Method. In: CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow and the Foundations of Positive Psychology: The Collected Works of Mihaly Csikszentmihalyi**. Claremont: Springer, 2014. p. 21-34.

LAWLER, Edward J. An Affect Theory of Social Exchange. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 107, n. 2, p. 321–352, 2001. Disponível em: <<https://digitalcommons.ilr.cornell.edu/articles/1262>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: LÉVI-STRAUSS, Claude; GOUGH, Kathleen; SPIRO, Melford (Org.). **A Família: Origem e Evolução**. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

_____. **As estruturas elementares do parentesco**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Structural Anthropology**. Nova Iorque: Basic Books, 1963.

LIMA, Flávio Ribeiro de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. **Revista Percurso**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 207–215, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49779/751375140730>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

LIVINGSTONE, Sonia. Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. **The Communication Review**, Londres, v. 7, p. 3–14, 2004.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945–970, 2019.

MACHADO, Monica. A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, v. 2, 2017a. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-teoria-da-antropologia-digital-para-as-humanidades-digitais/>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

_____. **Antropologia Digital e Experiências Virtuais do Museu de Favela**. Curitiba: Appris, 2017b.

MADIANOU, Mirca. Smartphones as polymedia. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Oxford, v. 19, n. 3, p. 667–680, 2014.

_____. Ambient co-presence: transnational family practices in polymedia environments. **Global Networks**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 183–201, 2016. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/glob.12105>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. **Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia**. Abingdon: Routledge, 2012.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Uchôa. A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 63–75, 2001.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 270–289, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/download/8657817/21800/>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

MARQUES, Julia. Quem inventou o WhatsApp? Veja oito curiosidades sobre a história do app. **TechTudo**, 17 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2019/01/quem-inventou-o-whatsapp-veja-oito-curiosidades-sobre-a-historia-do-app.ghtml>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

MECLER, Katia. **Psicopatas do cotidiano: como reconhecer, como conviver, como se proteger**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MELLO E SOUZA, Cecilia. de. O Conceito de Cultura e a Metodologia Etnográfica: Fundamentos para uma Psicologia Cultural. In: D'ÁVILA NETO, M. I.; PEDRO, R. M. L. R. (Org.). **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 65-80.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. 2010. 145f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MILLER, Daniel. How Infants Grow Mothers in North London. **Theory, Culture & Society**, [s. l.], v. 14, n. 4, p. 67–88, 1997. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026327697014004003>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. **Social Media In an English Village**. Londres: UCL Press, 2016.

_____. Social Networking Sites. In: HORST, Heather A.; MILLER, Daniel (Org.). *Digital Anthropology*. Londres: Berg, 2012. p. 146-161.

_____. What is a Relationship? Is Kinship Negotiated Experience? *Ethnos*, [s. l.], v. 72, n. 4, p. 535–554, 2007. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141840701768334>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

MILLER, Daniel et al. **How the World Changed Social Media**. Londres: UCL Press, 2016.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. Tradução de Danilo Pedrini. **Parágrafo**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 91–112, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334/352>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

MILLER, Daniel; SINANAN, Jolynna. **Webcam**. Cambridge: Polity Press, 2014.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet: An Ethnographic Approach**. Oxford: Berg, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**, 2016. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html#:~:text=Considerando%20a%20import%C3%A2ncia%20de%20se,Art.>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. **Tratamento de queimaduras com farinha de trigo – É fake news!**. Brasília, 20 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/fakenews/45240-tratamento-de-queimaduras-com-farinha-de-trigo-e-fake-news>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MOISÉS, José Álvaro. Eleições, participação e cultura política: mudanças e continuidades. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 22, p. 133–187, dez. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451990000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2019.

MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. **Nota Técnica #2. A difusão dos boatos sobre Marielle Franco: do Whatsapp aos sites de notícias**, 2018. Disponível em: <<http://www.monitordigital.org/relatorios/nota-tecnica-2/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MORIN, Edgar. Epistemología de la complejidad. In: SCHNITMAN, D. (Org.). **Nuevos Paradigmas, cultura y subjetividad**. Buenos Aires: Paidós, 1994, p. 421-446.

MOSCOVICI, Serge. Des représentations collectives aux représentations sociales : éléments pour une histoire. In: JODELET, D. (Org.). **Représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 79-103.

NADIN, Sara; CASSELL, Catherine. The use of a research diary as a tool for reflexive practice: Some reflections from management research. **Qualitative Research in Accounting & Management**, Bingley, v. 3, n. 3, p. 208–217, 2006.

NISBET, Robert A. Community. In: _____. **The Sociological Tradition**. Nova Iorque: Routledge, 2017. p. 47-106.

OLIVEIRA, Filipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. **Folha de São Paulo**, 18 jul. 2018. Disponível em: <Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil>. Acesso em: 5 jan. 2019.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PARIGI, Paolo; HENSON, Warner. Social Isolation in America. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 153–171, 2014. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-soc-071312-145646>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

PINK, Sarah. **Doing visual ethnography: images, media and representation in research**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

PLANALTO. **Galeria de Presidentes**. Brasília, 28 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/acervo/galeria-de-presidentes>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PONTES, Felipe. CNJ proíbe cartórios de registrar união estável poliafetiva. **Agência Brasil**, Brasília, 26 jun. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-06/cnj-proibe-cartorios-de-registrarem-uniao-estavel-poliafetiva>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

REBELLO, Aiuri; COSTA, Flávio; MAIA, Gustavo. Abaixo o sistema: como a soma de crise econômica, casos de corrupção e antipetismo criou onda surfada por Bolsonaro. **UOL**, 28 out. 2018. Eleições. Disponível em: <<https://www.uol/eleicoes/especiais/como-a-soma-de-crise-economica-casos-de-corrupcao-e-antipetismo-criou-onda-surfada-por-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galaxia** (online), São Paulo, n. 41, mai-ago., p. 31–47, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

ROSA, Bruno. Conheça as armadilhas dos planos controle para celulares. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 ago. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/conheca-as-armadilhas-dos-planos-controle-para-celulares-21717843>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SACCHITIELLO, Bárbara. Circulação dos maiores jornais do País cresce em 2019. **Meio & Mensagem**, 21 jan. 2020. Mídia. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>>. Acesso em 2 mar. 2020.

SAHLINS, Marshall. **What Kinship Is - And Is Not**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1–2, p. 69–76, 1992. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100007>. Acesso em: 3 jul. 2018.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 35-53. Disponível em: <<http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/texto-Bader-Burihan-Sawaia.pdf#page=32>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

SHAW, Lindsay H.; GANT, Larry M. In Defense of the Internet: The Relationship Between Internet Communication and Depression, Loneliness, Self-Esteem, and Perceived Social Support. **CyberPsychology & Behavior**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 157–171, 2002.

SERGIO MORO: QUEM É, RELIGIÃO, ONDE NASCEU E MAIS DÚVIDAS. **UOL**, São Paulo, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/faq/sergio-moro-quem-e-religiao-onde-nasceu-e-mais-duvidas.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SILVERMAN, David. Entrevistas. In: _____. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 107–143.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Org.). **Consuming Technologies: media and information in domestic spaces**. Londres: Routledge, 1992.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122–134.

SMITH, Kirsten P.; CHRISTAKIS, Nicholas A. Social Networks and Health. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 405–429, 2008. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.soc.34.040507.134601>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

TELECO. **O que acompanhar em 2019**. 2018. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

TANDOC JR., Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”. **Digital Journalism**, Londres, v. 6, n. 2, p. 137–153, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2017.1360143>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society: Gemeinschaft und Gesellschaft**. East Lansing: The Michigan State University Press, 1957. p. 223-231.

TREVIZAN, Karina. Brasil enfrenta pior crise já registrada poucos anos após um boom econômico. **G1**, 7 mar. 2017. Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brasil-enfrenta-pior-crise-ja-registrada-poucos-anos-apos-um-boom-economico.ghtml>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

TURKLE, Sherry. **Alone together: Why we expect more from technology and less from each other**. Nova Iorque: Basic Books, 2011.

_____. **Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age**. Nova Iorque: Penguin, 2015.

UMBERSON, Debra; CROSNOE, Robert; RECZEK, Corinne. Social Relationships and Health Behavior Across the Life Course. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 139–157, 2010. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-soc-070308-120011>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

VALKENBURG, Patti M.; PETER, Jochen; WALTHER, Joseph B. Media Effects: Theory and Research. **Annual Review of Psychology**, [s. l.], v. 67, n. 1, p. 315–338, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122414-033608>>

VAN DJICK, José. **Mediated memories in the digital age**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

_____. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 122–134.

VENKATRAMAN, Shriram. **Social media in South India**. Londres: UCL Press, 2017.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7–21, maio-ago. 2019.

WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. **Digital 2020: Global Digital Overview**. 2020. Disponível em: <<https://wearesocial.com/digital-2020>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

WHATSAPP CHEGA A 120 MILHÕES DE USUÁRIOS NO BRASIL. **O Estado de S. Paulo**, 29 maio 2017. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-chega-a-120-milhoes-de-usuarios-no-brasil,70001817647>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

WILSON, Samuel M.; PETERSON, Leighton C. The Anthropology of Online Communities. **Annual Review of Anthropology**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 449–467, 2002. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.31.040402.085436>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ON-LINE

Relações familiares nas redes sociais

Olá!

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pela mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social Camilla Muniz, sob orientação da professora Monica Machado. Nosso objetivo é entender as características do relacionamento entre membros de uma mesma família nas redes sociais, incluindo os afetos e os conflitos que se desenvolvem no espaço digital. Sendo assim, este questionário é direcionado a **MAIORES DE 16 ANOS QUE INTERAGEM COM FAMILIARES PELA INTERNET**.

Para colaborar, basta responder às perguntas abaixo. É simples e rápido! Ao concordar em participar, você autoriza a divulgação dos resultados da pesquisa em artigos científicos, livros e congressos, com total garantia que **SUA IDENTIDADE NÃO SERÁ REVELADA**, conforme o disposto na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Caso deseje obter esclarecimentos adicionais ou desistir de sua participação, escreva para camillamuniz@ufrj.br. Também estamos à disposição para envio dos resultados do estudo.

Desde já, obrigada pela colaboração!

*Obrigatório

1 - Por favor, confirme sua participação na pesquisa. *

() Estou ciente das informações acima, tenho 16 anos ou mais e desejo participar.

() Não quero participar.

Antes de começarmos...

Algumas perguntas para nos conhecermos melhor

2 - Onde você reside no Brasil? *

- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Distrito Federal
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio de Janeiro
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

3 - Se você não mora no Brasil, por favor, diga em qual país reside.

4 - Gênero *

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não dizer.
- Outro:

5 - Qual é a sua faixa etária? *

- 16 a 24 anos
- 25 a 34 anos
- 35 a 44 anos
- 45 a 59 anos
- 60 anos ou mais

Família

6 - Que pessoas você considera sua família? Escolha quantas opções quiser. *

- Ascendentes (pais, avós, bisavós, triavós etc.) e descendentes (filhos, netos, bisnetos, trinotos etc.), consanguíneos ou adotivos, independentemente do grau de parentesco
- Seus irmãos(ãs), consanguíneos ou adotivos
- Sua madrasta e/ou seu padrasto
- Seu cônjuge/companheiro(a)
- Filho(s) de seu cônjuge/companheiro(a), fruto(s) de outros relacionamentos
- Seus cunhados(as)
- Seus sogros e/ou seu(s) genro(s) e sua(a) nora(s)
- Seus tios(as), consanguíneos ou adotivos
- Seus primos(as), consanguíneos ou adotivos
- Seus sobrinhos(as), consanguíneos ou adotivos
- Filho(s) de seus sobrinhos(as), consanguíneos ou adotivos
- Parentes consanguíneos de qualquer grau
- Parentes consanguíneos e adotivos de qualquer grau

- () Cônjuges de parentes consanguíneos ou adotivos e os filhos desses cônjuges
- () Parentes consanguíneos ou adotivos de qualquer grau, mas só aqueles com quem você tem convivência ou afinidade
- () Avós e demais ascendentes (bisavós, triavós etc.) do seu cônjuge/companheiro(a)
- () Cônjuge(s)/companheiro(s) de seu(s) neto(s) e dos demais descendentes (bisnetos, trinotos etc.)
- () Neto(s) e demais descendentes (bisnetos, trinotos etc.) do seu cônjuge/companheiro(a)
- () Cônjuge(s)/companheiro(s) de seus avós e demais ascendentes (bisavós, triavós etc.), que não seja(m) pai ou mãe de um de seus ascendentes (pais, avós etc.)
- () Tios(as), primos(as), sobrinhos(as) e demais parentes de seu cônjuge/companheiro(a)
- () Ascendentes (pais, avós, bisavós, triavós etc.) e descendentes (filhos, netos, bisnetos, trinotos etc.) de seu ex-cônjuge
- () Irmãos(ãs), sobrinhos(as), tios(as), primos(as) e demais parentes de seu ex-cônjuge/companheiro(a)
- () Seus amigos (alguns ou todos) Seus vizinhos (alguns ou todos)
- () Pessoas que dividem moradia com você
- () Pessoas que têm um passado ou uma história em comum com você
- () Pessoas originárias do mesmo país ou região que você
- () Outro:

7 - Para você, família e parentes são coisas diferentes? *

- () Sim
- () Não

Relacionamento na internet

8 - Atualmente, por quais desses aplicativos ou plataformas digitais você mantém algum tipo de interação com sua família? Marque quantas opções quiser. *

- () E-mail
- () WhatsApp
- () Facebook

- Twitter
- Instagram
- Snapchat
- Skype
- Messenger
- YouTube
- Outro:

9 - Por qual desses aplicativos ou plataformas digitais você MAIS se relaciona com sua família?

Marque uma opção. *

- E-mail
- WhatsApp
- Facebook
- Twitter
- Instagram
- Snapchat
- Skype
- Messenger
- YouTube
- Outro:

10 - Com que frequência você interage com sua família por meio da internet? *

- Diariamente, várias vezes ao dia
- Diariamente, poucas vezes ao dia
- Uma vez por dia
- Algumas vezes por semana
- Uma vez por semana
- Algumas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente
- Outro:

11 - Você tem algum grupo de família no WhatsApp? *

Sim

Não (ir para a pergunta 14)

Grupos de família no WhatsApp

12 - De quantos grupos de família no WhatsApp você participa? *

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Outro:

13 - Pensando no(s) seu(s) grupo(s) de família no WhatsApp, quem são os membros de cada grupo?

Marque quantas opções quiser, de modo de cada uma represente um grupo. *

Você + cônjuge/companheiro(a) + filhos(as)

Você + pai e/ou mãe + irmãos

Você + irmãos (só masculino)

Você + irmãs (só feminino)

Você + irmãos (geral)

Você + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.)

- Você + cônjuge/companheiro(a) + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.)
- Você + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.) + cônjuges/companheiros dos seus parentes
- Você + cônjuge/companheiro(a) + seus parentes, de vários graus (pais, filhos, irmãos, tios, primos, sobrinhos, avós, netos etc.) + cônjuges/companheiros dos seus parentes
- Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes do cônjuge/companheiro(a)
- Você + parentes do cônjuge/companheiro(a)
- Você + primos (só masculino)
- Você + primas (só feminino)
- Você + primos (geral)
- Você + sobrinhos(as) ou tios(as)
- Você + cônjuge/companheiro(a) + irmãos + cunhados(as)
- Você + irmãos + cunhados(as)
- Você + cunhados(as)
- Você + pessoas que dividem moradia com você
- Você + amigos
- Você + vizinhos
- Você + parentes + vizinhos
- Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes + vizinhos
- Você + parentes + amigos
- Você + cônjuge/companheiro(a) + parentes + amigos
- Outro:

Outros tipos de grupos de família

14 - Sua família mantém algum grupo em aplicativo ou plataforma digital diferente do WhatsApp?

*

- Sim
- Não (ir para a pergunta 16)

15 - Que aplicativos ou plataformas digitais são esses? *

Estamos quase no fim...

16 - Gostaria de fazer algum comentário ou acrescentar alguma informação? Fique à vontade!

Por enquanto, é só! Muito obrigada!

17 - Nas próximas etapas da pesquisa, vamos fazer entrevistas com famílias que mantêm algum tipo de relacionamento pela internet. Se você achou o tema do estudo interessante, gostou de colaborar e quiser continuar nos ajudando, por favor, deixe aqui seu nome (ou como prefere ser chamado) e seus contatos (e-mail, telefone ou perfil/usuário em alguma rede social).

APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Por isso, reserve um tempo para ler atentamente as informações a seguir e, se necessário, faça perguntas para esclarecer dúvidas ou saber mais.

1. Objetivos e justificativa da pesquisa

Esta pesquisa visa compreender a dinâmica de comunicação entre membros de uma mesma família pela Internet. Também queremos entender quais plataformas servem melhor aos propósitos comunicacionais dos parentes e como o relacionamento dentro do ambiente digital influencia a convivência física e vice-versa. O que nos leva a estudar esse tema é o fato de a comunicação mediada pela Internet fazer parte do dia a dia das famílias no mundo contemporâneo. Isso causa reflexo nos relacionamentos interpessoais, diretamente associados à saúde e ao bem-estar físicos e psicológicos. Os dados recolhidos serão utilizados para futuras publicações dos membros da equipe de pesquisa.

2. Informações sobre método

Para esta pesquisa, faremos duas entrevistas individuais, nas quais conversaremos sobre seus relacionamentos familiares dentro e fora das mídias sociais. Também faremos a observação das suas interações com seus parentes pela Internet de três maneiras. Uma será o acompanhamento dos seus perfis públicos nas redes. Outra ocorrerá durante as entrevistas, quando você permitir a visualização de seu histórico de conversas desenvolvidas de modo privado. A outra funcionará assim: durante uma semana, pediremos que você compartilhe diariamente com a equipe de pesquisa *prints* de conversas, áudios e vídeos que exemplifiquem a comunicação que você mantém com sua família no ambiente on-line. Junto com o envio desse material por meio de canal digital, solicitaremos que você preencha um formulário sobre as emoções envolvidas naquela interação específica.

As respostas às perguntas que forem feitas serão baseadas em sua experiência e sua visão pessoal. Não haverá, portanto, julgamento de certo ou errado. Os dados coletados serão analisados de acordo com normas científicas autorizadas pela UFRJ.

3. Formas de registro e garantia de sigilo e privacidade

Será necessário registrar as entrevistas por meio de gravações em áudio e anotações escritas pela pesquisadora. As gravações serão mantidas em sigilo, assim como sua identidade. Todos os dados coletados no projeto ficarão armazenados em disco rígido protegido por senha de uso exclusivo da pesquisadora. Nenhuma informação que o identifique será divulgada. Em publicações, garantimos o uso de pseudônimos para preservar seu anonimato.

4. Benefícios e riscos

O benefício de participar dessa pesquisa envolve refletir sobre os relacionamentos familiares. Isso pode contribuir para a elaboração de estratégias pessoais que ajudem a compreender o outro e a melhorar a comunicação e o convívio entre parentes. Entendemos que se trata de um benefício pelo fato de a qualidade das relações familiares estar ligada ao bem-estar físico e psicossocial dos sujeitos, o que inclui o nível de satisfação com a própria existência.

Já os riscos se relacionam à eventual lembrança de algum assunto emocionalmente delicado ou a alguma revelação que possa afetar seus relacionamentos. Ressaltamos que nenhuma informação que permita sua identificação será publicada. Você pode evitar desconfortos contando apenas o que lhe for confortável e tem direito, a qualquer momento que desejar, de não responder a perguntas ou de pedir a interrupção da entrevista. No que concerne à coleta de dados provenientes das interações familiares ocorridas no ambiente digital, ainda que em modo público, pode haver sensação de privacidade invadida. As imagens de sua autoria, publicadas em seus perfis das mídias sociais, e prints de mensagens farão parte do estudo mediante autorização de uso. Esclarecemos que o recurso de desfoque e edições nas imagens serão utilizados para manter o anonimato das pessoas retratadas nas fotografias ou envolvidas na conversa. Endereços e nomes dos perfis das mídias sociais também não serão identificados.

5. Liberdade de participação e direitos do voluntário

A participação nesse projeto é totalmente voluntária. Você não receberá ressarcimento em dinheiro por contribuir para o estudo, tampouco indenização. Não há necessidade de a equipe de pesquisa fornecer acompanhamento e assistência ao participante. As entrevistas serão agendadas em comum acordo de modo a favorecê-lo a não ter gastos.

Você tem direito de receber uma via deste documento e de obter esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Também pode desistir do projeto quando quiser e sem prejuízo algum, avisando a pesquisadora verbalmente ou por escrito (carta ou e-mail), sem precisar justificar a decisão. Os contatos dela estão no fim deste documento. Nesse caso, você só será perguntado se autoriza o uso dos dados recolhidos até então. Se sua decisão for negativa, eles serão destruídos.

6. Difusão das informações e acesso aos resultados

Você não poderá ter acesso imediato aos resultados da pesquisa. Eles serão publicados quando o estudo for concluído. No entanto, você poderá obter resultados parciais, antes da publicação, fazendo um pedido às pesquisadoras Camilla Cunha Muniz de Oliveira e Monica Machado Cardoso pelos contatos fornecidos no fim deste documento.

7. Permissão para o uso de imagens e *prints* das mídias sociais

As imagens de sua autoria, publicadas em seus perfis das mídias sociais, e *prints* de mensagens farão parte do estudo mediante sua autorização de uso. A autorização está incluída na assinatura do presente documento. Esclarecemos que o recurso de desfoque e edições nas imagens serão utilizados para manter o anonimato das pessoas retratadas nas fotografias ou envolvidas na conversa. Endereços e nomes dos perfis das mídias sociais também não serão identificados.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro ter tomado conhecimento das informações acima e obtido respostas às dúvidas sobre minha participação na pesquisa “Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital”, que pude fazer pessoalmente ou por escrito à pesquisadora. Declaro ainda que compreendi o objetivo e a justificativa do projeto, o método e os demais procedimentos do estudo, assim como seus benefícios e riscos. Declaro também estar a par da minha liberdade de participação e dos direitos do voluntário, inclusive de desistir de contribuir a qualquer momento.

Finalmente, declaro concordar com o registro em áudio e anotações das entrevistas, de conhecer as garantias de sigilo e privacidade e entender as condições de acesso aos resultados da pesquisa.

Declaro que concordo em participar voluntariamente da pesquisa e que recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome completo do participante

Assinatura do participante

Local: _____

Data: ____/____/2019

Adicionalmente, declaro que permito que *prints* e fotos coletadas em meus perfis das mídias sociais sejam utilizados no estudo com o recurso de desfoque e edição, para que nenhum dos envolvidos ou retratados seja identificado.

Nome completo do participante

Assinatura do participante

Local: _____

Data: ____/____/2019

Declaro ter explicado ao participante todos os itens deste termo e esclarecido suas dúvidas.

Assinatura da Pesquisadora

Abaixo estão os contatos das pesquisadoras Camilla Cunha Muniz de Oliveira e Monica Machado Cardoso, caso você tenha perguntas ou queixas a fazer sobre a pesquisa ou queira desistir.

Camilla Cunha Muniz de Oliveira

Mestranda e pesquisadora responsável

Programa Eicos – Instituto de Psicologia

Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro Pavilhão Nilton Campos

Avenida Pasteur 250, Urca – Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22.290-240.

Telefone: (21) 3938-5348 (secretaria do programa Eicos)

Celular pessoal: (21) 99687-4792

E-mail: camillamuniz@ufrj.br

Prof.^a Dr.^a Monica Machado Cardoso

Orientadora

Programa Eicos – Instituto de Psicologia

Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro Pavilhão Nilton Campos

Avenida Pasteur 250, Urca – Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22290-240.

Telefone: (21) 3938-5348 (secretaria do programa Eicos)

E-mail: monica.machado@eco.ufrj.br

Você também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ pelo e-mail cep.cfch@gmail.com. Se preferir, o endereço é Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Campus da UFRJ da Praia Vermelha (Avenida Pasteur 250, Urca, Rio de Janeiro). Telefone: (21) 3938-5167 (secretaria do comitê).

APÊNDICE C – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO ENTREVISTADO

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Apelido (na família):
4. Local de nascimento:
5. Bairro e cidade de residência:
6. Mora com quem? (parentesco e havendo filhos, idades)
7. Profissão:
8. Escolaridade: estudou até que série?
9. Etnia:
10. Religião atual: (praticante ou não praticante?)
11. Orientação política:
12. Sexo:
13. Orientação sexual:
14. Renda familiar:
 - a) até 2 salários mínimos
 - b) de 2 a 4 salários mínimos
 - c) de 4 a 10 salários mínimos
 - d) de 10 a 20 salários mínimos
 - e) acima de 20 salários mínimos
15. Quantos e quais aparelhos eletrônicos com acesso à Internet você possui?
16. Você possui smartphone? (se não tiver incluído na resposta acima)
17. Você dispõe de algum plano de Internet no seu smartphone?
18. Você dispõe de wi-fi em sua casa?
19. Em média, você passa quantas horas por dia na Internet?
20. Você é usuário de quantas e quais redes sociais?
21. Telefones (fixo e celular) para contato:
22. E-mail:

APÊNDICE D – ROTEIRO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

Eixo 1: vivências e representações de família

1. Como você e sua família se comunicam?
2. O contato, na maioria das vezes, é presencial ou ocorre por meios de comunicação? (pergunta fechada, dependendo da resposta do entrevistado)
3. Com que frequência vocês se comunicam? (pergunta fechada, dependendo da resposta do entrevistado)
4. Na sua opinião, a comunicação é importante para as relações familiares?
5. Quando você pensa na sua família (nuclear e extensa), o que lhe vem à cabeça em relação a memórias e relacionamento?
6. Quem você considera sua família e por quê?
7. O que sua família significa para você?
8. O que você descreveria como um relacionamento familiar saudável?
9. Na sua opinião, família e parentes são a mesma coisa? O que esses termos significam para você?

Eixo 2: redes sociais

1. Como você e sua família começaram a se relacionar nas redes sociais?
2. Em quais redes sociais você tem algum tipo de interação com os membros de sua família?
3. Quais são todos os tipos de interações familiares que você tem nas redes sociais ao longo de um dia, uma semana, um mês e um ano? (o objetivo aqui é que o entrevistado fale de uma maneira bem geral, incluindo a comunicação rotineira e baseada em eventos)
4. Quais são os parentes com quem você se comunica em cada caso?
5. Quais são os assuntos abordados?
6. Qual tipo de conteúdo e informação é compartilhado?
7. Qual é a finalidade da interação?
8. Como você avalia a qualidade dessas interações?
9. Você pode me falar sobre sua experiência em “grupos de família” no WhatsApp?
10. Qual é a configuração de cada grupo do qual você participa?
11. Como é a atuação de cada membro do grupo nessa comunidade on-line?

12. Quais são as regras implícitas e explícitas dentro da sua família sobre o relacionamento mediado por redes sociais?
13. O que você considera aceitável e não aceitável nas relações familiares nas redes sociais?
14. Quais são as vantagens e desvantagens de interagir com a família pelas redes sociais?
15. O que você mais gosta nas suas relações familiares dentro da Internet?
16. O que você menos gosta nas suas relações familiares dentro da Internet?
17. Como você define seu comportamento nas relações familiares on-line?
18. Compartilha conteúdo? Se sim, de qual tipo?
19. Como você avalia seu grau de facilidade ou dificuldade com a navegação na Internet e o uso de redes sociais? Pode me dar exemplos?
20. Como você lida com a questão da privacidade no seu relacionamento familiar na Internet?
21. Pode me citar exemplos de como o afeto é demonstrado no seu relacionamento familiar via redes sociais?
22. Pode me descrever casos de conflitos e desentendimentos que ocorrem dentro da sua família nas redes sociais?
23. Por que esses conflitos surgem?
24. Como você e sua família lidam com essas situações?
25. Como foi sua experiência no relacionamento com os parentes nas redes sociais durante o período eleitoral de 2018?
26. As *fake news* são uma questão no seu relacionamento familiar na Internet?
27. Quais são as diferenças da comunicação entre membros de uma família nas redes sociais para a comunicação de outras comunidades, como amigos, por exemplo?
28. Você guarda ou apaga os registros das interações? O que motiva sua decisão?

APÊNDICE E – ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA

Eixo 1: Mundo on-line e mundo off-line

1. Como suas relações familiares nas redes sociais influenciam os laços entre você e sua família?
2. Como suas relações familiares na Internet afetam a comunicação presencial da família? (diminuiu o contato presencial?)
3. Pode me descrever como é o contato presencial com sua família? (o objetivo é que o entrevistado fale onde se encontra com os parentes, com que frequência, em que ocasiões e sobre o que conversam)
4. Como suas relações familiares face a face afetam sua comunicação familiar dentro da Internet?
5. Quais são as características das suas relações familiares na Internet que não estão presentes nos relacionamentos familiares face a face?
6. Quais são as características das suas relações familiares face a face que não estão presentes nos relacionamentos dentro da Internet?
7. Quais são as semelhanças entre suas relações familiares dentro e fora da Internet?
8. Você gosta mais do contato presencial ou pela Internet com a sua família?
9. Se você pudesse mudar algo nos seus relacionamentos familiares via redes sociais, o que você mudaria?
10. Você acha sua família parecida com as outras?

APÊNDICE F – FICHA DE AMOSTRAGEM DE EXPERIÊNCIA

Nome:

Se você iniciou a comunicação com seu(s) parente(s) pela Internet, qual foi a sua motivação para isso?

Em qual horário do dia a interação ocorreu? (Caso o horário não esteja explícito na interação compartilhada)

Caso a interação tenha sido uma chamada de voz e vídeo, descreva-a aqui. Diga também em que hora do dia ela ocorreu.

Como você passou a se sentir ao fazer contato com sua família? (Marque quantas opções quiser)

- | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Feliz | <input type="checkbox"/> Cooperativo | <input type="checkbox"/> Orgulhoso |
| <input type="checkbox"/> Triste | <input type="checkbox"/> Irritado | <input type="checkbox"/> Amigável |
| <input type="checkbox"/> Frágil | <input type="checkbox"/> Responsável | <input type="checkbox"/> Produtivo |
| <input type="checkbox"/> Forte | <input type="checkbox"/> Frustrado | <input type="checkbox"/> Indiferente |
| <input type="checkbox"/> Entediado | <input type="checkbox"/> Competitivo | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |
| <input type="checkbox"/> Animado | <input type="checkbox"/> Tenso | |
| <input type="checkbox"/> Nervoso | <input type="checkbox"/> Bravo | |
| <input type="checkbox"/> Amado | <input type="checkbox"/> Preocupado | |
| <input type="checkbox"/> Grato | <input type="checkbox"/> Cuidadoso | |
| <input type="checkbox"/> Desprezado | <input type="checkbox"/> Estressado | |
| <input type="checkbox"/> Solitário | <input type="checkbox"/> Calmo | |

Antes da interação, como você estava se sentindo emocional e fisicamente?

Gostaria de fazer mais algum comentário?

APÊNDICE G – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS INTERAÇÕES ON-LINE

1. Descrição dos tipos de interações observadas em cada plataforma
2. A escolha da plataforma para determinado tipo de interação fica clara? Se sim, de que maneira?
3. Qual é a frequência de interação entre os membros da família (em cada plataforma)?
4. Qual é a motivação para as interações (em cada plataforma)?
5. Quais são os assuntos abordados (em cada plataforma)?
6. Quais são os assuntos que geram mais engajamento?
7. Como as conversas se desenrolam? Quanto tempo elas duram?
8. Em quais horários ocorrem as interações (em cada plataforma)?
9. Qual é o tempo de resposta, em média? Alguém deixa alguém sem resposta?
10. Como age cada membro da família? Quais são os papéis desempenhados?
11. Qual a frequência de participação nas interações de cada membro da família, quando a comunicação é dirigida ao grupo?
12. Algum membro da família se destaca nas interações? Quem? Por quê?
13. Qual é o clima predominante das interações? (exemplo: descontração, afeto, conflito etc)
14. Qual é a linguagem (escrita, falada ou visual) que predomina em cada plataforma?
15. Como é a linguagem escrita utilizada (em cada plataforma)?
16. Como é a linguagem falada utilizada (em cada plataforma)?
17. Como é a linguagem visual utilizada (em caso de vídeo postado/compartilhado e/ou chamada de voz e vídeo)?
18. Em que casos é utilizado cada tipo de linguagem?
19. São usados *emojis*? Se sim, com que frequência? Quais são os mais usados? Quem os utiliza? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade?
20. São usados GIFs? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Quem os utiliza? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?
21. Que tipo de conteúdo é compartilhado? Com que frequência?
22. A origem do conteúdo compartilhado é explicitada?
23. São usados *memes*? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Quem os utiliza? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?

24. São compartilhados áudios? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Por quem? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?
25. São compartilhadas notícias? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Por quem? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?
26. São compartilhadas fotos e imagens? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Por quem? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?
27. São compartilhados links externos? Se sim, com que frequência? De quais tipos? Por quem? De que maneira? Em quais situações? Com qual finalidade? Quais são as consequências geradas?
28. Há demonstração de afetos nas interações? Se sim, de que tipo? Como isso ocorre?
29. Quais são os membros da família que (mais) demonstram afeto?
30. A comunicação on-line se mostra como uma oportunidade para construção de laços na família? Se sim, como?
31. Como os vínculos são transformados (fortalecidos ou enfraquecidos)?
32. Há conflitos e disputas na comunicação familiar on-line? Se sim, de quais tipos?
33. Como os conflitos e as disputas surgem? O motivo do desentendimento fica claro?
34. Como os conflitos se desenrolam?
35. Quais são os membros da família (mais) envolvidos nos conflitos?
36. Os conflitos são resolvidos? Se sim, como?
37. Os conflitos deixam marcas na comunicação familiar dentro da Internet? Quais?
38. Qual é o significado das práticas comunicativas?
39. Qual é o significado do silêncio ou da falta de interação?
40. O humor aparece nas interações? Se sim, como? Quem traz isso à tona? Quais são as intenções e as consequências?
41. Questões ligadas a espiritualidade/religiosidade aparecem nas interações? Se sim, como? Quem traz isso à tona? Quais são as intenções e as consequências?
42. Questões ligadas a política aparecem nas interações? Se sim, como? Quem traz isso à tona? Quais são as intenções e as consequências?

43. Questões ligadas a gênero aparecem nas interações? Se sim, como? Quem traz isso à tona? Quais são as intenções e as consequências?
44. Há demonstração de posições radicais/extremistas? Se sim, como? Em relação a quais temáticas? Por quem? Quais são as intenções e as consequências?
45. Fala-se sobre regras de convivência familiar no ambiente on-line?
46. Há assimetrias no relacionamento e na interação entre os membros da família nas diferentes plataformas (exemplo: parentes que são amigos no Facebook, mas não se seguem no Instagram)? Se sim, os motivos são implícitos ou explícitos?
47. Os membros da família fazem menção ao relacionamento familiar fora da Internet? Se sim, por que e em quais momentos? Como isso ocorre? Qual é o objetivo? Fala-se sobre as consequências?

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital

Pesquisador: CAMILLA CUNHA MUNIZ DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15199519.8.0000.5582

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.408.643

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de cunho etnográfico, pautada no aporte teórico e metodológico da antropologia digital e nos estudos de parentesco e de comunicação familiar. O paradigma da complexidade é a base epistemológica do projeto. A investigação científica será desenvolvida com duas famílias cujos membros interajam entre si via plataformas digitais diversas. A ampliação do acesso às tecnologias de informação e comunicação abriu caminho para o estabelecimento de novas práticas comunicativas, de relacionamentos interpessoais no ambiente digital e de comunidades online (WILSON; PETERSON, 2002). Nesse cenário, interagir por meio de sites de redes sociais, aplicativos de troca de mensagens e plataformas de chamadas de voz e vídeo, seja pelo computador ou pelo smartphone, se tornou parte do cotidiano das famílias contemporâneas, como salienta a perspectiva teórica da antropologia digital (COLEMAN, 2010; MACHADO, 2017b; MADIANO, 2016; VENKATRAMAN, 2017). Uma etapa de coleta de dados preliminares foi feita por meio de questionário quantitativo de aproximação sobre o tema de estudo, com distribuição online para amostragem do tipo bola de neve. O objetivo era angariar informações sobre os modelos de interação mais recorrentes entre membros de uma mesma família no ambiente digital e sobre as percepções de parentesco e entidade familiar no senso comum. Além disso, o formulário visava ao estabelecimento de um primeiro contato com voluntários que queiram participar das etapas qualitativas do trabalho. A coleta de dados prosseguirá com entrevistas individuais em profundidade e observação participante das interações online, esta realizada com auxílio de um

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 3.408.643

procedimento de investigação baseado no Método de Amostragem da Experiência (LARSON; CSIKSZENTMIHALYI, 2014). A produção de diários de campo dará suporte à reflexão holística sobre a pesquisa e exercitará a reflexividade, como meio de monitorar a tensão entre distanciamento e envolvimento — da pesquisadora e do tema de estudo — e de aumentar o rigor e a ética do trabalho (BERGER, 2015). Os dados serão analisados como discursos — repertórios de narrativas e exibições de perspectivas, e não informações que podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas (SILVERMAN, 2009) — e articulados com teorias no processo de interpretação que dará origem à descrição densa da etnografia.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa visa a entender as características da dinâmica de interação entre membros de uma mesma família no universo online, examinando os afetos e a ordem de conflitos e disputas. O estudo também objetiva perceber como a dinâmica familiar online influencia as relações offline entre os sujeitos e é influenciada por elas. Como objetivos específicos estão: (i) compreender o grau de satisfação dos indivíduos com a convivência familiar online; (ii) perceber quais plataformas digitais servem mais bem aos propósitos comunicacionais dos parentes de acordo com as intenções do processo interativo, considerando fatores como necessidades afetivas e sociais, grau de privacidade, número de pessoas envolvidas e literacia midiática; e (iii) entender como a dinâmica familiar online influencia as relações offline entre os sujeitos e é influenciada por elas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O TCLE (agora RCLE) vinculado ao projeto apresenta-se como muito bem elaborado, em linguagem que busca ser clara aos participantes voluntários da pesquisa, discriminando, de maneira detalhada, os objetivos e a justificativa do estudo, as informações sobre o método a ser utilizado, as formas de registro e garantia de sigilo e privacidade, a liberdade de participação e direitos do voluntário, além da difusão das informações e acesso aos resultados, da permissão para o uso de imagens e prints das mídias sociais. Especificamente em relação aos benefícios, aponta-se que o benefício na participação da pesquisa envolve refletir sobre os relacionamentos familiares – o que pode contribuir para a elaboração de estratégias pessoais que ajudem a compreender o outro e a melhorar a comunicação e o convívio entre parentes. Quanto aos riscos, esse se relacionam à eventual lembrança de algum assunto emocionalmente delicado ou a alguma revelação que possa afetar os relacionamentos dos participantes, sendo ressaltado pela coordenadora do projeto que nenhuma informação que permita a identificação dos mesmos será publicada. Os participantes também poderão evitar desconfortos, contando apenas o que lhes for confortável e tendo direito, a qualquer momento que desejarem, de não responder a perguntas ou de pedir a interrupção da

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 3.408.643

entrevista. No que concerne à coleta de dados provenientes das interações familiares ocorridas no ambiente digital, ainda que em modo público, o risco é o de poder haver sensação de privacidade invadida. Na proposta submetida, busca-se minimizar esse risco. Imagens de autoria de participantes, publicadas em perfis das mídias sociais, e prints de mensagens farão parte do estudo mediante autorização de uso. E o recurso ao desfoque e edições nas imagens serão utilizados para manter o anonimato das pessoas retratadas nas fotografias ou envolvidas na conversa. Também não haverá identificação de endereços e nomes dos perfis em mídias sociais. Registre-se que o projeto inclui como participantes voluntários indivíduos maiores de 18 anos; e exclui pessoas menores de 18 anos ou que não tenham interações mediadas pela Internet com seus parentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não foram encontrados problemas no projeto submetido, que é tecnicamente correto e tem, como sua base teórico-metodológica, a antropologia digital e a etnografia orientada para a Internet, que preconizam a abordagem holística e a não separação dos mundos online e offline na análise da vida mundana

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de apresentação obrigatória integram o conjunto documental submetido.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1339649.pdf	04/06/2019 23:38:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.docx	04/06/2019 23:34:38	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	FichaSociodemografica_ComiteDeEtica.docx	04/06/2019 22:43:40	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito
Outros	RoteiroObservacaoParticipante_ComiteDeEtica.docx	04/06/2019 22:43:16	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito
Outros	FichaAmostragemExperiencia_ComitedeEtica.docx	04/06/2019 22:42:36	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 3.408.643

Outros	RoteiroSegundaEntrevista_ComiteDeEtica.docx	04/06/2019 22:40:24	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito
Outros	RoteiroPrimeiraEntrevista_ComitedeEtica.docx	04/06/2019 22:40:00	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito
Cronograma	Cronograma_ComiteDeEtica.docx	04/06/2019 22:18:02	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ComiteDeEtica.docx	04/06/2019 22:02:55	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Camilla.pdf	04/06/2019 21:16:20	CAMILLA CUNHA MUNIZ DE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 24 de Junho de 2019

Assinado por:
Mônica Pereira dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 E-mail: cep.cfch@gmail.com